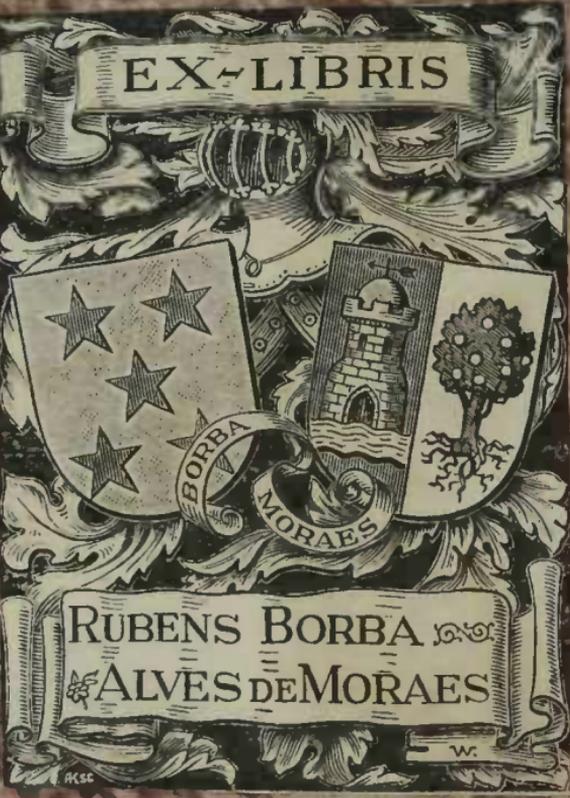




EX-LIBRIS



RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

ACSC

W.

Le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



OBRAS POSTHUMAS

DE

**A. GONÇALVES DIAS.**

---

VI.

~~~~~  
S. LUIZ—Imp. por B. de Mattos, Typ. rua da Paz, 5 e 7.  
~~~~~

OBRAS POSTHUMAS

DE

# A. GONÇALVES DIAS

PRECEDIDA DE UMA NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

---

VOLUME VI.



SAN'LUIZ DO MARANHÃO.

1869.

A viuva de A. Gonçalves Dias reserva para si todo o direito de propriedade, que lhe confere a lei sobre éstas, e as obras ja impressas, do auctor, e procederá contra quem vender exemplares das OBRAS POSTHUMAS que não forem assignados pelo impressor—Bellarmino de Mattos.

*B. de Mattos.*

---

# BRAZIL E OCCEANIA.

MEMORIA APRESENTADA

NO.

I. H. E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.



## INTRODUCCÃO.

---

Descrever o estado physico, moral e intellectual dos indigenas do Brazil, no tempo em que pela primeira vez se achavão em contacto com os seus descobridores; e ver que probabilidade ou facilidade offerecião nessa epoca a empresa da cathequese ou da colonisação,—eis a primeira parte do problema que devo desenvolver.

Não serão precisos encarecimentos para fazer comprehender quão difficil é a tarefa, principalmente pelo decurso de mais de tres seculos, acompanhados de uma tal multiplicidade e variedade de successos, que ou póserão em esquecimento aquellas primeiras paginas da nossa historia, ou as tornarão mais confusas.

Longe de mim a louca presumpção de deixar por uma vez aclarados e definidos factos relatados de maneira tão diversa, observações tão disparatadas e tão pouco congruentes de auctoridades igualmente respeitaveis. Só com o tempo se poderão resolver algumas duras questões, que parecendo affectar exclusivamente aos nossos indigenas, dizem por ventura respeito á infancia de todos os povos.

Pela minha parte, contentei-me de colligir, de confrontar e de combinar no que pude o que a tal respeito achei escripto, tirando conclusões que me parecerão justas, e formando conjecturas que se me antolharão como as mais plausiveis, se não são verdadeiras. Mas ainda assim, não será inutil este trabalho, ou extracto, se o quizerem—de chronicas antigas, de livros pouco vulgares, de memorias e relações pouco lidas,—e com difficuldade encontradas.

Os que se applicarem a estes estudos agradecer-me-hão talvez o empenho de resumir em um só corpo as observações e asserções dos primeiros viajantes, creadores por isso de maior conceito,—apresentando-as como um só todo, cuja unidade se descortina atravez da diversidade de materias de que me tenho de occupar.

## CAPITULO I.

### Emigração dos indigenas do Brazil.

Tendo de me occupar com os homens que habitavam a porção da America Meridional, que chamamos Brazil—na epoca em que pela primeira vez se acharam em contacto com os Europeos, não seria fóra de proposito tratarmos primeiro que tudo da sua historia anterior, se tal nome póde caber a alguns factos desconnexos, e a algumas hypotheses que por mais bem fundadas que pareçam mal chegam áquelle limite duvidoso onde o verdadeiro e verosimil se amalgamão.

Pouco se poderá dizer de um povo sem meios nem possibilidade de transmittir os seus actos á posteridade,—e cujas recordações não passam além da memoria de um homem, ou das tradições de uma familia,—tradições, que de ordinario reciprocamente se contradizem e combatem nas relações de tribus, e havia

muitas dispersas e separadas,—ou limitrophes que se contrapunhão n'um estado de hostilidade permanente, e de odios reciprocos, que longe de se abrandarem com o tempo, se encrudescião cada vez mais pelo proprio facto da visinhança. Acharemos comtudo com o Sr. Ferdinand Denis,<sup>4</sup> na falta de dados positivos e seguros,—e dos documentos que usamos consultar quando se trata da historia de um povo policiado, que as considerações tiradas do estado em que achamos os habitantes desta parte do novo mundo,—a semilhança de linguagem e de crenças,—a identidade de indole e de costumes nos pódem condazir á probabilidade historica, o maximo ponto a que nos é permitido chegar, ao menos por enquanto.

O povo, corpo collectivo de individuos, é com razão assemelhado a cada uma das unidades de que se compõe. Ora, assim como o individuo conserva sempre resquícios da sua primeira educação, e, seo máo grado, se deixa influenciar das pessoas e cousas, que na sua infancia o cercárão;—assim tambem o povo, á semelhança d'aquellas tuvens que, segundo a expressão do poeta, vão tomando a configuração dos logares por onde passão, não se podendo nunca desquitar completamente da lembrança do seo passado, conserva os traços da sua educação politica e social,—donde com o andar dos tempos, quando por ventura se chega a converter e constituir em nação, se vão for-

---

<sup>4</sup> *L'Univers—Le Brésil* por F. Denis.

mando as ideias, desenvolvendo as tendencias, manifestando os instinctos, que formão o seo caracter social. Quando pois queremos achar a razão dessas ideias, tendencias e instinctos,—ou melhor—dos seus usos, leis e costumes, convem lançar uma vista d'olhos no seu passado, 'té onde elles alcançarem, como escavariamos a terra em roda de uma arvore, para descobrir no seo seio o logar onde principiou a germinar a semente.

Esta observação, apesar de generica, terá todo o cabimento quando me occupar da semelhança de costumes caracteristicos, que observamos entre os indigenas do Brazil e os da America do Norte; mas já não será ociosa neste logar, quando nos importa antes de tudo tratar do movimento da população americana no Brazil em epocas anteriores ao seu descobrimento.

Em um succinto trabalho, ha tempos publicado, <sup>1</sup> em que me aventurei a tocar de passagem nesta materia, deixei dito como me parecia provavel que o movimento da população americana no Brazil se tivesse effectuado de norte-á sul. Então como agora, deixamos de parte o exame de donde provierão esses povos: questão que é sem duvida do mais alto interesse, mas que pouco faz ao nosso caso, accrescendo que no seo desenvolvimento arriscariamos perder-nos, como alguns outros, no labyrintho inextricavel das epocas primitivas da historia.

---

<sup>1</sup> Estudos sobre os Annaes Historicos do Maranhão por T. P. de Berredo (2.<sup>a</sup> edição) por A. G. Dias.

Dissemos que a emigração teria caminhado do norte para o sul; e como no Oyapock e Amazonas encontramos tudo quanto era mister à vida do selvagem,—pareceo-me também que aquelles logares deveriam ter sido o centro donde partiram continuadas lévas de indios que com o crescimento da população, e instabilidade da sua vida, e curso dos annos se espalharão por todo o nosso litoral. Não foi opinião formada sobre meras conjecturas para explicação de factos conhecidos: pois ainda agora tenho para mim que se basêa em factos, e se deduz do raciocínio.

Em primeiro lugar é para mim fora de duvida que a raça tupy—longe de ser autochthona,—era a ultima ou a unica raça conquistadora. Uma prova do que avanço se encontra na propria linguagem de que usavão,—prova que se vai prender a considerações tiradas do seu estado, que fazem muito para o ponto em discussão.

A renhida luta que em todas as partes os Tupys sustentavam contra as tribus do interior, poderia provir da sua indole bellicosa,—das suas instituições que consideravão o mais guerreiro como o mais digno de louvor e de estima,—reservando todos os premios da vida futura para aquelles que sabião affrontar a morte, as privações e os trabalhos com indomavel coragem. É este um ponto de contacto que tem entre si todos os povos selvagens, e principalmente os da America Meridional. Achamos a estes homens sempre em luta e desavindos, ainda que visivelmente provenhão da mesma origem.

Porem as tribus do interior muitas vezes tratavão pazes entre si,—assim como as do litoral umas com as outras; em quanto não ha exemplo, ou bem raros são, se os ha, de que ao menos temporariamente estas se alliassem á aquellas. Este facto grandemente significativo pela sua constancia, me faz crer que entre umas e outras destas tribus, prevalecia uma causa de inimidade rancorosa e indelevel,—a lembrança de odios antigos e de sanguinolentas represalias,—ou antes a conquista,—unico motivo que poderia ter operado uma scisão tão profunda.

Factos desta ordem não podião deixar de ter os equivalentes representados na linguagem commum. É uso o que observamos; porque ao passo que muitas vezes chamavão pelos seus nomes proprios as tribus co-irmãs, com quem guerreavão, ou as indicavão como suas contrarias tapuyas—; as tribus do interior eram designadas sempre pela palavra generica «tapuys»;—mas com a declaração de que erão outros differentes dos primeiros: «tapuyas caa-póra» —inimigos habitantes do interior.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Em qualquer dos nossos antigos escriptores se encontra o verdadeiro sentido da palavra—tapuya—tão generica que a applicavão aos europeus, quando em estado de guerra com elles; ainda que para estes tivessem o termo proprio—*cobayana*—contrarios—mas que tanto vale como se dissessem «homens—d'alem,—da outra parte. *Caápóra* segundo o auctor da *Porunduba Maranhense*, quer dizer «habitantes de matas agrestes e rudes; mas a palavra—«póra»—indica que o sujeito—participa intimamente da natureza da cousa a que se liga, ou do logar que habita: *Ybake póra*—o que está no inteiro goso da bemaventurança,—o que participa da natureza celeste é o

Ha ainda outro exemplo, tirado tambem da sua lingua, e que me parece provar concludentemente que os tupys erão os conquistadores, e não os primitivos habitantes do paiz: é o uso de certas palavras, de certas frases, de certas interjeições, de que só as mulheres se servião; em quanto os homens tinham outras da mesma ordem, exclusivamente suas, para designar os mesmos objectos ou exprimir os mesmos sentimentos.

Bastantes exemplos destes, e não somente alguns, como na sua Historia da Provincia de Santa Cruz pretende Magalhães Gandavo <sup>1</sup> temos na lingua geral, sendo muito para notar-se que isto se observa principalmente nos vocabulos de que se servião para exprimir os diferentes grãos de parentesco,—taes como filho, primo ou prima, sobrinho, neto, nora, genro, sogro, &c. Ora os Indios que tinham o costume de devorar os prisioneiros, reservavão, como os caraibas, <sup>2</sup> as mulheres para o captiveiro, não por nenhum sentimento de generosidade ou de grandeza; mas porque dellas

---

mais expressivo de todos os vocabulos para exprimir a ideia que fazemos de um «bemaventurado.» Tatapora, de que fizemos *cutapora* quer dizer o fogo intimo,—o fogo que está dentro. *Tapuya caapóra* designa o inimigo; mas o inimigo tão agreste e selvagem como os seus matos: designa o gentio (Dicionario Brasil. pov. *gentio*) não no sentido catholico;—mas o gentio, «selvagem, mesmo para outros selvagens.

<sup>1</sup> Alguns vocabulos ha n'ella de que não usão senão as fêmeas; outros que não servem senão para os homens. «Magalhães Gandavo.» — Cap. 10.

<sup>2</sup> A feminis abstinebant cannibales appellati. Hist. Venet. edic. de 1551, pag. 83.

careção para o serviço do campo na paz, e transporte das bagagens na guerra e suas marchas. O numero destes vocabulos deveria ter sido considerabilissimo nos primeiros tempos da conquista; mas os que chegarão até nós bastão para provar o entrelaçamento de duas raças differentes. Estas alianças em tão vasta escala, só se podião effectuar por meio da força, e trouxerão naturalmente esse resultado; por que as mulheres tendo pouca communhão com os homens, e vivendo afastadas delles até nas suas festas e banquetes, poderão conservar muitas das expressões a que estavam habituadas, e transmittil-as ás filhas, suas companheiras assiduas. Os filhos porem que desde a infancia se applicavão aos exercicios guerreiros, vivendo na companhia dos homens, perderião com facilidade este habito. Não se nota este facto entre os Caraibas do continente, povo que tinha os mesmos habitos, e segundo é de crer a-mesma origem; mas apparece já entre os das Antilhas, dos quaes escreve o Padre Raymond Breton. <sup>1</sup> «Os homens tem muitas expressões que lhes são proprias, que as mulheres bem comprehendem; mas de que se não servem nunca. E as mulheres tambem têm as suas palavras e frases, de que os homens não usão sob pena de serem escarnecidos. Donde vem que escutando uma boa parte, dir-se-hia que as mulheres tem uma linguagem differente da dos homens. . . . pela differença no modo de fallar de que os homens e as

---

<sup>1</sup> Hist. natural et moral des Isles Antiles, cap. 10, pag. 394.

mulheres se servem para exprimir a mesma couza.» A explicação deste auctor pareceo-me tão satisfactoria, que a adoptei.

Assim pois erão os tupys a ultima ou a unica raça conquistadora: podemos concluir-o pois que erão elles os mais bem aquinhoados. Digo—a ultima ou a unica; por que ao travez de tantos seculos barbaros, nada de positivo se póde affirmar sem receio de cabir em erro. Fallão as suas tradições de um grande cataclysmo, após o qual elles se haverião estabelecido nestas paragens. Talvez usassem desta linguagem figurada para exprimir uma grande revolução ou emigração como usão os mexicanos do mesmo modo de dizer para significar uma invasão de povos barbaros; mas se por este cataclysmo elles entendião realmente o diluvio (ainda que isso não seja muito de suppor) fica ainda a tradição servindo de prova da recordação longinqua que elles tinhão, não das circumstancias, mas de um tempo da sua emigração.

O Padre José da Costa, diz ser corrente entre elles que depois do diluvio sahira de um lago um homem portentoso chamado «Viracocha»,—e que das entranhas de uns montes sahirão uns homens nunca vistos, feitos pelo sol. Quererá isto dizer que o Brazil em tempos remotos soffreo duas invasões simultaneas—uma procedente do lago da Cundinamarca—em direcção norte sul: outra dos aborigenes do Perú, acoçados pelos Incas e por elles despojados de seos territorios? É certo que com alguma verosimilhança seria admissivel ter ha-

vido contacto, senão conflicto entre elles; pois que os Tupys collocão o seo paraiso alem dos Andes.

Como quer que seja, e sem entrar mais profundamente nesta materia, concluo do dizer do Padre José da Costa, se o lago a que elle se refere fica ao norte do Brazil, como parece dever ser; —concluo, digo, que a tradição dos indigenas do Brazil, de accordo com o que supponho, faz progredir a emigração no sentido de norte a sul.

Outra tradição nos foi transmittida pelo Padre Vasconcellos. <sup>1</sup> Segundo este author, dois irmãos vierão ter a uma paragem que os portuguezes entenderão que vinha a ser Cabo-Frio. Erão ambos casados, e tinham ambos vindo por mar com as suas familias, por motivos de guerras, nas quaes por certo não levarão o melhor. Estas, segundo a referida tradição, forão as primeiras familias, que povoarão a America, mas a boa harmonia que até aqui os havia acompanhado não se sustentou por muito tempo. Tinha a mulher do irmão mais moço ensinado um papagaio a fallar com tal propriedade que parecia creatura humana. Cubicou-o a mulher do mais velho, e daqui se originarão taes desavenças, que não podendo os dois irmãos continuar a viver juntos,—foi o primeiro assentar o seo domicilio para as partes do sul, donde tirarião origem as nações de Buenos-Ayres, Chile e Perú.

---

<sup>1</sup> Vasconcellos, chronica da Companhia de Jesus, Brasil, L. 1.º, n.º 75, pag. 79.

É evidentemente fabulosa esta narração, ao menos quanto aos accessorios, sendo pouco de acreditar-se a vinda por mar destes dois irmãos. Se vierão fugidos por causa de guerras, como nos refere o author, muitos deverião ter sido os foragidos;—e neste caso tal emigração seria sem exemplo na historia dos povos barbaros, que não sabem, nem podem accumular provisões para uma viagem demorada, e cujas canôas não lhes poderião ser de grande prestimo em navegação d'alto mar. Rejeitando porem o que ha nisto de pouco verosimil, fica ao menos clara, na tradição conservada, a lembrança de que uma outra terra teria sido a sua habitação primitiva; em quanto na America se encontrarão outras tribus sem nenhuma recordação desta natureza: taes são os homens da raça pampeana, como D'Orbigny a qualifica,—e os tapuyos mais proximos delles.

Duas raças portanto, e duas pelo menos, occupavão o territorio do Brazil: uma com a mesma lingua, physionomia, armas, e costumes habitavão o littoral. Todas as tribus desta familia erão designadas por vocabulos tirados da mesma lingua, o que tende a estabelecer certa identidade de origem entre ellas; ou o que é mais notavel, essas designações indicão de um modo incontestavel o parentesco que as unia a todas. Tupy, formado da palavra *tupá*—era a tribu mãe. Tamuya ou tamoyo—avô,—Tupiminós—netos,—Tobajaras—cunhados e alguns outros mais.

Outra raça diversissima, entre si fraccionada, sempre

em luta, occupava o interior. Esta pela côr da pelle, pelos traços phisionomicos pertencerá á raça mongol.<sup>1</sup> Aquella tem no seo aspecto alguma cousa dos ramos menos nobrês da raça caucasica.

Com quanto fossem ao principio descuidosamente observados; as dessimilhanças phisicas, assim como a diversidade de indole e character, que entre estes homens se observa, havia aconselhado aos missionarios a descriminal-os por alguma forma. Jaboatão os classifica igualmente em Indios mansos e bravos. «Mansos (diz elle <sup>2</sup>) chamavão aquelles que com algum modo de republica, ainda que tosca, erão mais tractaveis, e se domesticayão melhor. Bravos, pelo contrario, erão aquelles que vivião sem modo algum de republica, intractaveis, e que com difficuldade se deixão instruir e domesticar.»

Destas duas raças—a tupy—a raça conquistadora ou invasora, era talvez a mais numerosa, e de certo a mais forte, com quanto em alguns logares já houvessem cedido ou fossem cedendo o terreno a seos contrarios: era a que se achava de posse das praias,—das mattas mais abundantes, e das margens dos rios mais piscosos.

Como foi a primeira que se offereceo aos olhos dos europeos,—a que em primeiro logar se achou em

---

<sup>1</sup> Le Brésil. (*Univers Pit*) F. D., pag. 7—les tapuyas paraissent avoir gardé l'empreint sauvage du type mongol.

<sup>2</sup> Jaboat. Chr. Preamb. 7.º

contacto com a civilisação, dar-lhe-hemos tambem a preferença neste trabalho.

Donde vierão os tupys,—eis a primeira questão, que nos cabe elucidar. Do norte, disse eu. \*As margens fertilissimas do Amazonas e os paizes que ficão entre este rio e o Orenoco, erão os logares mais povoados— e os que mais vantagens offerecião a homens quasi sem morada, sem artes, sem agricultura e sem vestidos. Alli encontravão abundancia de fructos, de caça e pescado, de arvores que lhes prestavão abrigo contra as estações, de madeiras para as suas armas e canoas: alli desfructavão um climã que era para elles temperado, e onde se multiplicavão á ponto de irem fornecendo as continuadas emigrações de indios que d'alli vinhão para occupar o restante do littoral.

A tradição, que já deixei citada extrahida das obras do Padre Vasconcellos aponta o Cabo-frio, como a fonte e o viveiro da população brasiliense. Segundo esta versão os *Tupys*—ou os *Brasilio-guaranienses* de D'Orbigny, dever-se-hião ter estendido ao mesmo tempo para o norte e para o sul. D'Orbigny quer, pelo contrario que as suas emigrações fossem do Sul para o norte. Segundo elle, os Guaranis estimulados pelo desejo de conquistar novas terras, cuja posse era por elles considerada como motivo de justa ufania, ou antes, coagidos pela necessidade de procurar em florestas menos batidas novos meios de subsistencia, e não podendo caminhar para o Sul, onde os charruas ferozes e guerreiros se oppunhão a que elles se apossassem

do rio da Prata, emigrarão seguindo já o littoral, cujo vasto horisonte lhes mostrava sem cessar novas terras, já o curso dos rios que lhes fazia antever paizes desconhecidos, já enfim planicies, que podião percorrer facilmente, mostrando-lhes ao longe colinas e montanhas.

«Assim, continua este author <sup>1</sup>, descerão o Paraguay e Paraná e se estabelecerão sob o nome de *Gualachos* nas proximidades do rio Corondá, e em outras partes sob o nome de Caracaiás, Tembuês, Albêguás, chegando pelo Uruguay até perto de Buenos-Ayres. Caminharão mais de duzentas legoas pelo interior, até ás faldas dos Andes onde forão depois encontrados com o nome de Chiriguanos. E como até o Amazonas se achão rastos evidentes desta nação dever-se-ha suppor, segundo o mesmo author, que ella foi seguindo o littoral, e que depois em diversas epocas, ou anteriores ou cõtemporaneas á conquista subio em canõas o grande rio e seus áffluentes até o Yapurá e o Madeira. Forão, diz elle, forão as tribus guaranis que cedendo ao impulso da emigração do sul para o norte se estenderão pela costa, e debaixo dos nomes de *Galibis e Caraibas*, não podendo parar no curso das suas conquistas, passarão as Goyanas, estabelecerão-se no Orenoco, e d'allí se transferirão ás Antilhas, onde forão encontrados pelos primeiros europeos.»

Não contestamos as relações de semilhança que se

---

<sup>1</sup> D'ORBIGNY. *L'Homme Americain*.

poderão observar, e de facto se observão entre os *Tupys* e os *Caraibas*: ha entre elles muitas analogias de linguagem, muita semelhança de costumes, muitas instituições identicas, e até recordações ou resquícios de contacto que não deveria ter sido muito affastado do tempo da descoberta. As palavras de uso mais vulgar são as mesmas entre os *tupys*, *Galibis* de Cayenna e *Caraibas* das Antilhas; e quando não sejam rigorosamente as mesmas, a pequena differença que nellas se nota, poderá com razão attribuir-se á diversidade das orthographias seguidas pelos que colleccionarão os seus respectivos vocabularios. A identidade da origem destas trez familias se acha comprovada pelas suas tradições. Os *Caraibas* se disião descendentes dos *Galibis* de Cayenna <sup>1</sup> e os *Tupys*, dando o nome de *Caraibas* aos mais venerados dos seus sacerdotes, presavão-se, segundo refere *Thevet*, de serem seus descendentes. <sup>2</sup>

Não ha porem rasão alguma para que os supponhamos vindos do Sul.

Respeito muito a authoridade de *D'Orbigny*, e não é de leve que a rejeito. Observando de perto os *Guaranis*, tomou-os por typo de toda a raça, e do ponto em que se achava collocado pareceo-lhe que as emigrações haviam seguido a direcção dos seus olhos, per-

---

<sup>1</sup> *ROCHFORT* (*Hist. naturel des Antilles*) a dit que les caraibes, s'accordent dans leurs pretentions à descendre des Galibis des Guyannes. *D'ORBIGNY*. P 2. p. 276. *Ob. cit.*

<sup>2</sup> *MOKE*. p. 85.

suadindo-se de que partirão donde elle estava, e não que já houvessem chegado até ali. Faltou-lhe consultar a historia do Brazil; se o houvesse feito, dous factos só talvez bastassem para o convencer de que aquelle movimento real sem duvida, teve contúdo principio e direcção contraria a que elle lhe quer suppor. É o primeiro, a pressão que quasi constantemente se observa nas tribus do norte sobre as do Sul. Desenvolveremos este ponto quando tratarmos das ramificações desta grande raça, que se espalhavão por todo o littoral do Brazil: então veremos como aquellas em quanto vencidas por um lado, ião ganhando terreno pelo outro, sem que entre a ultima e a primeira se podesse determinar—qual era a mais guerreira ou qual a mais numerosa. O segundo facto é o da emigração depois da conquista. Vencidos pela superioridade das armas européas, os indios se retirarão não para o certão, mas por meio d'elle procurando o Amazonas e as florestas do norte. Que conhecimentos topographicos podião ter destas localidades, sem nenhum meio, nem possibilidade de communicação entre si, se não fosse a experiencia ou a tradição?

Vierão pois do norte <sup>1</sup>: e alem de outras provas, temos a conformidade dos seus costumaes com os dos Hurons e Iroquezes, do que facilmente nos convence-

---

<sup>1</sup> Les migrations des peuples americains se sont aussi operées du nord au sud, depuis le sixieme jusque au douzième siècle. VIREY. *L'Houanne*. T. 3. p. 214.

remos se confrontarmos as narrações de Ulrich Schinidel e de Hans Stadt <sup>1</sup>: erão as suas casas e as suas *tabas* semillhantes ás habitações d'aquelles, os mesmos os meios de defesa que empregavão, e o uso do tabaco como distracção, e servindo nas suas solemnidades com o mesmo effeito que o incenso entre nós. Quanto ao costume de conservarem dia e noite o fogo acceso junto de suas redes, <sup>2</sup> podia ser isso uma recordação da vida do norte, se não tivessemos uma explicação natural na fumaça que afugenta os mosquitos, na luz que afugenta as cobras, e sobre tudo no cuidado que deverião ter na conservação deste elemento, que só podião obter pelo atrito, e por meio de um processo extremamente moroso e cansado. Enfim é nelles tão completa a semillhança, que Mocke, o escriptor já citado, depois de descrever os costumes dos Caraibas e Brasileiros, se julga dispensado de reproduzir os mesmos traços para pintar os indios da America do norte. <sup>3</sup>

As emigrações dos povos selvagens, com meios escassos de subsistencia não poderião constar de immensidade de familias: deverião portanto marchar em gru-

<sup>1</sup> Ulrich Schinidel cap. 21 e 42. Stads cap. 15 e 11.

<sup>2</sup> Os Hurons e Iroquezes (diz Lafitan) conservam sempre o fogo acceso como outros tantos de seus lares, e enterram os seus mortos da mesma maneira que os *Caraibas e Brasileiros*. *Mœurs des sauvages Américains*. T. 4.

<sup>3</sup> Nous nous abstenons de retracer les détails de la vie domestique des tribus du nord, pour éviter des repetitions sans intérêt, — ces mœurs offrant peu de traits que nous n'ayons déjà indiqués, en parlant des Caraïbes et des Breziliens. MOCKE. — 1847. pag. 213.

pos e estabelecer-se em localidade, não tanto aprasiavel, como abundante e saudavel. Os que viessem depois, achando já occupado o logar por outros da mesma raça, passarião adiante; e assim se irião succedendo por largo espaço de tempo. Sabemos que por qualquer motivo que fosse a reproducção americana era pouco abundante, e por tanto bom numero de seculos seria preciso antes que uma quantidade diminuta de familias se reproduzissem á ponto de encher o vastissimo espaço, que a raça *tupy* occupava.

Esta passagem de tropas por meio de um territorio já possuido não era pacifica em todos os casos. Nem sempre os emigrantes se continhão á ponto de respeitar o que lhes não pertencia, nem os que os hospedavão estarião sempre dispostos a soffrer resignadamente os effeitos de suas depredações. Daqui provinhão rixas e lutas entre homens da mesma origem, e os vencidos como já não podessem desalojar os ferozes *tapuyas*, teriam, para se subtrahir a uma ruina certa, ou de se fundirem com os vencedores, ou de collocarem-se no certão entre elles e os *tapuyas*, sendo de pôsse mais facil q terreno que uns não queriam por menos abundante, e outros desamparavam pela proximidade dos invasores.

O que destas considerações resulta é que as familias chegadas em ultimo logar, seriam aquellas que se estabeleceram mais longe e mais ao sul.

Quando obrigados a retrogradar procuravão o ponto de donde primitivamente haviam partido, como se

achassem debaixo do influxo das mesmas causas, a mesma cousa deveria necessariamente ter acontecido,—isto é—aquellas que se achassem mais ao norte—sítios menos combatidos ao principio,—encontrando a algumas legoas de distancia logares defensaveis,—montanhas asperas,—rios de curso arrebatado,—alli se entrincheirariam; emquanto as que viessem após ellas, passando alem, procuraríam novas terras que lhes offerecessem as mesmas condições de segurança. Na volta como na ida o transito de homens para os quaes a guerra era um elemento, e o desejo de possuir novas terras de que careciam e que cubicavam,—originaram novas lutas. Os vencidos não podendo retrogradar, e sendo difficil a passagem por meio de populações intactas, ou se fundiram tambem com os vencedores, ou se retiraram para o interior. Por isso vemos mesclados ramos de familias distinctas—ou habitando o certão algumas do littoral.

Aconteceria igualmente que as que viessem mais do sul, com tanto que seguissem o littoral, deverião provavelmente ter caminhado para o norte muito alem das primeiras. É isto exactamente o que nos revela a historia; porque com quanto não determine de um modo preciso o logar d'onde partirão os tupys,—nem a ordem por que as differentes familias desta raça se forão succedendo nas suas emigrações,—achamos que na volta, aquelles cujas pégadas pudemos seguir e que se não aniquillarão completamente, se entranharão tanto mais para o norte, quanto mais ao sul havião habitado.

Encontramos os Tobajáras de Pernambuco nas serras do Ibiapaba, os Tupinambas da Bahia no Maranhão e Amazonas; e como se o grande rio não bastasse para este accrescimento espantoso de população, achamos profundos vestígios do Tamoyo entre os Oyampis de Cayenna, e Galibis da Goyana.

Á proposito dos Tamoyos. A denominação das tribus é para mim de grande importancia, como indicando a sua origem, ou revelando alguma circumstancia da sua historia. A palavra—*tamoyo* ou *tamuya*<sup>1</sup> com que segundo a jactancia ordinaria dos barbaros se davam pelos mais antigos de todos os incolas da America meridional,—como a fonte ou o tronco de que todos os outros provinhão, já na Goyana encontramos com um significado religioso, como se aquella tribu reconhecesse a necessidade, na invasão, de se acobertar com o respeito devido á religião e antiguidade da sua origem—e de se proteger na volta com o prestigio do seu nome.

Queremos concluir daqui que as familias que habitassem as extremidades norte e sul do territorio invadido,—o ponto da partida e o da chegada, longe de ser as que mais differissem em costumes, devem de ser pelo contrario aquellas em que melhor se manifestasse a identidade de origem—umas por serem berço, e outras por serem as ultimas que se haviam deslocado do grupo á que pertenciam todas. É este o mo-

---

<sup>1</sup> *Tamuyas hostes*. Diz Anchieta no seu poema.

tivo porque D'Orbigny as confunde. Esta é a razão porque entre os *tupys* são mais que os outros respeitadas, como os que guardavam mais puras as tradições da sua raça os sacerdotes Carijós e Caraibas, -- o mesmo que acontecia nas Antilhas com respeito aos feiticeiros do continente <sup>1</sup>. Outra prova que não é para ser desprezada do curso que deverão ter tido as emigrações dos indigenas do Brazil se collige do proprio D'Orbigny, com quanto insista na sua idéa de que ellas deverião ter marchado do sul para o norte. Como D'Orbigny é um escriptor escrupuloso, viajante que observou attentamente as differentes raças da America meridional, deduzindo deste estudo, e de suas observações os corolarios que estabelece, não podemos, nem é justo, rejeitar as suas observações; mas ser-nos-ha permittido tirar dellas novos corolarios, que se não o são, parecem verdadeiros.

Estudemos o quadro que elle nos apresenta das raças da America Meridional, as quaes, segundo elle affirma, guardão entre si as mesmas relações topographicas, que tinhão no tempo da conquista, se não é que o seu numero diminuiu consideravelmente. Tres

---

<sup>1</sup> ROCHFORT (*ob. cit.*—Roteerdani 1658) tendo dito que os feiticeiros do continente gosavam nestas ilhas da reputação de grandes sabios—*accrescenta* (P. 2<sup>a</sup> c. 7<sup>a</sup> pag. 351.) «D'où vient qu'ils different beaucoup à leurs avis, et les prient de presider a toutes leurs festes et jouissances, les quelles ils ne celebrent guère qu'il n'y ait quelqu'un de ces caraibes, qui pour cet effet vont rodant ça et là par les villages où ils sont reçus de tous avec joie, festins et caresses.

grandes raças se nos offerecem aos olhos, a *Ando-peruana*, — a *Pampeana*, e a — *Brazilio-Guaraniense*, que chamamos *Tupy*. «Ora (diz Moke <sup>1</sup>) lançando os olhos sobre o mappa em que se fraça a sua situação, vê-se que todas tres se prolongão sem interrupção de norte a sul, como massas, a que o mesmo impulso tivesse dado uma direcção uniforme. Assim o local que ellas occupão, attestão tambem o sentido em que marcharão, — sahindo todas do isthmo mexicano e caminhando para o meio-dia.»

Nações que nas suas generalidades parecem remontar á um typo commum, apenas differentes em alguns caracteres distinctivos, — tendo os seus diversos grupos sempre em luta, já recuando, já ganhando terreno, occupavão maior ou menor extensão, mas sem que nunca se baralhassem; ainda que algumas vezes influenciadas pela visinhança, e pela convivencia com os prisioneiros adoptassem costumes e vocabulos que lhe erão extranhos. Em primeiro logar os *ando-peruanos* estreitados de um lado pelos Andes e do outro lado pelo Pacifico, coagidos pela necessidade, e pelas circumstancias peculiares da sua posição, comprehenderam as vantagens da sociabilidade, e formarão-se em um corpo politico dominado pelo principio religioso.

A necessidade de espalharem o seu dogma, o systema de proselytismo que tinham, — os obrigarão a descer o outro lado dos Andes, e pregar á povos

---

<sup>1</sup> MOKE *Hist de l'Am.* pag. 70.

muito mais barbaros que elles os beneficios de uma civilisação que estava longe de ser perfeita, mas que era salutar e benefica.

Em quanto a religião produzia estes resultados entre os Peruanos,—o amor da conquista e uma indole inquieta e bellicosa, conseguia com diferentes effeitos a pösse do littoral do Atlanticó. Os Pampas, porém, se pertencessem igualmente á tribu invasora, parece que deverião ter procurado as praias do mar, onde a pesca lhes offereceria um meio facil e quasi diario de subsistencia: se o não fizerão sendo aliás uma raça numerosa, indomavel e mais feroz do que nenhuma outra das que habitavão esta porção da America, sou levado a crer, que, não a conquista, mas antes á necessidade os coagio a residir nas vastas planuras, donde lhes vem o nome.

Os Guaranis por tanto deverião obrar sobre elles não por excesso de coragem, mas como um instrumento physico, e somente pela superioridade do numero. De facto, vemos os Pampas comprimidos do norte a leste, como se a pressão se houvesse feito sentir de ambos estes pontos, arredando-os d'aquelles que a ambição dos selvagens, com preferencia a todos, cubicava as praias do mar. É deste modo que podemos explicar a existencia dos *Guaranis*, além do rio da Prata, em quanto os Pampas ainda occupavam parte da outra margem. Era o effeito da invasão, que pouco e pouco ia ganhando espaço, cercando a tribu anterior, se não era a primitiva, sobrepujando-a

pelo seu numero até que a obrigasse com o seu crescimento a procurar asylo na extremidade do Sul.

A historia vem em apoio desta opinião.—Com quanto imperfeitos, os annaes mexicanos merecem ser consultados, como os que unicamente podem derramar luz sobre a importante questão de raças e emigrações dos indigenas da America. Estes annaes, ainda que não conservem lembrança da passagem de povos barbaros ao travez do seu velho imperio, fazem menção comtudo de uma peste que durante cem annos, e em um tempo que parece corresponder ao XI seculo da nossa era, tinha convertido o paiz em um vasto deserto; e que a população se havia renovado por um enxame de guerreiros, *que vinhão do norte*.

É portanto o undecimo seculo a epoca menos remota em que parece ter havido a possibilidade da passagem de uma população nova para esta parte da America: e devemos concluir que não só o movimento da emigração foi de norte a sul, como que se effectuou, não de um jacto, mas por turmas successivas, o que parecem indicar aquelles cem annos de peste destruidora, de que tratão os annaes mexicanos de uma maneira tão mysteriosa.

Depois desta synthese, que apezar de succinta, procurei tornar tão completa, quanto me era possivel,—passaremos a ver quaes as differentes tribus, que habitavão o litoral do Brazil na epoca do seu descobrimento.

Será este o objecto do capitulo seguinte.



## CAPITULO II.

Tribus que habitavão o litoral do Brazil.

Um dos primeiros escriptores que tratarão dos indigenas do Brazil foi Magalhães Gandavo: a sua historia da provincia de Santa Cruz, tradusida para o francez, começou a ter voga entre os curiosos—as suas asserções forão acceitas sem discussão, e ainda hoje é citado pelos authores estrangeiros como authoridade segura na materia, sem que soubessem, ou que lhes importasse o que a observação mais attenta de outros viajantes, ou a critica auxiliada pela experiencia lhes podesse ter suggerido.

«Os indios da costa (diz este author <sup>1</sup>) ainda que es-

---

<sup>1</sup> M. GANDAVO. Cap. 10. LAET. c. 3. «As nações que habitão o litoral do Brazil são pela maior parte differentes de linguagem; e todavia tem uma commum entre si, da qual se servem

teção divisos, e haja entre elles diversos nomes, todavia na semelhança, condição, costumes e ritos gentílicos são todos uns. E se n'alguma maneira differem nesta parte, é tão pouco que se não pode fazer caso disso.»

E mais abaixo como para prova da sua asserção, acrescenta.

«A lingua que fallão todos pela costa é uma ainda que em certos vocabulos differem n'algumas partes; mas não de maneira que se deixem uns aos outros de entender.»

Veremos no decurso deste trabalho que excepções se devem fazer a esta regra tão latamente estabelecida; que esses costumes são as vezes característicos, e que a linguagem variava um pouco mais do que parecia ao escriptor portuguez, satisfeito com o primeiro lançar d'olhos, sendo as vezes inteiramente differente da lingua geral e inintelligivel para os que a fallavão.

Ao passo que pretendi demonstrar como as tribus tupys erão conquistadoras, procurei explicar ao mesmo tempo o motivo por que, pertencendo todas á mesma familia, podião estar e estavam algumas vezes accidentalmente em guerra, porem sempre e implacavelmente com as tribus do interior. O costume de immolarem os prisioneiros, que era entre elles motivo de

---

*ordinariamente* dez nações daquellas que morão proximo a praia do mar, e *mesmo no interior do paiz*. Quasi todos os portuguezes a comprehendem por que é facil, copiosa e agradável.»

ufania e de orgulho, tornava irreconciliáveis tribus irmãs—que uma vez se desaviessem, e cada vez mais pronunciada a inimizade entre as duas raças que nunca se poderão baralhar nem confundir.

Era porem impossivel que os tupys podessem aniquilar de um jacto e completamente as tribus que tiverão de combater. Estas pois ou se conservarão pouco afastadas dos seus limites, resistindo á invasão—ou, o que é mais de suppor, recolhidas e reconcentradas nas florestas, allí poderão multiplicar-se e tomar novas forças, enquanto a scisão se ia operando nos diversos grupos dos selvagens do litoral, e enfraquecendo-os de modo que não poderião resistir á torrente dos vencidos, quando sobre elles voltassem, cheios de forças novas e de odios antigos.

Assim—não obstante dominarem os tupys no litoral—em um ou outro ponto achamos tribus differentes que os atacam e levarão de vencida, assenhoreando-se do territorio, donde, segundo antigos escriptores, deverião ter sido expulsos anteriormente.<sup>1</sup>

Tratamos de tribus que já desaparecerão, ou que atravez de tão graves vicissitudes como aquellas por que os nossos indigenas passarão se alterarão completamente, ou que distantes de nós, estabelecidas em sitios não praticadas pela civilisação, nem pelo com-

---

<sup>1</sup> Tratando dos tapuyos, diz a «*Noticia do Brazil*». São muitos, e estão divididos em bandos, costumes e linguagem, inimigos das mais nações que os expulsarão das praias.»

mercio humano, exigirião para serem estudados e observados recursos maiores que os do individuo. Sobrão-nos contudo authoridades, e felizmente são os authores unanimes, ou pouco discrepão, quando tratão da disposição topographica das differentes tribus maritimas. Seguindo o seo exemplo; e mais ainda o curso que nos parece ter seguido a invasão, começaremos de norte a sul, desde o Amazonas até alem de Santa Catharina, que os tupys já havião ultrapassado no tempo das primeiras explorações maritimas dos portuguezes pela costa do Brazil.

Tem sido até aqui geralmente seguido o systema de se classificarem os indigenas, não segundo os logares de que se achavão de posse; mas segundo a divisão territorial por capitánias; systema viciosissimo porque presuppõe nos indigenas um conhecimento que elles não podião ter com a docilidade extrema de se accommodarem nos limites que terião de ser demarcados aos donatarios do Brazil. As differentes tribus tiuhão territorio seo com raias determinadas que a guerra por certo não respeitava; mas de que só a conquista as podia desalojar. O conhecimento deste territorio serve optimamente para indicar a extensão e a importancia da tribu, que o avassalára.

Os tupys, dissemos nós, na sua emigração ou invasão, não poderião ter caminhado como uma torrente, nem realiado a sua expedição de uma só vez,—e por meio de immensa multidão; porque a não saberião pôr em movimento sem meios de procurar a sua sub-

sistencia em um paiz abundante, mas sem agricultura. Deverão por tanto ter procedido por grupos de familia; e estes grupos, não tão diminutos que podessem soffrer estorvo com qualquer obstaculo material, com que deparassem, nem tão numerosos que lhes fosse impossivel ou muito difficil grangear alimentos; em qualq̃uer dos dois casos, ficaria ou interrompida a sua marcha, ou compromettida a existencia de todos.

Estes grupos ao passo em que vão deparando com localidades apropriadas ao seo modo-de vida, com ou sem opposição alli se estabelecerão. Como vivessem de caça e pesca, carecião para ter garantida a sua subsistencia de terras que chamassem suas, e estas só podião alcançar pela força, só podião conservar auxiliados pelas difficuldades do terreno. Os rios, as florestas, as montanhas erão seos marcos divisorios; mas quando uma das margens do rio era occupada por tribu de lingua differente da que fallavão os da margem opposta, ou quando uma floresta se interpunha entre ambos, nem sempre taes raias serião respeitadas: então desfructada promiscuamente por ambos, deverião ser motivo de desavenças, e de ordinario o seo campo de batalha.

O Amazonas, não occupado durante muitos annos pelos europeos, ainda muito depois do descobrimento do Brazil, era a vivenda em que de preferencia se accommulavão os indigenas, ou que alli se havião estabelecido originariamente, ou que para alli concorrião acoçados e expellidos das outras partes do Brazil.

Desde o Amazonas até o rio Grande do Norte, chamado «dos Tapuyas» pela immensidade de gentio que o occupava, a população era immensa; mas não poderemos hoje dizer quaes forão nem como se denominarão as tribus que em 1500 ou antes disso occuparão o espaço que medeia entre estes rios. Quando os portuguezes e francezes principiarem a colonisar essas terras, encontrarão alli os fragmentos das raças destruidas mais ao sul; mas esses fragmentos, ainda respeitaveis para os proprios europeos, não se terião alli enraizado senão por um de dois meios—ou sendo amigavelmente recebidos, e havendo-se mesclado com tribus que descendião da mesma raça, ou expellindo-as para lbes tomarem o lugar. Quer n'um, quer n'outro caso, constituição o maior numero; por isso que subsistia a denominação por que erão anteriormente e em outras partes conhecidas.

Não faça duvida dizerem os historiadores <sup>1</sup> que desde o Pará até o rio Jaguaribe era todo o espaço occupado por immensidade de tapuyas. Isto que vai de encontro ao que procurei estabelecer no capitulo antecedente, isto é,—que os tupys, retirando-se do sul se teriam estabelecido no litoral da parte do norte, achase tambem desmentido pelas suas proprias expressões. Fallam esses historiadores do tempo da colonisação d'aquellas partes, primeira occasião que tiveram de ob-

---

<sup>1</sup> *Noticia do Brazil*—e o Padre Vasconcellos.

servar os seus habitantes; e nessa quadra sabemos que sobre os taes chamados «tapuyas» predominavam os potiguares, os Tobajáras, os Tupinambás e mesmo os Tamoyos, <sup>1</sup> tribus que elles confessam pertencerem á classe dos que fallavam a lingua geral,—em contraposição aos outros que eram os indios do sertão—os inimigos das tribus da beira-mar. A *Noticia do Brazil* diz desses tapuyas que era gente mais domestica que os caetés. Ora já os caetés eram um ramo tupy <sup>2</sup>, assim chamados por viverem nas florestas, mas dado que fossem tapuyas, se nos lembrarmos da distincção que entre elles estabeleceram os Jesuitas, <sup>3</sup> concluiremos que estes de que se trata são verdadeiros tupys: ao menos elles se davam por taes. Os selvagens que habitão presentemente estes sitios (escreveo Laet) dizem que ha quasi sob o tropico de capricornio—uma muito bella provincia, chamada—Caeté—como quem dissesse grande floresta, coberta por todos os lados de

---

<sup>1</sup> Laet. diz dos Tupinambás «Parece que elles se espalharão em todos os sentidos, por toda esta região, e tão longe que os mesmos habitantes do Maranhão se dizem seus descendentes, bem como os do Pará pag. 536.

<sup>2</sup> Esta designação *Caeté* applicada a um ramo tupy, não pode ter outro sentido. Do mesmo modo quando Laet diz que os Tamoyos do Maranhão se davão por homens de *Caeté*, isso quer dizer que interrogados sobre donde tinhão vindo, esses homens só respondião com essa palavra, apontando para o lado onde essas florestas lhes ficavão.

<sup>3</sup> Indios mansos e bravos: aquelles que se domesticão facilmente—estes de condição intratavel.

*N. do Brazil* cap. 16. «Este gentio tem a mesma vida e costumes dos Petiguares, e a mesma lingua, que é em toda como a dos Tupinambás.»

um bosque espesso, e de arvores muito altas, e povoada de homens, que se chamavão tupinambás, por sua valentia ém que excedião os seos visinhos. Dizem que não podendo resistir aos portuguezes, retirarão-se ás florestas; não se dando por seguros, atravessarão grande espaço de terras, e aqui chegarão. Dividirão-se em muitas parentellas, e tomão nome dos logares que habitão. *Paraná—enguares*—(os habitantes das praias—*Ybiapab—enguares*—os das montanhas.

Occupado o espaço entre o Amazonas e o Jagoaribe, outros guerreiros supervenientes, os potiguares, tiverão de passar alem deste rio, tomando o comtudo por limite <sup>1</sup> e estabelecendo-se entre este e o da Paraíba. Achavão-se por tanto entre dois rios occupando o espaço que vai de 2 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> a 6 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> grãos do Sul; mas em quanto algumas vezes estavão de paz com os habitantes da margem esquerda do Rio Grande<sup>2</sup> acoçavão os Tyguases<sup>3</sup> que habitavão a aldeia de Tabussurá, na bahia Ajacutibiró ou da traição; e passando nas suas cor-

<sup>1</sup> Junto da barra deste rio (Jagoaribe) se mette outro nelle que se chama o «Rio Grande» que é o extremo entre os Tapuyas e os Potigares. ROTEIRO DO BRAZIL cap. 7. Lêa-se *Potiguares*: L.<sup>cs</sup> de Poti—Camarão O nome do chefe designa sem a menor duvida uma tribo do litoral.

<sup>2</sup> Noticia do Brasil. Jab. pr. 7.<sup>o</sup>

<sup>3</sup> Laet. diz que os *Tyguares* habitavão uma legoa ao norteda bahia da traição;— e que os *Petiguares lhes fazião guerra*. Se a palavra *Tobajaras* quer dizer—habitantes do rosto da terra:—*Tyguares*—exprimiria os habitantes do nariz da terra, para indicar supremacia sobre aquelles, assim como o nariz é a parte mais saliente do rosto.

rerias o Parahiba <sup>1</sup> ião combater os *Caetés* <sup>2</sup> que lhes ficavão ao sul, como se obedecessem ao impulso da invasão, ou que apertados pelo norte, procurassem aberta pelo lado opposto. Nem só aniquillarão, ao que parece, os *Tiguares*, guerreavão os *Caetés*, batião os *Tobajaras* e levavam a devastação e o susto até á capitania de Itamaracá, onde, segundo os chronistas, fizerão consideravel damno aos Portugueses. <sup>3</sup> «Tem (diz o auctor da Noticia) os mesmos costumes e gentilidades que os *Tupinambás*, cantão e bailão, comem e bebem pela mesma ordem,—são bellicosos, guerreiros e atrevidos como elles,—grandes lavradores dos seus mantimentos,—bons caçadores e excellentes freicheiros.»

Duas tribus da mesma origem vindas uma após outra, occupavão o espaço que vai da Parahiba ao Rio de S. Francisco, cerca de cem legoas de costa. A mais recente ou antes a do litoral, e por esse mesmo facto

---

<sup>1</sup> «*Já havião chegado alli com a sua conquista.*» Jaboaão Pr. 7.<sup>o</sup>

<sup>2</sup> Senhoreavão do Rio Grande a Parahiba, onde confinavão com os *Caetés*, que são seus contrarios, e se fazião cruelissima guerra uns aos outros. (*Not. do Brazil.*) JABOATÃO, lug. citado, falla na sua briga com os *Tobajaras*, até os fazerem deixar muitas daquellas costas. Jaboaão narra que os *Potiguares* havião lançado os *Caetés* e *Tobajaras* de Goyana, Itamaracá e parte de Olinda e Pernambuco. «E nisto (diz elle) mostrava ser guerreiro atrevido e ambicioso.»

<sup>3</sup> Briga de Pero Lopes de Souza com os *Potiguares*, de quem foi cercado e offendido, até que os fez affastar da ilha e visinhanças della. A *Not. do Brazil* cap. 14 diz de Pero Lopes «de quem foi por vezes cercado e offendido.» O autor refere-se á Parahiba.

a mais guerreira, orgulhosa com a sua conquista, appellidou-se arrogantemente os *Tobajaras*, os senhores das aldeias,—os dominadores da beira mar, ou descendentes da famosa tribo dos *Tobas*<sup>1</sup>; enquanto os vencidos não menos enfiados com a sua pujança, denominarão-se os *Caetés*, como que se quisessem arrogar o dominio das florestas. Todavia não são os *Caetés* uma tribo certaneja, posto que vissem nas florestas; mostrão-se em muitas partes do litoral,—e em muitas dellas com tanta frequencia,—que alguns authores sem fazer menção dos *Tobajaras*, que aliás encontramos até mais ao sul, os dão como possessores exclusivos das terras que jazem entre o Parahiba e o rio de São Francisco. É certo, porém, que elles entestavão com os *Tupinambás*, que dominavão na outra banda do rio São Francisco, a quem guerreavão, e em cujas terras entravão a saltar. «Usavão de embarcações de uma palha comprida (*peripere*) que fazem em mólhos atados com timbós, em que cabião dez a doze indios,—e muitas vezes vinhão ao longo da costa fazer guerra aos *Tupinambás*.<sup>2</sup>—Ainda o mesmo

---

<sup>1</sup> Diz o Sr. Varnhagem nas suas notas ao *Roteiro* que *Tobajaras* era nome que se dava aos indios aldeados. Not. 13 ao *Roteiro do Brazil*. Não sabemos quaes são os fundamentos desta opinião; mas parece-nos que teria um sentido muito lato, neste caso, pára ser empregado como denominação de uma tribo. *Tobajaras*—quererá dizer, como também a mim me quíz parecer—senhores das aldeias.—*Tobajaras*,—como quer o padre Vasconcellos—senhores do rosto da terra—*Toba-guá*—guerreiros da nação dos *Tobas*—ou *Tobajaras*—cunhados dos *Tupys*.

<sup>2</sup> Not. do Brazil.

facto se observa aqui, a acção constante da população do norte sobre a do Sul. <sup>1</sup>

Os Tobajaras e Caetés pertencião a mesma origem e fallavão a mesma lingua—os primeiros forão conhecidos pela docilidade e fé que souberão guardar aos portuguezes;—em quanto o naufragio e assassinato do bispo Sardinha, e os decretos com que forão depois fulminados sem tirar aos ultimos a reputação de valentes e bellicosos que tinham, os tornarão conhecidos como gente atraçoada, sem fé, nem verdade alguma. Contra este decreto nada tiverão os colonos que allegar, por que o proveito que tiravão da escravatura indigena, fez com que todos os iudios que poderão apanhar ás mãos, fossem considerados Caetés. Os jesuitas por esta vez tiverão interesse em sustentar aquelle acto que infundia nas tribus indigenas—um receio que lhes serveria de salva-guarda. Longe pois de o combaterem, assoalharão e pregarão ao principio que o céu se havia manifestado contra o assassino, tornando desertos e medonhos os logares onde elle se praticára, bem que fossem dantes risonhos e aprasiveis além de todo o encarecimento.

Um facto convem registrar aqui á proposito destes indigenas: é a propensão que tinham as tribus da lingua geral para a musica e para a dança; circumstancia tão notavel que nunca se esquecem os historiado-

---

<sup>1</sup> Fallando dos *Tupinambás*—diz Jaboatão fazião guerra com os Caetés, mas só quando procurados por estes.»

res portuguezes de a mencionar. Os *Caetés* e *Tobajaras* são igualmente musicos e bailadores — grandes musicos os chamão as chronicas.

Do Rio de S. Francisco á Bahia, e inclusivamente ás ilhas da sua enseada, encontramos os *Tupinambás*, uma das nações mais dilatadas da costa, que tinha tomado aquellas terras de outras nações da sua lingua, alli anteriormente estabelecidas. Querem alguns que esses fossem os *Tobajaras*; mas no interior deparamos naquelle tempo com outra tribu de lingua geral, — vivendo entre os *Tapuyas*, guerreada por estes e pelos da beira-mar, em uma posição tão violenta que se não pode explicar senão pela necessidade da força. São os *Tupiaés*,<sup>1</sup> e os seus alliados os *Maracás*. Estes e não os *Tobajaras* parecem ter sido os primeiros povoadores da Bahia.<sup>2</sup> Os *Tupiaés*, tribu menos numerosa, menos aguerrida mesmo que os *Caetés*, que tambem vivião no interior, não poderão romper a linha dos *Tupinambás* para o lado do mar, como aquelles havião feito com os *Tobajaras*; nem dominar nas mattas povoadas de immensidade de *Tapuyas*, sobre os quaes predominarão os *Ybirajaras*<sup>3</sup>, conhecidos tambem pela

---

<sup>1</sup> Serão os *Tupiguás* de Laet. pag. 40 delles diz Laet. que possuião o interior do paiz desde S. Vicente até Pernambuco.

<sup>2</sup> O autor da chronica *Jacaré-cuassú*, trabalho de fraco merecimento — diz que a Bahia foi povoada primeiro pelos *Tapuyas* depois pelos *Quinimurus*, depois pelos *Tupiaés* — e por fim pelos *Tupinambás*.

<sup>3</sup> Pelo certão da Bahia, além do rio de S. Francisco vivem os *Ybirajaras* — senhores dos páos — os quaes se não entendem com

denominação de *Bilreiros*, e aos quaes Ruivet chama *Lopos*.<sup>1</sup>

Se com os *Tupinambás* não observamos tão pronunciado o movimento para o sul, depende isso talvez de que confinando elles com os *Tupusekins* (Tupy lateral) estarião mais estreitamente ligados entre si do que nenhuma outra tribu do litoral. No emtanto o auctor da *Noticia* dá-os por contrarios uns dos outros, e diz-nos que os *Tupin-ikins* fugião diante daquelles. Sirva-nos porém a auctoridade, em falta de dados mais seguros. Laet diz que os *Tupin-ikins* estabelecidos havia muitos annos entre os Ilheos e Espirito-Santo, tinhão sido expulsos de Pernambuco.

Da Bahia<sup>2</sup>—e outros dizem—desde o rio Camamú até o rio Cricaré, habitavão os *Tupin-ikins*, estendendo-se pelas antigas capitancias de Ilheos, Porto Seguro e Espirito-Santo. Em guerra com os *Papanazes*<sup>3</sup> tinhão pelo certão alliança com aquelles *Tupiguás*, que encontramos nas terras da Bahia. Dos *Tupin-ikins* diz a *Noticia do Brazil* que erão da mesma côr, baça e estatura que o outro gentio; que a linguagem, vida, costumes e gentilidades erão as mesmas que as dos Tu-

outra nação alguma do gentio. *Not. curiosas etc.*—ou a *N. do Brazil*? Confundindo o som do *u* com o do *y*, este auctor escreve *Ubirajaras* em vez de *Imirá-jaras* — senhores das arvores.

<sup>1</sup> LAET. cap. 4.º

<sup>2</sup> Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brazil.

<sup>3</sup> Dormem no chão sobre folhas—não tem grandes lavouras, mantem-se de caça e peixe, são grandes frecheiros etc. Os *Goia-takases*, *Goyanazes* e *Papanazes* pertencem a mesma tribu.

*pinambás*.<sup>1</sup> «Cantão e bailão, como aquelles, diz o mesmo autor,—e nas cousas de guerra são mui industriosos e homens para muito, de quem se faz muita conta a seo modo entre o gentio.»

Os *Tupin-ikins*, bem que valentes, acoçados por um lado pelos *Tupinambás*, ião ganhando terreno para o sul; e a chronica de Jaboaão (Pr. 7.º) os faz progredir nesta direcção até virem a confinar com os *Goiatahazes*.

Do Cricaré ou antes de Rerygtiba (rio que correa 15 legoas do Espirito Santo) até ao cabo de S. Thomé, ou como quer Jaboaão, até a Parahiba do Sul, era todo o espaço senhareado por trez nações do gentio selvagem conhecidos sob o nome de *Goitakases*, e subdivididos em *mopi-guaçú*, e *jacorito*. Andavão, dizem os historiadores, em continuas guerras, e se comião com mais vontade que as feras da caça. Habitavão umas campinas chamadas de seo nome, e que poderão chamar os Elyseos. Jaboaão accrescenta que tinhão a cõr mais clara, linguagem differente da geral, e que dormião no chão, com a singularidade de não saberem pelear em matto, mas em campo descoberto.

Eis portanto uma tribu do littoral, differente dos *Tupys* na linguagem, e dissimilhantes em dois pontos cardeaes—em dormirem no chão, e em não saberem combater senão em campo. Partião estes de um lado

---

<sup>1</sup> São do mesmo tronco, ainda que muitas vezes tivessem differenças e guerras. *Not. do Brazil.*

com os Tamoyos da antiga bahia formosa—hoje Cabofrio e do outro com os *Tupinikins* e *Tobajáras*.

Logo depois desta nação vinhão os *Tamoyos* que se estendião desde a Parahiba, ou desde o rio do Cabo de S. Thomé até Angra dos Reis por espaço de quarenta legoas de costa no primeiro caso.

Ufanavão-se os *Tamoyos* de serem os primeiros povoadores desta parte da América. Ricos de tradições e de coragem, bons aliados, irreconciliáveis nas suas inimidades—teimosos e reluctantes na adversidade, vencidos, porém nunca subjugados, erão os *Tamoyos* o typo do selvagem com todos os defeitos e vícios, mas também com todas as qualidades e virtudes de um povo primitivo. <sup>1</sup> Era este gentio grande de corpo, homens robustos, mui valentes guerreiros, e contrario de todo o mais gentio, excepto dos *Tupinambás*, de quem se fazião parentes, e se parecião na falla muito uns com os outros. São as suas casas mais fortes que as dos *Tupinambás*; e tem as suas aldeias muito fortificadas com grandes cercas de madeiras. São havidos por grandes mimicos e bailadores entre todo o gentio, os quaes são grandes compositores de cantigas de improviso, pelo que são muito estimados do gentio por onde quer que vão.

Outra Tribu achamos de novo encravada entre as da raça *Tupy* desde Angra dos Reis até Cananéa:—são estes os *Goyanazes*. Se é certo o que diz a *Noticia*

---

<sup>1</sup> JABOATÃO -- *chronica*.

do *Brazil* que este gentio possuía e senhoreava aquella costa até os *Tamoyos* a conquistarem, e se elles, os *Papanazes* e *Goiatakases* erão todos uns, vem por este modo achar-se corroborada a nossa proposição, de que os primeiros habitantes do paiz, ao principio impellidos para o centro, já tinham cobrado novas forças a ponto de virem disputar aos invasores a posse do litoral.

Confrontando de um lado com os *Tamoyos* e do outro com os *Carijós*—os *Goyanases* faziam-lhe a cruelissima guerra, que por todo o litoral grassava; porém mais mal sangrada quando alguma dissimilhança de phisionomia, de costumes ou de linguagens, vinha corroborar as suas sanguinolentas disputas.—«Não são maliciosos nem refalsados (escreveram os viajantes d'aquelles tempos) antes são simples, bem acondicionados e facilimos de crer em qualquer cousa.—É gente de pouco trabalho, muito molle, não usão lavouras, vivem de caça, pesca e fructos silvestres:—são grandes frecheiros—inimigos da carne humana: não matão aos que captivão; mas acceitão-nos por seos escravos. Não fazem guerra aos seus contrarios fora dos seus limites, nem os vão buscar nas suas vivendas; por que não sabem pelear no matto, senão no campo.—Não vivem em aldeias como os *Tamoyos* mas em cóvas por baixo do chão, onde tem fogo acceso noite e dia:—tem linguagem differente da dos seus vizinhos; mas na cor e proporção do corpo os mesmos que os *Tamoyos*.

Todos estes caracteristicos —a carencia de lavoura—o captiveiro e não o sacrificio dos prisioneiros—o não

viverem em aldeias—o dormirem em cóvas e não em cabanas—o combaterem mulheres entre os guerreiros—estes costumes, digo, provão que não pertencião estes indigenas aos da lingua geral, e justificão a Laet. quando, assimilhando-os aos *Goiatakases* que escreve *Waitaquases* e aos *Goianazes Wainazes* acha-os semelhantes aos *Poris* do interior, bém que estes se defendessem da chuva com ramos de arvores entrelaçados e cobertos de palma.

De Cananéa a Lagoa dos Patos ficavão os *Carijós*.<sup>1</sup> É gente facil, industriosa, trabalhadeira entre todas as nações daquella parte,—amigos da paz se não é irritada, menos affeçoada á carne humana, e amiga dos comeres dos portuguezes... accommodada para receber a doutrina do evangelho, por que não adorão certos deoses, nem reconhecem certas divindades, mais do que em geral e em confuso uma excellencia superior (Tupan) que dizem ser um espantoso que assombra os homens.

Tem e reverencião feiticeiros os mais em numero e os mais famosos que ha entre todas as nações do Brazil. Será preciso ainda indicar os *Caraibas*, ou depois de os ter indicado carecemos demonstrar que os *Carijós* pertencem a grande familia *Tupy*?<sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Vida do Padre João d'Almeida* pag. 121.

<sup>2</sup> «Tem os mesmos costumes, gentilidades e manhas como os *Tupinambás*.» *N. do Br.*

«Les carijós plus rapprochés des tribus agricoles des *Guaranis* conservaient aussi une analogie réele de langage et d'habitudes avec la grande nation.»—F. DINY, «*Le Bresil*» pag. 33.

Se em alguns escriptores achamos que a sua linguagem differia da dos *Tupinambás*—vem isto, segundo me parece, de se dizer que elles se não entendião com os seus visinhos, sendo que estes erão por um lado os *Goyanases* e pelo outro os *Charruas*.

Quanto ao costume de pouparem os prisioneiros, alguns o exaggerarão a ponto de os fazerem inteiramente avessos a anthropophagia. Isto que estabeleceria uma differença caracteristica entre elles e os *Tupys*, supponho que nasceo de um equivoco. «Não matão homens brancos que com elles vão resgatar» escreveu o autor da *Noticia*, e d'aqui se concluiu sem muita reflexão que absolutamente não comião carne humana, ou sómente que a não comião com tanto excesso.

Em resumo—uma grande familia, cuja configuração e traços physionomicos asselão como descendentes do typo mongol, estavam a tempos remotos estabelecidos no litoral: erão os *Pampas* ou homens da mesma raça. Os ramos dessa grande familia que estavam como dispersos nas paragens que avisinhavão do litoral, ou á pequena distancia d'elle, receberão dos invasôres, que os desalojarão, a denominação de *Tapuyas*. Vencedores e vencidos, uns por orgulho da conquista, outros por vingança e resentimento, e ambos pela dessimilhança da linguagem e côstumes que entre elles havia, nunca se poderão unir nem colligar. Guerreavão-se mutuamente: estas guerras excitavão novos odios, e a vingança ia rapidamente desimando populações que com grande difficuldade se multiplicão.

Restos de uma civilização desconhecida, e de um povo mais desconhecido ainda, os *Tupys*, quando os Europeos os encontraram, avassalavam grande parte da costa. Não é possível seguir-os no principio de sua invasão; mas é muito para suppor que os primeiros guerreiros, ainda que vencedores dos *Tapuyas*, não se poderão conservar no territorio conquistado. A estes encontramos nós como tribus certanejas: são os *Caetés* em Pernambuco, os *Tubigoaras* e *Ybirajaras* dos certões da Bahia, e outros quasi ignorados como os *Marracás* e *Amorpyrás*.

Um numeroso concurso de guerreiros sobrevindo quando estas tribus se avizinhavão do mar, occuparão largo espaço do litoral com denominação de *Tobajaras* que em outras partes tomavão o nome de *Tupinambás*. Davão-se os *Tobajaras* como os conquistadores e primeiros senhores da terra, e poderião vangloriar-se como os *Tobas* a que se assemilhavão nos costumes, e pelas radicaes do seu nome, e de que talvez fossem o tronco, de serem mais bravos que todos os outros povos do mundo, senhores da terra, e dos viados e dos outros animaes do campo, dos rios e dos peixes. <sup>1</sup> O seu nome marcando, como quer o Padre Vasconcellos o logar de sua habitação—á beira mar—parecia revelar ao mesmo tempo a ideia de supremacia nas armas e no denodo. Senhores das aldeias se chamarião igualmente; porque de facto as suas aldeias se estendião como

---

<sup>1</sup> MOKE. *H. de l'Am.* pag. 74.

um cordão nunca interrompido desde além do Maranhão até á quem da Bahia..

Outras tribus da mesma origem, obrigadas pelas mesmas causas, e seguindo o mesmo rumo, vierão disputar com as primeiras o lugar para sua residencia: tomarão os nomes quer do chefe que as dirigião, quer dos logares que conquistarão, quer de outra qualquer circumstancia fortuita; mas já então não era tão difficil o entrelaçamento, tendo de effectuar-se entre homens que tinham a mesma origem, e ainda conservavão os seus costumes. Por isso algumas das tribus antigas se refundião nas novas, em quanto outras procurarão o certão. Alli porém encontrarão os *Tapuyas* entrincheirados nas florestas, e pouco dispostos a lhes cederem o terreno; aquellas tribus pois que não tinham forças para os combater, ou se não poderão accommodar com a vida das florestas, retrocederão, dando novo alimento á revolução terrivel que desde eras remotas abalava esta grande porção do novo hemispherio. Os homens das florestas—os *Caetés*—restos das tribus *Tupys* refugiados no interior, vierão postar-se no campo de batalha, e combatendo os da sua origem, poderão romper em alguns pontos a linha do litoral, e encravar-se entre os *Tobajaras* e *Tupinambás*.

Estes ultimos impellidos pela corrente da invasão apoderaram-se da Bahia e do Reconcavo, batendo-se com os *Caetés* e *Tobajaras*, e disputando com estes a anterioridade da conquista, em quanto outros de suas

tribus assentão as suas tabas—com o nome de *Tupinikins* no Espirito Santo, de *Tamoyos* no Rio de Janeiro, e de *Carijós* na Lagôa dos Patos.

Novos ramos da mesma familia sahindo tambem das florestas, onde, como do seu pequeno numero se conjectura, teriam residido por mais tempo, vieram com mais ou menos fortuna disputar a posse do-litoral aos recém-chegados, fazendo allianças ou guerreando-se entre si. São o *Tupiguás*—os *Maracás*, os *Arobajáras*, *Ybirajáras* e outros, cujos nomes apenas se conservam na tradição destas lutas.

Temos então que as tribus da lingoa geral erão primeiramente os *Tobajaras* que em tempos remotos deverão ter sido precedidos pelos primeiros *tupys*. Vinhão depois delles os *Potiguares*, e as suas filiaes.—*Rerygoares*, e *Tygoares*,—depois os *Caetés*, os *Tupinambás*, os *Tupinikins*, os *Tamoyos* e os *Carijós*.

Apesar deste movimento do occaso para leste,—isto é—do certão para o mar, as matas não se tinhão esgotado. Existia nas cabeceiras dos rios, nas summidades das montanhas, na vastidão das florestas, a tribu primitiva, alimentando os seus odios, e creando forças, não tanto para a conquista, como para a vingança. A primeira manifestação dos projectos a que forão levados pelo augmento de sua população, assim como pela recrudescencia de sua ferocidade—foi o apparecimento no litoral das tribus *Tupys*, que occupavão o que na falta de termo mais apropriado chamarei terreno neutro—o qual ficava entre os senhores da terra

e os conquistadores. Enfraquecidos pelas guerras que sustentarão para conquistar o paiz—e estreitados depois já pelos do litoral tornados seos contrarios, já pelos do interior—seos inimigos encarnicados,—os *Tupys* do certão não se abalançarião a medir-se de novo com os seos vencedores, se uma força maior a seo pesar os não arrojasse das florestas.

Os *tapuyas* acoçoados pelos triumphos que ião alcançando pelo terreno que ganhavão, pela guerra a que obrigavão os seos contrarios, lançarão-se como uma torrente sobre as tribus do litoral: são os ferozes *Aymorés*, os *Goiatakazes*, alem de muitas outras tribus mencionadas pelos historiadores e viajantes, mas cuja filiação se ignora.

Assim que—nem todas as tribus do litoral erão *tupys*,—nem todas as do interior—*Tapuyas*. Nem todas portanto, erão no mesmo grão domesticaveis; e os meios que se empregassem para a civilisação e cathechese de uns, não seriam talvez igualmente applicaveis á todos. Para os *Tapuyas*—era preciso achar algum modo de se unirem,—de viverem em logares aldeados sob tal ou qual forma de sociedade e de disciplina, ao que repugnavão: para as do litoral era preciso fazer-lhes perder o amor ás lutas carnicieras, e aos sanguinolentos triumphos, em que fazião consistir toda a sua gloria.

Vejam, porém, que tribus se achavão espalhadas pelo certão.

### CAPITULO III.

Tribus que habitavão o sertão.

Seria difficilimo formar-se um quadro, não digo perfeito, mas satisfatorio de quaes e quantas erão as tribus dos antigos *tapuyas*, e que logares habitavão. <sup>1</sup> Os primeiros descobridores, não tendo convivido com elles, contentavão-se com a descripção das tribus do litoral, tocando nas outras muito de leve, como coisa que de bem pouca attenção era digna. Não as conhecião por observação propria, mas só pelo que ouvião aos seus alliados, — ou do contrario quando deparavão com ellas como os *Goyanazes* e *Goiatakases* encravados entre os *tupys*, ou quando como os *Aymorés* descião para as praias, derra-

---

<sup>1</sup> «São muitos e estão divididos em bandos, costumes e linguagem: inimigos das mais nações, que os expulsarão das praias.»  
*Not. do Br.*

mando a desolação e o susto sobre os aldeamentos dos Índios novamente convertidos, e as moradas apenas rematadas e mal defensáveis dos primeiros colonos: deste modo não os podião observar muito á vontade quer tolhidos pelo susto que aquelles barbarõs inspiravão, quer prevenidos pelas crueldades que os vião praticar. Assim não encontramos nòs seos escriptos senão breves noticias, em que se exagera a infinidade do seo numero, a diversidade de suas lingoas<sup>1</sup> com um ou outro de seos costumes, mas tudo isto destacada e truncadamente de tal forma que não nos guião; nem nos servem para os distinguirmos de uma maneira caracteristica, com quanto nem um outro meio nos reste para o fazer.

Forão os *Tapuyas* os primeiros povoadores do paiz<sup>2</sup> e bem que nos não seja possível remontar hoje até á sua origem, a sua indole, assim como alguns de seos usos e costumes e o seo modo de vida, parecem prendel-os á extensa raça dos *Pampas*, sendo uns e outros indomesticáveis, nada agricolas, nomades sempre, e caçadores por excellencia. É certo que os *Tapuyas* of-

<sup>1</sup> O Padre Vasconcellos reduz a 4 todas as nações indigenas do Brazil — *Tupinambás*, *Tobajaras*, *Potiguáres* e *Tapuyas*. Porem esta ultima, accrescenta elles que se divide em outras nações quasi innumeráveis. «As três primeiras fallão a mesma lingua, com pouca differença entre si; porém as dos *Tapuyas* são diversissimas.» *V do Padre João de Almeida* cap. 5. n.º 4.

<sup>2</sup> «*Tapuyas* que é o gentio mais antigo que vive nesta costa, da qual ella foi em todo senhareada da boca do rio da Prata até ao rio das Amazonas... e toda a mais costa senharearão nos tempos atraz, donde por espaços de tempo forão lançados de seos contrarios.» — *Not. do Brazil* pag. 183.

ferecerão nos primeiros tempos incomparavelmente mais obstáculos que os *Tupys* á empreza da civilização, além de que entre elles mesmos observavão-se contrastes e dissimilhanças de costumes, que poderão ser comparados com os dos *Tupys*, quando tractarmos das tribus desta raça que forão melhor estudadas—os *Tupinambás* e os *Tamoyos*.

Era a primeira differença a linguagem de que usavão, se não erão differentes dialectos, e tão variados entre si que chegarão a ser numerados pela sua diversidade.—Os *tapuyas* são muitos, diz o autor da *Noticia*: dividem-se em nações quasi innumeraveis,—lê-se na *Vida do Padre João d'Almeida*; mas quando querem precisar de alguma forma a sua quantidade, calculão uns as differentes nações em sessenta e nove, <sup>1</sup> e outros em setenta e seis. <sup>2</sup> Contão mais de cem lingoas, escreveo o autor das *Noticias curiosas*; <sup>3</sup> e todavia referindo-se a informação dos indigenas elevã este numero á cento e cincoenta. <sup>4</sup> E tanto discrepão neste ponto que só no Amazonas reputou o Padre Manoel Rodrigues haver

---

<sup>1</sup> F. DIZIZ *L'Univers—Brésil* pag

<sup>2</sup> Laet conta 76 povos selvagens indomitos em guerra sempre com os da costa.

<sup>3</sup> P. S. de Vasconcellos.

<sup>4</sup> Padre Vasconcellos nas *Noticias curiosas e necessarias* l. 1. p. 22. «Que as nações, que habitavão a circunferencia do rio e seos braços, não podião contar não só pelos dedos das mãos e dos pés, por onde costumão contar, mas nem ainda com os seixos da praia: e indo nomeando algumas passão de 150 só as de lingoas differentes; e fôra maior a multidão da gente, a não ser a guerra continua e insaciavel que trazem entre si.»

esse numero de 150 nações <sup>1</sup> e mais de um seculo depois o Padre Vieira suppunha existirem ainda nesse rio setecentas nações. <sup>2</sup> E para que nenhuma duvida nos restasse da sua nimia facilidade em tudo acceta-rem das relações dos selvagens, intercalarão nesta estatistica fabulas apenas criveis em um seculo deslumbrado com a maravilha do descobrimento de um mundo por tanto tempo ignorado. Taes erão os *Goyazes* ou *anãos*,—os indios da nação *Cuana*, habitantes do rio Jurná, que segundo elles não passam de 5 palmos de altura <sup>3</sup> os *Curiquans*, ou gigantes, os da nação *Ugina*, com rabo de 3 a 4 palmos do que davão testemunho no tempo do ouvidor Sampaio os indios de Juruá, e resta a certidão jurada do Padre Carmelita Fr. José de Santa Thereza Ribeiro <sup>4</sup> que o mesmo Sampaio diz ter conhecido. Tão pouco se duvidava desta noticia que se julgou ter descoberto a origem desta singularidade no ajuntamento das mulheres com os macacos coatás, dizendo-se como prova que erão taes indios conhecidos sob o nome de *Coatás-Tapuyas*. <sup>5</sup> Por fim,

---

<sup>1</sup> Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amasonas n. 36. «Está habitado de barbaros em distinctas provincias e naciones de las que puedo dar fé, nonbrandol-as con sus nonbres y signalandolas con sus sitios, unas de vista y otras por informaciones de los indios, que en elles habian estado passan de 150 todas de linguas differentes.» *Vieira Sermões* tomo 3.º pag. 409.

<sup>2</sup> Vieira. (*Vide*)

<sup>3</sup> *Roteiro de Sampaio* - 149.

<sup>4</sup> Certidão de 15 de Outubro de 1768.

<sup>5</sup> Virey na sua historia natural do Genero Humano suppõe que os viajantes que assellão a veracidade de tal facto, observavão macacos que julgavão homens. Todavia não é pequeno

o que para-os indios devia ser mais assombroso prodigio, dizia-se existirem tambem uns indios de *pés virados*—os *Motuys*, cuja pista não podião seguir senão com risco de cada vez mais se affastarem do inimigo que lhes fugisse. Semilhante tradição ainda hoje se conserva entre muitos dos habitantes do Pará.

Admittimos esta diversidade de lingoas nos *Tapuyas*; mas não tão latamente como se pretende; pois como observa Newied, a experiencia mostra que entre os povos indigenas da America, a separação das tribus, das familias e das hordas tem muitas vezes influido por tal modo sobre a lingoagem que se achão variedades e variações nos differentes ramos de uma raça que a outros respeitos são absolutamente semelhantes. De mais disto, as informações neste particular colhidas dos indios não podião ser exactas. Só a litteratura e o commercio podem aconselhar o estudo de lingoas estranhas; e povos sem litteratura nem commercio não terião necessidade nem occasião de se darem a este estudo tão inutil quanto impossivel. Saberião quando muito a lingua de alguma nação confinante, da qual alguns dos seus houvessem sido prisioneiros; mas não bastava isto para serem acreditados quando affirmassem a existencia de cem, de cincoenta, ou só de meia

---

o numero destes viajantes: Koeping diz tel-os visto na Ilha de Nicolár Struys, na Ilha Formosa, Mendore e Gamelli Carreri nas ilhas de Luçon—e assim outros; mas, como bem observa Virey, o que torna o facto incrivel, é que os proprios macacos que estão mais proximos do homem, não tem cauda.

duzia de lingoas, asseverando que não só erão diferentes da geral, mais diferentes entre si.

A causa de tão grande discordancia provém de se haver feito a comparação com a lingua *tupy*, sem attenção para com as analogias que poderião haver entre essas e outras lingoas. Contavão-se como nações distinctas tribus da mesma familia—e a cada uma destas se attribuia uma lingua diferente, com que os interpretes se não entendião. Estas mesmas nações se multiplicavão indefinidamente conforme a pronunciação ou do índio que a noticiava, ou dos viajantes que as visitavão ou dos colonos que as observavão em pontos diferentes, e que por isso as denominavão diversamente. Assim passarão até nós pela negligencia dos compilladores, colhendo á esmo os diferentes nomes que ião lendo nas relações dos viajantes, como estes acceitavão sem criterio os que os indigenas e interpretes lhes lembravão.

Modernamente se tem querido reduzir a uma só a estructura de todas as lingoas que forão encontradas na America; mas sem adoptar plenamente esta opinião que se torna suspeita pela sua mesma generalidade, não será muito arriscado considerar estas chamadas lingoas diferentes como girias ou dialectos produzidos pela dispersão de uma raça, e que como taes varião na razão do tempo em que se separarão, do espaço que percorrerão, da distancia em que se achavão umas das outras, e das tribus com as quaes estivessem em contacto. Pelo menos a confrontação que ultimamente se

tem feito da linguagem de diversos povos, considerados como distintos, ainda que *tapuyas*, demonstra que em grande parte estas diferenças não excedem as que observamos entre os diversos grupos de um povo que fallão o mesmo idioma.

Difficil será hoje achar-se uma resolução satisfatoria de quantas erão propriamente as diferentes lingoas usadas, não em toda a America, mas somente no Brazil, pois que a maior parte das vezes até desconhecemos o que significa o nome de cada tribu: quando porém á semilhança de costumes e caracteres essenciaes se ajunta uma desinencia commum á sua denominação, é isto um indicio, não muito seguro, mas emfim indicio de que devem ter a mesma origem, embora a outros respeitoos diversifiquem. Assim é que consideramos como ramificações da mesma tribu—os *Papanazes*, *Goianazes*, *Goiatakases*,<sup>1</sup> e assim tambem as outras muito mais numerosas, que terminão em *crans* ou *cans*, particula que parece provir do tymbira *Icrá*, filho ou descendente. Todas as mais tribus *tapuyas* se devem ligar a qualquer destas, que talvez ao principio não fossem mais do que uma e a mesma familia.

---

<sup>1</sup> A denominação das tribus *tupys*, quando não exprimião parentesco, terminavão geralmente em *iára*; *jára*, *egoára*, ou *Goares*. *Guaru* homem e por ampliação — guerreiro. — *Enquares*, diz Laet que significa habitantes. Parece que a palavra devia ser pronunciada, como se ántes do *y* houvesse um sön indizível, como o de *u* guttural e pronunciado com a boca fechada. *Jára* ou *iára* quer dizer — senhor

O certão do Brazil pelo lado do norte, era habitado por uma infinidade de gentios, mas forão tão imperfeitas as relações, que delles nos chegarão, que só com extrema difficuldade poderão ser classificados. Grande numero de tribus occupava as margens do Amazonas, e dos seus grandes confluentes <sup>1</sup> mas entre ellas predominavão os *Tupinambás*, e em tal grão que, conservando por longos annos a pureza de sua origem qualificavão de spurijs e illegitimos os *Tupinambaranas*, seus irmãos, que se havião aparentado com outras tribus do Amazonas. <sup>2</sup> Se erão conhecidas algumas das tribus que habitavão o litoral desde este grande rio até á Bahia, o interior não foi explorado senão tempos depois da descoberta; e ainda assim com incuria notavel. Não sabemos outra cousa senão que era povoado de *tapuyas*. Continuando porem para o sul, as noticias se vão tornando mais precisas e offerecem por isso mais algum interesse. Achamos confinando com os *tupys* desde a Bahia até Porto Seguro os *Aymorés* e outras nações asselvajadas. <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Vide o *Roteiro do Pará até as ultimas povoações do Rio-Negro*.

<sup>2</sup> Das palavras indigenas terminadas em *a* ou *i* longo, fiserão os portuguezes o plural em *as* e *is*, e outros depois delle, em *ases* e *isis*, pluralisando o que já era plural.—Assim escreverão *Tupinambazes*, *Maracazes*, *Perizes* (os *Perizes de Alcantara*.) *Peris*—campos ou brejos cheios de junco chamado *peri* pelos indios.

*Rana*—exprime degeneração, illegitimidade, falsidade do objecto, a que se applica. *Itajuba-rana*—oiro falso. *Canarana*—cana bravia. *Juniparana*—jenipapo do mato. *Tupinambá-rana*. Filho illegitimo, que não é verdadeiro

<sup>3</sup> *Noticias curiosas e necessarias* —Padre Vasconcellos.

Ruivet, citado por Laet, dá-nos também noticia de outra nação de *tapuyas* chamados *Mariquitas*, que jazião entre Pernambuco e a Bahia, chegando até ao rio de S. Francisco. Segundo o autor citado era esta nação inteiramente vagabunda; que as suas mulheres, não destituidas de attractivos, combatião igualmente com os homens; que vagavão inconstantes, atacando de improviso e a traição, e se mostravão vivos e ligeiros tanto para perseguir, como para fugir dos contrarios. Ora somente entre os *tapuyas* achamos as mulheres tomando parte activa nos combates, e entre todas primavão ás dos *Goiatakases*. Esta circumstancia e grande parte dos seus costumes revelão que os *Mariquitas* erão verdadeiros *tapuyas*.

Do rio de Santa Cruz (Porto Seguro) até ao rio doce, encontravão-se ainda *Aymorés* e demais delles.—os *Patachós*, *Aturarís* e *Puris*.<sup>1</sup>

Comtudo algumas destas tribus *tapuyas*, mal contentes com a posse do interior, cabirão sobre o litoral pouco tempo antes do descobrimento do Brazil;—e os portuguezes as encontrarão, ainda formidaveis disputando aos invasores a sua primitiva habitação. São os *Goiatakases*<sup>2</sup> que occupavão o espaço desde o Rio Doce até ao Cabo-Frio, em quanto outras tribus lhes fi-

---

<sup>1</sup> «As nações que habitão o certão destas minas são todas *Tapuyas*—*Patáchós*—*Aturarís*, *Puris*, e outras semilhantes, toda gente agreste.» *Noticias curiosas e necessarias*.

<sup>2</sup> Laet.

cavão pelas costas—*tapuyas* todas e todas intractaveis.<sup>1</sup> Batendo-se de um lado com os *Tamoyos*, do outro com os *Tupin-ikins* e *Tobajaras*, tendo pelo certão outras tribus selvagens, que os impellião sobre os seos contrarios, os *Goiatakases*, apesar disso, não parecião os offendidos, mas os offensores. «Tinhão, diz Jaboatão, tinhão estes indios a côr mais clara e lingoagem diferente dos *Tupys*, bons nadadores, *não acostumados a pelejar no mato, mas em campo descoberto.*»<sup>2</sup>

Impellidos igualmente do certão, vierão os *Papanazes*, que se batião com os *Tupin-ikins* de Porto-Seguro e *Goiatakases* de Espirito-Santo, aos ultimos dos quaes se prendião pela semilhaça dos costumes, como pela estructura de sua denominação.<sup>3</sup>

Outros semelhantes aos *Goiatakases* e *Papanazes*, pela singularidade de não saberem combater senão no campo, fallando tambem lingoagem differente da geral, tambem descidos do certão e igualmente *Tapuyas* se

<sup>1</sup> *Noticias curiosas e necessarias.*

<sup>2</sup> Laet. «Os *Goiatakases* amão os campos; tão vivos e ligeiros que apanhão feras na carreira—chamados tambem *Wailaynases*. De grande estatura, combatem homens e mulheres, sem paz com nenhuma outra nação, e igualmente inimigo de todas.»—Not. do Brazil. «Tem côr mais branca, differente lingoagem, e são mui barbaros. Não grangeam muita lavoura de mantimentos, plantão legumes de que se mantêm, e da caça que matão a frechadas, porque são grandes frecheiros. Não pelejão no mato, mas no campo; não dormem em redes, mas no chão.» Chegavão até a Bahia Formosa, ou Cabo-Frio.

<sup>3</sup> Ficavão os *Papanazes* entre Porto-Seguro e Espirito-Santo; entre os *Tupin-ikins* e *Goiatakases*. «Dormem no chão sobre folhas: não tem grandes lavouras, mantem-se de caça e peixe,—são grandes frecheiros.»

estendião desde Angra dos Reis até Cananéa. <sup>1</sup> São os *Goyanazes* (e o índio *Goiá*, habitante de Goyaz, parece ter sido o seu tronco. <sup>2</sup>) O facto de não saberem pelejar no mato, mas só no campo, como acontecia com os *Goiatakazes* parece dar-lhes uma origem commum, e faz suppor que umas e outras destas tribus, viverão por longo tempo em sitios semilhanes. Convem notar todavia que os *Tapuyas* educados nas florestas e habituados com ellas, tem incomparavelmente mais certeza no tiro, quando frechão por elevação.

Poder-se-hia imaginar que o contacto dos Europeus com as tribus do litoral, enfraquecendo-as e tendo-lhes feito perder parte de seus brios,—ou que o seu envilecimento, depois de sujeitos ao jugo do captivo, que ainda então se difarçava sob o traçoeiro aspecto de amidades e alianças, havião aconselhado aos homens do interior a descerem sobre elles e a tomarem vingança dos seus passados revêzes. Virião com o instinto das aves carniceiras, que farejam a carnificina, e vem de muitas legoas distantes, cevar o seu bruto appetite. Poder-se-hia imaginar isto, se bom numero das

---

<sup>1</sup> Os *Waianazes* (escreve Laet) occupão a ilha Grande. São medrosos, pequenos, barrigudos, de pés chatos. Homens e mulheres deixão crescer o cabello. Acha este autor e com razão que os *Puris* do interior são semilhanes aos *Waianazes*. Defendem-se da chuva com ramos de arvores entrelaçados e cobertos de palmas.

<sup>2</sup> Villa Boa de Goyaz é a capital de toda a capitania, e assim chamada do nome de Buco seu descobridor e da nação *Goiá*. Memoria sobre a capitania de Goyaz. T. 5. n.º 16 pag. 476. *Revista Trimensal*.

tribus, de que neste capitulo nos temos occupado, se não achasse acampado á beira mar talvez desde antes do descobrimento do Brazil, e com certesa antes da formação dos primeiros estabelecimentos portuguezes. Nesta data comtudo era fresca a lembrança da invasão: o encárnicação da luta,—o impeto do ataque, a ferocidade das represalias provão que a conquista ainda se não havia consolidado, e que,—pelo contrario—o campo era energeticamente disputado. Ainda mais—novas levas de homens se succedião, como que não tinham relações entre si, nem que as guiasse o mesmo pensamento combatião-se reciproca e indistinctamente onde quer que se encontravão. Era portanto que os fragmentos das tribus primitivas repellido pelos indios conquistadores—tinhão tido tempo de prosperar e de multiplicar-se no certão; e conhecendo por fim a superioridade de seu numero e de suas forças—já chegavão a duvida de que em algum tempo houvessem sido vencidos,—e vinhão de novo experimentar as forças, e pleitear a posse do torrão mais abundante lavado pelo Oceano. Havião porém vivido em paragens differentes, e por tanto tempo, que se podião considerar como estranhos: daqui vem que se combatião sem attenção á identidade de origem: daqui vem tambem que se differençavão até na arte essencial da vida selvatica, não sabendo uns frechar senão por elevação, e outros só horisontalmente.

Grandes e poderosas deverão ter sido as massas que romperão o cordão formado pelos *Tupys*, e como

um corpo estranho se havião encravado entre elles não somente separando uma tribu das outras, mas até cortando-a em duas e mais partes a mesma tribu e a mesma gente. Assim em differentes pontos encontramos os *Tobajáras*, os *Tupinambás*, os *Tupin-ikins*, já em communicação entrè si que lhes interceptavão seus contrarios. Mas este reflexo, este contramovimento da população estava bem longe de ter esgotado as matas.

No interior abundavão os *Tapuyas*: as planicies de Minas e Goyaz, as brenhas do Piahy e Matto-Grosso —os grandes rios como o Amazonas, Parnahiba e São Francisco e as montanhas do Ceará e Bahía, continhão um numero destes hospedes que mal podião alimentar. Alli se havião propagado no silencio e mysterio das florestas, perdendo inteiramente a sua primitiva língoa-gem, modificando-a de mil maneiras, e esquecendo as suas artes, os seus costumes, e a sua propria religião. Ferozes como as feras entre as quaes habitavão, ião creando poder e forças em uma vida toda de luta e de privações; e parecerião tremendos aos guerreiros—e barbaros aos mesmos selvagens. Estes são os *Amyorés* ou *Aimburés*<sup>1</sup>. que se achavão espalhados por quasi

<sup>1</sup> Do botoque que usão, o qual na sua língoa se chama *emburé*. Querem uns que *emburé* seja o nome de barrigudo—bom-bax ventricosa, e o nosso distincto consocio o Sr. Capanema, se persuade que seja antes derivado da parasita aroidea de raizes aerias, chamada *imbá* ou *imbé*.—Dos que antigamente devastarão os ilheos ha alguns velhos sob o nome de *Guerens*, que vivem nas margens do Itaypé ou Taipé. Diz-se que se chamão a si proprios.» *Endgereckmung* habitavão outr'ora, entre 13 e 19 1/2 gr. entre os Rios Pardo e Doce. M. Newied diz que anteriormente chegavão até aos 23 gr.

todo o certão, onde erão e são ainda conhecidos sob diversos nomes. A mesma diversidade e multiplicidade de denominações, que se dão a si ou pelas quaes são conhecidos entre os outros, é a melhor prova da grandê extensão da sua tribu. *Crecman* ou *Cracmun* erão chamados em Minas; era tambem o nome que se davão a si proprios, e porque forão mais geralmente conhecidos. *Endgereckmung* no Rio Doce, *Guerens* em alguns lugares da Bahia e ainda hoje em *Itaipé*, palavra aquella que será o mesmo que *Woyen*, que na língoa *kiriri* quer dizer *Tapuyas bravos*, ou inimigos barbaros. <sup>1</sup> Eschwege os denomina *Arari*, os mesmos talvez que os portuguezes chamáram *kiriri*. Os *Malalis* davão-lhes o nome de *Opcosek* que significa orelha comprida,--os *Patachós* de *namperuk*, e os *Machacalis* de *mavon*. Para o norte vão tomando differentes denominações: são os *Xameckrans*, *Pomekrans* e *Craugés* do Maranhão, os *Timbyras* do Pará. São ainda os *Guaimurés* de Laet, os *Botocudos* e *Gamellas*, nome que se lhes deo por causa do ornato selvagem que elles levavão a uma exaggeração extraordinaria.

Quanto á origem dos *Aymorés* dizem os chronistas que, vencidos os *Tapuyas*, alguns casaes fugirão para umas serras muito altas dos Ilheos, chamados depois dos *Amoyrés*, onde por muitos annos viverão sem relação nem communicação com outra nação alguma de

---

<sup>1</sup> Grammat da língoa Kiriri do padre Mamiani.

selvagens; e neste isolamento perderão a linguagem, formando uma outra nova, que não era entendida por nenhuma outra. São mais altos que os *Tupys*, mais claros e mais robustos e forçosos. Delles dizem os escriptores contemporaneos, que erão atrevidos e ageis, de grande estatura, duros e endurecidos nos trabalhos. Não tem aldeias, nem çasas: dormem no chão, e se chove, encostão-se aos troncos das arvores, e com palmas engenhão um abrigo para os resguardar. Alimentão-se de fructos silvestres, pois não tem lavoura, ou da caça que comem crua, ou mal assada quando acaso tem fogo. Vivem de saltos e rapinas, devastando tudo por onde passão, nunca porêm juntos em grande numero, a que se oppunha a vida de caçador profundamente enraizada em seos habitos. Sahem porêm aos magotes de 20 a 50; não pelejão de rosto a rosto, mas à traição; se vencidos debandão-se, mas em quanto os acoção e perseguem; concertão-se de novo por detraz de seos perseguidores, e os atacão de improviso. Não sabião nadar quando descerão das serras, e por tanto bastava para estar a salvo delles, que qualquer rio passasse de permeio, ainda que para o atravessarem ião buscar o váo muitas legoas acima. A necessidade porêm, essa dura mãe da educação do homem selvagem, em pouco tempo os acostmhou a vencer estes obstaculos: começarão a fabricar canôas apenas se estabelecerão nas margens dos rios, e segundo referem os viajantes modernos, já desapareceo essa differença que entre elles e os *Tupys* se notava nos primeiros

tempos. Armados segundo as suas forças <sup>1</sup> os seus arcos são compridos e pesados, e as flechas proporcionadas aos arcos; se não pelejavão em campo, o contrario neste ponto dos *Goiatakases*, não penso que fosse por falta de coragem; mas porque, pelo habito de atirarem por elevação ou visando para cima quando se achavão em planicie, tornavão-se inferiores a outros menos fortes e talvez menos dextros que elles, porém habituados a combaterem em campo plano e a atirarem em linha horisontal. Grande era a sua ferocidade, e perdendo o sentimento de nobreza que os *Tupys* manifestavão, considerando a profissão das armas como attributo de virilidade, consentião que as suas mulheres tomassem parte nos combates, e que com uns páos grossos de que se servião á maneira de massas, ajudassem a matar os seus contrarios, quando para isso se lhes offerecia occasião. Diferençavão-se dos *Tupys* quanto aos caracteres physicos, por serem, como já disse, mais altos e mais claros; no moral em não terem quasi ideia alguma de religião, mais ferozes que os outros, golosos da carne humana, <sup>2</sup> não sacrificavão os prisioneiros, pois não observavão solemnidade alguma; mas assassinavão-n'os sem piedade apanhando-os as mais das vezes desprevenidos. Quanto a industria differençavão-se em não terem casas,

---

<sup>1</sup> Magalhães Gandavo.

<sup>2</sup> Diz a *Nôtiçia do Brazil* que os *Aymorés* são anthropophagos, não tanto por vingança, como por gosto e amor da carne humana.

nem aldeias, nem lavouras, chegando a comerem cruas carnes e raizes: nos costumes por fim em combaterem homens e mulheres promiscuamente.

As noticias colhidas por Southey, diz o principe de Newied, provão que elles forão sempre considerados como os mais ferozes, os mais grosseiros, e os mais temiveis dos *Tapuyas*, opinião que ainda hoje prevalece em toda a sua força. A natureza, continúa o mesmo escriptor, dotou-os de um aspecto vantajoso; porque são mais bemfeitos e mais bellos que o resto dos *Tapuyas* geralmente de mediana estatura, ainda que alguns sejam muito altos, e cheios de corpo, robustos, musculosos, ordinariamente com peitos e espaldas largas, e todavia bem proporcionados. Tem os pés e as mãos pequenos, feições bem caracterisadas,—as maçãs do rosto largas, e o rosto achatado, mas quasi sempre regular. Os olhos pela maior parte pequenos, outros os tem grandes; mas geralmente negros e vivos; alguns os tem azues, o que elles considerão distinctivos da belleza. Labios e nariz grossos; mas este ligeiramente curvo e curto, e as mais das vezes com as ventas largas. A inclinação da fronte para trás nem sempre é um caracteristico muito seguro.—A côr avermelhada, mais clara em uns, mais carregada n'outros e em alguns quasi completamente branca, com uma leve vermelhidão no rosto; tem os cabellos negros como carvão, duros, corredios, raros pellos no resto do corpo, mas geralmente asperos.

Os *Botocudos* furão o lobinho da orelha e o labio

inferior, engastando alli placas cylindricas de madeira leve, e depois maiores, e ainda maiores até alcançarem um espantoso desenvolvimento, chegando a ser conhecidos de algumas nações por esta singularidade. Os *Malalis*, dissemos, chamão-n'os — orelhas compridas — e os portuguezes *Gamellas* ou *Botocudos*.

Algumas outras tribus desta familia tem sido estudadas nestes ultimos tempos; e com quanto o correr do tempo e a distancia em que se achão umas de outras tenham introduzido entre ellas differenças assás notaveis tanto no physico, como no moral, percebe-se coratudo que deverião ter tido a mesma origem. Taes são os *Machacalis*, os *Patachós*, os *Puris*, os *Camacans-Mongoios* e outros.

Segundo M. Newied, os *Machacalis*, *Patachós* e *Puris* são muito semelhantes, ainda que deffiram levemente a alguns respeitoes. Todos elles são errantes; mas os *Patachós* fallam um dialecto differente, o qual comtudo apresenta certa affinidade com os dos outros; são mais altos que aquelles, os quaes apezar disso se fazem notados entre os selvagens pela maior estatura. Os *Patachós* não desfiguram o rosto; <sup>1</sup> deixam crescer naturalmente o cabello, aparando-o apenas na nuca e sobre os olhos; — outros o cortão todo, deixando apenas um topete na frente e um mólio atraz. Entre elles, as mulheres não se pintão, e andão inteiramente n'as. Em vez de cabanas, usão de ramos fincados na terra, do-

---

<sup>1</sup> Newied T. 2 pag. 52.

brados e ligados no alto e cobertos com folhas de coqueiro. Junto de cada uma destas habitações ha um banco que consiste em quatro estacas ponteagudas fincadas no chão, e rematadas em forquilhas, sobre as quaes collocão quatro páos, que sustentão uma ordem de outros transversaes. É nisto em que assão a caça.

As armas são quasi as mesmas que as dos outros *Tapuyas*, ainda que os arcos sejam maiores, sendo o seo comprimento ordinario de 9 palmos e 9  $\frac{1}{2}$  polegadas, medida inglesa. As frechas são bastante curtas, ainda que para a guerra é de suppôr que as usassem de maiores dimensões. A parte inferior se adorna com pennas de arára, de mutúm ou de aves de rapina: a ponta é feita de taquarussú ou de ubá. Como os *Tupys*, ligão tambem as partes sexuaes e usão para isso de uma planta sarmentosa.

Os *Machacalis* tem as mesmas especies de arcos e frechas que os *Botocudos*; mas o liastil da frecha prolonga-se além das pennas. Parecem-se com os *Patachós* na estructura do corpo: são altos, robustos, espadaúdos: constroem cabanas da mesma maneira, e ligão com elles as partes sexuaes. Differem porém muito na linguagem.

Os *Camacans-Mongois* um pouco mais alto collocados do que os *Botocudos* e *Patachós* na escala da civilisação, assemelhão-se particularmente aos *Goiatakases*. Andão nus, e apenas cobriam-se da *tacanhóba*, que fazem de issara, a cujo ornato dão o nome de *hynayka*. São de estatura media, bem constituídos, bem feitos, muscu-

losos e robustos, fazendo-se conhecidos mesmo em distancia pelos cabellos crescidos, que é entre elles signal de liberdade. Pintão-se de urucú e genipapo, e não dormem em redes. Tem mais industria que o geral dos *Tapuyas*: o arco é forte, feito de baraúna; de côr preta carregada, pollido e melhor trabalhado que o dos outros; é de comprimento maior que um homem, elastico e muito vigoroso. Dão-lhe o nome de *cuang*. As flechas, que são muito mimosas, chamão *hoay*, de que tem as mesmas tres especies que os *Machacalis*. São armas tão bem trabalhadas, que pela delicadesa e elegancia do ornato admirão que tenham salido de mãos tão grosseiras e com tão má ferramenta. Nas solemnidades os homens desta tribu trazem um diadema feito de pennas de papagaio com algumas de jurú no cimo, no meio das quaes se elevão duas maiores da cauda da arára.

Os *Coroados*, descendentes dos *Goiatakases*, combatião tambem no campo, no principio trazião o cabello todo crescido; mas obrigados a refugiarem-se nas matas, tiveram de o cortar para se não verem embaraçados em suas marchas—e com a perda deste costume, enfraqueceo-se sem duvida o sentimento da liberdade, que entre elles como entre os *Franco*s a cabelleira symbolisava. Sem querermos entrar em outras particularidades, adoptamos a opinião de Newied de como os *Machacalis*, *Mucuris* e *Puris* deverão ter tido á mesma origem.

Reservando para o proximo capitulo tratar dos ca-

racteres de alguns dos principaes *Tapuyas*, convem que registremos um facto.

Os *Tapuyas* mais bem estudados nos primeiros tempos forão os *Aymorés*, e estes, quando foi da conquista e estabelecimento dos portuguezes no Brasil, distinguão-se principalmente dos *Tupys* em terem a côr mais clara, e mais elevada a estatura. O primeiro destes caracteres acharia uma explicação natural, segundo o pensar dos naturalistas do seculo passado, em terem estes povos habitado por lãrgos annos as florestas. Ainda no tempo de Volney <sup>1</sup> se acreditava que as partes do corpo que os americanos usavão trazer cobertas, erão mais claras que as que sempre andavão expostas ao ar. Newied porém acredita que as diferentes tribus da America tanto se podem distinguir por outros caracteres, como pela coloração da pelle. Varião estes caracteres, accrescenta elle <sup>2</sup>, mas são variações constantes, que estabelecem certa communhão entre os individuos da mesma tribu. Não obstante isto, este mesmo escriptor em outra passagem de sua obra, dá estes dous caracteres da estatura mais elevada, e côr mais clara dos *Tapuyas* como uma excepção, confessando que entre os individuos da mesma tribu varia-vão consideravelmente o tamanho, e a intensidade da côr da pelle. Tanta era a alteração que estes caracteres tinham soffrido desde os primeiros tempos do descobrimento.

---

<sup>1</sup> Volney. pag. 453.

<sup>2</sup> Newied.

Posto isto, e o argumento do presente para o passado, e do physico para o moral, concluimos que assim como se modificou o *Aymoré*, em contacto com os *Tupis* e com os Europeos,—assim tambem os *Goiatakases*, os *Goianases* e outros desta denominação podião ter modificado os seus costumes, com grave alteração no seo estado moral. Tanto esforço e tempo deverião ter sido consumidos pelos *Puris* antes de chegarem a perder o costume de mutilarem o rosto, que era a seo modo no que consistia o bello physico;—quanto pelos *Goiatakazes*,<sup>1</sup> até que perdessem o habito de anthropophagia, couzas ambas que a bravura e galhardia militar lhes aconselhava. Assim tambem o cabello, que, quando crescido era por elles considerado como um signal de liberdade—foi cortado pelos seus descendentes, os *Coroados*, apenas entrarão nas florestas, como se aquelle sentimento se fosse tornando menos vivo.

Destas differenças moraes e physicas que se observão em raças a que a tradição dá uma origem commum, concluem uns com alguma verisimilhança que ha uma sub-raça, produzida pelas duas, mas de certo modo differente de ambas. Admittida esta ideia será preciso considerarmos os *Goiatakazes*, aos quaes se prendem os *Mucuris*, *Machacalis*, *Puris*, *Patachós* e *Coroados* como aquelles d'onde começou a mesclã. Forão os primeiros a combater e por tanto a misturar-se aos *Tupys*

---

<sup>1</sup> São inimigos da carne humana. Não matão os que captivão. *N. do Brazil.*

e no tempo da descoberta do Brazil, differençavão-se dos *Aymorés* e seus confinantes por traços moraes distinctos, e costumes bem caracteristicos.

Os *Goiatakazes* tinhão muito aprendido com os *Tupys*, no meio dos quaes moravão: já ião apresentando alguma industria, fazião algumas plantações, e enter-ravão os seus mortos do mesmo modo que aquelles;— usavão de ornatos parecidos com os dos selvagens de Cayenna; (e de certo tomados dos *Tupys*) e sujeitos a condições mais favoraveis de existencia havião perdido a rudesza e ferocidade, que distinguião os de sua tribu.

Concluimos.

Os *Tapuyas* differem dos *Tupys* em pertencerem a raça *mongol*,<sup>1</sup> em quanto estes offerecem analogias com alguns dos ramos da raça caucasica.

Em terem lingoagem diferente, diversissima, em quanto os *Tupis* usavão da geral.

Em serem povos errantes, sem casas, nem lavou-ras,—emquanto os outros tinhão casas e aldeias, e colhião da agricultura os principaes generos de que se alimentavão.

Os *Tupys* habitavão pela maior parte o litoral e as margens dos grandes rios, ainda que alguns *tapuyas* já lhes disputassem uma parte muito diminuta destes dominios: na Bahia e Pernambuco o paiz contiguo ao litoral era ainda occupado por *Tupys*; mas o certão era habitado pelos *tapuyas*.

---

<sup>1</sup> Spix et Martius.

Ainda uma outra differença—e é que enquanto os *Tupys* sacrificavão os prisioneiros por amor de vingança, e porque ia nisso a sua gloria,—os *Tapuyas* o fazião de barbaros e por amor e golodicê da carne humana. Esta distincção que achamos indicada nos escriptores (?) parecerá por demais subtil, mas trazia bem notaveis resultados.

«Contava um padre de nossa Companhia (diz Vasconcellos), grande lingua brasilico, que penetrando uma vez o sertão chegando a certa aldêa, achou uma india velhissima no ultimo da vida; catechizou-a n'aquelle extremo, ensinou-lhe as couzas da fê, e fez cumpridamente seu officio. Depois de haver-se cansado em cousas de tanta importancia, attendendo á sua fraqueza, e fastio, lhe disse (fallando a modo seu da terra): Minha avó (assim chamam ás que são muito velhas) se eu vos déra agora um pequeno de assucar ou outro bocado de conforto de lá das nossas partes do mar, não o comerieis? Respondeu a velha, catechizada já: Men neto, nenhuma cousa da vida desejo, tudo já me aborrece; só uma couza me pudera abrir agora o fastio: se eu tivera uma mãozinha de um rapaz *Tapuyá* de pouca idade, tenri-ñha; e lhe chupára aquelles ossinhos, então me parece tomára algum alento: porém eu (coitada de mim) não tenho quem me vá frechar um d'estes.»

## CAPITULO IV.

### Costumes e artes dos Tapuyas.

Enganados pelas semilhanças physicas e moraes que se observão entre os *Tupys* e os *Tapuyas*, alguns escriptores não virão nelles senão homens da mesma familia, que, dispersos pelas florestas, tomarão um dialecto que não era comprehendido por nenhuma outra nação. Por isso D'Orbigni os confunde, julgando-os a todos da mesma raça, a que denomina «*Brasilio Guaraniense*.» Todavia entre uns e outros observamos qualidades tão caracteristicas no seo modo de vida e nos seus costumes, que nos não é permittido confundil-os, ainda que tenham muitos pontos de contacto com todos os mais selvagens. Mas, se como diz um escriptor, as differentes tribus de indios podem ser differenciadas, pelos diversos modos de tonsura, com mais razão o poderemos fazer pela dissemilhança da physiono-

mia e da cor do rosto, pela diversidade das linguas e dos costumes, e emfim pela antipathia invencivel que os separava.

Como entre os *Tapuyas* forão os *Aymorés* os primeiros conhecidos como taes, por elles começaremos a nossa descripção.

São os *Aymorés* mais claros que o outro gentio, comquanto alguns autores lhes neguem esta particularidade, e outros o queirão attribuir á sombra das florestas, que os resguardarião dos raios do sol. Observamos porém que entre todos os *Tapuyas* do certão da Bahia, e entre os mais affastados para a parte do norte, a côr é geralmente mais clara. Os *Pomeckrans* e *Cranger* das margens por alguns que vi, e segundo as noticias que pude obter de pessoas que os frequentarão, são absolutamente brancos, e até entre alguns passão os olhos de côr azul como signal de bellésa.

Não tinhão casas nem aldeias comquanto algumas vezes engenhassem seus tugurios encostando alguns ramos aos troncos das arvores para se resguardarem da chuva. Ora, sem habitações não podião ser—nem erão agricultores. Ao passo que os *Tupys* tinhão em todas as partes, onde forão encontrados, abundancia de mantimentos até para negociarem com os forasteiros que os visitavão, os *Tapuyas* vivião quasi exclusivamente da caça ou nos intervallos de suas correrias fazião plantações de milho tão mesquinhas, que, como ainda hoje praticão, consumião em um só dia a colheita de todo um anno.

Mais barbaros que o outro gentio, traioeiros, incapazes de combater em campo descoberto, ou de atravessarem um rio, tiravão toda a selvagem grandeza ao sacrificio dos prisioneiros, uzando do seu triumpho como feras, que espedaçassem a sua preza, porque não o matavão por amor de uma solemnidade terrivel; mas para mera satisfação de um appetite depravado e brutal.

Lê-se no «*Summario das viagens de Americo Vespucio,*» que elle por espaço de uns 27 dias, estivera em uma cidade (da America) onde as carnes humanas, depois de salgadas, se expunhão á venda penduradas a traves como uzão os Europeos fazer com as de animaes nos seos açougues.

Esta fabula, que é uma recordação sem poesia dos contos orientaes, não pôde ter voga, nem mesmo em um seculo no qual muitas vezes o maravilhoso se transformava em verdadeiro. Os *Tapuyas* não tinham aldeias, e os *Tupys* mesmo nem ideia terião do que seria um mercado: uns e outros não empregavão o sal. Mas se tal conto devesse ser applicado a alguém era aos *Tapuyas*, e entre estes aos *Aymorés*.

Entrincheirados nas florestas e quasi invenciveis pelo seu modo de guerra, guardavão ciosamente os seos dominios como o seu ultimo refugio, regeitando toda a communicacão com os forasteiros e estranhos, de modo que os guerreiros do litoral, não por temor dos ursos e leões, que segundo Vespucio <sup>1</sup> abundavão nestas par-

---

<sup>1</sup> *Summario citado.*

tes, mas por prudencia e para não servirem de pasto a seos inimigos, se absterião de penetrar no certão.

Não se pode numerar nem comprehender (diz Pero de Magalhães) a multidão de barbaro gentio, que semeou a natureza por toda esta terra do Brazil; porque ninguem pode pelo certão dentro caminhar seguro, nem passar por terra onde não ache povoações de indios armados contra todas as nações humanas, e assim como são muitos, permittio Deos que fossem contrarios uns aos outros, e que houvesse entré elles grandes odios e discordias; porque se assim não fosse, os portuguezes não poderião viver na terra, nem seria possível conquistar tamanho poder de gente.»<sup>1</sup>

Para os definir em poucas palavras aproveitar-nos-hemos ainda de um trecho do mesmo autor,<sup>2</sup> com quanto nem todas as suas asserções nos pareçam de summa exactidão.

«A lingua delles (*Aymorés*) é differente da dos outros indios—ninguem os entende; são elles tão altos e tão largos de corpo, que quasi parecem gigantes; são muito alvos, não tem parecer dos outros indios da terra, nem tem casas, nem povoações onde morem—vivem entre os matos como brutos animaes, são muito forçosos em extremo; fazem uns arcos mui compridos e grossos, conforme as suas forças, e as frechas da mesma maneira. Não pelejão em campo, nem tem animo

---

<sup>1</sup> *Trat. da terra do Bras.*—Not. T. 4 cap. 7 pag. 201.

<sup>2</sup> *Ob. cit.* cap. 5 pag. 192.

para isso, põe-se entre o mato, junto de algum caminho, e tanto que passa alguém, atirão-lhe ao coração, ou a parte onde o matem, e não despedem frecha que não n'a empreguem. Finalmente que não tem rosto direito a niuguem, só a traição fazem das suas. As mulheres trazem uns páos tostados com que pelejão. Estes indios não vivem senão pela frecha; seo mantimento é caça, bixo e carne humana: fazem fogo de baixo do chão para não serem sentidos, nem saber-se onde andão.»

Já dissemos como nenhuma outra nação gosava de tamanha e tão má reputação, e que tambem de nenhuma outra se teve tanto conhecimento; era a tribu que contava maior numero de denominações e isto é a prova da sua extensão e importancia.

No estado de rudesza em que forão encontrados os *Tapuyas*, como erão os *Amoyrés* e *Botocudos*, repugnavão os autores conceder-lhes sentimentos religiosos. Negavão-lhes a ideia de uma divindade, como se podesse haver alma sem um vislumbre, embora offuscado, embora affogado pela superstição, sem conhecimento ou noção de um ser desconhecido, mas de natureza superior á humana. Newied porém escreve que quando os estudou, elles tinham certo numero de opiniões sobre os espiritos, posto que extravagantes. Destes veneravão somente os máos que na sua ideia erão os que tinham poder para fazer o mal, e consequentemente tanto maior era o culto que lhes tributavão, quanto maior fosse a malvadesa de que os sup-

punhão possuidos. Conhecião duas especies de espiritos máos, que os atormentavão, aos quaes davão o nome generico de *Janchon*. Subdividião-nos em grandes e pequenos, e os designavão com os termos correspondentes na sua lingua—*gipakiru* e *cidgi*. Quando o grande diabo se mostra, ou passa por entre as cabanas, não evitão a morte os que o vêem; se é rara a apparição deste mão espirito, bem semelhante ao *Aynhan*, *Anhanga* ou *Anhangá* dos *Tupys*, é sempre ominosa e para muitos funestã. Com receio d'elle, os *Tapuyas* temem passar a noite nas florestas, nem a isso se decidem de bom grado, e quando o fazem, preferem ter companhia.—O temor de *Anhangá* era tão geral e tão forte entre os *Tupys*, que atravez do tempo e das gerações communicou-se á raça mixta, que tem sangue Europeo. Não era pois de admirar que a transmittissem aos *Botocudos* bem que o culto de seus malficos pareça da indole de todos os povos selvagens. Acontece algumas vezes nas margens do Amazonas, mas algum tanto arredado do litoral, ouvir-se ao longe um arruido que se vai aproximando e tornando cada vez mais forte, que depois passa, enfraquece e se perde para voltar algumas horas depois percorrendo o mesmo caminho, em sentido inverso.

É o som do vento na folhagem que refresca com o correr da noite, ou algum fenomeno, que terá facil explicação quando for melhor observado. Os indios o attribuem a uma causa sobrenatural. É o espirito do mal em suas correrias mysteriosas,—o *anhangá* que

vai exercer o seu terrível póder. Contão elles como na passagem deste espirito invisivel as arvores se estorcem e revolvem, que as feras e as serpentes perdem a sua ferocidade, e mil prodigios que só interessão ouvidos da boca dos que nelles acreditão. O caçador, o viandante extraviado, o imprudente que pernoitou no despovoado, cheios de assombro e de pasmo dizem ter encontrado o *Anhangá* nas florestas.

Nestas raças, diz Newied <sup>1</sup> o carácter moral pouco differê.—Os *Tapuyas* são dominados pela mais grosseira sensualidade, ainda que dêem ás vezes provas de um juizo são e penetrante. Nas selvas a qualidade que em mais alto gráo manifestão é a da imitação. Os gritos e gestos dos animaes, o canto das aves, o sibilo dos ventos, e até o rugido das folhas—nada lhes escapa. É o meio comesinho por que attrahem aves e animaes ao alcance do seu arco, o signal de que se servem uns para com outros, e pelo qual se correspondem em suas marchas. Entre os brancos é ainda este o seo mais eminente talento. Imitão o que vêem, acrescenta Nêwied, reproduzem todos os gestos de uma maneira tão comica que não é possivel haver equivoco na sua pantomima. Por esta razão, facilmente comprehendem as artes de recreio, e as que requerem destresa e agilidade—taes como a musica e a dança. Mas não sendo guiados por principios moraes, nem se achando retidos pela luz nos limites da ordem social,—es-

---

<sup>1</sup> Tom. 2.º, pag. 228.

ses homens grosseiros, seguem o declive do instincto e dos sentidos como o jaguar das florestas. As explosões desenfreadas de suas paixões ferozes, sobre tudo da vingança e do ciúme, são entre elles tanto mais terribes, quanto são vivas e mesmo subitas. Todavia diferem muitas vezes a satisfação da sua paixão até a epocha favoravel para soltarem as redeas á vingança, porque o selvagem é naturalmente vingativo, e já não é pequena fortuna quando não paga mais do que deve; impetuosos nos accessos de cholera, a menor offensa os irrita. Correspondem porém com bondade e até com dedicação ás mostras de franqueza e benevolencia que lhes dão; não se esquecem facilmente do bom tratamento que recebem, e é esta uma das virtudes do homem da natureza não corrompida. Mas apesar d'estes rasgos de boa indole, é sempre perigoso achar-se em suas florestas com os melhores de entre elles; porque nenhuma lei nem interior, nem exterior impede que o mais leve incidente lhes inspire disposições hostis.

Ainda que não levem a indolencia a tão alto gráo<sup>1</sup> como diz Azara que é levada entre os *Guaranis*, a preguiça é um dos seus caracteristicos. O *Botocudo* fica inactivo dentro da sua cabana até que a necessidade de comer o force á sahir della; porem mesmo assim obra sempre o menos que póde, e exerce em toda a extensão o direito do mais forte, porque obriga as suas mulheres e fillos á maior parte dos trabalhos.

---

<sup>1</sup> São alegres, galhofeiros e fallão com prazer. *Newied*, T. 2º, pag. 60.

Mostrão-se algumas vezes piedosos com os velhos e enfermos—e tem sido vistos tratando com desvelada attenção os paes enfermos, sem nunca os abandonarem. Um chefe <sup>1</sup> mostrou grande alegria vendo um filho de dezoito annos, que tinha estado por muito tempo entre os Portuguezes. Ha quem em semelhantes occasiões os tenha visto chorar.

Vejamos agora quaes são as relações dos *Botocudos* com os membros da sua familia. As mulheres obedecem servilmente aos maridos. Cobertas de numerosas cicatrizes, indício de quanto tem a temer de uma cholera que facilmente se inflamma,—o maior peso da vida carrega sobre ellas: tudo quanto não diz respeito á guerra ou á caça é da sua competencia: constroem cabanas, procurão fructos para o seu sustento, vão buscar agua e lenha, preparão a caça, fazem linhas de pescar, tecem cordas.<sup>2</sup> Nas marchas caminhão carregadas com o seo trem domestico, e com os filhos pequenos em quanto os maridos vão orgulhosamente na frente só com o arco e frechas na mão. Em algumas tribus porém não são comparativamente tão infelizes. Os *Camcans*, por exemplo, ainda que as tratem com certa rudeza não lhes batem nunca.

Passemos aos filhos.

---

<sup>1</sup> *Newied*.

<sup>2</sup> Sabião tecer cordas muito fortes, das folhas da especie de bromelia caragatú ou gravatá que elles chamam *orotionarik*, de embira branca, do pão de estopa, do barrigudo, da sapucaya, etc.

Não procuremos, diz um autor moderno, nos homens da natureza as doces commoções, os sentimentos brandos e ternos que são o producto da civilização e da educação; mas não julguemos que a prerogativa pela qual a natureza distinguio o homem do bruto, possa ser inteiramente abafada no selvagem. Amão os filhos enquanto pequenos e tem delles grande cuidado, tratão-n'os com bondade, e raras vezes os castigão, quando maiores. O menino *botocudo*, que algumas vezes é galante, arrasta-se pela areia, até que a idade lhe permita entesar um pequeno arco. Assim vão desenvolvendo as forças e exercitando-se no manejo das armas. Os pais os acoroçoão e dirigem algumas vezes, e assim fazem tão rapido progresso que aos 14 ou 15 annos já podem acompanhar os pais na caça. Educados por esta forma, o amor de um viver selvagem, grosseiro e independente se grava profundamente no seo espirito desde a mais tenra idade por todos os annos da sua existencia. Os selvagens tirados do seu estado, supportão por algum tempo a sociedade; mas suspirão sempre pelo lugar do seu nascimento, e fogem quando os seus desejos não são attendidos. Mas quem desconhece o poderoso atractivo do solo patrio, e do primeiro modo de vida?

Os *Botocudos*, se é preciso, supportão a fome por muito tempo; mas comem depois immoderadamente: a sua principal necessidade é a nutrição—comem pois com avidez, e durante a comida são surdos e mudos para tudo o mais. Gostão de larvas de insectos, e so-

bremodo da carne de macaco: nem conhecem limites ao apetite, comem tudo do tapy até a pelle, exceptuando apenas os ossos mais duros. Se se lhes enche a barriga, tem-se com isso empregado o meio mais seguro de lhes ganhar a vontade,—e se a isso se accrescentar algum mimo, estarão promptos para o que se quiser.

A mutilação do labio inferior e orelhas é geral nelles. É costume, diz M. Newied, que encontramos em todos os selvagens de todas as partes do globo, furem o labio inferior e orelhas, e ornarem esta fenda a seo modo; mas na America Meridional achão-se os modos mais extravagantes, e entre elles os *Botocudos* se distinguem pela exageração. *Azara* entre os do Paraguay observou fendas de duas polegadas, enquanto nos de Belmonte Newied medio algumas que tinham quatro polegadas e quatro linhas, medida inglesa. A vontade do pae determina a epoca de dar ao filho este singular ornato, mas tem isso logar aos 8, 7 annos <sup>1</sup> talvez mais cedo. Estendem o labio inferior e o lobo das orelhas, collocão roletes de páos, depois maiores e ainda maiores até que acabão por dar ás orelhas e labios uma extensão prodigiosa.

Posto que estas placas sejam leves, pois são communmente feitas de barrigudo, fazem pender os labios

---

<sup>1</sup> Pueris anno setimo aut octavo auriculas perforant uti et inferium labium supra mentum: atunt se hac cerimonia illos demum in hominum numero ascicere.» «*Quaedam a Tapuys ab E. Herckmanus.*»

dos velhos, enquanto os dos moços se sustentão em uma posição horisontal ou pouco arrebitada. <sup>1</sup>

Os portuguezes, como já dissemos, differençaõ estes dos outros selvagens por este costume; mas assim como os appellidão *Botocudos*—os *Malatis* os chamão *orelha comprida*. E todavia estão elles longe de serem os unicos que usem de tal mutilação. Em muitas tribus da America reina o costume de se furarem o labio inferior. Os *Tupinambás* trazião nelles ossos e nephrites verde—*Azara* diç que os do Paraguay tinhão o mesmo uso e assim tambem os *Charruas*. La Condamine <sup>2</sup> vio no Amasonas selvagens com os lobos das orelhas de uma extensão prodigiosa. Ainda entre os *Caraibas* se observou o mesmo costume. Todavia distinguem-se os *Botocudos* pela exaggeração e diformidade de semilhante extravagancia. Diz Laet que os vio com 7 e 8 buracos nas faces: as mulheres mesmas nestas tribus se não eximião de tal costume, pois trazião tambem um botoque mais pequeno, e se é permittida a expressão, mas elegante que os dos homens..

Não achatão porem a cabeça dos filhos, como os *Omaguás* e *Comberas*, o primeiro dos quaes na lingoagem dos *Peruanos*, e este na dos ultimos <sup>3</sup> quer dizer *cabeça chata*. Nem tambem lhes deprimem o nariz, como

---

<sup>1</sup> La botoque gêne extrêmement les *Botocudys*, quand ils mangent; il en resulte une grande malpropreté.—M. Newied.

<sup>2</sup> Voyage dans la rivière des Amazones.

<sup>3</sup> Corog. Bras, T. 2 pag. 326. Dever-se-hia escrever *Acungapéba*.

fazião os *Tupinambás* a seus filhos. Usão como estes encobrir as partes sexuaes—os *Botocudos* com folhas de *Issara*, a que chamão *Pontiac*, e ao estojo a que os *Tupys* chamavão *Tacanhoba*, dão estes o nome de *Gincan*, e os *Cancans* de *hynaika*. As mulheres atão as pernas por cima do Joelho e do tornosêlo para as tornar mais finas:

O costume do botoque dá lugar a uma singularidade osteologica que se observa no craneo do *Botocudo* não obstante a auctoridade de Oviedo, citado por Southey, segundo o qual as espadas dos hespanhões não podião penetrar no craneo dos indios por serem demasiadamente duros. Verdade é que Azara<sup>1</sup> pretende que os ossos destes se convertão mais promptamente em terra do que os dos europeos. A singularidade é esta. A placa de madeira do labio inferior, diz Newied, examinando um craneo de *Botocudo*, tinha não só desarranjado os dentes da maxila inferior, mas até neste craneo, que era de um individuo ainda novo, tinha comprimido e obliterado inteiramente as alveolas, o que de ordinario não tem lugar senão nos sujeitos idosos.

Com uma vida toda de trabalhos e de continuos exercicios, os *Tapuyas* rarissimamente infermão. Nascidos ao ar, creados sem vestidos, acostumados a todas as variações do clima intertropical, ao calor extre-

---

<sup>1</sup> Voyage à l'Amérique Merid.

mo do dia, como ao frio e humidade da noite e das florestas, tem o corpo endurecido e supportão todas as impressões da athmosphera; o seu modo de vida simples e uniforme os preserva dos males que são inevitavel resultado da civilisação. Banhos frios e frequentes, o emprego continuo de suas forças dão-lhes ao corpo e organisação um gráo de perfeição que mal podemos imaginar. Comtudo Newied escreveo que entre elles se vião muitos tortos.

São dextros e habeis na sua principal occupação que é a caça,—e os seus sentidos exercidos constantemente desde a infancia são de uma admiravel fineza. Reconhecem pelas pégadas as differentes tribus e pelo olfato conhecem o caminho que levarão. Auxiliados por sentidos tão perfeitos seguem a pista ao animal com extrema sagacidade. O corpo endurecido e a tudo affeito—supportão todas as fadigas, e encommodos—o calor do dia e fria humidade da noite. Obrigados a pernoitar nas florestas e fora dos seus ranchos, o que muitas vezes lhes acontece, fazem grandes fogos, que tambem nas cabanas nunca deixão apagar. Bebem da agua que encontrão nos regatos, nas folhas da tige da bromelia, ou transportão em gomos de taquarussú de 3 a 4 pés de comprimento ao que dão o nome de *kokroc*. D'estes gomos fazem igualmente copos.

As suas cabanas ou abrigos <sup>1</sup> são umas pequenas

---

<sup>1</sup> Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brazil: liv. 1.º n. 17.

choupanas armadas á mão com 4 páos, como aquellas que hoje servem e amanhã se queimão. Outros mais industriosos formão cabanas ou barracas mais compridas; mas desde o principio até ao cabo sem repartimento algum. Modernamente as fazem de palmeiras silvestres com alguma inclinação para a summidade, afim de formarem abobeda. Se alli permanecem por muito tempo, juntão-lhes mais algumas estacás e ramos sobrecarregando o tecto com folhas de *pati* ou *patioba*.

As armas mais terriveis dos selvagens que se conhecem, escreveu Newied, são as dos *Botocudos*. Com uma constituição atletica, vista de linco, exercidos desde a juventude a entesar com mão segura um arco gigantesco, são para causarem bem fundado terror nas solidões folhudas das florestas.

Alguna differença se nota na construcção de suas armas, mas isso provem de circumstancias locais. Em Minas fazem o arco do *Airi* espinhoso, a que chamão *Brijuba*, e os *Tupinambás airi-assú*. Os *Popecrans* e todos os selvagens do norte os fazem do páo d'arco, a que para o sul se dá o nome de *ipé*. O *airi-assú* é madeira fibrosa, compacta, elastica, e em espessura proporcionada difficil de dobrar. Os *Patachós*, *Malalis* e *Botocudos* que habitão mais ao norte de Belmonte, onde parece que não ha esta madeira, empregão o *airang* (hierang) que Newied diz chamarem *tapicurá* ou *tapicurá*.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Tomo 2.º pag. 148 e 153.

O páo d'arco é de côr avermelhada, em quanto o airi bem polido é preto retincto. Os homens robustos tem arcos de 6 a 7 pés, os *Patachós* porém chegam a tel-o de 8 pés e 9  $\frac{1}{2}$  polegadas, com cordas de fibras de gravatá. As flechas chegam a ter 6 pés de comprimento, e entre todas as tribus são as maiores em geral feitas de taquarussú. Os *Botocudos* de Belmonte e Rio-Doce fazem-n'as de *ubá* e *cannachuba*. A parte inferior que se apoia na corda, é guarnecida de largas pennas de mutum, jacutinga, jacupemba e arara. Uma dessas pennas é ligada longitudinalmente á flecha de cada lado com uma trepadeira que chamão *imbá* e os *Botocudos meli*.

Ha tres especies de flechas usadas na guerra *uagike comm*,—a harpada—*uagike-méran*; e a outra para caça dos animaes menores—*uagike bacamnumok*. A primeira tem a ponta alongada ou eleptica, feita de taquara; tostão-n'a para ficar mais dura, e a raspão e aparão para que fique cortante como faça, e a ponta fina como agulha. O animal, ferido della, sangra muito, porque um dos lados é concavo. A ponta da flecha harpada que tem polegada ou polegada e meia de comprimento, é feita de páo d'arco ou de *airi*. É fina e muito aguda. Tem oito ou dez harpéos, e se emprega na caça de animaes grandes e pequenos, e tambem na guerra: a sua ferida é perigosa, por ser de difficil extracção. Os *Pupeckrans* usão desta especie de flechas; mas dividem-n'a em tres partes; quatro ou cinco palmos de canna na extremidade inferior; no meio tres

ou quatro palmos de voragica, raras vezes sem nó<sup>1</sup> e uma polegada de ponta, onde atão o osso que forma o arpéo.

As frechas da terceira especie são obtusas, e matão por contusão: tomão para isso uma vara que tenha tres ou mais nós formando como um botão, de que fazem a extremidade da frecha.

Para dar mais força ás primeiras untão-n'as com cera, passão-n'as ao fogo para que penetre melhor, e assim fazem tambem com os arcos. Não usam carcaz, nem podem levar de cada vez mais de quatro ou cinco frechas.

Tem achas a que chamão *caratu*, cujo gume é de nephrite, pedra verde ou parda. Os *Camcrans* chamão-n'as *carapó* ou *carapok*. O arco destes é forte, elastico, maior que um homem, feito de *braúna* de côr negra-retincta: chamão-n'ó *cuang*, e as frechas *hoay*; são mimosas e elegantemente adornadas.

Contão diferentes instumentos. Para rapar o cabello<sup>2</sup> usão da taquara, que rachão e agução de modo que fique o instrumento bem cortante e não muito aspero.

Para se chamarem uns aos outros nas florestas usão de um porta-voz *kuntchung-cocaun*, feito do involucro

<sup>1</sup> O hastil da frecha dos *Botocudos* não tem nó algum.

<sup>2</sup> «É falso que não tenham barba; muitos as tem bastas ainda que a maior parte só tenha um circulo de pellos raros em roda da boca. Vêem-se entre elles alguns meninos de braços muito pellosos; mas não gostão de cabellos pelo corpo, e por isso os arrancão cuidadosamente.» M. Newied.

da cauda de tatú grande <sup>1</sup>; mas na proximidade de inimigos imitam os guinchos das aves e dos animaes de modo admiravel.

As mulheres tocão umas flautas feitas de canudo de taquara com os furos pela parte inferior.

Os *Camacans* servem-se tambem para marcarem o compasso da danza de um instrumento feito de unhas de tapyr, presas em dois molhos, a que dão o nome de *herenedioke*. <sup>2</sup> é instrumento que dá um som forte quando agitado. Usão tambem de um instrumento mais pequeno, cujo nome é *kekliok*, o qual consiste em uma cabaça vasia, com um cabo de páo, cheia de pedrinhas, muito semelhante ao maracá dos *Tupys*, bem que não pareçam ligar-lhe ideia alguma religiosa.

Fabricavão o vaso para conter as tintas com que se pintavão de casco de tartaruga; mas é tambem de suppor que usassem de outra materia onde aquella não fosse encontrada. Em vez das talhas de barro, que usavão os *Tupys* para o fabrico de seos vinhos, escavavão para esse fim o tronco do barrigudo, dando-lhe a apparencia de um cocho como se vê em alguns dos nossos engenhos de assucar.

As mulheres trazem um collar de grãos pretos, a que chamão *pohuit*, no centro do qual collocão dentes de macaco e de animaes carnivoros. É uma recordação dos dentes humanos, que os *Tupys* trazião ao

---

<sup>1</sup> Tatú *dasyopus gigas*. Cuv.

<sup>2</sup> Newied. 168.

collo pendentes á modo de collares. Comtudo é para notar, que ainda que alguns meninos os trouxessem tambem, erão tão raros entre os homens, como vulgares entre as mulheres.

O seo ornato são diademas de 12, 15 e mais plumas, fixadas com cêra, e atadas em um cordão: de ordinario entre estas pennas predominão as de côr amarella que forma um contraste agradavel com o negro dos cabellos. Dão-lhe dois nomes differentes o de *nuncancan* e o de *jakera-iunioka*. Alguns chefes porem só trazião duas pennas de papagaio amarradas com embira ao redor da cabeça,—e pennas de tucano nas duas pontas do arco, como insignias do mando. Sem gosto algum na escolha e disposição de seos ornatos, são n'isto excedidos de muito pelos *Camcans*, e principalmente pelos indios do Maranhão e Pará.

Nas suas festas usão tambem os *Camcans* do mesmo diadema com pennas de papagaio; as de *jurú* no cimo, e no meio destas duas de arara.

Em ocio divertem-se a cantar e a chacotear, o que sempre acontece depois de uma caçada abundante, ou de um combate feliz. O cantar dos homens assemelha-se a um canto inarticulado, que sobe e desce constantemente em tres ou quatro notas, que sahem do concavo do peito: em taes occâsões põem o braço esquerdo na cabeça ou tapão as orelhas com os dedos, sobre tudo na presença de estrangeiros. As mulheres cantão menos alto, e menos desagradavelmente, mas não fazem ouvir senão um numero limitado de sons,

que constantemente repetem. Adaptam as suas musicas cantilenas sobre a caça ou sobre a guerra; mas a Newied pareceo que o que lhes ouvira era um sussurro sem palavras.

Morrendo um *Botocudo* enterrão-n'o na sua cabana ou perto d'ella, e abandonão aquelle lugar como nefasto: os parentes do defunto testemunhão a sua dôr com urros espantosos, e as mulheres se mostrão ainda mais exageradas que elles. Amarradas as mãos com cipós, não os collocão em posição acocorada como fazião a maior parte dos povos da America, dos quaes escreveo Du Creux, <sup>1</sup> que, exhalado o ultimo suspiro, era o cadaver collocado como em um circulo, afim de que no tumulo descansasse da mesma maneira como se estivesse no ventre materno. Estes porem estendião os seus cadaveres em uma cova ao comprido. Diz-se tambem que enterrão os mortos com as armas de que tinhão por costume servirem-se; mas alguns viajantes modernos, abrindo os seus sepulchros não acharão n'elles senão ossos: na superficie alguns bastões — iguaes no tamanho, redondos, e dispostos parallelamente. Junto ao tumulo encontrarão cabanas abandonadas, que as vezes fabricavão com pindobas, como fazião os da beira-mar, mas estes ligavão as mãos e os pés ao cadaver, e os depositavão em uma posição vertical. <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Hist. Canadiensis; pag. 92.

<sup>2</sup> Lery, pag. 342.

Depois do enterro alimentavão o fogo por algum tempo de um e outro lado da cova pará afugentar o diabo, cerimonia para que vinhão as vezes de muito longe. Não se mutilão por luto, mas anteriormente cortavão o cabello que, como dissemos, era crescido como signal de liberdade.

Pintão-se os *Botocudos*, como todas as mais nações, de urucú e genipapo; mas reservão para o rosto as côres extrahidas do urucú, ficando assim mascarados, e no desplante parecendo feros e atrevidos guerreiros. Quando se pintão de preto tração uma risca preta que vai de uma orelha a outra passando por baixo do nariz.

Os *Camcans* usão de listas negras, e as mulheres formão com estas tintas listas concentricas em roda do seio.

Outras tribus de indios que reputamos tambem *tapuyas*, existião pelo interior; mas destas muito de leve nos occuparemos, porque só muito posteriormente á conquista, é que se acharão em contacto com os Europeos. Degenerados então, confundidos com os *tupis*, influenciados pela civilisação, ainda que esta se barbarisava nos colonos e seus descendentes, convertidos em soldados de bandeiras e caçadores de homens— tudo na sua vida e costumes indicava a fusão de tribus differentes, e tal que forão muitos delles classificados como formando uma só raça. É isto o que Ferdinand Diniz <sup>1</sup> conjectura dos coroados.— «Poder-se-

---

<sup>1</sup> L'univers «*Brésil*» pag. 368.

hia suppor, diz este autor, que os coroados formavão um grande povo intermedio entre os *tupys* e seus inimigos naturaes.

Os *Guaycurús*, habitantes das margens do Paraguay, forão observados quando com a reproducção espantosa que houvera logar em suas terras, do gado cavallar, e com o partido que delle tiravão se ião tornando conhecidos com o nome de «*indios cavalleiros.*»

Lê-se na *Historia dos indios cavalleiros* de Francisco Rodrigues do Prado.<sup>7</sup> «Os primeiros que derão noticias destes barbaros forão os antigos paulistas, e já os encontrarão senhores de grandes manadas de gado vaccum, cavallar, e lanigero.» Segundo escreveu este autor erão os *Guaycurús* gente errante, sem agricultura alguma, mas guerreiros em extremo, soberbos com o mais gentio, ao qual tratavão com desprezo, e em cujas terras sahião todos os annos a saltar e a fazer escravos.

São de cor de cobre carregado, altos de estatura, passando ás vezes de 72 polegadas, bem feitos, cheios de corpo, affeitos ao trabalho, e endurecidos nelle com todas as privações da vida do selvagem. Raras vezes defeituosos, sadios até uma velhice proveccta, e sem nunca perderem nem os dentes, nem os cabellos. Usão fazer no corpo e no rosto desenhos por incisão—com pinturas de urucú e genipapo, que se apagam com o tempo.

---

<sup>7</sup> Revista do Inst. H. e G. B. T. 1. pag.

Amão os filhos, e a condição das mulheres não se tornava entre elles muito lastimavel. Rodrigues do Prado diz na obra citada. «O marido ama ternamente a mulher: é verdade que bem pago fica porque ella tem um desvello excessivo em o agradar. . . ao qual quasi adorão.» Ha entre elles classes distinctas, a dos nobres ou capitães a quem o nascimento faz taes, a dos soldados que obedecem sempre, e a dos escravos que captivão dos visinhos, aos quaes, diz a Memoria que extratamos:—tratão com muito amor, e *não os obrigão a trabalho algum*. Mas estas differentes classes estavam tão discriminadas que nem o soldado se podia tornar chefe, nem o escravo se podia libertar ou entrar a fazer parte da republica.

O seu idioma é composto de sons guturaes, a lingua-gem quasi toda figurada, exprimindo-se as mulhees de modo differente dos homens, o que provinha de terem sido procuradas por meios violentos das tribus visinhas das quaes conservavão a lingua. «Todos os annos, diz ainda a supracitada memoria, sabem para matar outros selvagens e prender para captivos mulheres e crianças.»

Quanto á sua origem, dizem que sendo já creados os homens e repartidas por elles as riquezas da terra, —uma ave de rapiua a que chamão *cara-cará*, lastimando que não houvesse *guaycurú*, os criava dando-lhes por herança—em troco da terra que já estava dividida,—o arco, a frecha, a maça e a lança, para que com aquellas armas fizessem guerra ás outras nações, e tomassem dellas o que podessem.

Reconhecião um Deos bom, ao qual não prestavão culto, e o dogma da immortalidade, mas acreditavão tambem que só as armas dos seus capitães e pagès (aos quaes Ayres de Casal dá o nome de unigenitos) subjião ás estrellas, em quanto ás do vulgo ficavão errando junto aos cemiterios <sup>1</sup> lembravão-se tambem, mas confusamente, da tradição do diluvio.

O collocarem o seu paiz nas estrellas dependia de se ter o povo tornado pastor: guiavão-se pelo sol, e conhecião Venus e Mercurio e os mais planetas que com a simples observação se reconhecem.

Entre as mais nações se distinguão os *Goiatakases*. Habitantes das fertes campinas de Campos, deixavão crescer o cabello em signal de liberdade, motivo porque anteriormente o cortavão a seus escravos; <sup>2</sup> mas afugentados pela força das armas para o interior de Minas, e estabelecendo-se de preferencia nas terras banhadas pelo rio Pomba e Xipotó dos Indios, já não poderão conservar o mesmo distinctivo que lhes embaraçava a marcha ao travez das florestas: apararão então o cabello em roda da cabeça, e este costume lhes valeo a designação de *Coroadós*, com a qual é hoje conhecida aquella tribu, á qual na sua emigração se encorporavão os *Coropós*. «É difficil de imaginar (dizem Spix e Martius) como uma nação tão aguerrida e

---

<sup>1</sup> Ils n'enterrent pas leurs morts dans les cabanes que ceux-ci ont jadis habitées. Ils ont un cimetière général. F. Denis: pag. 323

<sup>2</sup> Isso tambem praticavão os *Camcans* e *Botocudos*.

aventureira se tem em tão poucos annos reduzido a um tão pequeno numero de individuos. Chegou já a tal e tão insignificante estado de degeneração, que é na actualidade antes objecto de commiseração do que de interesse historico.



## CAPITULO V.

### Caracteres phisicos.

(TUPYS.)

Tratando dos caracteres phisicos genericos dos *Tupys*, não nos occuparemos do que diz respeito á phisiologia geral do homem americano: não entraremos n'uma discussão que seria sem duvida interessante para a sciencia, mas para a qual não estamos preparados, e que de mais não se prende senão muito remotamente ao nosso programma. Contentando-nos pois de descrever os caracteres não entraremos na explicação dos factos: deixamos isso aos mestres das sciencias, e áquelles que por seus estudos especiaes e por observações proprias podereim esclarecer a questão.

Acreditou-se por muito tempo que a cor da pelle americana era uma e uniforme em todas as tribus de

todas as partes da America,—quaesquer que fossem as influencias da latitude, da elevação e da natureza dos lugares que habitassem.<sup>1</sup>

Esta côr dizia-se ser tirante a cobre, até que Humboldt<sup>2</sup> asseverou que semelhante designação de côr vermelha, côr de cobre, applicada aos indigenas da America não poderia ter tido principio na America equinoxial.

D'Orbigny<sup>3</sup> regeitando igualmente tal qualificação para os homens da America meridional, nem admite a uniformidade neste caracter, nem a côr do cobre que *Ulloa* foi o primeiro a qualificar tal; quer antes aquelle autor que em nenhuma outra parte do mundo varia tanto a côr do homem de intensidade.

Foi tambem opinião por muito tempo que a maior intensidade da côr da pelle dependia da maior força do calor solar<sup>4</sup> e guiando-se por estes principios Buffon pensava que os habitantes do valle dos Andes erão os mais alvos, quando de todas as tribus que se grupão sob a raça—*ando-peruana*—é exactamente alli que se nota a côr mais carregada. Sem querer negar o effeito-do sol sobre a côr, effeito que não é senão temporario, dever-se-hia attribuir antes, como pretende

<sup>1</sup> *Ulloa*.—Noticias americanas. T. 3 p. 278: «Visto um indio de cualquier region, se puede decir que se han visto todos en quanto el color y contestura.» (Orb. 4—72:) Robertson. Hist. of Am. L. 4 Cicca de Leon. «Cronica del Perú.» P. 4 cap. 49.

<sup>2</sup> T. 3 p. 278.

<sup>3</sup> L'Homme Américain.

<sup>4</sup> Paw, Recherches sur les Américains pag. 227, 236, 237.

D'Orbigny a sua mais ou menos intensidade á maior ou menor humidade a que se achassem expostos, á demora mais ou menos dilatada em paizes regados por chuvas abundantes, e onde vastas florestas interceptem os raios do sol. <sup>1</sup>

As tribus *Tupys* estavam collocadas como no centro das duas raças dos *Pampas* e *Peruanos*—ambas da america meridional. A sua côr era baça com um longe de vermelho <sup>2</sup>. Os *Tapuyas* que, quanto á nós, descendem dos *Goyatakases*, ou ao menos provêm da mesma origem, tinhão com pouca differença a mesma côr exceptuando os *Aymorés* e restos seus que para o norte encontramos, alguns dos quaes, segundo os primeiros viajantes, erão *quasi tão brancos como os portuguezes*. Tanto n'uns como nos outrós observa-se a manifestação de sensações vivas na coloração instantanea do systema dermoidal <sup>3</sup> mas por effeito da côr mais carregada da pelle, o fenomeno era nelles menos ostensivel do que nos homens da raça branca.

A pelle longe de ter a aspereza que Ulloa <sup>4</sup> lhe

<sup>1</sup> A esta ultima causa attribuem os historiadores o facto de serem os *Aymorés* mais claros que os *Tupys*. Gumilla.—*Hist. de le Crenoque*—diz tambem que os habitantes das selvas são *quasi brancos* e os das planicies *trigueiros*.

<sup>2</sup> D'Orbigny (1839) fallando dos *Guaranis*, nome sob o qual comprehende os *Tupys*, diz que tem uma côr amarellada (*jau-nâtre*) e acrescenta. «Il y a plus ou moins de mélange au rougeâtre très-pâle, ou au brun, selon les nations et même selon les tribus. *L'Hom Américain* T. 1—p. 74

<sup>3</sup> Toute áussi vive et non moins énérgique que dans la race blanche. Ob. cit Orb. T. 1—383

<sup>4</sup> Noticias Americanas 1772 p. 313.

quiz attribuir é muito mais macia que a dos europeos e homens do antigo mundo: é lisa, polida, brilhante e macia como setim, sem offerecer portanto desigualdade alguma <sup>1</sup> qualidade que em seo maximo grão se apresenta nas tribus que habitão a zona torrida <sup>2</sup>.

Quanto á estatura <sup>3</sup> da-se o mesmo factó que se observa nas dimensões dos mamíferos, quando não sujeitos ao estado de domesticidade, isto é, á differença é tão exigua entre os extremos que o maximo e o minimo muito pouco discrepão do medio, assim entre os homens da mesma tribu, é muito pouco sensível a desigualdade do tamanho. Os *Tupys*, na estatura como na côr era o ponto intermedio entre as duas outras raças, inferiores aos *Pampas* e superiores aos *Peruanos*, fazendo-se ainda distincção dos *Aymorés*, que assim como erão os mais claros, erão tambem os mais altos entre os *Brasilio-Guaranienses*, e semilhanes aos *Pampas*. É certo que d'Orbigny dá tanto para os *Tupys* como para os *Tapuyas* a mesma estatura; mas este escriptor não teve occasião de observar senão um individuo desta ultima familia, e só falla por esta observação isolada. O factó no emtanto é confirmado por

---

<sup>1</sup> Biet. Voyage dans la France E'quinoxial: p. 352—diz dos *Caraibas*—Leur chair est basané et fort douce, il semble que ce soit du satin, quand on touche leur peau. (Orb. pag. 86).

<sup>2</sup> Orbigny ob. cit. 87.

<sup>3</sup> Para não termos de repetir as mesmas citações, consignamos aqui quaes os differentes caracteres physicos dos *Tupys* segundo lemos descriptos em varios autores.—*Vide nota no fim deste capitulo.*

todos os que tem tratado dos indigenas do Brazil, e foi por isso um dos caracteres que procurei estabelecer como differentes entre os *Tupys* e *Tapuyas*<sup>1</sup>

Quanto ás formas geraes, longe de haverem degenerado como pretende Paw, apresentam todos os caracteres que attribuímos á força. Cabeça antes grande que pequena comparada ao resto do corpo, tronco largo e robusto, peito arqueado, espaldas largas, quadris pouco salientes. Ainda que os seus membros sejam algumas vezes curtos, comparados ao resto do corpo, são sempre repletos, arredondados e musculosos: as extremidades superiores nunca magras, bem desenhados os braços artisticamente fallando, ainda que algumas vezes grossos de mais, e as mãos pequenas em relação a elles. As extremidades inferiores são bem proporcionadas, e nas bellas formas, raras vezes magras, e os pés pequenos, posto que largos. São portanto as suas formas menos bellas do que herculeas. Assim tambem nas mulheres, acostumadas a uma vida livre, exercendo as forças desde a infancia, sem nenhum obstaculo ao desenvolvimento de suas forças e de seus membros, tem tudo quanto poderião desejar para o genero de vida a que são destinadas: assim bem que sejam raras vezes esbeltas e graciosas, porque são

---

<sup>1</sup> Dos *Botocudos* são tão brancos alguns como os portuguezes «Not. cur. e neces.» São (diz a Not. do Bras.) da mesma côr que o outro (gentio) (no que está este autor quasi em unidade) mas são de maiores corpos, mais robustos e forçosos. Dos *Goiatakases*, diz ella «tem côr mais branco». Dos *Goianazes* «é gente de bom corpo.»

muito robustas para serem bem feitas, são próprias para o trabalho, e sadias: tem partos facéis, filhos vigorosos desde a infancia, e nunca defeituosos. <sup>1</sup> Entre homens e mulheres, ainda na velhice, raros são os factos de obesidade.

A classificação que se quizesse fazer dos americanos em relação aos outros povos, deduzida da consideração da forma que os seus craneos apresentam, não nós poderia levar a nenhum resultado seguro; porque mesmo entre as raças do antigo mundo, talvez menos confundidas, e com certesa melhor estudadas que esta, tomando-se de qualquer dellas, excepto a negra, um milheiro de craneos, achão-se alguns que pelos seus caracteres se assemelhão a todas as outras.

Ora, entre os americanos as formas da cabeça varião por tal modo <sup>2</sup> que Prichard rejeita a designação de *forma americana*, que alguns anatomicos quizerão achar, observando os craneos das differentes raças,

---

<sup>1</sup> Robertson. H. of. A. L. 4—Gumilla pag. 234.—*Trecho Hist. Parag.*—attribuem o facto ao costume de destruirem todos os filhos que mostrassem disposições de sahirem do estado normal. Não se lê semelbante couza em viajante algum. D'Orbigny não os vio defeituosos nem mesmo entre os Peruanos, que amão e querem os filhos talvez mais que os europeos, e então explica o facto pela educação toda physica que recebem, auxiliados e favorecidos pela boa organização dos pais. Humbold notou a mesma carencia de diformidade entre os *Muisicas, Mexicanos* e *Caraibas*. T. 3. pag. 291.

<sup>2</sup> L'aspect des indigènes et l'inspection d'un grand nombre de crânes, que nous avons vu, nous ont convaincus, qu'en Amérique ils varient non seulement selon les races et les nations, mais encore d'individu dans un même peuple. Orb T. I. p. 119.

distincção inadmissivel, diz elle, porque não é senão uma generalisação erronea, á qual chegarão, considerando como universaes os caracteres fortemente pronunciados que lhes apresentam algumas tribus particulares. <sup>1</sup>

Lawrence <sup>2</sup> considera o craneo americano como analogo pela sua forma ao do Mongol, posto que seja menor que o d'este (Orbigny pag. 118). Admittida a differença de tamanho que este phisiologo quer estabelecer, conviria ter-se em vista as curiosas observações de Parchappe <sup>3</sup> sobre a relação que ha entre o volume do craneo e o desenvolvimento das faculdades: dellas se collige que não só a forma do craneo é pouco importante para as faculdades, como tambem que o seu volume nada influe sobre ellas. <sup>4</sup> Não obstante, tendo elle medido alguns craneos, achou que o volume da cabeça americana, pelo contrario do que diz Laurence, é superior ao das cabeças da raça malaia.

Eis como d'Orbigny <sup>5</sup> descrêve os caracteres geraes da raça *brasilio guaraniense*, ou *tupy*. «Côr amarellada com mistura de vermelho muito desbotado, estatura um metro 620 milímetros, formas massiças, frente não

<sup>1</sup> T. 2. p. 74.

<sup>2</sup> Lectures ou physiology, zoology, and the natural history of the man.

<sup>3</sup> Recherche sur l'encephale, etc.

<sup>4</sup> «La difference de volume entre les individus sains d'esprit, et les têtes des aliénés, serait à l'avantage des insensés.» Parchappe. p. 28. Vd. as 34, 35 e 45.

<sup>5</sup> Ob. cit. T. 2.

inclinada, rosto cheio e circular, nariz estreito e curto, ventas estreitas. Boca mediana e pouco saliente, labios delgados, olhos obliquos e sempre repuchados para o angulo exterior como os dos *Mongóes* ossos da face pouco salientes, feições de mulher, phisionomia doce.» A isto acrescentamos pois que os procuramos comparar com os indigenas da Oceania, cabellos negros, corredios e consistentes <sup>1</sup> barba tardia, não frisada, e pouca, <sup>2</sup> apenas na extremidade do labio superior e no queixo, dentes bellos, regulares, quasi verticaes, persistentes, e em que difficilmente dá a caria <sup>3</sup>.

Sendo muito vigorosa a sua compleição, resistem tanto aos mais duros trabalhos, que Ulloa os chama *insensiveis* pela coragem com que supportão os soffrimentos <sup>4</sup> em outra parte <sup>5</sup> os denomina *animaes*, porque são robustos e não os encommoção muito às fadigas e as intemperies. Soffrem por muito tempo, sem o demonstrarem, a sêde e a fome, e raras vezes adoecem, bem que affrontem a humidade, o calor e o frio, sem tomarem precauções contra molestias. A pro-

---

<sup>1</sup> Dos cabellos da raça americana diz d'Orbigny p. 128. «Ils ne tombent jamais chez elle, même dans la veillesse la plus avancée.» T. 2.º Marcgraff. L. 8, -c. 5: «Neque facile canescunt nisi in decrepita etate

<sup>2</sup> Paw. T. 2 p 184, e Robertson. H. of. A. L. 4, negam-lhes inteiramente. Marcgraff. L. 8. p. 269: Bar. am raram aut. nullam Multi tamen dantur qui habent barbas nigras.

<sup>3</sup> Nous avons vu un grand nombre de vieillards dont les dents etaient usés jusq' à la racine par la mastication, sans que leur en manquât une seule. Orb. p. 128.

<sup>4</sup> *Noticias Americanas*, pag. 314 D'Orbigni. T. 2. p. 137.

<sup>5</sup> Ulloa. ob cit. p. 320.

va mais concludente da sua optima constituição é o costume que tem as mulheres indigenas, de paridas lavarem-se logo em agoa corrente, continuando no mesmo dia no seo trabalho como se nada lhes houvesse acontecido. <sup>1</sup>

Os velhos ignorão os males da decrepitude, possuem o goso dos sentidos, como na mocidade, conservão os dentes intactos e os cabellos que não cahem nem alveião nunca <sup>2</sup>; tem a vista, o ouvido o ólfato finissimos, os movimentos desembaraçados, e o rosto pouco enrugado. Quanto á longevidade, d'Orbigny conhecendo a difficuldade de a determinar, dá-lhes o maximo de 100 annos, observando porem que poucos passão além dos 80. Dizem Lery e outros que chegão aos 120 e mais annos. <sup>3</sup>

Com a sua educação alcançavão no geral um alto grão de agilidade e de força. Newied tendo mandado os seus caçadores com alguns *Botocudos*, estes pela ligeiresa e rapidez da marcha, fatigados de os acompanhar, ficarão atrás, deixando aquelles continuarem

<sup>1</sup> Fœminæ mire fecundæ, facili negotio pariunt, rarissime abortientes. . . pleræque puerperæ statim post partum, nemine obstetricante, surgant aut obambulent; imo ad fluvium vicinum corpus ablutum properent, victumque hinc inde conquirant. Piso, de *Medicina* L. I. p. 7.

<sup>2</sup> Laet. «Ficão muito velhos sem cãs nem calvas.»

<sup>3</sup> «Taes ha d'elles que chegão a viver 120 e mais annos.» *Vida do Padre J. de Almeida*, cap. 5. n. 8. O mesmo diz Marcgraff. L. 8. cap. 5.

Premature pubescunt, tarde senescunt incolæ. . . supra centesimum ætatis annum, viridi et longeva senecta. Piso, L. I. Longevi sunt admodum. *ibidem*.

sós a caçada. Lery diz que os arcos dos do litoral são tão compridos e fortes, que não têm comparação com os que naquella tempo são usados na Europa. Um europeu, longe de os poder vergar e por a tiro, devera dar-se por contente, vergando o arco de um rapaz de 9 a 10 annos. E não é só que são mui fortes os seus arcos: além da força que sem duvida era precisa para os manejar, despedião delles setas com tanta facilidade que, segundo o mesmo autor, os inglezes, os melhores archeiros da Europa no seculo 16, não atirarião seis em quanto os *Tupinambás* terião expedido o dobro ou mais.

Em todos estes e nos demais exercicios corporaes primavão os indigenas. Daríamos para exemplos se fossem precisos, aquelle indio que depois de encorrentado salvou-se a nado na bahia de Nitheroy; e Sepé que com as mãos atadas nas costas, fugio dentre uma partida de cavalleiros hespanhóes, que o escoltavão. A vista destes factos poderá ser judiciosa a opinião dos que, como Virey, sustentão que aos povos meridionaes não convem outro regimen senão o vegetal: negamos porem que desta ideia se deva logicamente concluir que a um selvagem não era possível combater corpo a corpo com um europeu. Não obstante não lhes serem favoraveis as experiencias do dinamometro sobre a sua força muscular, alguns se tem visto lascar com a mão leques de palmeiras, mergulhar por largo espaço, nadar dias inteiros, e cançar os mais infatigaveis andarilhos.

Alem do genio bellicoso que os levava a tornarem-se dextros nestas artes, as suas festas tomavão as veses, não o character do pugilato, mas o de exercicios gymnasticos, que nem sempre deixavão de ser rudes. Tal é o jogo do tiro do barrigudo, no qual enfião um pão, que tomavão, correndo e continuando a carreira até chegarem a extremidade marcada para limite; embora tivessem de atravessar com elle algum regato que dêsse nado. Em algumas tribus do certão conserva-se ainda hoje este jôgo; mas reservão-n'o para as celebrações de matrimonio. Neste caso dá-se ao vencedor a moça que chegou a ser nubil, reputando-se como o mais capaz de a salvar em occasião de perigo.

Concluiremos este capitulo com algumas observações.

Se quizermos por um momento considerar qual era o viver do *Tupy*, os seus trabalhos, a sua organização em republica, conjecturemos aproximadamente o grão de bem estar e de energia que elles deverião desfructar, e teremos ao mesmo tempo a explicação desse estado de perfeição organica, que apenas se conhece na vida civilisada.

Nascidos de pais robustos e sadios, nunca ou rarisimas vezes affectados de enfermidades excepto no extremo quartel da vida, participavão em grande parte da organização de seus ascendentes. Emquanto no ventre materno, as mães os não comprimião nunca, como desgraçadamente usão em muitas partes as mulheres para occultar ou disfarçar a gravidez: os traba-

lhos e occupações diarias a que se davão, não obstante o seo estado, nem só lhes facilitavão os partos, como era tambem motivo para que os filhos não sahisses aleijados nem defeituosos, nem com esses vicios de organisação, que nas cidades populosas tornão a infancia doentia e miseravel. Nascimento robustos e conservavão por toda a vida a robustez; emquanto por outro lado os seus trabalhos os impedião de cahir em obesidade. Deste modo a força e saude de uma geração era garantia da saude e da força das que se lhe seguião.

Abrindo os olhos á luz, e vendo a seo lado um arco e frechas, o menino comprehendia que a sua existencia dependia da destresa, agilidade, e coragem, que soubesse desenvolver; e que só por esse meio se podia tornar celebre e respeitado mesmo pelos seus. Começavão desde logo a exercer as suas forças, pouco e pouco até a ponto de chegarem a manejar um d'aquelles grandes arcos, que erão a inveja dos archeiros europeos, e dos quaes se servião com maravilhosa dextresa. Esta experiencia lhes vi eu fazer. Firmando-se no pé esquerdo, avançavão o direito, e com o dedo grande imprimião um leve signal na areia, recuando depois esse pé, mas conservando sempre o outro na mesma posição, atiravão ao ar, e a frecha vinha enterrar-se no rasto que lhes servia de alvo.—Emfim uma especie de gymnasticã natural—a subida de arvores, a carreira,—a caça, a natação, e manejo dos remos,—a confecção das armas, davão-lhes aos membros incrível elasticidade.

Descendentes de homens incomparavelmente mais guerreiros do que agrícolas, a sua educação era inteiramente militar; a guerra era a sua vida,—e só os feitos de armas e os actos de coragem os podião enobrecer; só por elles podião ter entrada no *Ibake*,<sup>1</sup> e assentar-se entre os guerreiros das florestas eternas.

Devião saber vencer, mas como nem sempre a victoria é companheira da coragem, era-lhes necessario tambem que soubessem padecer, affrontar os soffrimentos e mostrar-se tão impavidos no terreiro do inimigo, como destemido no campo da batalha. Seos ornatos, suas pinturas, suas armas, tinhão por fim chamar sobre elles as vistas de todos. A compostura do guerreiro, que attrahia as attenções, era tambem um incentivo para que as procurassem merecer, e não praticassem nunca um acto de fraquesa. Durante a mocidade estavão sujeitos a terriveis provações para serem admittidos no logar de combatentes, e poderem aspirar ao mando: estava aberto o campo para todos, e era legitima a ambição do esforçado e corajoso. Convinha que o guerreiro soubesse supportar a dôr com calma e sem demudar o semblante. D'aqui provinhão os tormentos da iniciação. Da relação de Hans Stadt

---

<sup>1</sup> Têm para si que somente as femeas e varões fortes, que n'esta vida matarão e comerão em guerra muitos inimigos, depois que morrem se ajuntão a ter paraiso em certos valles, junto a uns outeiros, a que elles chamão «campos alegres» quasi outros Elyseos, e alli fazem grandes banquetes; porem os cobardes, (que em vida não fizeram façanha vão penar com os mãos espiritos.) *Vida do Padre J. d'Almeida*, c. 5. n. 7.

se deprehende que entre os *Tupys* requerião-se igualmente as provas que dos seus guerreiros exigião os *Caraibas*. Conta elle ter, durante o seu captivo, visto um indio que de noite percorria as cabanas com um dente de peixe aguçado com que rasgava as carnes das pernas dos mancebos, para que assim aprendessem a soffrer sem se queixar. Era isto o indício seguro de sua valentia, e a sua patente de guerreiro, que depois precisavão illustrar com a morte dos inimigos. Os tropheos que assim conseguião, que trazião pendentes do pescoço, ou arrumavão á entrada de suas cabanas, servião-lhes de glorioso ornato.

Educados nas florestas com um tacto de observação extremamente delicado, adquerião invejavel perfeição de sentidos. No borborinho confuso das florestas, distinguem sons quasi imperceptiveis, que lhes revelão a passagem de um animal, quebrando os ramos, ou a marcha cautelosa do guerreiro que os evita. Pelas pégadas que vião impressas no chão, distinguião a tribu que alli passára, e pelo olfato a direcção que levava. Olhos de lince, descobrião nas sombras das florestas o inimigo ou a presa, e com o arco despedião por entre as folhas a morte rápida e silenciosamente.

Em resumo além dos caracteres phisicos, que servião para os differenciar dos selvagens da Oceania, o *Tupy* era sadio, robusto, habil no fabrico de suas armas, dextro em manejar-as, e com sentidos de extrema delicadesa. A sua vida toda guêrreira, e de guer-

ra selvatica começava pelo exercicio de todos os sentidos, e rematava com o desenvolvimento de todas as qualidades que era mister ao guerreiro. Acostumados aos trabalhos, privações e soffrimentos de dôr phisica, á luta e ardis de guerra incessante e impiedosa, por meio d'elles chegavão á nomeada de guerreiros atrevidos e chefes arditos.

Fortes e duros como os seus arcos, a força européa, impotente sobre elles, carecia para os curvar de geitos e boa vontade, e sobre tudo de esperar com paciencia que a experiencia e bons officios os tornassem faceis de manejar e tractar, antes de rompê-los brutalmente como arma inutil, e sem prestimo. Era preciso reformar os seus costumés, começando pela educação, unil-os em vez de os separar, acostumal-os a a uma vida pacifica, agricola ou industrial, em vez de os corroborar nos sentimentos e propensões guerreiras, oppondo-os, para defesa propria, uns aos outros, e por esta forma aniquilando-os reciprocamente.

Qualquer, porém, que fosse o systema que para com elles se adoptasse era de indeclinavel necessidade que fosse baseado sobre o principio de bem entendida liberdade. Só dessa forma se poderia carear a vontade desses homens acostumados a uma vida liberrima, e cujo character, como delles acho escripto e elles o confirmão todos os dias, era em ultimo gráo insoffrido da escravidão. *Nèutiquam jugum servitutis tolerantes.*



## CAPITULO VI.

Caracteres moraes.

RELIGIÃO E CULTO.

Nos primeiros tempos da descoberta da America, era como costume negar-se aos povos selvagens todo o conhecimento da divindade. A esta ideia erronea juntarão os escriptores portuguezes uma coincidencia que lhe parecia fatal, ao menos isso é o que se deduz do modó porque elles se exprimião. Os *Brasis* não tinham na sua linguagem nenhuma das tres letras F L R<sup>1</sup> e daqui concluirão que não tinham nem fé, nem lei, nem rei. Ora é inexacto que elles não lивessem normas pelas quaes nos casos de maior momento se regulassem, ou

---

<sup>1</sup> Pronunciava-se: sem *fê*, sem *lê*, sem *rê*.

chefes que os dirigissem, e por outro lado, se examinarmos a mythologia dos povos americanos, acharemos uma tal abundancia de crenças e tradições que é difficil combinal-as entre si. Nos *Tupys*, além disso, admiraremos um tal qual desenvolvimento metaphisico, que parece caracterisal-os.

É verdade que d'Orbigny <sup>1</sup> não considera haver em toda a America meridional, mais do que uma religião propriamente dita; mas essa complicada, poetica, cheia de ritos e, como todas em que de principio divino o poder temporal está unido ao espiritual, dominada pelo espirito de proselitismo. É esta a religião dos *Quixuas*.<sup>2</sup> «*Pachacanac* <sup>3</sup>, deus invisivel, creador de todas as couzas, tinha o poder sūpremo, imperava sobre o sol e a lua, sua mulher; pois que ambos se achão sujeitos a uma marcha regular e invariavel; mas como não co-

<sup>1</sup> Orb. L'Homme Américain. T. 1. p. 232.

<sup>2</sup> Robertson sem fundamento algum não reconhece entre os *Incas* senão o culto do sol, esquecido de sua principal entidade *Pachacanac*. A proposito da religião dos *Incas* (T. 1 pag. 242) estabelece um genero de comparação o da temperatura do lugar com o systema religioso dos que o habitavão: «Le culte du soleil aurait-il pu naître sous la zone torride dont les feux devorants contraignent incessamment l'homme à chercher l'ombre? sous la zone torride où le matin et le soir sont les seules instants de vie pour la nature? Mais n'était il pas tout naturel que ce culte devint un besoin pour les peuples habitants des plateaux élevés, n'ayant de chaleur qu'alors que l'astre les eclaire, la nature se glaçant autour d'eux dès qu'il se cache; aussi trouve t'on les mêmes principes religieux sur le plateau du Perou et sur celui de Cundinamarca (V. Pietra Hita. Conquista. pag. 47. Herrera. Dec. VI. L. V. cap. VI.) placés dans les mêmes conditions, tandis que rien chez les peuples des regions chaudes, n'annonce le culte du soleil.»

<sup>3</sup> Orbigny. L'Homme Américain. Tomo 1.º pag 232.

necessessem a forma do Deos creador, adoravão-no em pleno ar, sem que jamais quizessem figural-o, em quanto o sol. sua criação visivel, tinha templos espaçosos, paramentados de preciosidades e riquezãs; virgens que lhes erã consagradas, e por sacerdotes, por interpretes sobre a terra os *Incas*, seos filhos, aos quaes o povo podia recorrer em seos males para remedio de suas necessidades. Offerecião ao sol, fecundador da terra, os fructos amadurecidos pelo seo calor; sacrificavão-lhe alguns pacificos *llamas*,—e o festejavão ao equinoxio de setembro, na grande reunião do *Raimi*. O mais proximo parente do *Inca* era o seo primeiro sacerdote, os outros membros da familia imperial administravão os numerosos templos espalhados por todo o reino.»

As pequenas tribus *tapuyas* tinhão uma religião tão pouco complicada, que não é muito para admirar que autores de nota, e mesmo viajantes que entre elles morarão e os observarão de perto, chegassem a desconhecel-a; mas negar-lhes toda e qualquer noção de um ente superior<sup>1</sup> é principio a que repugna a philosophia, e que em relação aos *Tupys* se acha subeijamente desmentido.

Lery diz positivamente, e por mais de uma vez que entre os *Tamoyos*, *tupan* não tinha significação alguma religiosa.<sup>2</sup> «Uma vez, diz elle, pregando-lhes a excel-

<sup>1</sup> Azara. Voyage dans l'Amérique Meridional.—Paw. Recherches sur les Américains.—Robertson. History of America.

<sup>2</sup> Lery. pag. 233.

lencia de um ser supremo, creador de todas as cousas, empregamos para o designar a palavra *tupán*, que quer dizer trovão, de que elles se mostram em extremo medrosos.» É isso o mesmo que escreveu Barloëus.<sup>1</sup> Acommodando-nos á sua rudeza, prosegue Lery, tomavamos daqui motivo para lhes dizer que era esse Deos do qual lhes fallavamos e que para mostrar o seu poder e grandeza assim fazia tremer o ceo e a terra. Respondião a isto, que pois os espantava por tal forma, era um deos que para nada prestava.»

Outros autores porém. e neste particular mais acreditaveis, são de diverso parecer. A *Noticia do Brazil* escreve dos *Carijós* do mar ou dos Patos. «Não adoram certos deoses, nem reconhecem certas divindades mais do que em geral e em confuso um estrondo espantoso que assombra os homens. (Stadt cap. 22) porém observador de uma minuciosa e escrupulosa exactidão o que diz é que elles não conhecião a *existencia do verdadeiro Deos*. D'Orbigny acrescenta. «A sua fé (dos *Tupys*) tinha por princípio de um lado a esperança do bem, e do outro o temor do mal; mas este systema suppunha umá associação de ideias, de reflexões que não teria exigido o culto de um objecto visivel para todos e de abstracções que consideramos como superiores á capacidade intellectnal dos Americanos, que se reputava muito inferior a do resto da humanidade.

<sup>1</sup> Numina nulla, deos nullos colunt, nisi tonitrua forte aut fulmina, quorum magna animos incessit veneratio.

*Tupan* não significava o trovão; mas uma excellencia superior, como traduzindo Laet, Ihe chamou o Padre Vasconcellos. No Pará e Maranhão, onde se encontram mais puros vestigios da lingua geral, e até entre tribus que a outros respeitos differem muito entre si; é esse o sentido que se dá áquella palavra. Pelo *Tupana!* é um modo de jurar por gracejo que se ouve á muitos de nossos compatriotas. O vocabulo que entre elles serviria para designar aquelle phenomeno seria *Tupacanunga*, a voz de Deos; (*Exodo* cap. 20 v. 19,) o som que elle produz quando quer ser escutado pelos homens. Que elles não consideravão o trovão como divindade; mas antes como manifestação della, é o que nos assegura Laet, quando escreveo.» Trovão é a voz ou som da suprema excellencia.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Ind. Oce L. 15 c. 2.º e 11, annotando Maregraff L. 8. c. 11, escreveu o mesmo autor: «Brasilienses Barbari nullum pene habent religionis sensum. . . Neque deum aliquem noverunt, neque proprie adorant quicquam, unde nec illud nomen in iporum idiomate reperire est quod deum exprimat: nisi forte *Tupa*, quo excellentiam aliquam supremam denotant: unde tonitru vocant *Tupacununga*, id est strepitum factum a suprema excellentia a verbo *acunung* strepere. Fulgur autem *Tupaberaba*, id est splendorem excellentiæ a verbo *überab* resplendere.

Sobre a etymologia da palavra *Tupan* não se contentaram os autores de Ihe ir procurar a origem no grego *To Pan*, que se traduziria em latim—verbum totum—exprimiria o que é tudo, o que resume tudo, o «todo» por excellencia. O padre Antônio Ródrigues e Dobrizoffer acharão outra.

Padre Antonio Rodriguez, *Conquista espiritual del Paraguay* (ou *Relacion del Paraguay*) diz que *Tupan* ou *Tupá*, que é a mesma cousa, é o nome proprio de Deus: «Conoscieron que avia dios, y aun en cierto modo su unidad, y se collige del nombre que le dieron, que es *Tupá*, la primera palabra *tu*, és admiracion: la segunda *pa*, es interrogacion; y assi corresponde al vo-

Era pois *Tupan* uma divindade grande, magestosa, tremenda; porem nunca malefica: a religião dos *Tupys* collocava no apice dos seus mythos um ser necessariamente bom; a sua essencia era o bem,—fazia-o, porque o queria; queria-o, porque era isso de sua natureza, como é da natureza das arvores produzir flores e fructos, e do sol dar luz e calor. Não carecia de preces para inclinar-se á compaixão, nem o sangue mancharia os seus altares, quando os tivesse, ainda que se manifestasse aos homens pelos roncões do trovão, que era a sua voz, e pelo fuzilar do relampago, que era a luz dos seus olhos, o clarão divino. Se o bem constituia o seu fundo, a sua essencia, não era mister supplicas, nem preces para que elle o produzisse. Se algum culto lhe tributavão era somente o interno.

Comtudo, reconhecendo a existencia de um ser grande e poderoso, embora tremendo, não escaparão os indigenas á tendencia que tem todos os povos barbaros de votarem cultos á divindade terrivel e malefica; mas que as dadas e offerendas tinhão o condão de amolgar. É o *Anhangá* do Diccionario da lingua geral,

---

cabro hebreo *manhú*, qui est hoc? en singular.» Dobrizoffer escreveu (T. 2 p. 77) Tupá. «Hoc vocabulum é duabus particulis componitur. *Tu* enim admirantis, *pa* interrogantis vox est. Cœlo tonanti, metu percussi—*Tupá*—exclamare solebant. . . quid est hoc?»

Os povos das Antilhas, diz Rochefort que se occultavão nas cabanas tímidos e medrosos, quando roncava o trovão. (Vid. tambem Lafitau. Mœurs des sauvages américains. T. 1. p. 125.

o *Aignan* de Lery, o *Ingange* de Hans Stadt, o *Aigneu* de Thevet; mas fóra d'estes ha ainda outros espiritos, cujas funcções na mithologia dos indigenas não podemos bem discriminar. Chamão ao diabo, diz Marcgraff.<sup>1</sup> *Angangá, Jurupari, Curupari, Taguaiba, Temoti, Taulimama*, aos quaes Laet<sup>2</sup> accrescenta *Curipira, Macachera, Marangizona*.

É aqui de notar-se a singular contradicção em que cahem os escriptores do seculo XVI, e principios do XVII, quando, reconhecendo nos indigenas do Brazil o conhecimento de um poder malefico, lhes quizerão negar qualquer noção de um ente bemfazejo. É certo que em todo o selvagem se nota a tendencia, e como que a predilecção para o culto de um ser ou dos seres maleficos; mas isso não implica com a noção de um ente bemfazejo. Sem essa noção o mundo se converteria em um horroroso pandemonio, absolutamente incompativel com a ideia de um mundo subsequente e feliz, onde a virtude, ou pelo menos o valor, esperava encontrar as recompensas devidas áquelles que se houvessem tornado distinctos por actos de bravura e heroicidade.

*Anhangá*, entidade inteiramente espiritual, sem idolos que o representassem e que o tornassem visivel, affligia os guerreiros com males inauditos, atacava-os com alienações mentaes, com terrores e sonhos ame-

---

<sup>1</sup> L. 8. c. 11.

<sup>2</sup> Annot. ad Marcgraff ob. lib. et c. cit.

drontadores, e descendo muitas vezes ao emprego de meios physicos, flagellava-os de modo lastimavel, quando os encontrava a sós e fóra de horas. As desgraças individuaes, as derrotas nas batalhas, os males que ás suas tabas sobrevinhão lhes erão attribuidos.

O homem *accommettido* de uma enfermidade, o menino que era encontrado agonisante junto á fonte ou á beira do caminho, a mulher que abortava de susto, o caçador mordido por uma serpente ou devorado pelas feras, erão as victimas de suas malvadezas. E tão forte era a sua credulidade, tanto se lhês exaltava a imaginação neste ponto, que esses homens fortes, e ainda mesmo os asselvajados *Aymorés*, acostumados a uma vida toda de privações, ás rudes iniciações da vida guerreira, aos soffrimentos de todos os generos, sentião-se como que *accommettidos* de uma sação de terror, recordando-se das vexações soffridas por culpa de *Anhangá*.<sup>4</sup>

*Anhangá* ou *Mbai-ayba*, lêmos no dictionario *tupy*, quer dizer cousa má. Parece porem que por inexacta apreciação se introduziu entre os primeiros escriptores o erro de suppor-se que tal designação exprimia

---

<sup>4</sup> V. entre outros Lery, pag. 236: «Cependant pour montrer que ce qu'ils endurent n'est pas jeu d'enfant, comme on dit, je leur ai souvent vu tellement apprendre certe furie infermale, que quand ils se ressouviennent de ce qu'ils avaient souffert e passé, frapans des mains sur leurs cuisses, voire de detresse, a sueur leur venant au front, en se complaignant á moi, ou á l'autre de nostre compagnie, ils disoyent: «Maiz atuassap ace-queiey aygnham atupané»; c'est á dire: «François, mon ami, u mon parfait allié, je crains le diable.»

a divindade malefica. O verdadeiro nome do genio do mal não seria *anhangá*, mas *Jeropary*, sendo aquelle como o primeiro ministro, o principal executor das vontades do ultimo. Segundo o padre Ives d'Evreux, obra de que não se suppõe existir mais do que o exemplar que se conserva na Bibliotheca de Santa Genoveva de Paris<sup>1</sup>, os seus sacerdotes nunca havião fallado a *Tupan*, aos companheiros de *Jeropary*<sup>2</sup> que é o servidor de Deos. Por esta phrase se quiz entender, como é effectivamente, terem os indios conhecimento dos genios secundários dos bons e máos espiritos, chamados aquelles, segundo o padre Vasconcellos, *Apoiáciené*, e estes *Ouiaoupia*.<sup>3</sup> Os espiritos favoraveis fazião descer a chuva em tempo opportuno, e parecião destinados a regularem a temperatura, e serem mensageiros diligentes, subindo incessantemente da terra ao céu. Os demonios, sujeitos a *Jeropary*, habitantes das aldeias abandonadas, se oppunhão pelo contrario a que a chuva cahisse na estação propria, que as flôres fructificassem, que os fructos sazonassem, e maltratavão de mil modos a quantos encontravão.

*Macachera* era o espirito que acompanhava e prece-

---

<sup>1</sup> Deve-se o conhecimento da existencia d'este exemplar á diligencia do Sr. F. Denis, a quem tanto deve o Brasil.

<sup>2</sup> Tambem se escreve «*Geropary*.» Afastando-me do padre d'Evreux, tive em vista a opinião de Laet. L. 8. c. 11. ad Marcgráff: *Juripari* et *anhangá* significant simpliciter diabolum.

<sup>3</sup> Estas duas palavras parecem escriptas com orthographia franceza.

dia ao guerreiro nas suas marchas<sup>1</sup>. *Curipira* presidia aos enganos e mentiras.<sup>2</sup> *Curipira*, vagando solto no espaço era o genio do pensamento.<sup>3</sup> Outros, sob formas visiveis habitavão as florestas e os rios: são os *Caaporas* e Mães d'agoa.<sup>4</sup> O *Caapora* (vulgarmente caipora) veste as feições de um indio, anão de estatura, com armas proporcionadas ao seu tamanho, habita o tronco das arvores carcomidas para onde attrahe os meninos que encontra desgarrados nas florestas. Outras vezes divagão sobre um *tapyr*,—ou governão uma vara de infinitos *caitetus* cavalgando o maior delles. Os vagalumes são os seus batedores, é tão forte o seu condão que o indio que por desgraça o avistasse era mal succedido em todos os seus passos. D'aqui vem chamar-se *caipora* ao homem a quem tudo sae ao revez. A mãe d'agoa, graciosa criação de phantasia intertropical, habita o fundo dos rios, bella, cheia de attractivos, de encantos, de seducções irresistiveis symbolisa o amor que teem á agua os habitantes dos climas ardentes.

Demos pois dois seres superiores, contrarios e in-

<sup>1</sup> Lael. Annot. ad. M. L. 8. c. 11: «Numen viarum, viatores precedent.»

<sup>2</sup> Ob. cit. numen *mentiam*—mentira ou pensamento?

<sup>3</sup> Padre Vasconcellos,

<sup>4</sup> A mãe d'agua será talvez de origem africana, sendo presumivel não ser dos indios, em cujo idioma não encontramos termo para a exprimir. *Caapora* poderia bem ser invenção dos padres para os chamarem á vida social, ou dos colonos para explicarem o desaparecimento de meninos, que elles talvez tivessem roubado.

dependentes—os dois principios dos Persas—o bem e o mal, ambos poderosos, ambos deificados—*Tupan e Jeripary*:—alem destes os espiritos que compõem a côrte de cada um destes—os bons e os máos espiritos e assim como o Deos bom era opposto ao Deos máo, os espiritos que servião a cada um delles se contrapunhão tambem entre si. Ao espirito do pensamento se oppunha o da mentira,—ão das jornadas, o *Caapora* que o extraviava; ao dos acontecimentos felizes, o da morte desastrada.

Estabelecidos os élos que prendiam o cêo á terra, o desejo natural ao homem do desconhecido,—ou antes as aspirações do infinito, lhe fez advinhar a immortalidade da alma, que parece a revelação intima de um sentido desconhecido. *Anga* se chamava a alma emquanto unida ao corpo: depois da sua separação ião umas para a companhia dos bons, outras para a dos máos espiritos. Aquellas deleitadas com a vida dos seos elysios, beneficas e amigas, parece que nunca mais voltavão á terra dos viventes, ou somente o fazião para prognosticar algum successo á sua familia ou descendentes, ou tribu, no canto melancolico da *Acauan*. As outras, pelo contrario, vagavão terriveis nas florestas, amedrontando os vivos com aparições estuendas, e então chamavão-se *Mbaé-ayba* que litteralmente corrêsponde ao portuguez—«couza má,»—empregadas no mesmo sentido: *Angoera* ou *Kaagerre* lhes chamavão outros.<sup>1</sup> Quando porem annunciavão a

<sup>1</sup> Affligés de ce malin esprit qu'ils nomment autrement *Kaa-*

morte, e provavelmente desastrada ou deshonrosa, tomavão outra designação. *Marangigona*, diz Laet, (ad. Marcg.), não significa Deos, mas a alma separada do corpo,—ou uma couza que os Brasis não conhecem bem, ainda que a temão sobre modo, que lhes annuncia um fim próximo.

Independente destes deoses e destes espiritos, a alma destes homens rudes; levantava-se algumas vezes á contemplação dos astros brilhantes da noite. Povos que principiavão a cultivar a agricultura, e por isso melhores observadores dos phenomenos da natureza,—outros que passavão a vida no descampado, ou á sombra copada das florestas, tributavão culto a certas estrellas e constellações que constantemente os alumiavão e dirigião em suas nocturnas expedições, e pelas quaes muitos delles numeravão os seus annos de vida. <sup>1</sup> Barloeus (pag. 225) falla de uma tribu a que chama *tapuya*; mas que sendo, como elle pretende, agricola, não podia deixar de pertencer ás da familia *tupy*, na qual era venerada a ursa maior. Recordavão-se ainda do tempo em que todos vivião felizes sem cultivar a terra sob a influencia do seu astro protector cujo amor elles sentião ter perdido.<sup>2</sup>

---

*gère.* Esta palavra é composta de *Caá* mato, e guerra, isto é *guara*, habitante: o mesmo que *Caapora*.

<sup>1</sup> Annos suos numerant ab exortu Heliaco Pleiadum, quos *reieiu* vocant, atque ideo annum eodem nomine denotant. *Marcg.* L. 8 c. 5.

<sup>2</sup>Barloeus. Numinis loco ursam majorem venerant. Fabulantur et nugatur de vulpe, quæ in odium ipses apud deum

Comtudo estes elementos spirituaes da sua religião estavam abafados por grande numero de superstições: tinham os seus feitiços que as mais das vezes não passavam de osso de algum animal carnívoro, -- de uma aranha dessecada, dos membros de sapo, ou mesmo de alguma producção mineral ou vegetal sem prestimo como sem virtude. Alguns destes tomavam o caracter de *manitós*, que eram como outros tantos deoses lares ou privados, quer trazidos ao pescoço, como feitiços, protegessem o individuo, -- quer pendurados á entrada das tabas assegurassem de surpresa de inimigos. Por outra parte attendião muito ao encontro casual de certos animaes, -- ao grito de certas aves, principalmente da *acauan*, por cujo canto até fingião conhecer a chegada de um hospede e o tempo que se demoravão na jornada. Os sonhos tambem, como entre os romanos, eram objecto de grande importancia, a caça, a pesca, as escursões, as festas, as mudanças de tabas, as declarações de guerra, bem como muitos actos individuaes eram determinados pelos sonhos.

Com estas busões, ainda que a sua imperfeita religião tivesse por base principios spirituaes, mas sem um symbolo que os representasse, estavam estes principios tanto em risco de desaparecerem das intelligencias, que no descobrimento da America, muitos via-

---

suum, ursam majorem adduxerit, tantique numinis favorem à gente sua averterit: olim optimam se, facilimamque vitam vexisse, cum pascerentur ultro.

jantes os desconhecerão. Como além disso não julgavam que ao espirito do bem importasse outra adoração que não fosse desfructar os beneficios que elle espalhava por toda a natureza,—o seu culto ao menos o externo, era todo e exclusivamente dedicado ao espirito do mal: para estes os rogos, as offrendas, os sacerdotes. Mas em um governo sem chefes senão temporarios, onde só havia de persistente os sacerdotes, o poder theocratico se mantinha por meio de mysterios e superstições absurdas, fazendo acreditar que alguns segredos dos simplices ou da natureza que possuíam, erão revelações da divindade, com a qual se communicavão. As superstisições por tanto tomarão o logar da religião, e os sacerdotes o logar da divindade. A imaginação illudida phantasiava protectores ou deoses nos mais insignificantes objectos; mas o que é de admirar, o que prova a boa indole dos indigenas e o alegre não colorido da sua imaginação, é que o proprio culto do terror nunca entre elles chegou a ponto de os fazer derramar sangue em seus altares em honra de suas divindades.

Os feitiços e o culto dos *manitós* tinham quebrado o ultimo elo que os prendia uns aos outros—tinham acabado de destruir a religião que só poderia unir tribus contrarias ainda que descendentes da mesma raça. Sem communhão de interesses, sem communhão de principios, os feitiços *manitós*, deoses privativos de cada taba, de cada familia, de cada individuo, tendião a separal-os cada vez mais uns dos outros, e a fé que

podia ter cada um no seu idolo, arrefecia por não ser aviventada no grande fóco da religião de todos, e porque se não referia aos mesmos objectos.

Sem chefes senão temporários, sem deozes senão o que cada um fantasiava para si, a sociedade não podia prosperar nem ainda subsistir por muito tempo; mas apressemo-nos a notar que esses mesmos factos, tornando mais azada a conquista, facilitavão a propagação da fé catholica. A conquista encontrou tribus espalhadas e hostis, e a fé não teve de combater dogmas profundamente enraizados: mas superstições, mal criadas, e os individuos que alimentavão não formavão uma casta privilegiada, nem um corpo respeitado.

Tendo reconhecido a grande verdade da immortalidade da alma o espiritualismo, admiravel nos indigenas, lhe havia dado tal importancia, que elles a não julgavão indigna de communicar com a divindade. Esta não se lhe communicava immediatamete senão por intermedio dos espiritos, quer fosse que as suas palavras carecessem de interpretes para caberem na intelligencia humana, quer as emanações da sua omnipotencia fossem fortes de mais para serem percebidas sem damno por um simples mortal. Os sonhos erão os seus dictames, e por meio delles sabião os homens o que melhor lhes convinha fazer na vida; mas quando em contacto com uma potencia superior o espirito se perturbava, as ideias confundião-se, e era então preciso que houvesse um intermedio entre o céu e a terra entre Deos e os homens, que decifrasse o senti-

do occulto de um sonho, ou separasse delle o que poderia ter sido inspiração de um espirito maligno. Estes seres intermedios entre Deos e as creaturas erão os sacerdotes os *Piagas* ou *Pugés*, e os *Caraibas*. Por esta maneira se effectuava a correspondencia. Deos transmittia avisos por intermedio dos espiritos, e os homens os comprehendião por intermedio dos sacerdotes; e o élo mysterioso que atava os dois fragmentos desta cadeia, era, segundo as circumstancias, qualquer phenomeno da natureza, onde a credulidade descortinasse prognosticos, os eclipses, as chuvas, a tempestade, o canto de certas aves, o encontro de certos animaes, e sobre tudo e mais que todos—os sonhos.

Não conhecião talvez o dogma da macula original; mas, apesar disso pareceo-lhes que os sacerdotes carecião de uma iniciação longa e penosa, durante a qual se purificassem e se tornassem dignos de divindade, a que servião.

Fugindo dessa tal qual sociedade que tinham, retiravão-se á cabanas affastadas e obscuras, ao ôco das arvores, á lapa dos rochedos ou as cavernas tenebrosas, onde nenhum guerreiro entrava, e de cuja visinhança se abstinhão: alli impondo-se privações, padecendo tormentos da necessidade, em um viver austero e mysterioso, e durante longas noites passadas no silencio apenas interrompido pelo horborinho confuso das matas, dados á meditação, á maceração, ao jejum, tornavão-se excessivamente nervosos e de uma sensibilidade esquisita. O respeito que inspiravão aos de-

mais fazia com que ainda mais se respeitassem, e a consideração em que erão tidos, redobrava aquella em que se tinham a si proprios. Os segredos que possião, obtidos pela observação e experiencia, ou herdados de seos antecessores, erão como o sello da sua autoridade, e o caracteristico do seo valimento para com Deos. Estranhava-se a sua vida, o seu isolamento, a austeridade de seos costumes, e quanto empregavão para grangear prestigio. Suppunha-se delles como na idade media dos que se clausuravão, que um guerreiro não deixava as suas tabas, o seo modo de vida, as suas festas, os seos jogos, as suas guerras, senão por uma vocação forte, por um chamado providencial.

Erão portanto reputados entes superiores, e em falta de amor, inspiravão um respeito cego e um temor incrível. Conhecendo particularmente a toxicologia americana, o menos incompleto dos seos conhecimentos, e a virtude de certas folhas, plantas e raizes, facil lhes era produzir a morte, a loucura, ou provocar uma enfermidade artificial. Com a reputação que tinham não lhes era também muito difficil attribuirem-se todos os acontecimentos, favoraveis ou desfavoraveis, sobrevindos a um guerreiro ou a uma tribu, conforme lhes fosse amiga ou inimiga. Tal era o seo prestigio que julgava-se serem elles os que inspiravão aos guerreiros o espirito da força e que delles dependia o bom exito dãs empresas—pelo que erão seguidos os seos conselhos, respeitadas as suas ordens e infalliveis os seos anathemas. Se vacticinavão a morte a alguem, nenhuma salvação havia para

este, que, levado pela imaginação e prejuizos, se deixava vencer do desanimo, de modo que o terror e a convicção da fatalidade imminente, paralisava-lhe o giro do sangue e o curso da vida. Pelo contrario tambem, conhecendo elles quão grande era a influencia do moral sobre o physico, bastava que com algumas ceremonias grotescas assegurassem a vida a qualquer enfermo para que este em certos casos se restabelecesse.

Erão pois não só os sacerdotes, mas os augures, os interpretes dos sonhos, o guarda vivo das suas tradições religiosas. Ainda mais: diz Humboldt que o nome de *Caraibas*, que aos *Pagés* se dava<sup>1</sup>, indicaria que entre estes povos selvagens, uma nação privilegiada teria renovado o antigo uso dos chaldéos, que preenchião as funcções de magos ou adivinhos entre os povos das circumvisinhanças. A supposição do illustre viajante basea-se de alguma forma em asserções dos viajantes anteriores a elle, obrigado pela similitude dos factos, e pela identidade das denominações. *Caraiba* era a nação que a todas as outras subministrava sacerdotes, e daqui todos os sacerdotes erão conhecidos por aquella nacionalidade. As provas porque aqui e alli passavão, indicão-lhe uma origem commum, como que uma só cabeça ou todas as cabeças de um só povo houvessem reconhecido ao mesmo tempo a necessidade da purificação em homens, que se ião dar

---

<sup>1</sup> Diremos abaixo que distincção nos parece deve-se fazer entre *Pagés* e *Caraibas*.

a tão sublime mister, e combinado os meios para chegar a tal resultado. Achamos tambem que um dos ramos dos incolas, os que, segundo penso, deverão ter sido os ultimos a destacar-se dos *Caraibas*, os *Carijós*, erão os que, como sacerdotes, gosavão de mais alta reputação. «É toda a nação dada a feiticeiros, escreveu o padre Vasconcellos (pag. ou n.º 124) e pouco depois accrescenta «tem e reverencia entre si feiticeiros; os mais em numero, e os mais famosos que ha entre todas as mais nações do Brazil.»

Passando a classificar-os, diz o mesmo autor, que havia uns que curavão, chupando, e a estes chamavão *pagés angaibas*; outros, propriamente os *pagés*, que matavão com feitiços; e por fim os sacerdotes verdadeiros, a que davão o nome de *Carahibebés*, palavra que, segundo o mesmo autor quer dizer *anjos*. Estes passavão de aldêa em aldêa, sem que em nenhuma dellas fixassem a sua residencia, como verdadeiros missionarios; erão estes os que communicavão côm os espiritos, os interpretes da divindade, os ministros de *Tupan*, os que podião transmittir a força a quem lhes aprouvesse, tornar os guerreiros intrepidos, a terra fertil de raizes e fructos, que erão o principal alimento dos *Tupys*, e verdadeiros *maracás*. Nem faça duvida encontrar-se escripto no padre Vasconcellos *Caraibebé*, quando Lery e outros os appellidão simplesmente *Caraibas*. Os mesmos Jesuitas em outras obras, a Chronica da Companhia no Brazil, dizem que os indios derão este appellido ao Padre An-

chieta, admirados da rapidez de suas viagens. A palavra assim composta parece indicar homem que vôa, volante ou ambulante, o que está de accôrdo com os costumes do sacerdotes *Caraibas*. Como, porem, em virtude da sua vida ambulante, não podessem estar presentes onde houvesse necessidade delles, não é de admirar que os *pagés* muitas vezes se arrogassem attribuições e funcções, que só áquelles competião, de modo que com o tempo e enraizamento do costume, os estrangeiros poderão confundir estas duas entidades.

Temos então, os *pagés* medicos, os *pagés* feiticeiros, sendo de ordinario feiticeiros e medicos ao mesmo tempo, e os *Caraibas*, sacerdotes: os dois primeiros aggregados ás tribus e seguindo-as nas suas emigrações, o ultimo essencialmente ambulante <sup>2</sup>. Mas nem sempre as curas erão felizes, nem sempre passava impune o sortilegio: os parentes do paciente pretendião tomar vingança da morte ou da offensa, pelo que ver-se-hião os *pagés* obrigados a lançar a culpa de um ou de outro acontecimento sobre alguma pessoa ou tribu visinha. Originava-se então a guerra; mas guerra implacavel e rancorosa, de que o vencido procuraria vin-

---

<sup>2</sup> Il faut savoir qu'ils ont entre eux certains faux prophètes, qu'ils nomment *Caraibes*... *ullans et venans de village en village*, comme les porteurs des rogations en la papauté. Lery. Hist. de l'Am p. 270.

Hans Stadt. p. 284: «Il y a parmi eux des especes de prophètes qu'ils nomment *paygi*. Ceux-ci parcourent le pays une fois par an, entrent dans les cabanes, et prétendent qu'un esprit venant d'une contrée éloignée les a donés de la faculté de parler à tous les *tamarakas*.

gar-se, e em que o triumpho do vencedor era como um desafio lançado aos amigos e parentes do sacrificado.

Este estado era favorabilissimo á conquista e para elle, como se vê, contribuião os *pagés*. Erão homens mais temidos que respeitados, por isso que um delles os feiticeiros, personificando, o genio do mal, tinhão o poder de damnificar os que quizessem, enquanto outros, os medicos, não podião nesta sciencia lutar com os Jesuitas. Contentavão-se porem de queimar sal e pimenta por onde aquelles tinhão de passar, e tratavão de persuadir aos seos da influencia maligna dos Padres, aos quaes attribuião as pestes, as mortes e as derrotas.

Os *Caraibas* tambem fugião do contacto desses homens e dos indigenas que os rodeavão, ou porque temião que os seos embustes fossem descobertos, ou porque repútassem que aquelles seos conterraneos, contaminados da praga estrangeira, nem erão dignos de ter maracás abençoados, nem de receber por seos esconjuros o espirito da força. Não tendo na sua religião o principio dô proselytismo, tambem não se julgavão adstrictos segundo a frase catholica, a reduzirem ao rebanho da fé as ovelhas desgarradas. Em parte alguma apparecerão os *Caraibas*, oppondo á religião christã os embaraços, que encontrou algures, onde castas hereditarias se perpetuavão no sacerdo-cio, e tinhão interesse em defender e pugnar pela religião, se não por amor della, ao menos pelo da propria conservação.

O vulgo com uma crença fraca e degenerada, sem templos, sem os seus principaes sacerdotes, forão abraçando o christianismo por conveniencia, quando não por fé. Os Jesuitas erão melhores amigos, melhores medicos e mais seguros protectores do que os seus *pagés*.

## CAPITULO VII.

### Crenças.

THEGONIA DE THEVET.

O que no capitulo antecedente deixei escripto sobre a religião dos indigenas, foi tirado dos autores mais dignos de credito que escreverão ácerca do Brazil: estudei-os, confrontei-os, escolhi aquillo em que todos ou a maior parte assentavão, e o que me pareceo mais proximo da verdade, buscando por minha parte dar alguma ordem a ideias que devem formar um só todo.

Ha porém um autor, raro na Europa, como vão sendo todos os que tratão da America, que não se encontra nas nossas Bibliothecas; e que sobre este ponto, como sobre muitos outros é bem merecedor de ser consultado. Falo de Thevet. O Sr. Ferdinand Dinis o

cita no folheto com que se sahio á luz á algum tempo, contendo a descripção de uma festa brazileira, dada ou representada em Ruão pelos nossos indios, no tempo em que os Normandos fazião largo commercio com as tribus do litoral do Brazil. Aproveito-me do trecho citado pelo Sr. Ferdinand Dinis, que aqui dou traduzido, com as notas postas por aquelle benemerito das nossas lettras, e algumas esplanações que julguei dever fazer.

Sei que Lery, escriptor exacto, censura a falta de consciencia de Thevet, e o acoima de vicios e defeitos que completamente o desabonarião; mas não haveria no huguenote algum prejuizo contra o catholico? Não haveria alguma inimidade de partido, religioso ou politico; e o que mallogrou a expedição de Villegagnon não é o que se manifesta nas diatribes destes dois autores, e na acrimonia com que reciprocamente se tratão? Como quer que seja, procurando a verdade onde quer que a encontre, se não reputo muito exacta a Theogonia de Thevet; mas o que se não pode deixar de reconhecer no extracto do Sr. Ferdinand Dinis é que a côr local como hoje se diz, foi fielmente observada nas lendas do autor francez, a indole dos *Tupys* o character das poucas tradições que delles nos restão, e a que estas se prendem, a composição e significação dos vocabulos nellas empregados, desafião e desculpão a credulidade.

Fallando desta maneira, peço desculpa para mim proprio que me acho inclinado a dar-lhe alguma in-

portancia. Se Thevet pode ter improvisado a sua Theogonia, convirá dar-lhe o fôro de um eminente improvisador. Deixei-mol-o explicar-se.

A primeira noção que tem os selvagens do que excede a physica é de um ente que elles chamão *Monan* <sup>1</sup> ao qual suppõe as mesmas perfeições, que nós attribuímos a Deos, dizendo que é sem fim e sem principio, que creou o céu e a terra e tudo o que nelles existe, sem comtudo fazerem menção do mar, nem de *aman atuppane* <sup>2</sup> que são as nuvens d'agua em sua lingua. Dizem que o mar foi feito por um transtorno sobrevindo a terra, que d'antes era chã e chata, sem montanhas quaesquer, e produzindo todas as cousas necessarias á vida do homem. Assim explicão a formação do mar.

Os homens vivião em paz e no goso do que produzia a terra, regada e refrescada com o orvalho do céu; aconteceo porém que fatigando-se da sua beatitude, começassem a viver desordenadamente. Cabirão em tal e tão grande loucura que principiarão a desprezar a *Monan* que então vivia entre elles e familiarmente os visitava. *Monan*, vendo a ingravidão dos homens, a sua malvadesa, o desprezo em que o tinhão, a elle que os havia aditado, retirou-se de suas creaturas; e depois fez descer—*tatá*—que é o fogo do céu, o qual

---

<sup>1</sup> *Monan*, construir, edificar, Diccionario de Montoya. *Monhang* no Dicc. Brasiliano (1796) tem a mesma significação.

<sup>2</sup> *Ama*-Nube d'aguas. Montoya. *Amana* no Dicc. Brasiliano quer dizer *chuva*.

queimou e consumio tudo quanto existia sobre a face da terra.

Trabalhou o fogo com tanta violencia que alteou a terra de um lado e abaixou-a de outro, tomando a forma que agora lhe vemos, isto é, de valles, montanhas, colinas e de chapadas de bellas planicies. De todos os homens salvou-se um apenas. Foi *Irin Magé*, que *Monan* havia transportado ao céu, ou a outro lugar, afim de que podesse escapar ao furor desse fogo devorador.

*Irin Magé* vendo tudo consumido, levantou a voz, e dirigindo-se a *Monan* disse-lhe entre lagrimas e soluços. «Queres destruir tambem os céos e os seus ornamentos? Onde será agora a nossa morada, e de que me servirá viver não tendo alguem que me seja semelhante?»

*Monan* sentio-se commovido e querendo remediar o mal que tinha feito á terra por causa dos peccados dos homens; fez chover sobre ella em tanta abundancia, que o fogo se extinguiu; e as aguas não podendo parar nas alturas forão correndo ajuntar-se nas planicies de todos os lados. Esta accumulção de aguas foi chamada por elles *Paranan* que quer dizer—amargura. E quanto a este amargor explicção, que estando a terra reduzida a um montão de cinzas, a agua que depois correo sobre ellas, deixou-lhes o gosto do sal.

*Monan* vio a terra restituida á sua primitiva belleza, e o mar que ainda mais bella a tornava, cercando-a de todas as partes, e pareceo-lhe mal que tantas mara-

vilhas ficassem sem alguém que as cultivasse. Chamou pois a *Irin Magé*, deo-lhe uma mulher, e mandou que ambos viessem povoar de novo a terra.

De *Irin Magé*, dizem elles ter descendido um grande *Caraiba* que reputão o seo propheta, ao qual, por causa de suas obras prodigiosas, chamarão *Mair Monan*. *Mair*<sup>1</sup> significa—transformador—, dando-se-lhe este nome por ser elle muito habil em transformar e metamorphosear umas cousas em outras: e *Monan* o mesmo que—velho—; mas applicado a este grande *Caraiba* tanto importa como dizer-se—immortal—. Este *Mair Monan* ordenava todas as cousas a seo geito, e depois as convertia e transformava de diversas maneiras em leras, aves, peixes, e no que melhor lhe parecia.

Os homens indignarão-se por fim contra *Mair Monan* e o convidarão a vir em visita á uma aldeia. Armarão-lhe tres fogueiras no caminho e chegando em frente dellas lhe disserão que se elle as passasse sem queimar-se, os seos hospedes o terião pelo grande *Caraiba*! Passou a primeira, a segunda; mas chegando á ultima e maior dellas, converteo-se logo em fogo e chammass, rompendo-se-lhe a cabeça com um horrendo estrondo, que chegou até ao céo e a *Tupan*<sup>2</sup>. D'a-

---

<sup>1</sup> *Mair* chamavão os *Tupinambás* do Maranhão e *Tamoyos* aos francezes. *Mair Monan* significaria o estrangeiro creador por excellencia—o feiticeiro

<sup>2</sup> *Tupan-ita*, raio: *Tupan-beraba*, relampago. Knivet diz que as serras dos Orgãos erão antigamente conhecidas pelo nome de *Tupan boyera*: «Ce mot, qui est facile à decomposer n'indique t'il pas l'existence de quelque antique sanctuaire, où la di-

qui dizem que se originarão os trovões, e que os relâmpagos, que o precedem, são a significação do fogo em que elle ardêra. Por morte deste, seguiu-se a ruina da terra por meio do dilúvio.

Eis o caso: *Somé*<sup>1</sup>; descendente d'aquelle que os selvagens havião queimado, teve dois filhos, um chamado *Tamendonare* e o outro *Aricute*<sup>2</sup>, homens de indoles differentes, e que se odiavão de morte. *Tamendonare*, bom pai de familia, vivia com sua mulber e filhos, aprezendo-se de cultivar a terra. *Aricute* pelo contrario dava-se á guerra, e nada desejava tanto como subjugar todas as nações visinhas e igualmente a seos irmãos. Aconteceo um dia que, voltando *Aricute* da guerra, trouxe a seo irmão *Tamendonare* o braço de um inimigo, dizendo-lhe com grande altivez e arrogancia. «Tu és fraco e medroso. Eu porem subjugarei tua mulber e teus filhos, que não tens força para os defender.»—Se foras tão valente como dizes, tornou-lhe o outro, trazias vivo, e não morto o teo inimigo.

*Aricute* indignado lançou o tal braço contra a porta da casa de seo irmão; mas no mesmo instante toda a aldeia em que estavão subio ao céu e elles ficarão em

---

vinité redoutable des *Tupys* recevait le culte des *Piayes*?» *F. Denis*.

<sup>1</sup> Thevet escreve *Sommay*.

<sup>2</sup> Figueira. *Grammatica Brasilica* diz que *Tamendonare* equivale a «elle se lembra.» *Aricute*, segundo Montoya, vem de *ara* dia e *cute* agitado. Ferdinand Denis. *Obs.*—*Tamendonare* não será o mesmo que *Tamendaré*? Na Gram. de Figueira, elle se lembra, diz-se; *Y-maenduar*, *T-maenduar*, elle se lembra.

terra. *Tamendonare*, vendo isto, ou de admiração ou despeito, bateo na terra com tanta força, que della rebentou uma grande fonte. A agua foi subindo, subindo, e em pouco tempo cobrio as colinas e montes, de modo que parecia exceder a altura das nuvens.

Os dois irmãos com suas familias subirão as arvores mais altas que acharão: *Tamendonare* em uma palmeira, *Ariculé* em um genipapeiro <sup>1</sup>. Todos os homens e animaes perecerião, excepto os dois irmãos e suas mulheres, das quaes sahirão dois povos differentes os *Tupinambás* e os *Tomimás*.

Não é menos curiosa a mythologia e methamorphoses de diversos seres, que tendo principio divino, participavão de todas as fraquezas e miserias dos homens.

É um d'elles *Maire Monan*, que sob as graciosas feições de um menino, brincando com outros da sua idade faz presente á terra do *itic*, *avati* e *comandá*, a batata, a mandioca, e a fava.

É outro *Maire Poxi* entre colerico, detestavel e máo: todavia era o enviado do Deos creador. Tendo fecundado uma virgem com o presente de um veneno mysterioso, levou-a a ella e seo filho para um lugar maravilhosamente fertil onde se operão as mais admiraveis

---

<sup>1</sup> Vasconcellos falla da tradição de dois irmãos que se inimizarão, e separarão indo um para o norte, outro para o sul do Rio.

O costume que tinham os indigenas de se pintarem com tinta de genipapo nas suas festas guerreiras não traria origem da tradição de haver esta arvore servido de asylo ao irmão inclinado á guerra?

methamorphoses. *Poxi* mesmo se transforma, e deixando o seu hediondo involucro, tornou-se o mais bello dos homens, antes de sobir ao céo.

Este filho do bem querido de Deos teve outras aventuras, de que Thevet não trata; mas só do presente que em sua colera fez a um guerreiro, que parecia desconhecer a sua origem. Foi um brilhante diadema de plumas, que se converteo em chammas, dadiua tão funesta como a da tunica de Nesso.

*Mair-atá*, o Deos, viajante seguiu-se á aquelle que punio o orgulhoso. Ligou o seu destino ao de uma mulher, e a tomou comsigo, para que lhe fosse companheira nas suas terrestres perigrinações, a qual todavia abandonou. A esposa abandonada e grávida é victima de um guerreiro, cuja hospitalidade reclamára, e de quem concebe outro filho. Outra vez abandonada vai a pobre injuriada pedir hospedagem a um chefe cruel que tem o nome do tigre indiano. *Jaguar* a recebe para a converter em iguaria de um horrivel festim. As entranhas da victima são lançadas á alguma distancia da aldeia: uma india que o acaso conduz áquelle logar acha os dois gemeos, sorrindo á mãe adoptiva que a fortuna lhes enviara. Leva-os comsigo, agasalha-os, ampara-os, e desde então a abundancia começa a reinar na cabana hospitaleira. Dentro dessa habitação se accumulão todos os fructos da terra, graças ao filho immortal de *Maire-atá*. Crescem os dois gemeos em forças; mas não ha de commum entre elles senão o seu amor fraterno. Um herdou todos os attributos quasi

divinos de seu pai, o outro está sujeito a todas as fraquezas da humanidade. Unem-se todavia no mesmo pensamento de vingança e neste particular se patenteia em toda a sua energia o caracter rancoroso do indio. Sob pretexto de conduzirem os habitantes da aldeia que outr'ora haviam acolhido e assassinado sua mãe, a um valle delicioso onde crescião fructos varios e abundantes, arrastão toda a população inimiga, e *Jaguar*, seu chefe, a uma ilha fertil; depois sublevão as ondas, e submergem sem piedade toda a multidão. Apesar disso, o filho de *Atá* transforma em animaes das florestas a todos estes miseraveis para que debaixo de nova forma continuem a servir de incentivo e pasto á nova vingança.

Os dois irmãos vendo-se em uma profunda solidão, resolvem-se a procurar vestigios do heroe que seduzira sua mãe. Caminhão, caminhão até que chegão ao promontorio que depois se chamou Cabo-Frio. Alli ouvem fallar de um velho maravilhoso, dotado do dom da profecia: é um ancião temeroso, que ninguem ousa perturbar no seu mysterioso retiro. Persuadidos de haverem encontrado o objecto de suas pesquisas apresentão-se hardidamente perante o ancião.

«O que vos traz aqui? perguntou-lhes o propheta com voz irritada.

«A esperança, responde-lhe o mais corajoso dos dois: a esperança de aqui encontrar *Mair atá*, e pois que o encontramos, havemos de servil-o como a nosso pai. Então os dois jovens viajantes narrão-lhe a his-

toria das desgraças de sua mãe, e da vingança que tirarão de sua morte.

Uma só couza lhes é occulta: a origem bastarda de um dos dois irmãos. *Mair-atá* os crê seos filhos, mas quer experimental-os. Os jovens guerreiros atirão com o arco, e as flechas ficão suspensas no ar. Já é este o indício de uma origem divina; mas ainda lhe não basta. *Ita-irapiyribe*, o que quer dizer meio de respiração, pedra abafadiça, que se abre e fecha alternadamente com os dois movimentos encontrados dos pulmões da creatura, deve ser atravessada por elles. Elles o fazem; mas o irmão mais novo espedaçado entre as duas porções da rocha, não tornaria mais a ver a luz, se o outro seo irmão lhe não houvesse ajuntado piedosamente os membros esparsos, e o não resittuisse a vida.

Proximo a reconhecêl-os por seos filhos, *Mair atá* impõe-lhes uma terceira prova.

Elles deverião ir ao logar terrível em que *Aignen* (*Anhangá*), atormenta as almas, e lhes tirarão a isca prodigiosa com que elle engoda o peixe *alan*. Aqui dá-se novamente a dedicação do heróe immortal por seo irmão. *Mair-atá* não se pode furtar á evidencia: seos filhos descirão ao fundo do abismo, pois que lhe trazem um enorme quarto de Tapyr, de que *Aignen* se serve para pescar o peixe gigantesco. O propheta solitario os recebe com alegria, e os recompensa, diz a lenda, preparando-os para novas empresas.

## CAPITULO VIII.

### Cáracteres moraes.

#### FESTAS E DANÇAS.

Entre estes singelos filhos da natureza a posse do que podia satisfazer os seus appetites, lisongear o seu orgulho ou redundar em gloria do chefe ou da tribo a que pertencessem, era motivo de regosijo em que todos tomavão parte. Uma pescaria abundante, uma caçada feliz, uma boa colheita de fructos e legumes ou somente de generos proprios para o fabrico do seu cauim, assim como a victoria sobre os seus inimigos ou a tomadia de um prisioneiro, erão occasião de festejo solemne, para o qual erão convidadas as tribus aliadas da circumvisinhança. Erão estas festas de duas naturezas, civis ou religiosas; porém a sua indole e

educação guerreira fazião com que todas em ultimo resultado não tivessem outro fim que não fosse despertar os sentimentos briosos ou antes ferozes de cada tribu e de cada individuo.

A mais importante de todas, ao menos segundo as noticias que nos restão, era a grande festividade religiosa que se celebrava de tres em tres annos, e na qual os guerreiros recebendo o espirito da força, habilita-vão-se para renderem os seos contrarios: uma como benção do ceo se derramava sobre a taba, sobre as casas, sobre as familias e sobre cada um dos guerreiros. Os *Caraibas* que corrião todas as tribus amigas para benzerem os *Maracás*, e receberem presentes e offer-tas, reunião-se nessas epocas em numero de 12 ou de máis, e partião não se sabe de onde para esta reli-giosa perigrinação. Enriquecidos com os benezes re-cebidos, que consistião em ornatos de pennas, em pe-dras para o rosto, e chocalhos para os pulsos e pernas, vinhão com ostentação destes dons, despertar e estimu-lar a vaidade dos outros guerreiros que se não querião mostrar pobres, nem menos industriosos; nem faze-rem aos seos sacerdotes offerendas de menos valor. Muito antes da sua chegada, corria a fama da sua vin-da e todos se punhão em movimento para hospedar e obsequiar dignamente os ministros de *Tupan*. Reu-nião-se os guerreiros da tribu, limpava-se e preparava-se a taba: uma cabana era reservada para as mulheres, outra para os meninos, outra para os guerreiros. Che-gavão emfim os sacerdotes, e recolhidos todos nos

seos respectivos alojamentos, dos quaes os meninos e mulheres não podião sahir senão por ordem dos *Carai-  
bas*, começava a cerimonia.

Quinhentos ou mil ou mais guerreiros, ou quantos havia de que a taba se compunha, reunião-se com os *Carai-  
bas* no lugar que a estes estava reservado. Todos adornados com as suas melhores preciosidades, com os mais bizarros ornatos que tinhão, graves e cheios de temor religioso postavão-se em circulo todos em pé bem juntos uns dos outros, mas sem se darem as mãos e sem mudarem de lugar. Curvados para diante, movendo apenas o pé e a perna direita, e com a mão desse lado sobre os rins, e o braço e a mão esquerda pendentes dansavão e cantavão ao mesmo tempo. Como o circulo seria demasiadamente extenso, á compor-se de todos os guerreiros presentes, formavão tres ou mais circulos, e no centro de cada um se collocavão tres ou quatro dos *Carai-  
bas* com os seos vestidos, cocares e braceletes, de pennas ricas e cores variadas, com um maracá em cada mão.

Começavão com voz lenta e quasi sumida como aquelles que entre nós resassem conjunctamente uma oração pelos mortos: recordavão-se de seos antepassados, de seos triumphos, da valentia e virtudes que na vida os adornarão e tambem da occasião da sua morte. Regosijavão-se porem com a ideia que lá estavão aguardando aos seos netos, os herdeiros da sua coragem nas diliciosas florestas que ficão alem das altas montanhas, e d'onde em todas as festas se alegravão

com elles. Ao passo em que do canto de saudades passavão a um canto de esperanças, a voz se ia levantando pouco e pouco, e cada vez mais forte, até que rompião todos a uma com a exclamação pela qual mutuamente se animavão—*he! he! he! he!*

De outro lado as mulheres possuidas no mais alto gráo da solemnidade d'aquelles mysterios, e cheias de temor indisivel, apertavão-se umas contra as outras, e com voz timida e tremula repetião a mesma intergeição—*he! he! he! he!* Succedião-se depois os gritos e os saltos como de pessoas possessas e com tanta violencia que muitas chegavão a cahir sem accordo. O mesmo acontecia com os meninos.

Em quanto progredia este immenso tumultuar na cabana das mulheres, os *Caraibas*, que, assim como os guerreiros circumstantes, não se conservavão firmes n'um só lugar, ião avançando ou recuando a compasso e tomando um comprido caximbo (de quatro a cinco pés segundo Lery) cheio da herva *petum* ou tabaco, tomavão algumas fumaças, e lançando-as pela boca e narizes, com ellas baforavão os outros selvagens, repetindo-o cada um delles: «recebe o espirito da força, para que possas subjugar os teos inimigos.»

Os guerreiros, continuando no seo canto depois desta cerimonia, soltavão terriveis imprecações e ameaças contra os seus inimigos, em quanto os *Caraibas* como que os incitavão á luta, promettendo-lhes os despojos da victoria, os deleites do triumpho e a satisfação da vingança.

Concluião os *Caraibas* com as memorias da tradição religiosa, de que erão elles os depositarios, e relatavão o diluvio com todas as suas circumstancias, como as aguas elevando-se a uma altura prodigiosa, e sahindo do seo leito havião extravasado sobre a terra, como *Tamendaré*, o velho justo, se havia refugiado no alto de uma palmeira, e d'alli contemplára o mais grandioso e tremendo espectaculo que a natureza tinha jamais offerecido aos olhos dos homens, até que renovada a terra e outra vez enchuta, elle com a sua familia descera da arvore protectora para a repovoar. No fim de cada estrophe cantavão todos este estribilho prolongando a voz: *heu! heuraure! heura! heurare! heurá! heurá! uhe!*

Cessando o canto, todos os guerreiros batião com o pé no chão com mais força do que das outras vezes; e tendo cada um delles cuspidio diante de si, todos com voz rouca pronunciavão uma ou duas vezes *he! hua! hua! hua!*

E não julgemos que erão estes cantos destituídos de harmonia: todas aquellas vozes chegavão a concertar-se de modo que produzião uma toada agradável; e tal que não era de esperar delles. D'Abeville o attesta e mais particularmente Lery, testemunha occular de um destes actos. «Ouvindo-os, diz elle, senti-me todo transportado de alegria; e ainda agora quando disso me lembro, sobressalta-se-me o coração e me parece que tenho a sua musica nos ouvidos.»

Depois desta festa, com a recordação das injurias re-

cebidas, dos combates mallogrados, e mais que tudo porque confiavão nas promessas dos *Caraibas*, sentião reviver os antigos odios, e procuravão os contrarios para apagarem a lembrança das offensas. Assim que, entre elles a propria religião, os proprios sacerdotes de accôrdo com os seus costumes, contribuião para fortificar os principios e os habitos guerreiros. —

Depois da batalha a turma victoriosa collocava os seus prisioneiros no centro junto dos que os havião captivado, e na companhia dos mais robustos e valentes, mais para cortejo da victoria do que para guarda do captivo. Se durante a jornada tinhão de atravessar alguma aldeia conhecida e alliada, sabião todos os habitantes desta a enconral-os <sup>1</sup>, dançando, saltando, batendo palmas, cobrindo os vencedores de extraordinarios elogios, e felicitando-os pelo seu triumpho.

Ao entrar na sua propria aldeia, os velhos, as criancas, as mulheres apparecião para os saudar e receber, e o preso, bom ou máo grado, era forçado a clamar-lhes: «Eis que vos chega o vosso alimento. <sup>2</sup>» Entregue depois ás mulheres, estas os rodeavão e depois conduzião entre si, «cantando o mote que tem por costume cantar ao prisioneiro quando tencionavão devoral-o.» Outras vezes o batião e maltratavão, dizendo-lhe em sua lingua: «Eu te maltrato em nome de meo amigo e parente que foi morto pelos teos.»

---

<sup>1</sup> Lery e Hans Stadt.

<sup>2</sup> É o que aconteceu a Hans Stadt. Vid. p. 400.

Tomando depois precauções para que elle não fugisse davão-lhe uma mulher que o guardasse e vivesse em sua companhia até que à morte e por maravilha a fuga o libertasse do captiveiro. Seguimos a relação de Hans Stadt <sup>3</sup>, quando dissemos que se tomavão providencias para que o prisioneiro se não evadisse; mas acreditamos que esta medida só teria sido adoptada para os europeos e depois que a experiencia lhes tivesse feito ver como estes nenhuma difficuldade tinhão em romperem as prisões de guerra. Nos seos costumes, e quando o prisioneiro era indio, dava-se-lhe toda a liberdade, durante largos mezes e até annos, nem temião que elle procurasse salvar a vida com a fuga, ainda que a todos os instantes tivesse oportunidade para isso. Se o fizesse, considerava-se que o infeliz se deshonorava a si, aos seos, á sua nação, e repellido por todos com o terrivel stygma de covarde nem merecia ser escravo. Os seos proprios o assassinavão, cobrindo-o de improprios e máos tratos. Sabião elles disso, e não hesitavão entre morrer com gloria, ou acabar com ignominia. <sup>4</sup>

<sup>3</sup> H. Stadt p. 300.

<sup>4</sup> Et bien que estant desliéz et libres comme ils sont, ils puissent fuir et se sauver, si est ce qu'ils ne le font jamais encore qu'ils soient assurez d'éztre tirez et mangez au bout de quelque temps. Car si quelqu'un des prisonniers s'estait eschappé pour retourner en son pays, non seulement il seroit tenu pour un *couaue eum*, c'est à dire, poltron et lasche de courage: mais aussi ceux de sa nation mesmè ne manqueroient de le tuer avec mille reproches de ce qu'il n'auroit pas eu le courage d'endurer la mort parmi ses ennemis, comme si ses parents et tous ses semblables n'estoient assez puissants pour vanger sa mort.

Approxima-se o sacrificio, preparão o *cauim*, e fabricão uma especie de vaso destinado especialmente para conter as côres com que deverá ser pintado o prisioneiro para maior solemnidade; no cabo da maça que lhes serve para matar os captivos fixão uma borla de pennas a que dão o nome de *atarabebé*<sup>1</sup> e tecem uma corda comprida a que chamão *massarana*, com a qual os atão. Quando tudo está disposto, convidão os seus amigos e alliados, e enchem todos os vasos de *cauim*. Os hospedes chegão com alguma antecedencia e o chefe que sai a recebê-los, os sauda, dizendo: « Vinde ajudar-nos a devorar o nosso inimigo ! »

Durava esta festa pelo menos dois dias e de ordinario tres. No primeiro atão ao pescoço do prisioneiro a *massarana*, que é feita de algodão ou de embira, e pintão a maça *tangapema*, como escrevem alguns, ou *iverapeme* como escrevem outros, com a qual deverá ser sacrificado. Untão-n'a com certa materia viscosa, e reduzindo a pó as cascas dos ovos de Macuco<sup>2</sup>, que são de um pardo muito escuro, salpicão a maça com esta poeira. Vem depois uma mulher que limpa parte

---

Le diable a tellement gravé le point d'honneur dedans le cœur de ces pauvres sauvages... qu'ils ayment mieux mourir par les mains de leurs ennemis et estre mangé par après que fuir de s'eschapper, comme ils peuvent facilement.—*Abeville* pag. 290.

<sup>1</sup> *Garniture* qu'ils appellent *Aterabêbê* faicte de plusieurs sortes de plumages entreliez et accommodez fort joliment.—*Abeville*, pag. 292 v.

*Atar* ornato, *bêbê* que vòa, isto é, solto, pendente: dever-se-ha escrever *atarabebê*.

<sup>2</sup> H. Stadt escreve *Mackukawa*.

della em ordem a formar alguns desenhos grosseiros, e enquanto se dá a este trabalho as outras vão cantando ao redor della. Pintada a *tangapema* e ornada de plumas, suspendem-na em uma cabana inhabitada, e continuão a cantar durante toda a noite. Também ás mulheres incumbe pintar o rosto e o corpo ao prisioneiro, enquanto outras proseguem em suas cantilenas, lembrando-lhe o fim que o espera, e motejando-o de se ter deixado prender.

Ainda n'este dia constroem no terreiro da taba a casa onde deve dormir o prisioneiro e na antemanhã do seguinte, destinado para consumo total do *cauim*, começam de novo a dançar em roda da maça, que tem de servir no sacrificio, e nascendo o sol, vão buscar o prisioneiro, demolindo a sua cabana e desobstruindo a praça.

Começa a festa do *cauim*, e o prisioneiro, sentado entre os mais prisioneiros, conversa, bebe, e longe de se mostrar triste e afflicto, com quanto saiba o fim que o espera, procurará mostrar-se o mais alegre d'entre todos.

Outras vezes prolongava-se a festa por toda a noite até o dia do sacrificio; porem geralmente depois de terem pulado e cantado por espaço de seis a sete horas, descião a corda, do pescôço á cinta do prisioneiro; e dois dos mais robustos pegavão em cada uma das estremidades da corda, e a victima, sem offerecer resistencia alguma, bem que lhe deixassem os braços livres, era assim conduzida em triumpho por toda a aldeia. Mas

antes d'êste passeio triumphal acontecia tambem que o soltassem, dizendo-lhe que fugisse. O prisioneiro largava a correr, os outros seguião-lhe no encalce, e aquelle que lhe lançava a mão, ajuntava mais um nome aos que já tinha.

Novamente preso e atado, blasonavão-se com incrível audacia e petulancia de suas passadas proêsas, dizendo aos que o prendião: «Eu sou um homem forte e destemido! agarrei e garrotei vossos amigos e parentes antes que m'ò fizessem a mim.» E exaltando-se cada vez mais ao som das proprias palavras, voltava-se para um e outro lado, e dizia a este: «Matei a teu pai!» e a outro: «Apanhei e assei teos irmãos e amigos! e em geral concluia: «Devorei tantos dos vossos, tomados e captivados por mim, que já lhes perdi a conta. Estou no vosso poder e cahirei aos vossos golpes, como um guerreiro que vos despreza e não se acobarda de ferros. Comtudo não duvideis que para vingar a minha morte, os da nação a que pertenco não tomem e captivem e comão doẽs vossos tantos quantos apanhem.»

Estão amontoados juntos delle páos, pedras, e projectis de todo o genero, os dois que o segurão esticão a corda de um lado, e d'outro em distancia de quasi tres braças, e cobrem-se com uma rodella, á semilhança de escudo, feita de pelle de tapyr, e dizem-lhe: «Vinga-te antes que morras!» Elle começa a arremessar como um furioso tudo quanto acha á mão; e como a multidão, diz Lery, sobe ás vezes de quatro mil pessoas, ficão alguns bem maltratados. Hans Stadt

diz que são as mulheres as que volteião em roda do prisioneiro, ameaçando devoral-o, e que a estas é que o prisioneiro faz pontaria.

Terminado isto, já a dous passos da victima se deverá ter accendido a fogueira e preparado o *moquem*. Uma mulher se aproxima mostrando-lhe a maça voltada com as pennas para cima. Um guerreiro, de ordinario um ancião, a toma das mãos da mulher e a mostra igualmente ao prisioneiro. Então em uma comitiva de doze a quinze pessoas, o executor, que se terá deixado pintar de pardo com cinza, caminha no meio dos seos para a praça, onde aquelle que tem a maça lh'a entrega <sup>1</sup>. Feliz d'aquelle que tem de succumbir ás mãos de um guerreiro afamado; porque n'aquelle momento só teme, e só lhe doerá como um insulto ser reservado para illustrar a vida de um guerreiro sem nome.

O executor aproximava-se da victima, dando saltos e pulos, e brandindo a arma, enquanto o prisioneiro tentava arrebatá-lh'a das mãos; mas detido pela corda com que o cingião cada vez mais estreitamente, tinha porfim de se conservar tranquillo. Então lhe dizia o executor: «Eis-me aqui para te matar, pois que tu e os teos devorarão muitos dos nossos.» Ou então: «Não pertences tu a tal ou tal nação, nossa irreconciliavel

---

<sup>1</sup> Lery diz que o executor, sahindo da cabana, onde por todo o tempo anterior se terá conservado, apparece já com a maça e se dirige com ella ao prisioneiro.

inimiga? E tu mesmo não tens morto e comido a muitos dos nossos amigos e parentes?» Aquelle responde, mais impavido e arrogante que nunca: «Sim, eu o sou! Pertenco a tal nação de homens corajosos e destemidos, e eu mesmo sou um valente entre elles. Matei, comi dos vossos: assolei e destrui tudo! Oh! que de astucias desenvolvi! que de ciladas armei! de quanta enêrgia, de quanta coragem não dei provas! e quantos dos vossos não cahirão miseravelmente aos golpes do meo tacape, aos tiros de minha frecha! <sup>1</sup> Agora vinde, e reuni-vos todos: vinde comer a carne de vossos pais e avós que me servirão de alimento. Estes musculos, estas veias, estas carnes, tudo isto é vosso! Pobres loucos, que não percebeis como em mim reside a substancia dos vossos antepassados: saboreai-a bem, que na minha carne achareis o gosto da vossa propria carne.»

«Eis a cauza, lhe tornava o executor. E pois que estais em nosso poder, serás morto, moqueado e devorado por nós. «Seja, responde o outro, vaidoso de morrer pela gloria dos seus: os meos amigos me vingarão!»

E neste dialogo quando estavam ainda um fallando e o outro respondendo, o sacrificador levantando a maça com ambas as mãos, dá com a rodella tão forte pancada na cabeça do prisioneiro, que não carece de

---

<sup>1</sup> Montaigne, *Essais*, L. I c. 30.

repetir o golpe <sup>1</sup> Então as mulheres tomão o cadaver, limpão-n'ò, esfrogão-n'ò bem, e depois um homem de-cepa-lhe os braços e as pernas. Quatro mulheres, pegando cada uma em um destes membros, largão a correr em roda das cabanas, perseguidas umas pelas outras, o que é uma grande festa. Muitos pais, ao revez do que acontece entre povos civilizados quando homens e mulheres de classe inferior assistem ao supplicio de algum criminoso, tingem com o sangue da victima os corpos dos filhos como para inspirar-lhes o gosto destas festas barbaras.

A mulher do prisioneiro, depois de o ter chorado, será a primeira, se lhe é possível, a comer delle. Se deste coito se torna gravida, educação o filho até certa idade, e em alguma occasião de festa, em falta de outro, o matão com as mesmas ceremonias, não obstante pugnarem em favor delle as circumstancias do nascimento, da convivencia e da educação; porque erão sempre reputados o sangue e a carne dos inimigos. Erão estas festas chamadas «*Cunhã-membira*» <sup>2</sup> que equivale a dizer-se, o filho de um inimigo, ou da mulher, que, segundo as suas opiniões, valia a mesma cousa. Segundo as suas opiniões, dissemos, porque elles tinhão para si que o filho recebia da mãe o nasci-

---

<sup>1</sup> Stadt diz que depois do golpe o executor deita-se em sua rede, que se lhe dá um arco e frecha pequenos afim de que elle se entretenha, e cobre forças, para que a violencia do golpe que deu lhe não torne a mão incerta.

<sup>2</sup> Southey. *History of Brazil*. T. 1 218. *Not. do Brazil*. 2--6.

mento e nada mais, e procedia inteiramente do pai <sup>1</sup>. Prova-se isto com os cuidados que o pai tinha para consigo, como se o parto o devesse affectar em alguma couza, emquanto a mulher se applicava, como de ordinario, aos seus trabalhos usuaes; mas esta ideia se acha curiosamente desenvolvida na sua linguagem. O pai chamava o filho *taira* e a filha *tagira*, a mãe chamava a ambos *membira*. Segundo o vocabulario que, com auxilio de Manoel de Moraes nos deo Marcgraff, é esta a significação d'aquelles vocabulos.

*Taguî*, significa sangue, e *membirara*, dar á luz, lançar fora de si: assim, a palavra empregada pelo pai exprimiria a filha, ou o filho do meo sangue, e aquella usada pela mãe, o menino que dei á luz, que lancei fóra de mim.

A mãe porem é sempre mãe em todos os tempos e em todos os logares, e a natureza as aconselha divinamente e nellas desperta a indole caroavel, que nem a maldade dos tempos em que vivem, nem a educação que receberão póde perverter completamente. Se estas mulheres (o que conseguirão dos portuguezes) não podião acabar com os prisioneiros indigenas que fugissem, porque era isso deshonroso entre elles, sabião ás vezes defender os filhos resolutamente e dar-lhes escapula para a tribu do seo progenitor <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Comer os filhos do prisioneiro, diz Garcilasso, que se vio outr'ora em muitas provincias do Perú. L. 1 c. 12.

<sup>2</sup> Herrera. 4, 3, 2.—*Noticias*. 2, 69.

Voltando ao nosso assumpto, aquella primeira festa religiosa era um incentivo de guerra: commemorando-se as glorias de cada tribu, e os seus revezes, vinha a ideia associada dos seus inimigos e das suas injurias. Ora, lembrar a um selvagem o seu dezar é excitá-lo á vingança. Vinhão pois as guerras após ás guerras, os prisioneiros após os prisioneiros, as represalias das outras tribus, e assim por diante. Os mesmos sacrificios dos prisioneiros nem sempre erão isentos de perigo, já porque estes vendessem caro a vida, já, principalmente, porque reunidas as tribus amigas e começando o brodio, cantava cada qual as suas façanhas nos termos mais enfaticos que podia, de modo que, originando-se rivalidades e ciumes, apparecerião desavenças entre tribus até alli amigas.

Longe estava de serem estas as unicas recreações que tinhão; cantos e danças se succedião, e tribus havia afamadas pelo dote do canto. Bons cantores erão todos os *Tupys*, e tão inclinados á musica, tanta impressão lhes fazia, que só com ella pareceo a um jesuita poder chamal-os a outra norma de vida.

Quanto á dança <sup>1</sup> dizia o padre Vasconcellos, copi-

---

<sup>1</sup> «Dancing among savages, when not a religious ceremony, is, as among children, mere sport; among corrupted people it becomes a mode of vice. Southey, *History of Brazil* t. 1º p. 654.

Estas reflexões forão suggeridas ao escriptor inglez pelo seguinte trecho de Abeville, pag. 299.

La danse est le premier et principal exercice des *Maragnans*, qui sont à mon advis les plus grands danseurs qu'on trouve soubz le ciel. Car il ne se passe jour qu'ils ne s'assemblent en

ando Marcgraff <sup>1</sup>: «São mui dados a saltar e a dançar de muitos modos, a que chamão *guáú* em geral.» Uma destas danças era dos meninos, outras das mulheres, outras emfim exclusivas dos guerreiros: tinham também diferentes nomes *urucapi* que nem Marcgraff nem Vasconcellos diz o que era: *curupirara* dos de menor idade: *guaibipayé* a dos pagés: *guaibiabuçu* dos chefes e valentes guerreiros.

«Um destes generos de dança, escreve o padre Vasconcellos, é mui solemne entre elles, e vem a ser que andão nelle todos em roda sem nunca mudarem do lugar onde começarão; cantão no mesmo tom arengas de suas valentias e feitos de guerra, com taes assovios, palmadas e pateadas, que atroão os valles. E para que não desfalleção em acção tão heroica, assistem alli ministros dextros que dão de beber aos dançantes, continuamente de dia e de noite, até que vão embe-

---

leurs villages pour ce sujet; mais les danses ne sont si dissolués entre ces barbares comme elles sont entre les chrestiens, d'autant que les filles et les femmes ne dansent jamais avec les hommes, si ce n'est quelquefois en *caouinnant* ou beuvant, mais encore se gardent-ils bien alors de beaucoup de folies, d'atraits et deshōneteté par trop ordinaires és danses de par deçá; car les femmes ne mettent que la main sur les espaulés de leurs maris qui dansent: aussi ne voit-on tant d'scandaes et de mal-huers qui arrivent icy par les danses et balets pleins de lubricitéz et dissolutions.»

Virey H. N. du G. H. T 3, pag. 424: «Oú la chasse, image de la guerre, devient habituelle: la danse n'est plus qu'un tableau de la guerre ou des representations de la chasse . . . Ces danses sont très graves et serieuses, car elles peignent des ations forts et des traits de valeur.

<sup>1</sup> *Noticias curiosas*, pag. 141.—Marcgraff.

bedando-se e cahindo ora um, ora outro, e finalmente quasi todos.»

Essas mesmas danças, porem, não erão mero exercicio de força, ou simples distracção do espirito. Os guerreiros não se ajuntavão com as mulheres, as mulheres não se confundião com os meninos. Para os ultimos seria talvez a dança um divertimento; mas para os guerreiros era mais do que gymnastica, mais do que pantomima: procuravão representar uma ideia, e nunca despertar a sensualidade, fim unico a que mira a dança moderna como a de todos os povos civilizados, por isso nunca se confundião os sexos. Simulavão nos passos choreographicos, já o caçador avançando cautelosamente sem arruido em procura da presa: erguião-se de repente em attitude viril e ameaçadora, como se corpo a corpo luctasse com uma fera, e todas as fases, todas as peripecias da lucta se desenhavão nas posturas, donde ressumbrava o hardimento e a força. Já, mais energicos, imitavão combates de homem contra homem, em que se succedião as palavras aos golpes, as exclamações aos gemidos, e o grito da victoria se misturava aos ais do muribundo. Logo erão todos os guerreiros, imitando um assedio, avançando e recuando entre gritos e pocemas; fazendo voar milhares de setas, trepando estacadas, precipitando-se dellas, correndo, fugindo e voltando.

Outras vezes, porem, symbolisavão a paz e alliança entre todos os guerreiros da mesma aldeia, com uma das mãos na cintura, e o braço direito sobre o hombro

esquerdo do seguinte, com um pé firme, e o outro marcando o compasso, formavão um grande circulo, como que todos juntos representassem uma unidade, e sobre todos se derramasse aquelle sentimento de amizade e dedicação, de que, ainda mal, se achão os melhores exemplos nestes homens a que nos apraz de chamar selvagens.

«É costume deste povo da natureza, diz Chateaubriand <sup>1</sup> escolher cada homem um amigo; uma vez formado o laço, torna-se indissolúvel a alliança, e resiste á desgraça, assim como á prosperidade. Torna-se duplice cada homem e vive com duas almas. Se um dos dois amigos perece, o outro não tarda a desaparecer tambem.»

Este trecho de Chateaubriand recorda outro de Gall <sup>2</sup>: «Onde nos podem correr mais tranquillamente os dias do que com um povo para o qual a amizade é uma virtude de pratica jornalreira? Nos banquetes, nas reuniões, em toda a parte achamos amigos, e em todos os logares o coração se dilata.

---

<sup>1</sup> Natchez.

<sup>2</sup> Fonctions du cerveau.

## CAPITULO IX.

### Caracteres moraes.

#### GOVERNO, INDOLE, PAIXÕES.

Um escriptor que já citamos em outro lugar, disse que os indigenas do Brazil não tinham fé, nem lei, nem rei; e que por esse motivo, como era sabido, faltavão-lhes na sua lingua as tres letras F. L. R <sup>1</sup>. Basta a mais ligeira reflexão para mostrar que valor se deve dar a tão estravagante opinião, como se os *Tupys* devessem ter palavras portuguezas, ou que os vocabulos dos dois idiomas; correspondentes áquellas ideias, devessem de

---

<sup>1</sup> Em religião e costumes são por extremo barbaros; porque não tem nem fé, nem lei, nem rei, motivo porque é sabido lhe faltão em sua lingua estas tres letras F. L. R.—*Vida do padre João de Almeida*, cap. 75.

necessidade começar pelas mesmas iniciaes, ou que em fim podessem existir homens sem religião, sociedade sem leis e guerreiros sem chefes. Acabamos de ver que não só tinhão religião, mas bem complicada: cabenos demonstrar agora como os costumes erão leis, e que sua sociedade, tão imperfeita, como era, não só tinha chefe, como uma hierarchia delles.

O traço distinctivo do character do selvagem é o seo amor á independencia, e o tedio a todo e qualquer constrangimento. Liberdade e espaço, eis a sua vida. Com ella nenhum despotismo era possivel, nem o militar, nem o theocratico; porque os vinculos que o prendião á sòciedade erão facilimos de romperem-se, o dispotismo seria para elles a autoridade, cuja alçada se fizesse sentir com alguma euergia. Sujeitavão-se, mas não querião sentir a sujeição.

Não quererião pois curvar-se a um chefe se não tanto quanto lhes fosse isso aconselhado pelã experiencia ou pela necessidade, nem ás leis ou aos costumes, senão quanto bastasse para que se não desorganisasse inteiramente a sua associação. Assim, poderíamos sem erro, personificando as qualidades que os selvagens respeitavão, chamar seos chefes «a experincia e a coragem:» o mais velho era o mais ouvido <sup>1</sup> o mais cora-

---

<sup>1</sup> É entre elles costume que os rapazes obedeção aos velhos. H. Stadt, c. 12

Ils ont néanmoins un chef ou un qui est le principal en chacun de leurs villages. Et celui qui est le plus *vaillant capitain* et le *plus expérimenté vieillard*. . . ordinairement il est le chef et le principal entre les autres.—Abeville, pag. 328 v.

joso o melhor obedecido <sup>1</sup>. Mas a experiencia é de todos os tempos, emquanto que a coragem não sendo durante a paz, senão um instrumento de desordens, uma occasião de rixas, não merecia de ser respeitada senão na guerra e quando voltada contra o inimigo commum. D'aqui vinha terem os velhos uma autoridade constante, e os chefes guerreiros um poder temporario; mas ainda assim erão igualmente respeitados um e outro, o velho pelo costume e o chefe pelo temor. Distendido o arco, deposta a maça do combate, o primeiro dos guerreiros no campo da batalha, era ainda o mais glorioso, o mais respeitado no ocio da paz.

A origem destes dois poderes differentes, e que na vida policiada tantas vezes são oppostos, trazião notavel differença na denominação porque erão conhecidos, e explicão porque não tinham nenhum vocabulo para exprimir a ideia de rei. O velho devia a sua autoridade ao correr dos annos, e ainda que della percebessem todas as vantagens, não podião tirar d'alli motivos de vangloria. Erão respeitados, porque erão velhos, e assim como tinham um termo para exprimir a velhice do homem, tomarão antes para significar a maior velhice relativa entre os homens da mesma tri-

---

<sup>1</sup> F. Cardim, p. 36 Em cada *oca* d'estas, ha sempre um principal, a que tem alguma maneira de obrar... Este os exhorta... e lhe têm em tudo respeito.

Entre estes seus principaes ou prégadores ha alguns velhos antigos de grande nome e autoridade entre elles, que tem fama por todo o sertão.

bu. *Peoreru Picheh* <sup>1</sup> erão os velhos respeitados pela experiencia do passado, o ancião consultado pelos guerreiros. O chefe guerreiro porem tomava novos appellidos por cada nova façanha: devia a si o que era, e o seo nome proprio era tambem o seo maior brasão, pois que entre os da sua tribu soava tanto como o de guerreiro por excellencia. Se pois o seo nome revelava ao mesmo tempo que explicava a sua autoridade, qualquer titulo que lhe dessem, alem de escusado seria menos significativo.

Havia outras autoridades. A aldeia ou *taba* dos indios compunha-se de grandes cabanas ou *ocas* capazes de admittir muitas familias: e, como a *taba* tinha o *Peoreru Picheh*, a *oca* tinha o seo maioral, o mais idoso, que compunha as desavenças, fazia reinar a tranquillidade nas horas de descânço <sup>2</sup>, hospedava os estrangeiros, e era chamado *Mussacat*. Cada familia das diversas divisões da *oca* tinha por chefe o guerreiro que a alimentava. De modo que a *oca*, representação da aldeia, compunha-se dos mesmos elementos que ellas, mas travados entre si e subordinados uns aos outros. A filha dependia da mulher, a mulher e os filhos do guerreiro, este do *Mussacat*, o *Mussacat* do *Peoreru*

---

<sup>1</sup> Lery, 5.<sup>a</sup> edição pag. 231.

<sup>2</sup> Não tem propriamente governo, mas cada cabana obedece a um chefe.—H. Stadt, c. 12. «Em cada aldéa um principal que seguem na guerra, outro em cada casa, a que tem respeito os que vivem na mesma casa.—» *Tratado da terra do Brasil*, c. 157. (Not. para a H. e Geogr.)

*Picheh*, e superior a todos estava o *conselho da nação*, *Carbé*<sup>1</sup>.

Assim constituído o seu governo, parecerão querer combinar a duração com a extensão do poder. O *Peoruru Picheh* por toda a vida, o chefe guerreiro durante a guerra, o *Mussacat* durante a noite. Ficava de fóra o *conselho da nação*, que a representa, e reproduz-se com ella, e só com ella se acaba, e o pai de familia que só com a morte deixa de o ser.

Este governo de extrema simplicidade era accommodado á tempera dos *Tupys*, pois que sendo tantas as tribus da nação, e tão separadas umas das outras, em parte alguma se rebellavão contra elle; mas por outro lado tinha o grave inconveniente de concentrar-se todo no presente, não sabindo das tradições do passado, não lançando as vistas sobre o futuro, nem procurando mais perfeito estado social. Havia por certo degenerado ou se tinha desviado dos seus principios aquella sociedade, de cujos membros se procurava exclusivamente fazer guerreiros, e não seguião o principio da conquista, o que unicamente lhes havia

---

<sup>1</sup> ... estant en leur *carbet*, qu'ils tiennent tous le soirs emmy la place entourée de leurs loges. Après qu'ils ont fait là du bon feu, dont ils se servent au lieu de candelles et pour *petuner*, ils y portent leurs lits de cotton, qu'ils suspendent en l'air à des pieux fichez en terre; et estant tous couchez, chacun en sont liet à part, avec un *petunnoir* en la main, ils discourent de ce qui s'est passé le jour et aduisent de ce qui est pour l'aduenir, ou pour la paix, ou pour la guerra, ou pour recevoir leurs amis, ou bien pour aller contre leurs ennemis et pour toute autre affaire vrgente telle qu'elle soit. . . . *Abbeville*, p. 329.

dado a posse do litoral, e que alias seria a consequencia logica da sua educaçãõ.

Mas se, quanto ao governo, não podião ser comparados aos Mexicanos, aos Peruanos, quanto aos caracteres geraes, indole e costumes, não só se assemelhavãõ aos selvagens de todas as partes do globo, como tambem havia entre todos os americanos um cõmparentesco facil de estabelecer para aquelles viajantes que de perto os observavãõ. Algumas differenças, que serviãõ para distinguir um grupo do outro, e muitas vezes as tribus entre si, erãõ tão leves, tão melindrosas, tão pouco sensiveis, que mais serviãõ para confirmar a hypothese, que alguns autores formarãõ, que se não tinhãõ todos a mesma raça, tinhãõ ao menos convivido longamente á ponto de se tornarem como participantes da mesma origem.

O indio era indolente e preguiçoso, porque a natureza como mãe pouco providente que a força de extremos e caricias mal educa os seus filhos, tinha sido excessivamente prodiga para com elles. Carecia de pouco para viver, e esse pouco a benignidade do clima, a fertilidade do terreno lhes asseguravãõ em todos os tempos e em todos os logares: tinhãõ abundancia de caça, de peixe, de differentes fructos segundo as quadras do anno, de modo que, fazendo plantações, não carecia de reservar colheita para alguma occurrencia imprevista. Que lhe importava pois o futuro? Viverião seus filhos como elles. Confiados na providencia ou no destino, consideravãõ a maior de

todas as loucuras consumir o homem os dias e os annos em inquietações, correr trabalhos e perigos, suar, lidar, cansar-se não para gosar, mas para deixar uma herança que outros houvessem de dissipar depois de sua morte. Desfructando o presente entregava-se com delicias á ociosidade, e passava horas esquecidas n'um estado quasi de torpor e somnolencia no *far niente* dos lazzaroni, que tambem são chamados os selvagens da civilisação. Não era comtudo que fosse tão extrema essa indolencia como nol-a querem pintar os seus detractores; nesses homens meridionaes, o que mais admirava era a passagem rapida e por assim dizer instantanea de um extremo a outro, o contraste da preguiça no seu auge, e logo transformada em infatigavel actividade.

Era rancoroso e vingativo porque lhe doia o labéo de fraco e covarde: demais esses vicios erão irmãos gemeos de duas virtudes, os que mais sabem odiar são os que mais sabem amar, e aquelles que não perdoão injuria alguma são por outro lado os que mais difficilmente se esquecem de um beneficio. Vingativo em extremo, nem sabia perdoar offensa alguma, nem guardar medida na satisfação que della tomava de modo que erão bem felizes os que não soffrião senão a pena de talião. A sua colera era rapida e terrivel como a do tigre ferido por um caçador imprudente: comtudo, com o grande imperio que em certos casos sabião ter sobre si, demoravão-se ás vezes, disfarçavão, dissimulavão as suas intenções, até que se lhe

offerecesse occasião propicia de patentear o seo resentimento. Então não conhecia freio, nada respeitava, nada os commovia, nem lagrimas, nem rogos, nem a vellice caduca; os proprios objectos insensíveis não escapavão ao seo furor, parecendo-lhe que tanto mais elogios merecião, com quanta maior barbaridade e energia se vingassem.

Imprevidente e supersticioso como crianças, crédulo e confiado como ellas, nem pensava no dia subsequente, nem conhecia limites ás suas desenfreadas paixões, se tinha possibilidade de as satisfazer. Desconfiado com os estranhos, principalmente quando nelles percebia deslealdade, uma palavra, um indício, um vislumbre de intenção sinistra, bastava muitas vezes para o tornar suspeito, e da suspeita, sem mais exame, precipitava-se na traição.

Eis o lado máo do seu character; mas de quantas boas qualidades, de quantas virtudes se não mostram adornados!—Hospitaleiros para com os estranhos, os seus proprios inimigos achavão acolhimento e galalhado nas suas tabas;—e as suas casas, cujas portas, quando as tinhão, erão esteiras de pindoba, parecião convidar a descânço os que passavão. Não fallamos dos cantores, porque esses privilegiados entre elles, qualquer que fosse a tribu a que pertencessem, amiga ou inimiga, erão recebidos como em triumpho, acariciados, festejados, e raro se ausentavão sem presentes. Os seus prisioneiros em quanto não chegava o dia do sacrificio, erão tratados com brandura desconhecida das na-

ções civilisadas em circumstancias semilhantes. Não se diga que os tratavão bem para os cevar, porque ha exemplos que destroem esta hypothese. Tivesse o prisioneiro de ser sacrificado em outro lugar e por outra tribu, ainda assim recebia o mesmo tratamento e galsalhado: <sup>1</sup> davão-lhe mulher para companheira, e não para terem raça de homens fortes; porque, no caso contrario, nem as darião aos fracos, nem sacrificarião os filhos dessa passageira união.

Generosos e beneficentes entre si, á ponto de fazer inveja áquelles que se ufanão de seguir a religião da caridade, por instincto de coração, que não por dever, o selvagem offerece quanto tem ao seu companheiro necessitado; não esmola, reparte, e ha nisto tanta sinceridade que, comprazendo-se elles de obsequiar a todos tomão por injuria a rejeição da offerta. Vem d'aqui haver-se-lhes negado toda ideia de propriedade, e tambem porque o furto, como outros crimes, e como muitas enfermidades, era-lhes desconhecido até de nome, antes da chegada dos Europeus. «Se lhes falta alguma couza, lê-se na *Historia das Antilhas*, <sup>2</sup> os *Caraibas* dizem logo: Algum christão andou aqui!»

Infatigaveis no prosequimento e execução do projecto para o qual os attrahisse ou a vaidade compromettida,

---

<sup>1</sup> É o coso de Hans Stadt, preso por uma tribu, e reservado para ser entregue a outra.

<sup>2</sup> *Histoire naturelle et m. des Antilles*: «Le larcin est tenu pour un grand crime parmi eux. Mais comme les chretiens haissent naturellement ce peché, aussi ne voit-t-il point au milieu d'eux.

ou os proprios habitos, seguirão á pista de animaes ou de inimigos dias e noites com admiravel paciencia, e ainda mais admiravel astucia. A fome, a sede, o cansaço, nenhuma impressão parecião produzir sobre elles; e jactanciosos, como erão ciosos de fama, cheios de orgulho, nem a morte os intimidava, nem os tormentos os abatião. Offerecião o peito descoberto á setta herçada, e quando prisioneiros, semelhantes ao mexicano deitado na grelha e consumido a fogo lento, com inabalavel constancia levavão ao cumulo o assombro dos seus oppressores.

Onde, porem, estavam a sua vida, o seu amor, a sua gloria, era nos combates.—Era esta a maior e a mais energica de suas paixões, porque ia nella a vingança; e entre tribus em estado de hostilidade permanente, qualquer leve occurrencia era pretexto de guerras encarniçadas. Uma offensa de tempos remotos, recebida de seus inimigos, a rivalidade de tribus alliadas, quando nas suas festas blasonavão as suas proesas, como em prejuizo umas das outras, a invasão de territorio, porque elles tinham as raias naturaes demarcadas pelos rios e montanhas;—o pé de um visinho impresso no solo, de que elles se houvessem apossado,—ou uma fera morta dentro de suas coutadas—era uma injuria; e a injuria feita ou recebida, era sempre a guerra; «porque (dizião elles) visto que os offendemos, e elles jamais se esquecerão disso—melhor é que os ataquemos em quanto podemos levar-os de vencida.—» Erão irreconciliaveis como inimigos, ao pas-

so que facilmente rompião as suas allianças: estes dois factos explicão o fraccionamento em que achamos as differentes tribus, e demonstrão que o seo estado social ia sendo cada vez mais desesperado.

Dada a offensa os velhos no *Carbé* discutião os motivos da guerra, descorrendo por espaço de seis e mais horas,—já sentados na rede, e cercados de ouvintes, já passeando ou gesticulando ao mesmo tempo. Lery nos dá o extracto de um destes discursos.

E como, (dirão elles sem a minima interrupção nos seus discursos) nossos predecessores, os quaes não só tão valentemente combaterão; mas também subjugarão, matarão e comerão tantos inimigos, nos deixarão exemplo para que, como effeminados e cobardes, nos fiquemos sempre dentro de nossas casas? Será preciso que para grande vergonha e confusão nossa, em vez de que no passado foi a nossa nação por tal forma temida e respeitada de todas as outras que não poderão subsistir diante della, os nossos inimigos tenham presentemente a honra de nos vir buscar até dentro de nossas casas? A nossa corbadia dará occasião aos *Margayas e Perosengaipa* (a estas duas nações alliadas) que nada vallem, de nos virem desafiar dentro do nosso terreiro? Não (dirá o orador com gestos violentos) não, poderosos e fortes mancebos, não é isso o que nos convém fazer; antes, dispondo-nos para os irmos procurar, convém que nos façamos matar e comer, ou que tenhamos vingança dos nossos.»

Animavão-se, influíão-se os que os escutavão, e esta-

va decidida a guerra; marcavão o praso, e se tinhão de vencer grande distancia até se encontrarem com os inimigos «esperavão a conjuncção da lua cheia para andarem a ultima jornada de noite pelo luar.<sup>1</sup>

O mais atrevido de entre elles, ou aquelle que procurava buscar renome, cheio de audacia e orgulho, avançava na direcção da tribu a que pretendião offerer combate, lhes declarava guerra com feros e ameaças, exagerando o seu numero e força, e deprimindo os seos contrarios. Porem as mais das vezes contentavão-se de deixar ño caminho ou atíravão dentro da aldeia, que ameaçavão, um arco entesado, e na frecha marcavão com o numero de entalhadores quantos dias pretendião combater. Este costume se conserva hoje em dia em algumas tribus do Mearim e Alto Amazonas. A materia de que era feito o arco, as dimensões, a ponta, o ornato da frecha, valião como a assignatura de quem mandava o cartel.

Na vespera da partida, á noite, sahia o *principal*, o cabo de guerra, fazendo pregação, repetindo onde ião, e pondo-lhes diante a obrigação que tinhão de tomar vingança de seos contrarios, e para pelejarem valorosamente, promettendo-lhes victoria de seos inimigos, e sem nenhum perigo de sua parte, de que ficaria delles memoria para os que atraz delles viessem cantar os seos louvores.»<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> *Noticia do Brasil*, cap. 168,

<sup>2</sup> *Noticia do Brasil*, cap. 167.

Deixamos aos curiosos o prazer de lerem no original francez a animada e pitoresca descripção que faz Lery <sup>1</sup> de um destes combates. Observamos somente que os *Tupys*, ciosos de sua dignidade, não consentião mulheres nas suas fileiras, differentes nisto dos *tappuyas*, entre os quaes homens e mulheres combatião promiscuamente.

Todavia ellas acompanhavão os maridos á guerra, mas para conducção de viveres, redes e armas, e para apanharem e ministrarem frechas durante o combate.

Ardentes e impressionaveis, como erão, sabião occultar o seo sentimento, á ponto de parecerem indifferentes, quando não erão senão concentrados. Se algum mensageiro chegava com alguma noticia, por muito que lhes interessasse, e a desejassem saber não se alvorotavão ao vel-o: pelo contrario conservavão-se na mesma postura, com fingida indifferença, até que passado largo espaço, lhe dizião: «Chegas-te?» Sim, respondia o outro, e callando-se novamente só depois de largo espaço reatavão a conversação, como se se tratasse de algum negocio que em nada os affectasse. Se a mulher, o filho, o pai estava perigosamente enfermo, conservavão a mesma tranquillidade a que se julgavão obrigados, se para os experimentar, lhe cravassem uma seta no corpo: mas isso era só na apparencia, porque interiormente a natureza sabia revindicar os seus direitos. Esses homens que, porque erão

---

<sup>1</sup> Lery, 5.<sup>a</sup> edição, p 240.

soffredores, forão chamados brutos e insensíveis, como por Paw e Robertson, davão exemplos dos mais delicados e extremos sentimentos. Não, não acreditemos que a especie humana possa degenerar á ponto de desconhecer aquelles dôces e santos laços, a que o proprio bruto não pôde resistir: embora violentados, raras vezes perdem o seo poder; e se alguns monstros apparecem que os desrespeitem, cá na sociedade é onde se encontram os maiores e mais injustificaveis criminosos. Podia a pobre mãe em tempos de penuria e de fome, sacrificar os proprios filhos; neste caso a necessidade a desulpava; mas um principio impio de honra social não ia affogar o embrião do homem no seo materno, não os expunha á caridade infammante de pessoas indifferentes, nem confiavão á mãos extranhas e mercenarias o innocente que lhes devia o ser. As facções politicas não collocavão em campos inimigos aquelles que na infancia penderão do mesmo seo, bebendo o mesmo leite, nem paixões vis do interesse e da cobiça, maquinavão contra a vida prolongada de um amigo ou de um parente. Não, quanto mais nos aproximamos da natureza, mais resplandecem aquellas virtudes primitivas, e por assim dizer innatas que o homem ingenuo pratica em singelesa de coração, e de que tanto nos ufanamos no estado social.

Narrão-se casos notaveis da exaltação a que pode chegar o indio que ama. Os historiadores que tratão do Paraguay são accordes em dizer que o amor inspirado por uma hespanhola a um chefe selvagem foi a

causa da ruina do forte do Espirito Santo, construido por Gaboto <sup>1</sup>. Outro factó semelhante é referido por Lesson <sup>2</sup>.

Vejamós entre os nossos indios a quanto pode chegar a sua dedicação, pois que nos podem dizer que elles não sentirão em tanto extremo senão aquella paixão, e só por uma estrangeira e na impossibilidade de satisfazerem os seus violentos desejos. Trato de casos que as nossas historias relatão, ou que se conservão na memoria dos nossos contemporaneos.

Quando os hollandezes invadirão pela primeira vez a Bahia, os portuguezes depois de fraca resistencia, retirarão-se precipitadamente para o Rio Vermelho, onde se acamparão. Jaguarari, seo alliado, os acompanhara, mas tendo-os deixado acampados e na segurança que os tempos permittião, voltou á cidade, onde havia deixado a mulher e os filhos para os resgatar, ou servir na companhia de sua familia, que só nelle podião pôr esperança. A este tempo já alguns portuguezes, por motivos infinitamente menos nobres, tinhão pactuado com os invasores, passando-se para elles. Com a chegada de D. Fradique de Toledo, os holandezes retirarão-se; os portuguezes traidores ficarão impunes; mas o indio carregado de ferros, é arrastado até o Rio

---

<sup>1</sup> Lozano, *Historia del Paraguay* T. 1 p. 29 Funes. *Ensayo de la Hist. civil del Parag.* T. 1 c. 2 p. 26. Techó. *Hist. Prov. Parag.* L. 1.<sup>o</sup>

<sup>2</sup> Lesson. *Complement des œuvres de Buffon. Races humaines.* T. 2, p. 166.

grande do Norte, e alli encerrado no forte, talvez na *casa escura*, não lhe valendo para desculpa o amor que devia ter à sua gente.

Quando porem, mudadas as circumstancias, os holandezes entrarão no Rio Grande, não obstante os annos decorridos, ainda alli encontrarão o indio preso, e cuidarão que o seo justo resentimento lhes assegurava um prestante alliado. Não lhe impõem condições para a soltura, quebrão-lhe os ferros e o indio é posto em liberdade. Ao ver a luz, a que já estava desacostumado, emmagrecido e curvado mais pelas correntes do que pelos annos, e em tempo em que as armas portuguezas cedião á fortuna do Conde Mauricio, juntou gente e foi unir-se aos seus antigos alliados, como para mostrar-lhes que a lealdade de um selvagem ainda era maior que a ingratição dos europeos.

Será este o segundo exemplo. Vivia no principio deste seculo um homem, chamado Bartholomeo Gomes, cuja familia ainda hoje se conserva no Maranhão. Bartholomeo Gomes, o descobridor dos sertões do Mearim e Guajahú <sup>1</sup> corajoso cabo de guerra que em pequenas igarités, penetrava por todos os igarapés e confluentes d'aquelles dois rios, ás vezes com menos de uma duzia de companheiros. Mostrava-se porem tão pouco humano em todas as occasiões de suas entradas, que o seo nome era o terror daquellas florestas.

---

<sup>1</sup> Diz-se por corrupção *Grajahu*, Guajá é o nome de uma tribu, e de uma planta. *U* é o mesmo que *y'* ou *y'g* rio. *Gujahu* quer dizer—rio dos indios *Guajás* ou da planta do mesmo nome.

onde ia a chamada civilisação acompanhada de inauditas barbaridades. Em uma das entradas que fez este homem ao rio Guajahu surprehendeu a um indio, que tirava mel com a mulher e um filho de tenra idade. O indio na altura em que estava, percebeo de longe os christãos, dá o grito de alarma e pôde evadir-se; mas ficando prisioneiros a mulher e o filho, movido pelo amor que lhes tinha, veio resignadamente, não obstante o nome de Bartholomeo Gomes, offerecer-se á mesma sorte, á escravidão ou á morte.

O ultimo é mais notavel exemplo, tambem da mesma provincia e de bem recente data, é um chefe dos *Gammellas*, que se chamou enquanto vivo *Bertrotopama*. A sua aldeia, situada nas circumvisinhanças do Codó, estava em guerra com os fazendeiros da visinhança, que não podião ter descanço com elle. Um preto escravo desertou para esta aldeia com o consentimento do senhor, e pouco depois os indios descobertos e atraçoados pelo escravo, tiveram de render-se; mas á bom partido. Trouxerão-n'os para o Maranhão, onde por ordem do então presidente, o Sr. Moura Magalhães, forão humanamente tratados, mas distribuidos por differentes familias, que os hospedarão por compaixão, ou porque contassem tirar d'ahi algum proveito. A mudança de habitos e de alimentos occasionou-lhes enfermidades, de que vierão a morrer a maior parte, mui principalmente aquelles que forão dados como refens em signal de alliança, e tiveram praça na marinha. O chefe selvagem os visitava um por um to-

dos os dias, consolava-os e alimentava-os com a esperança de que algum dia restituídos ás suas florestas poderião esquecer os seus males e continuar n'aquella vida precaria sim, mas livre e para elles feliz.

Os *Gamellas* porem não se podião conservar tranquilllos entre quatro paredes: fugião por distracção, por genio erradio, e talvez para exercicio. Levarão-lhe isto a mal e para os intimidar deo-se ordem de prisão contra os que fossem encontrados sós nas ruas. Dois forão presos, e quiza fatalidade que fossem conduzidos pelas ruas na qual morava o chefe. Ao vel-os passar entre soldados, Bartholomeo desce, ordena que os soltem aos soldados que o não entendem, e, como não fosse obedecido, lança-se nos braços de seus companheiros. quer livral-os á força, luta com os soldados, e quando o seu hospede veio em seu auxilio já o amarravão para o terem mais seguro. Conduzido para o seu alojamento. e persuadido de que se lhes tinha faltado á palavra, chorava de desespero, como alienado, sem attender ás lagrimas nem a supplicas da mulher e filhos.

Por fim, aproveitando-se de um ligeiro descuido, lançou-se da altura de um segundo andar á rua: e assim acabou com o sentimento de sua dignidade offendida, o chefe *tapuya*, que se teria chamado Jagoarary ou Camarão, a ter sido favorecido pelas circumstancias.

O indio pois estava bem longe moralmente dos affectos que tornão cara a vida domestica, e predispõem

para o estado social. Amava a mulher,—deixava-a inteiramente senhora de si nas suas occupações domesticas, e se o grande peso do encommodo da vida recabha sobre ella, não era comtudo mais digna de lastima do que o são em geral na Europa na classe prolectaria. Amava os filhos, dava-lhes toda a liberdade, não os castigava, não os ameaçava nem os intimidava nunca: pelo contrario, os planos mais bem combinados erão propostos, as mais commodas habitações abandonadas pelos caprichos de um menino. <sup>1</sup> Amavão a seus paes, tratavão delles com sollicitude e carinho, até que a velhice os tornava alem de respeitaveis como paes, venerandos como bemquistos do seo Deos,—como oraculos de sabedoria e prudencia.

---

<sup>1</sup> Laet (40): «Estimão mais o bem que se faz aos filhos do que a elles proprios, e eis porque procurão unicamente os paes da companhia, que instruem seos filhos nas artes liberaes e disciplina.»

Veja-se *Abbeville*.

F. Cardim, pag. 40. «Os pais não tem cousa que mais amem que os filhos, e quem a seos filhos faz algum bem, tem dos pais quanto quer. Nenhum genero de castigo tem para os filhos, nem ha pai nem mãe que em toda a vida castigue nem toque em filho, tanto os trazem nos olhos: em pequenos são obedientissimos a seos pais e mãis, e todos muito amaveis e apraziveis.»



## CAPITULO X.

Nascimento, casamento, morte: condição das mulheres.

Sigamos o indio desde o berço até a sepultura, que melhor o poderemos moralmente aquilatar em todas as fazes da vida.

Durante a gravidez, a mulher, sem interromper de modo algum as suas occupações, continuava nellas até que as dores da maternidade a surprehendessem, muitas vezes longe do povoado, entre matas ou á beira de algum regato: alli dava á luz, lavava-se, e lavava o recém-nado n'agua corrente para os fortalecer, costumes dos habitantes do norte, que tambem os mergulhavam em agua fria, ou o estendião sobre a neve. Taes erão os Escossezes, os Irlandezes, os antigos Helvecios e Germanos.

*«Durum é stirpe genus, natos ad flumina primum.  
Deferimus, sævoque gelu duramus et undis.»*

«Descendencia de uma geração robusta, nós em primeiro lugar levamos nossos filhos ao rio, e os fortalecemos com a cruesa dos gelos e das ondas. <sup>1</sup>»

O marido pelo contrario que se reputava concorrer por si só para o nascimento com toda a porção de vida necessaria á reproducção, ou pelo habito ou porque prejuizo repercutido n'uma imaginação cheia de vivacidade lh'o persuadissem, sentia-se fraco com as dores, porque não tinha passado <sup>2</sup> e temendo que as suas imprudencias prejudicassem ao recém-nascido, deitava-se na rede, resguardava-se por espaço até de 15 dias, acalentando, e amimando os filhos, que pintavão de vermelho e preto. <sup>3</sup>

Dava-lhe desde logo um pequeno arco e flechas, e quando se reúnão os amigos e parentes a darem-lhe os prolfças do acontecido, o pai cantava a canção natalicia, ensinando-lhe como aquellas armas se fabricavão, como deveria uzar dellas, como combater e vencer o inimigo, e por fim dizião-lhe qual a consideração que merecião os fortes; como os homens, as feras, as aves e os mesmos peixes os temião; e qual era a fama do guerreiro, que, succumbindo aos golpes do inimigo, ainda assim os espantava com a sua constancia e longanimidade. <sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Dizem que os irlandezes e siberios ainda hoje o praticão. *Virey*.

<sup>2</sup> V. *Tratado da terra do Brasil*, c. 154.

<sup>3</sup> Lery. cap. 17.

<sup>4</sup> Lery falla d'esta canção: 5.<sup>a</sup> edição p. 352.

Por uma antithese philosophica, nas cores de que o pintavão no berço representavão a guerra e o luto; e se na cova procuravão dar ao cadaver a posição que tinha o feto no utero, contrapondo a sepultura ao berço:—assim tambem ao entrar na vida apontavão para o fim que os esperava, como se o grito balbuciente da criança, e o último suspiro do moribundo formassem um só hiato, e fosse o primeiro ai da existencia o primeiro passo para a morte.

Começava o menino a vingar e crescer e a crear forças: educado em toda a liberdade, e em clima menos ardente que temperado, desenvolvia-se rapidamente, e exercia-se na carreira, natação <sup>1</sup> e na luta, e sobretudo no manejo do arco seo fiel companheiro, que nem na sepultura os abandonava. Exercitado pelos velhos, pelos guerreiros, por seos paes que sorrião aos seos jogos, applaudindo os mais destros, e mais robustos, fazião rapidos e admiraveis progressos, pungidos pela emulação e desejo de louvor.

De oito annos tinha logar o seo baptismo de sangue, a sua primeira iniciação no soffrimento: furavão-lhe os labios e davão-lhe um nome. Se o menino chorava, se a força da dor durante esta penivel operação lhe arrancava uma lagrima: «Não prestas para nada (dizia-lhe o pae com desgosto) has de ser fraco toda a tua vida.»

---

<sup>1</sup> Os *Aymorés* tinhão horror a agoa; mas é dos *Tupys* de quem agora nos occupamos.

Ha indio que com uma braga ou grilhões aos pés nada duas ou tres leguas. Fer. Cardim. cit. pag. 41.

Mas o que não consegue a educação fortalecida pelo exemplo? Abbeville diz que esta cerimonia tinha logar aos 4, 5 ou 6 annos <sup>1</sup> que o menino se apresentava resolutamente sabendo que era para se tornar um valente guerreiro, que nunca lbes acontecia gritar, mas que, pelo contrario, supportava a dor com grande cunstancia.

Entrando na puberdade, que, segundo alguns, é na America Meridional aos 12 annos <sup>2</sup> e segundo a observação de outros recahe sempre dos 13 aos 14, começa para o pubere uma epoca de martyrio; porque antes de ser recebido no numero dos guerreiros é necessario que endureça o corpo com a fadiga, e fortaleção o espirito com o soffrimento. Repetião-se entre elles os tratos que davão os *Caraibas* aos seus noveis guerreiros; e se não tão rigorosos, ainda bastante ater-

---

<sup>1</sup> O mesmo autor diz em outra parte que o filho de um *principal* do Maranhão, de 8 annos, não tinha ainda o labio furado. Refiro-me n'este trecho á seguinte passagem: . . . «ils font venir le petit enfant après lui avoir faict entendre que c'est pour lui percer la levre, á ce qu'il soit un jour fort, valeureux et grand guerrier, lequel tout encouragé pour telle raison presente librement et hardiment sa levre avec une allegresse et grand contentement: et lors celuy qui est deputé la prend et la perce avec nne petite corne ou quelque os bien pointu et y faict un grand trou; que s'il advient que le petit enfant crie (ce qui n'arrive *guére*), ou qu'il jette quelque larme pour la douleur qu'il ressent, ils disent qu'il ne vaudra rien et qu'il ne sera jamais qu'un couard et homme sans couraige. Que si au contraire il est ferme et constant (comme ordinairement ils sont) ils en tirent un bon augure et croient qu'en sa vie il sera grand, brave et vaillant guerrier. *Abbeville*.

<sup>2</sup> Chappe d'Auteroche, *Voyage en Californie*, p. 25.—Azara, *Voyage en Amer. Mérid* —Lepeyrouse, *Voyages*, T. 4. pag. 43.

radores. Jejuavão largos dias, macerávão-se e espancavão-se mutuamente, e não bastando isto, um velho, penetrando na habitação em que dormião, rasgava-lhes as carnes <sup>1</sup> fazendo-lhes profundas incisões nas pernas com um dente de cotia, de paca ou mesmo de peixe que era como a sua lanceta e escalpello. Se não derramavão uma lagrima, nem soltavão um ai, mas antes, ufanos de sua coragem, provocavão novos soffrimentos, e cançavão a paciência de seos ensaiadores; si por maior ostentação, se esburacavão o rosto, e desenhavão todo corpo com incisões sobre as quaes derramavão tintas de diversas cores—erão reconhecidos guerreiros, e tinham adquirido o direito de combater pela sua tribu.

Todavia para tomar mulher outras provas se requerião, era necessario que o guerreiro pudesse fazer um presente de noivado, que era como o preço da compra que se fazia ao pai, do corpo da mulher, e não obstante isso, os *Tupys*, segundo refere Vincente Leblanc, exigião do nubente a captura de um prisioneiro, ou um feito d'armas que os recommendasse <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> J'ai vu un chef aller le matin dans toutes les cabanes et faire aux jeunes garçons une entaille à la jambe avec un dent de poisson très tranchant, afin de leur apprendre à souffrir sans se plaindre. H. Staet. c. 19. Variamos um pouco d'este autor nos pormenores.

<sup>2</sup> «Os que mais se distinguem na guerra têm em premio a moça que escolhem.» *Diario de Viagem do O. Sampaio*—*Nação Passé* § 260. Ao captor do prisioneiro «dão a mais formosa e mais honrada moça, que são as virgens que mascam o *aypí*.» *Tratado da Terra do Brasil*. c. 7.º *Noticias, etc.*, T. 4, c. 7. pag. 205.

Alguns preferião raptar a mulher de uma tribu vizinha, o que preenchia a condição social e os forrava do presente do noivado, e em outras occasiões estabelecio-se jogos para ver-se a quem caberia a moça que se houvesse tornado nubil <sup>1</sup>. Um tóro de barrigudo, com um cabo delgado e de facil prehensão, semelhante aos soquêtes ou massêtes de que ainda entre nós se usa em muitas partes para abater a terra das sepulturas, posto que mais ponderoso que este, ou um grande pedaço de tronco de palmeira era collocado no meio do terreiro. Vinha o guerreiro correndo, tomava o tronco, continuava a carreira, saltava fossos, subia elevações, arrojava-se ás vezes ao rio com elle, e quem chegava primeiro e levava mais longe a carga, esse ganhava a palma e a mulher que tinha de ser esposada. Explicou-se este costume, de que trata Barlœus, Marcgraff e outros, e que ainda conservão algumas tribus do Piauhy, pela necessidade que tinha o guerreiro de defender a mulher, e para que em occasião de perigo a pudesse salvar fugindo. Era-lhes permittido, depois disso, tomar quantas mulheres podião alimentar, o que reputavão grande honra; mas tanta era a penuria dos meios de subsistencia, que de ordinario só os chefes tinhão mais do que uma.

A mulher tornava-se desde então como escrava do marido; mas se este a sobrecarregava de trabalhos,

<sup>1</sup> «Ás vezes decide-se em combates parciaes presididos pelo maioral.» Sampaio, ob. cit. § 260.

não as maltratava muito. Se em solteiras se prostituíam facilmente, tornavam-se castas depois de casadas, e os maridos contra o costume dos selvagens são ciosos, e vingam o adulterio com máos tratos, e até com a morte. Por este motivo os parentes da mulher não se julgavam offendidos, e Recliefort diz dos *Caraibas*, que o marido offendido e vingado, apresentava-se ao pai da offensora, e lhe dizia: «Matei minha mulher, que me era traidora.» Fizeste bem, «lhe tornava o sogro, e se tinha outra filha logo lh'a dava.»

Cahia doente, os seus medicamentos são a sangria, a dieta absoluta, quando o enfermo por si mesmo não podia procurar a sua subsistencia, os sudoriferos que promovião, sotopondo pedras quentes ás redes ou giros em que estendião os enfermos, e depois borrifavam com agua, de modo que o vapor que se desenvolvia promovesse a transpiração. Os pagés, que também são medicos e quasi tão somente isso que Abbeville os não chama senão *barbeiros* <sup>1</sup> se tratava de algum envenenamento acertavam de ordinario com a cura; porque são muito conhecedores dos seus venenos e felicissimos na applicação dos antidotos; mas no geral, tendo advinhado a influencia do moral sobre o phisico, curavam os enfermos com a promessa de os curar, e também chupando a parte enferma <sup>2</sup> com al-

<sup>1</sup> Abbeville.

<sup>2</sup> Diz Lery: — Vasconcellos acrescenta que tinham pagés de chupar; isto é que não usavam de outro meio no tratamento de qualquer enfermidade.

gumas formalidades e ceremonias, a qual mais ridicula, fazendo ver, para mais lhes ferir a imaginação, algum corpo estranho, que pretendião ter-lhes extrahido. Nos casos mais graves deitavão a culpa a alguma tribu inimiga ou a pessoa a que não fossem affeiçãoados.

Os sãos mostravão-se indifferentes, por ser signal de cobardia mostrar-se o guerreiro acabrunhado por qualquer occurrencia; ás vezes comtudo, porém raramente suppunhão contagiosa a molestia, abandonavão o enfermo e a taba, e prôcuravão nova residencia.

Morrião? As mulheres se reunião em torno do cadaver, lavavão-n'ò e adornavão-n'ò com as suas melhores pennas, deitavão-n'ò na rede com os cocares, arco, frechas e os objectos que mais tinhão amado na vida, e durante meio dia <sup>1</sup> o choravão acocoradas em torno delle, e com os cabellos soltos sobre o rosto. Alguns, como o autor das noticias <sup>2</sup>, dizem que esta ceremonia se prolongava por muitos dias, porém Lery escreveu que elles não guardavão os seus mortos por mais de meio dia. Seguimos a opinião deste ultimo escriptor, porque o clima, então como agora, não permitiria conservar-se um cadaver incorrupto por largo espaço. Comtudo estas duas opiniões, ainda que oppostas, podem ser em parte verdadeiras; se o enterramento ti-

<sup>1</sup> Estas ceremonias durão meio-dia, porque não guardão mais tempo os seus mortos. Lery, c. 49.

<sup>2</sup> Noticias c. 172—«o que fazião muitos dias.»

F. Cardim. Lisboa, 1847. p. 40. mortos—«os quaes chorão dias e noites inteiras com abundancia de lagrimas.» V. Abbeville.

nha logar no dia do fallecimento, os ritos do funeral se espaçavão, como diremos, não só por dias como por mezes.

Os homens que não terão cessado de pular, dançar e cantar em roda do enfermo, apenas sobrevivem a morte, principalmente se era o morto algum bom pai de familia, convertião a festa em prantos e lamentações. São comtudo as mulheres as que fazem as maiores demonstraões de magoa. «Morreo, dirão ellas, morreo aquelle que era tão valente; e que tantos prisioneiros captivou!» Outra acrescenta: «Que excellente caçador, que forte lidador que era! O valente destruidor das nações inimigas, das quaes nos vingou tantas vezes.» E assim umas após outras ião repetindo tudo quanto elle houvesse dito e feito, e a cada estrophe respondiã todos em côro. «Morreo! morreo aquelle que nos cobre de luto e de dôr, aquelle que choramos agora.» Assim é (respondiã os guerreiros) não o tornaremos a ver senão alem das montanhas, onde elle nos espera, e onde iremos dançar e folgar com elle.

«Na casa e no lanço em que vivia <sup>1</sup> abrem uma cova muito funda e grande, com estacada, para que não caia terra, armão a rede de modo que não toque no chão, mettem-n'o na rede assim enfeitado com seo arco e frechas e espadas, e fogo ao longo da rede para se aquestrar, comer em um alguidar, agua em uma cabaça, e a cangoeira na mão. Correm estacas transversaes de

---

<sup>1</sup> *Noticia do Brasil*, c. 172.

modo que não toquem na rede, ramas sobre as estacas, e terra sobre as ramas. Sobre a sepultura vive a mulher como d'antes.»

As mais das vezes não os enterravão com rede, mas fazião grandes talhas de barro cosido <sup>1</sup> em que depositavão o morto, amarrando-lhe os braços e pernas de forma que ficasse em uma posição acocorada, como o feto no ventre materno <sup>2</sup>. Era este o costume geralmente observado pelos *Tupys*, <sup>3</sup> bem que a talha (a que chamavão *kiçaba* <sup>4</sup> não fosse essencial á cerimonia. O que era tudo era a posição do cadaver e que a cova não fosse comprida, mas redonda e profunda, de modo que por nenhum lado encostasse a terra ao corpo. Os *Guajajaras* e *Pomecrans* tem as mesmas sepulturas, mas os *Canellas* ou *Timbiras*, como a maior parte dos *Tapuias*, fazem covas sobre o comprido, e arredondadas nas extremidades: enterrão o corpo ao com-

<sup>1</sup> Lery, c. 19 diz que assim se praticava com algum bom velho. Semelhantes talhas forão achadas em algumas partes: «Enterravão os ossos em grandes talhas, que trasladavão para outras mais pequenas com grandes ritos e festas.» *Diário da Viagem*, etc O. Sampaio: § 260.

<sup>2</sup> Lafitau. *Mœurs des sauvages américains* «Os Caribbas, os Iroquezes e os Brasileiros collocavão o cadaver no seio da terra, nossa mãe commum, como estava em embryão no seio materno.» *Redditur enim terræ corpus* (dizia Cicero) *et ita locatum ac situm, quasi operimento matris obducitur.*

<sup>3</sup> Este costume e a crença de que o seu paraíso ficava alem de umas altas montanhas, não indicará haver entre os *Brasis* tribus descidas dos Andes?

<sup>4</sup> Na *Vida do padre João de Almeida* lê-se *Igaçaba*, que era o nome que davão ao pote.

prido tambem, e com as costas voltadas para o nascer do sol <sup>1</sup>.

Os vinhos e a comida erão postos sobre a sepultura, e sobre ella accendião fogo, dever sagrado, para o qual vinhão todos os dias até de muito longe, enquanto se não tivesse passado tempo bastante para que o cadaver estivesse em completa putrefacção. Este côstume de que os *linguas normandos* (*truchments*) tiravão todo o partido, consumindo os alimentos offertados, e illudindo a credulidade do selvagem, não era observado com o fim de sustentar o cadaver. Attenta a virtude que suppunhão no fogo, de affastar os espiritos máos, queremos accreditar com Lery e com o proprio Newied <sup>2</sup> que os *Tupys*, offerecendo um pasto facil a *anhangá* tentavão por esta fôrma impedil-o de devorar o cadaver. O fogo e os alimentos devião pois ser collocados fóra, e não dentro da sepultura <sup>3</sup>.

A duração do luto e o modo de o manifestar, differia entre as diversas nações americanas. Os *Peruanos* e *Yaracarés* fugião do logar da morte, o que talvez acontecesse entre os *Tupys*, de certo algumas vezes com os *Tapuyas*. Os *Araucanos*, *Patagões* e *Pu-*

---

<sup>1</sup> Newied diz (t. 3, p. 156) que os *Camcans* os punham dentro d'ellas. De outros lê-se o mesmo em varios autores. *Cronica* de Ciêca de Leon c. 28. Sagard. *Voyage au pays des Hurons*, p. 288. Cruxii, *Historia Canadensis*, p. 91. Rochefort. *Histoire des Antilles*, p. 68. Biet, *France Equinoxiale*, p. 391.

<sup>2</sup> P. 297.

<sup>3</sup> Põe-se-lhe de comer em cima da cova. *Tratado 2.º da terra do Brasil*, c. 7. *Noticias para a H. e G.*, etc.

*elches* o demonstravão usando de ornatos lugubres, e pintando o corpo com tintas negras: os *Charrúas*, obrigando os parentes do morto aos mais severos jejuns: estes cobrião-se de feridas em signal de magoa, e as mulheres, por morte de cada proximo parente, cortavão uma articulação do dedo.

Entre os *Tupys*, depois de o terem chorado, homens e mulheres, cantando as suas façanhas por algum tempo; ou, como quer o autor das *Noticias*, por alguns dias, as mulheres cortavão por dó o cabello, e os homens pelo mesmo motivo o deixavão crescer todo, <sup>1</sup> tingião-se de genipapo, e fazião consistir toda a sua piedade em os não deixar carecer nem de fogo nem de alimentos <sup>2</sup>.

Fazião festas para tirar o luto, o que talvez indicasse a persuasão de se achar a alma do fallecido, alem das altas montanhas, que supponho ser os *Andes*, e onde elles collocavão o seo paraíso <sup>3</sup>.

Crendo na immortalidade da alma, julgavão que ellas tomavão a fórmula, e o caracter dos espiritos máos para vir castigar aquelles que houvessem maltratado o seo corpo. Consideravão pois, deshonoroso, e talvez mesmo julgassem funesto deixar o cadaver de um dos seus

<sup>1</sup> As mulheres usão do cabello comprido, excepto por luto, ou quando os maridos estão em viagem; os homens pelo contrario só o deixão crescer por colera Laet antes do n. 20.

<sup>2</sup> *Noticia do Brasil*, c. 176.

<sup>3</sup> Vid Lery p. 302. *Abbeville*, p. 323.

sem as honras da sepultura <sup>1</sup>: para que tal não acontecesse preferião enfraquecer as suas fileiras mesmo durante a refrega, estabelecendo como dever do combatente levar para longe do campo os que cahião mortos a seu lado <sup>2</sup>. Qualquer fim porem que tivesse o guerreiro, não se podia offender mais profundamente os seus amigos e parentes, do que repetindo-se-lhes o nome do morto. Só por grande necessidade o lem-

---

<sup>1</sup> Não me parece ter fundamento o que se lê na *Vida do padre João de Almeida*; que elles devoravão os cadáveres dos seus.

«Outros melhorão a sepultura, porque os mettem em suas mesmas entranhas, com as cerimoniaes seguintes. Tirão o corpo do defunto a um campo, acompanhado de todos os parentes e alli lhes tirão as entranhas os feiticeiros e agoureiros mais prezados, e logo o vão respartindo em partes, a cada qual aquella que lhe cabe, conforme são mais ou menos chegados no parentesco. Estas partes torrão no fogo certas velhas a quem pertence por officio: torradas ellas cada um come aquella que lhe cabe com grande sentimento; e tem para si que é o signal de maior amor que podem ostentar n'esta vida aos que se ausentarão para outra, dar-lhe sepultura em seus ventres e encorporal-os em suas mesmas entranhas. Porém com esta differença que os corpos dos que são principaes só os comem outros principaes como elles; e repartem os ossos pelos demais parentes, os quaes os guardão para o tempo de suas grandes festas, como de vodas e outras semelhantes, onde partidos por miudo ao modo de confeitos, os vão comendo pouco e pouco; e emquanto todos aquelles ossos d'esta maneira não são consumidos, andão de luto que é entre elles cortar o cabello, como entre nós deixal-os crescer.» C. 5. n. 10.

O autor copiou, paraphraseou e accrescentou as palavras da *Viagem de Baro*, quando diz que os *Tapuyas* durante o luto comião os ossos dos seus mortos pulverisados com farinha e mel.

Os *Tapuyas* em suas festas comião os ossos dos prisioneiros, que guardavão para esse fim, assim como reservavão os ossos maiores para flautas.

<sup>2</sup> Era tambem esse o costume dos *Caraibas*. *H. n. et m. des Antilles*, p. 455.

bravão, mas usando de algumas frases correspondentes ás que para o mesmo effeito empregavão os latinos—*fruit, vixit*, dizem por um circumloquio: o grande guerreiro que perdemos ! o capitão que choramos <sup>1</sup>.

Assim pois, tudo nos *Tupys* respirava guerra, o nascimento, a educação, o casamento e a morte, os seus habitos, as suas ideias, e a sua religião. Se a mãe chorava com as dores da maternidade, aquellas lagrimas podião cahir sobre o coração do menino, e tornal-o covarde: convinha portanto mata-lo <sup>2</sup>. Apenas nascidos erão pintados com as cores da guerra, o urucú e o genipapo, como se o negro e o vermelho d'aquellas tintas symbolisassem o sangue e o luto, a seu lado depositavão um arco e frechas, que os acompanharião meninos, jovens, adultos, guerreiros e depois de velhos, e depois de mortos. Apenas sahidos da infancia um baptismo de sangue os esperava, furavão-lhes os labios e os lobulos das orelhas, e davão-lhes um nome que com aquella provança merecião <sup>3</sup>. Crescião no meio de exercícos phísicos que lhes desenvolvíão todas as forças do corpo; tornavão-se homens no meio de fadigas, e só erão recebidos guerreiros á força de martyrios: para o casamento era preciso conquistar uma mulher, fazer um prisioneiro, ou levar a

<sup>1</sup> Lafitau. *Mœurs des Sauv.* T. 2 p. 420.

<sup>2</sup> Laet. *Ind. Occ.* L. 17 c. 15.

<sup>3</sup> *Relation du voyage de Roulox Baro.* Trad. de Morau, p. 233. C'est une forme de baptesme parmi eux, donnant en cette rencontre le nom á l'enfant.

palma aos outros em força e agilidade: na morte só os grandes irião para além das altas montanhas, onde os seus maiores amigos e parentes os esperavão na deliciosa beatitude do ocio entremeado dos prazeres da caça e da pesca. Um cantico de guerra os acompanhava do berço á sepultura, e fabricavão as suas armas ao som de cantigas que narravão os aggravos recebidos pelos seus em tempos anteriores, e como todos aquelles que presão em primeiro lugar as forças phisicas e a coragem. Sendo altamente sensiveis á injuria, era o seu maior deleite a vingança. Não admira que fossem guerreiros; o que admira, é, como já observamos, que tendo a sua educação a guerra por objecto, a sua sociedade não tivesse a conquista por missão.

Resta-me agora tratar da que em todas as partes constitue a melhor porção do genero humano, a que Deos creou em ultimo lugar, para que fossem as mais perfectas de suas creaturas. Fallo da mulher. Se nações cuja origem como que se perde na noite dos tempos (e sirvão os chins de exemplo) a tem quasi em eterno captiveiro; se entre povos que consideramos no apogeo da civilisação, as vemos sujeitas ao dominio de um senhor violento e cruel; se homens illustrados e doutos theologos <sup>1</sup> chegarão a duvidar da sua natu-

<sup>1</sup> Segundo Gregorio de Tours, foi discutida em um concilio de Macon a dissertação de Acidaleus—«Mulieres homines non esse. Virey *H. n. da g. h.* Lyserus. *Poligamie triumfatrix*, p. 123 » Cum inter tosantos patres episcopos (*concilii mairco-mensis*) consilio quidam stat tueret non posse nec deberi mu-

resa, não é muito que pobres selvagens, na sua rudeza primitiva, desconhecsem também a sua origem divina, ou não tivessem a arte de encobrir com flores as correntes tão pesadas que lhes roxeão os pulsos<sup>1</sup>.

Nascião: e como o seo nascimento podia affectar a saude do pai, de quem, como se suppunha, exclusivamente recebia a vida, este se deitava e resguardava da mesma fórma que se lhe tivesse nascido um filho: cantava também, porque toda a sua vida era poesia, dizia-lhe como se batia o *tocúm*, para se lhe extrahirem as fibras, como delle se fazião cordas e tecidos, como se preparava e fiava o algodão, como se tecião as redes, como se pintavão os guerreiros, e que, em fim, a mulher era semelhante áquellas trepadeiras, que nascerão e se emmaranharão por um tronco ro-

---

lieres vocari homines: timore dei publice ibi ventilaretur; et tandem post multas vexatõe hujus questionis disceptacionis, concluderetur mulieres sint homines.

<sup>1</sup> Laet *Incl. Occ.* (40): «Estes selvagens amão assás as mulheres. . . não as batem nem fazem mal pouco.» Vid Walknær, *Essais sur l'histoire de l'espèce humaine*, 1798 p. 79, caracterizando a condição da mulher do caçador selvagem.

Virey T. 3 p. 357. (Paris 1824). Dans l'état d'extrême barbarie, le sexe féminin n'est pas toujours, opprimé autant qu'on le pourrait, croire, parce qu'il devient nécessaire comme le centre de la famille et l'espoir de la nation . . . plus la barbarie est extrême, plus la femme semble obtenir d'ascendant »

D'Orbigny. cit. t. 1.º p. 176: «A condição da mulher quanto à trabalho é penivel o mais que é possível; mas não soffre nunca censura pela maneira porque governa a sua casa: o americano o mais barbaro não a bate; trata-a sempre com a maior doçura. Assim que, apezar dos seus trabalhos, as mulheres d'estes homens chamados selvagens, são menos desgraçadas do que muitas d'aquellas das nossas classes industriaes da Europa, tão maltratadas muitas vezes por seus maridos.»

busto, destinadas a ornal-os de flores, e ás vezes tam-  
bem a amparal-os.

Crescia, e em vez da ampla liberdade de que seos irmãos gosavão, ajudavão a mãe na penosa tarefa do arranjo domestico, carregavão agua da fonte, apanhavam lenha, e vigiavão a comida. O trabalho as recebia ao sahir do berço para só as abandonar na beira do sepulchro.

Tornavão-se moças, e precisavão de uma especie de purificação <sup>1</sup>: os jejuns succedião ás abluções, pintavão uma parte do rosto ou dos braços, e soffrião profundas incisões no peito e pernas para testemunhar a passagem da infancia esteril á idade da fecundidade.

Atavão um fio de algodão pintado em cada braço, em signal de virgindade <sup>2</sup>. Rompião porem o fio quando a perdião, e nem isso lhes prejudicava a reputação, nem lhes era levado a mal.

O seo pudor revelava-se na honestidade dos gestos e maneiras, e no mais consistia em não mostrarem nunca signaes de menstuo que ou não tinham pelo frequente uso de banhos,—pelos jejuns e inversões que soffrião em entrando na idade da puberdade,—ou por-

---

<sup>1</sup> D'Orbigny, *L'Homme américain*. Thivet trata tambem das terriveis purificações impostas ás adultas, quando se tornão mutheres.

<sup>2</sup> As donzellas trazem á cinta um fio de algodão, e em cada buxo dos braços; em casando, rompe-os para mostrar que já é dona, e ainda mesmo solteiras o fazem apenas desfloradas, e ninguém lhes quer mal por isso. *Tratado da terra do Brazil*, cap. 152 ou 162.

que, segundo alguns autores, reputadas immundas nessa quadra, fugião dos olhos de todos, o que me não parece muito exacto. <sup>1</sup>

Casavão-se, e tornavão-se escravas dos maridos, a quem seguião por toda a parte; todos os trabalhos domesticos recabião sobre ellas, na guerra os acompanhavão carregandó armas e mantimentos,—e nas mudanças de residencia todos os seus haveres, e os filhos que não podessem supportar a marcha.

Punhão-se á caminho: ia o marido adiante só com a frecha e o arco na mão para as defender de inimigo ou de feras no caso de ataque, e ellas atrás com o *potigua*, (caixa), *igaçaba*, (pote), cabaca, cuia, rede e filhos e com tudo mais que era preciso para a jornada ou para a nova habitação que escolhião. Quando fazião alto, o marido deitava-se negligentemente, enquanto a mulher accendia fogo, preparava a caça, ajuntava a lenha, carregava agua, até que lhe fosse tambem permittido entregar-se ao descanso.

Erão mães: amavão extremosamente os filhos, ainda que se não excedessem em demonstrações de ternura <sup>2</sup> criavão-n'os com a mais desvelada solícitude, e amamentavão-n'os por largo periodo. <sup>3</sup> Não os assa-

<sup>1</sup> V. Virey, Ob. cit. T. 1., p. 135 nota. Lafitau é do mesmo pensar. *Mœurs des Sauvages*, t. 1, p. 262

<sup>2</sup> Lafitau, ob. c. p. 585 «Elles aiment leurs enfants avec une extrême passion... leur tendresse n'est pas moins réelle, moins solide et moins constante.

Virey nota que, onde ha polygamia as mãis amam com excesso.

<sup>3</sup> Tres e quatro annos, dizem alguns.

sinavão nunca por defeitos physicos ainda que fossem extremamente raros os defeitos entre elles, facto que Robertson e outros, sem fundamento explicão pelo infanticidio. <sup>1</sup> A causa disso seria outra—seria a actividade e exercicio da mulher durante a gestação, a liberdade physica em que vivião, não usando atilhos que podessem embarçar o perfeito desenvolvimento do feto, nem torturando e contrafazendo a criança com fachas e cintas.

Comtudo, se era súa sua servir sempre, podião ao menos mudar de senhor quando o que tinhão lhes não agradava, ou as maltratava de mais. «Não te quero mais por marido, dizia ella, vou procurar outro. *Eco-aen*, lhe respondia o marido. «Vai-te para onde quizeres. Desde esse momento a mulher era livre, e podia escolher a quem lhe aproovesse servir <sup>2</sup>.

Erão viúvas, e lagrimas de piedade regavão a sepultura de seus tyranos, os accentos de sua dôr os seguião na ultima jornada; e apesar de todos os encomodos satisfazião os deveres que a sua religião, lhes impunha para com os mortos.

Um prestígio de tal ou qual consideração as rodeava no seo estado de virgindade, porque só ás virgens era

---

<sup>1</sup> Gumilla. *Orinoco illustrado*, T 2.—Vide Piso, l. 4, p. 6; e o Padre Techo. Parece porém que dos gêmeos abandonavão um *Lett edif.* 540 p. 200. Os do Perú o fazião por o considerarem de máo agouro. Ariaga. *Extirp. de la idolatria del Perú*, p. 32, 33.

<sup>2</sup> Abbeville cit. p. 279.

permittedo mastigar mandioca para o fabrico do *cauim* <sup>1</sup>; na velhice achavão força na energia da sua dedicação, para sacrificarem-se por um estado social, que mal ás protegia, e offerecendo-se a uma morte tão voluntaria como certa, elaboravão o veneno com que se ervaessem as setas. Algumas vezes tambem divagavão pelos campos floridos da illusão, e os seus labios, mudos para os queixumes, se abrião para soltar cantos modulados pela ternura e enthusiasmo <sup>2</sup> e em nome da imaginação, da intelligencia, da poesia, protestavão contra a abjecção, em que lhes era força viver, e contra a qual depunha a natureza, bafejando-as com uma faísca do fogo creador.

<sup>1</sup> Dobrizhoffer, tratando do *chicha*, que é uma especie de *cauim* parece indicar que só as velhas o fabricavão. T. 1. p. 463, cit. por Southey, t. 4 p. 234. «fœminas juniores, quod impuris humoribus scatere videantur, honorifico *mais* grana dentibus terendi munere barbarica eludunt.

«As raparigas, moças, mascão o *aypi*» H. Stadt. c. 12.

No *Trat. 2.º da terra do B.* c. 7 cit. lê-se que davão ao captor do prisioneiro «a mais formosa e mais honrada moça, que são as virgens que mascão o *aypi*.»

Lery. cit. p. 110 «os homens julgão que isso lhes faria mal, e o reputão indigno do seu sexo.»

<sup>2</sup> O autor de *N. do B.* c. 162—depois de ter dito que os musicos fazião *motes de improviso* accrescenta, tratando das mulheres: «Entre as quaes ha tambem grandes musicas, e por isso muito estimadas.»

F. Cardim. *Narrativa epistolar de uma viagem e missão*. Lisboa, 1847, diz de uma tribu *tupy*. «Estas trovas fazem de repente, e as mulheres são *insignes trovadoras*.» Pag. 35.

## CAPITULO XI.

### Caracteres intellectuaes.

Mais do proprio interesse do que da fraquesa de entendimento nascem os nossos erros, o vulgo os aceita como verdades, a sociedade como taes os admite, e consolida-se um prejuizo, que só o tempo e a civilisação poderá destruir, talvez com o auxilio de nossos erros, e com a opposição de interesses encontrados.

Veio a fê traida á America nas azas da cubiça, e como a religião era não pequeno obstaculo á escravidão de entes humanos, o egoismo contra a humanidade, tratou de propalar o principio de que não erão verdadeiros homens os que povoavão a America antes da sua descoberta, em quanto por outro lado a politica sustentava, que estas, então novas colonias, não poderião progredir nem mesmo sustentar-se sem escravos.

Perpetrarão-se horrores de fazer tremer a humanidade, e para justificar quanto era possível o comportamento barbaro dos aventureiros intrepidos, principalmente hespanhoes, que conquistarão as terras do novo mundo, foi preciso qualificar os indigenas como entes destituídos de toda a racionalidade. Antonio Ulloa ou com aquelle fim, ou porque não quiz ou não pôde descer até aos indigenas americanos, asim de os comprehender, o disse em primeiro logar <sup>1</sup>. Outros o repetirão depois d'elle e sob a sua fé <sup>2</sup>, sem consultar as fontes primitivas mais dignas de credito, por serem mais desprevenidas. Paw, detractor gratuito dos primitivos americanos, Paw (diz d'Orbigny <sup>3</sup>) levou neste ponto, tão longe quanto poudo, a má fé e a exaggeração, porque estendeo o seo systema dos homens ás plantas e emfim ao solo americano. Considera os indigenas como sendo todos um, e tomando sempre nos autores e de cada tribu as particularidades que melhor fazião ao seo proposito acaba por dar como retrato dos americanos a mais monstruosa reunião dos vicios e defeitos da barbária. Robertson bebeu alli as

<sup>1</sup> *Noticias Americanas*, Madrid, 1772, p. 321, os compara aos brutos: pag. 322: diz que não pensão «En la raza de los indios es necessario distinguir los atos y operaciones del intendmento de los que son de pura manipulacion de industria... En los primeros son totalmente negados y sin discernimiento ni comprehension.»

<sup>2</sup> Bourgnier, *Voyage au Peru*, 1749 p. 102.

La Condamine, *Relation abrégée d'un voyage*. V Gareilasso de la Vega.—Padre Costa, etc.

<sup>3</sup> D'Orbigny, *L'Homme Américain*. T. 3., p. 105. Paw, *Recherches sur les Amériquains*.

suas ideias, que, partindo de tal fonte, não admira que sejam tão afastadas da verdade,—de modo que com exageração, e mais erudição só chegou a idénticos resultados. «Assim (conclue D'Orbigny) estes dois autores, que não conhecerão os Americanos por observação propria, ou que não tomarão das obras por elles consultadas, senão o que combinava com as suas ideias e preconceitos, despojarão pouco e pouco os habitantes do novo mundo, de todos os dotes da natureza, até fazerem delles creaturas fracas, degeneradas no physico como no moral, e dotadas quando muito, dos instinctos dos animaes do antigo continente.

Os hespanhoes os consideravão como animaes de classe inferior á especie humana <sup>1</sup>, e Paw na mesma obra citada <sup>2</sup> diz haver-se sustentado nas Universidades da Europa, que os habitantes da America não são verdadeiros homens, mas verdadeiros ourang-outangos. E não só os seculares, como os religiosos, homens tão respeitáveis pela sua erudição no tempo, como pelo elevado da posição social, em que se achavão ou por um logar eminente na hierarchia ecclesiastica empregavão todos os recursos da eloquencia, todas as armas da dialetica para defender uma these, que assegurava o interesse de tantos, capiado com o pretexto da

---

<sup>1</sup> Herrera, Dec. 2. liv. 2, cap. 5. Torquemada, *Monarchia Indiana*. T. 2, p. 574.

<sup>2</sup> T 2, secc. 2, p. 38—Londres, 1771.—Vid. Virey, *H. N. d'IH*. T. 3, pag. 450.

publica conveniencia e do bem das almas. Dóe-nos hoje ver que de erudição se consumia, que de textos das sagradas escripturas, dos doutores da Igreja, e dos autores profanos erão tratados a cada palavra, para justificar a barbaridade, de que erão victimas os miseraveis indios.

Principiavão os autores hespanhoes <sup>1</sup> a defender a conquista, dizendo que estas terras, ainda que occupadas, podião ser accrescentadas ás da Hespanha, porque erão os seus possuidores, tão bárbaros, incultos e agrestes, que apenas merecião o nome de homens; e necessitavão de quem, tomando a seo cargo o governo, amparo e ensino delles, os reduzisse á vida humana, social e politica, para que com isto se tornassem capazes de receber a religião de christo.

E passando da terra aos possuidores, achavão tambem que não convinha deixal-os em a sua liberdade, por carecerem de razão e discurso bastante para bem usar della; e cita a este proposito —Acosta—*De procuranda indorum salute. L. 1 c. 2º* —Ped. Martyr. Dec. 1ª—Oviedo L. 1 c. 6. —Reconhecião que se lhes fazia injuria mas contra a regra de direito <sup>2</sup> dizião que era injuria pela qual se ficava em divida, quando os sabios e os prudentes se encarregavão de mandar, governar e corrigir os ignorantes, como explicando o logar dos pró-

---

<sup>1</sup> Sepulveda, na *Apologia contra o bispo de Chiapa*. —Solorzano, *De jure indiarum*, L. 1, c. 7. »

<sup>2</sup> *Invito non datur beneficium*.

verbios I. v. 10 e 26 o ensinão os sagrados doutores Agostinho, Ambrosio &. (Seguem-se as citações.) Porque escrevia Solozano, los que llegan a ser tan brutos y barbaros son temidos por bestias mas que por hombres, y entre ellas se contan em las sagradas Escripturas, y outros autores, y en outras partes son comparados a los tenos e a las piedras.» E assim (acrescenta elle) segundo a opinião de Aristoteles <sup>1</sup>, recebida por muitos, são servos e escravos por natureza, e podem ser forçados a obedecer aos mais prudentes, e é justa a guerra que sobre isto se lhes faz. Mais ainda: Celio Calcagnino, commentando o mesmo Aristoteles acrescenta, que se podem caçar como feras, se os que *nasceram para obedecer*, se recusão, e perseverão contumazes em não quererem admitir costumes humanos.»

«Y no parece que va lexos de esto S. Agostino (De civit. dei. c. 21) quando enseno que és licita la guerra que se encamina a bien y provecho de los mismos contra quien se hoje, y se les guita la libertad en que peligrarian no siendo domados. <sup>2</sup>

Fundado em Aristoteles, que ainda interpretado, commentado e falseado era n'aquelles tempos authoridade irrecusavel. D. Fr. Thomaz Ortis nas suas repetidas e porfiadas disputas com o bispo de Chiapa, em

---

<sup>1</sup> *Política*, c. 1. et seqq. D. Fr. Thomaz Ortis parece ter sido o primeiro a argumentar com esta citação.

<sup>2</sup> Solorz. cit. L. 1, c. 7.

presença de Carlos V <sup>1</sup> se atreveo a dizer e affirmar que erão servos de natureza, contando delles tantos vicios e torpesas, que parece persuadia-se lhes fazião beneficio em querel-os domar, tomar e ter por escravos.

Para convencer os que os tinham por tão barbaros e brutos que até os reputavão indignos do nome de homens racionaes, e nisto fundavão á sua escravidão, o bispo de Tlascala na *Nova Hespanha*, D. Fr. João Garcez, da Ordem dos pregadores, <sup>2</sup> escreveu em 1636 uma longa carta, douta e não mal limada a Paulo III, na qual com razões concludentes, e exemplõs frisantes mostrou quanto se illudião os que semeavão tão má doutrina.

Com esta informação expedio o mesmo Pontifice a bulla particular de 1537 (4 n. Junio) <sup>3</sup>, *Veritas ipsa quæ nec falli nec fallere potest*, declarando que era malicioso e precedido de cubiça infernal e diabolica o pretexto que se tinha querido tomar para molestar e despojar os indios, e fazel-os escravos, dizendo-se que erão como animaes brutos e incapazes de serem reduzidos ao gremio e fê da Igreja catholica; e que elle por authoridade apostolica, depois de bem informado, dizia e declarava o contrario; e mandava que assim os já descobertos, como os que para o diante se descobrissem, fossem tidos por verdadeiros homens, capazes da

<sup>1</sup> Herrera Dec. 2, L. 4. c. 39.

<sup>2</sup> Solorz L. 2, cap. 4.

<sup>3</sup> F. Denis, *Relatione d'une fête bresilienne*, etc., diz ser esta bulla de 9 de Junho de 1536.

fé e religião christã, e que por bons e brandos meios fossem trazidos a ella, sem que se lhes fizessem molestia, aggravos, nem vexames, nem fossem postos em servidão, nem privados do livre e licito uso de seos bens e fazenda sob pena de excomunhão *latæ sententiæ ipso facto incurrenda*, e reservada absolvição della á santa séde aos que o contrario fizessem.

Foi movido pelos mesmos sentimentos de caridade e amor do proximo, mas como fazendo excepção d'aquelles para os quaes não tivesse ainda resplandecido a luz da fé que o Pontifice Clemente VIII dizia «querer e mandar que os fieis de Christo destas partes fossem, quaes tenros pimpolhos, regados com o suave rocio da mansidão. *Ac Christi fideles illarum partium, tanquam teneros novæ plantationis palmites, suavi mansuetudinis imbre irrigare volentes . . .*

Hespanha que tinha sido a primeira a dar o exemplo da injustiça <sup>1</sup>, foi tambem a primeira a adoptar mais philanthropicos sentimentos. Uma lei de 1542 diz em um dos seos §§.

—Item—Ordenamos y mandamos que de aqui adelante por ninguna cauza de guerra, ni otra alguna aunque sea so titulo de rebelion, ni por rescate, ni de otra manera, no se pueda hazer esclavo indio alguno.—Y

---

<sup>1</sup> A escravatura foi legalmente autorisada, primeiro pela Hespanha no tempo do cardeal Ximenes, e Carlos V, no pontificado de Leão X; depois por Isabel de Inglaterra e Luiz XIII de França. Virey, Ob. cit. T 2, p. 98.

mandamos que sean tratados como vassallos nuestros de la Corona de Castilla, pues los son.»

Outras leis hespanholas de 1550 e 1570 prohibirão nas Indias de Castella—«tener por esclavo los indios, que los portuguezes traian a vender em ellas, cogidos sacados para este effecto del Brasil.»<sup>1</sup>

Não obstante estas leis e muitas outras<sup>2</sup> advertencias das audiencias do Mexico e de Lima, os Chilenos por serem os mais guerreiros forão excluidos desta regra. Uma lei de Felippe 3º, dada em Ventosella a 13 de abril de 1608, determinou que se lhes fizesse guerra aberta, e se tomassem por escravos todos os maiores de dez annos. Esta medida suspendeo-se pelas razões do jesuita Luiz de Valdivia, que aconselhou como preferiveis os meios brandos e a guerra defensiva. Porém, diz Solorzano; havendo estes morto alguns religiosos e feito muitos damnos, deo-se a lei de 13 de abril de 1625 de Felippe 4º, precedendo muitas e graves juntas e consultas, que se lhes fizesse de novo guerra crua por todos os modos, e se tomassem por escravos os que nella fossem presos, cedendo-se as presas aos soldados, que as poderião ferrar e vender dentro do reino e fóra d'elle.

Hojê não é possivel discutir-se seriamente a questão

---

<sup>1</sup> Vê-se, pois, que o trafico de escravos começou a ser exercido pelos portuguezes

<sup>2</sup> Apesar da bulla que citamos, de Paulo III, pôz-se ainda em duvida no Concilio de Lima, se os indios tinhão sufficiente intelligencia para participar dos sacramentos da igreja.

se os indigenas da America são racionaes ou se a natureza creou homens fatalmente sujeitos á escravidão: comtudo convirá saber-se quaes forão as deducções que se tirarão de tal principio.

Solorzano argumenta: «Se se podia fazer-lhes guerra e matal-os, tambem podião ser escravizados; e sendo escravos legitimos o mesmo direitio introduzio o costume de os poder ferrar no corpo e na cara, á vontade de seos donos, ou para os castigar de seos excessos; ou para os ter mais seguros de não fugirem. E para legitimar este costume cita o mesmo autor a opinião do douto padre Luiz Rabello da Companhia que diz: «Imo etiam characteres servitutis in faciem ejus inurere dominus poterit eis qui reri servi sunt.»<sup>1</sup>

Por outra parte os livres erão preguiçosos: convinha portanto que fossem obrigados ao trabalho, sendo vagabundos, era preciso que se não podessem retirar dos logares em que os quizessem estabelecer.

Como tambem erão pessoas miseraveis, porque segundo a definição do illustre Menochio—miseraveis se chamão e reputão aquellas pessoas, de quem naturalmente nos compadecemos por seu estado, qualidade e trabalhos, circumscreverão o seo direitio de propriedade, como já o tinhão feito com a liberdade, mesmo para os que erão tidos, bem que não tratados como livres.

Sendo declarados todos pessoas de pouca firmeza e

---

<sup>1</sup> De obligat. justitiæ. L. 1 quest. 2<sup>a</sup>. in princip.

estabilidade, não se lhes tome juramento, e se se lhes tomar seja em casos graves, advertindo-os primeiro, como mandava o 3º concílio de Lima, que não perjurem, e se perjurarem sejam castigados com açoites ou tratos.<sup>1</sup> E assim como que se justifica a ordenança do vice-rei do Perú D. Francisco de Toledo, observada em outras partes, que nunca se oiça menos de seis indios, e a estes ainda contestes, não se deva dar mais credito, que se se houvera examinado a um só idoneo. O resultado quasi infallivel era que nem mesmo o direito de queixa tinham os indios contra os hespanhoes, nem podião obter reparação de qualquer aggravo que estes lhe fizessem.

Apparecerão as *Encommendas*, especie de tutela civil e politica, pois que se tratava de preguiçosos, vagabundos e miseraveis, na frase do direito, como são os menores, os idiotas, os mentecaptos, que nem sabião dispor de seus bens, nem usar da liberdade. Ou antes foi devida esta instituição aos primeiros conquistadores, que representarão precisar desta gente, tomando pretexto de que as terras não se podião povoar nem conservar de outra sorte. Deo-lhes exemplo D. Christovão, e depois Nicoláo Orando, — exemplo que foi seguido por Cortez, conquistada a Nova Hespanha, e pelo adelantado — Francisco Montijo no Yucatan.

Forão abolidas as *Encommendas* em 1518, e depois

---

<sup>1</sup> O'trasquilandolos, que és el castigo que entre elles se tiene por más infame.

em 1523—graças aos esforços de las Casas <sup>1</sup> o qual sustentava, que, não podião ser *encommendados*, nem delles fazerem-se repartimentos. Os colonos comtudo não se derão por vencidos; tanto maquirarão que se sobresteve na execução daquellas ordens, até que por fim achou-se melhor marcar-se um *tributo de certo numero de indios*, que erão dados aos benemeritos, que desfructavão as encommendas, e as transmittião por herança a seos filhos, como premio do trabalho de os tratar e doutrinar. Deste modo acontecia que do proprio principio de protecção á liberdade se originava a escravidão.

Reataremos este assumpto, quando nos for preciso tratar das leis portuguezas, relativas á liberdade ou escravidão dos indigenas.

Agora nos occupamos de aquilatar a capacidade intellectual dos indigenas, e ainda que como Warden, não tenhamos materia para dilatar um longo capitulo do que chama aquelle autor—artes de recreio entre os selvagens; ainda que tambem o que erão os selvagens, quando forão descobertos, não seja medida certa para conjectararmos o que elles poderião ser collocados em melhores circumstancias, este estudo não é todavia nem fóra de proposito, nem destituido de interesse para os que se applicão a reconstruir de alguma forma o viver natural dos indigenas americanos antes que affastados pelos europeos dos seos habitos fossem lan-

---

<sup>1</sup> Solorz. cit. L. 3 c. 4º.

çados em um estado verdadeiramente excepcional na historia de uma epoca que nos apraz chamar de illustração e de progresso.

Os índios mostravam grande discernimento na escolha dos logares em que assentavam as suas habitações; e os jesuitas, que souberão neste ponto ganhar a fama de entendidos, não fizeram ás mais das vezes senão acompanhal-os na escolha já feita por elles. As nossas principaes cidades estão assentadas sobre antigas aldeias ou taperas, motivo porque tiverão ou tem denominações tiradas da lingua geral: somente as necessidades do commercio que os índios não conhecião, obrigarão depois os primeiros povoadores a removerem-se para algum logar proximo, o que era outras vezes resultado de guerras entre os indigenas e colonos. Assim foi que Alcantara *Tapuy-tapera*, ou aldeia abandonada dos *Tapuyas*, teve de ceder a primasia a Maranhão, Olinda a antiga *Mari*, a Pernambuco, e *Nitheroy* ao Rio de Janeiro.

Nas suas povoações não tinham templos, nem edificios: não usavam de instrumentos com que podessem lavrar a pedra; mas se a sua architectura estava em embrião, enquanto os *tapuyas* se anninhavam perto de um tronco de arvore cahida, ou cobrião de folhas um tugurio miseravel que mal os resguardava das injurias do tempo (*Baro*): aquelles sabião construir aldeias vastas, e fortifical-as de modo que resistissem á surpresa dos contrarios, ou a um ataque demorado <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> «Algumas aldeias, fronteiras aos inimigos, são fortificadas;

Deixavão apenas um caminho por onde se podia chegar á entrada da taba; mas esse mesmo estava miñado de covas e lójos, estrepes e espinhos, que desanimavão os mais atrevidos, ou os punhão fóra de acção antes de entrarem em combate. Corrião depois uma paliçada com estacas de páu á pique, e ainda outra mais junta e cerrada com seteirãs e entradas falsas nas quaes penduravão de costume os seos barbaros tropheos, e no centro collocavão a taba <sup>2</sup>: erão casas, capazes de muitas familias, dispostas em dois ou mais parallelogramos, deixando-se no centro um terreiro para as festas e sacrificios. Vivião á beira do oceano, e querendo talvez symbolizar o contraste da vida á beira-mar com a do certão, as suas casas aparentavão a imagem de uma igará ou canôa investida <sup>1</sup>.

---

plantão estacas de palmeiras de 5 a 6 pés de alto, e nos caminhos abrem covas com estrepes e espinhos. Lery. p. 195.»

<sup>2</sup> «Moravão os indios, antes da sua conversão, em aldeas, em umas *ocas* ou casas muito compridas de 200, 300 ou 400 palmos, e 50 em largo pouco mais ou menos, fundadas sobre grandes esteios de madeiras, com as paredes de palha ou de taipa de mão cobertas de pindoba... e durão 3 ou 4 annos; cada casa d'estas tem dois ou tres buracos sem portas nem fecho. Dentro n'ellas vivem logo 100 ou 200 pessoas, cada qual em seu rancho sem repartimento nenhum, e morão de uma parte e outra, ficando grande largura pelo meio, e todos ficão como em communiidade e entrando na casa se vê quanto n'ella está, porque estão todos á vista uns dos outros sem repartimento nem divisão... porém é tanto a conformidade entre elles que em todo o anno não ha uma peleja; e com não terem nada fechado não ha furtos; se fóra outra qualquer nação, não poderiam viver da maneira que vivem, sem muitos queixumes, desgostos e ainda mortes, o que se não acha entre elles. Cardim cit. p. 36.»

<sup>1</sup> Sub eodem tecto ad inversæ modum carinæ prælongo palmis que instructo, multæ simul familiæ digunt. Barleus.

Sobrevindo a luta com os europeos, dispersarão-se as tabas, e os guerreiros não confiando senão de si a propria salvação, isolarão-se; as cabanas resumirão-se e estreitarão-se até tomarem a forma das dos *Tapuyas*, á semilhança dos *tejupás* <sup>1</sup>, que nas marchas a guerra se levantavão á pressa para abrigo de um dia. A sua vida tornara-se mais precaria, e mais instaveis as suas habitações: era já a barraca engenhada e com precipitação construida, durante a fuga, para uma hora de descanso.

Affectavão nos arrayaes a fórma circular e as suas cabanas, arredondavão-se tambem. não já á semilhança de uma *ygara*; mas á d'uma arvore frondosa, cujas ramas topetando com o chão lhe prestasse abrigo. Era que elles se havião retirado do mar para as florestas, e que a sua sociedade desmoronando-se, se resumia na familia, quando não era no individuo, a unidade de que o circulo é o emblema.

Derrubavão os mais grossos troncos, que vegetavão á beira do mar ou dos rios, excavavão-n'os com o fogo, alisavão-n'os com instrumentos de pedra, e os lançavão no mar ou nos rios com o nome de *ygaras* <sup>2</sup>, e fazião-n'os voar sobre a face tranquillã do oceano com quarenta remos por banda: *Iguarussús* erão os maio-

---

<sup>1</sup> Chamão *ajupás* os alojamentos feitos á pressa na guerra. *H. N. des Antilles*, p. 455. Não só era usado na guerra; *ajupá* é o alojamento temporario, feito no despovoado, e para poucas pessoas.

<sup>2</sup> D'onde chamarão aos riachos *ygarapés*, caminho de canôa.

res—os *igarités* os mais pequenos,— o *igaratins* aquellas em que ião os chefes, e que se differencavão das outras em terem um maracá na proa. As vezes as fabricavão de pelles de animaes, da palha de periperí, para a pesca, ou passagem de algum rio, quando não derribavão sobre elles alguma arvore colossal, fazendo as vezes de pontes, e conhecidas hoje com o nome de pingueças nas provincias do interior.

Pouco erão, como se vê, em architectura e construcções, pouco mais valião em outras industrias. Tribus havia comtudo que primavão em certos ramos; taes erão os *Maués* <sup>1</sup> na composição do guaranã; outros como os *Tecunas* <sup>2</sup> na dissecação e preparação de passaros e animaes—outros no fabrico das redes e tecidos de algodão, como erão os *Umacias*, *Omaguas* e *Combebas*. <sup>3</sup> Admirou-se em muitos a variedade das tintas que sabião extrahir dos vegetaes, e até a viveza do colorido; as mulheres tupys erão excellentes oleiras; e os homens dotados da faculdade da poesia, do canto e do improviso, mas em que todos geralmente se esmeravão, era na confecção das armas, em que to-

---

<sup>1</sup> «Assim chamados do rio que habitavão.» Onvidor Sampaio ob. cit §.

<sup>2</sup> Sampaio cit. § 213. «Têm porém os *Tecunas* a singular arte de prepararem as aves e passarinhos, que matão com a *esgaravatana*, de tal sorte que ficão inteiros... enchendo a pelle de algodão ou *sumaúma*, que mandão a Europa.»

<sup>3</sup> Suas mulheres fabricão tecidos de algodão com admiravel arte, Sampaio, § 228.—Combeba é corrupção de *acanga peba*—cabeça chata.

dos punhãõ o seu orgulho; dos ornatos de plumas, e dos instrumentos musicos ou de guerra.

As suas armas <sup>1</sup> erãõ o *tacape* feito de madeira negra ou vermelha de 5 ou 6 pès de comprimento, com uma rondella, ou moca na extremidade, da grossura de uma pollegada no meio, aguçada na ponta, e cortante como um machado <sup>2</sup>; a *tangapema* ou espada que servia no sacrificio; a *tamarana* ou pão faceado, de quatro lados oppostos e iguaes, porem mais grossos em uma das extremidades, a que punhãõ franjas de algodão e outros ornatos; a *esgaravatana* <sup>3</sup> ou espingarda de ar de diversas grandezas, mas que dizem alguns chegar a 15 palmos, em cujo instrumento introduzem frechas hervadas ou ballas de barro, as lanças ou *murucús*, que fazem muito aperfeioadas de qualquer madeira pesada, mas golpeando-as, de modo que ao entranhar-se se quebrem na ferida.

Fazem os arcos (*uira para*) da mesma madeira que os *Tacapes*; trabalhão-n'os com esmero, cobrindo-os de labores e desenhos, que é difficil de comprehender-se como sahirão de taes mãos: as cordas tiradas do *tocum* ou da *sapucaya* <sup>4</sup> são delgadas, mas fortissimas:

<sup>1</sup> Segundo as descripções de Barrère (*Relation de la Guyane*) as armas e ornatos dos indios de Cayena erãõ semelhantes aos dos *Tupys*.

<sup>2</sup> Lery. c. 19. Vasconcellos descreve diversamente.—*Not. c. e neces.* n.º 126 «tem mais uma maça ou clava de pão regissimo, e pesado como ferro, com que investem uns aos outros.»

<sup>3</sup> Chamão tambem bodoque à *esgaravatana*. Para estas tres ultimas armas, v. *Diario* cit. de Sampaio, § 162.

<sup>4</sup> De que materias fabricavãõ as cordas?

as frechas (*ui'ba*) maiores que a altura ordinaria de um homem, compõem-se de tres peças, o meio de *canarana* ou *voragica*; a extremidade superior de páo preto, a inferior de taquara ou de osso, embotadas ou aguçadas, hervadas ou farpoadas.

Os escudos ou broqueis, que fazião da pelle de *tapi* ou de *anta* erão largos, chatos, redondos, ou ellipticos, e difficilmente penetraveis ás frechas: para o mesmo effeito empregavão peitoraes de escama de *jacaré*.

Por ornatos usavão trazer cocares ou corôas de penas, que a semilhança de uma copa de palmeira, lhes cingião a cabeça: dava-se-lhes o nome de *acangatar*, *acang-getar* ou *kannitar*: o primeiro é o mais exacto; usavão tambem frontaes de varias côres, a que chamavão *yempenamby*, a *arasoya* ou fraldão de plumas <sup>1</sup>, o *enduape*, que parece ser o manto inteiriço de que falla Laet, crescentes de ossos brancos, que trazem ao pescoço, e aos quaes pela forma lunar derão o nome de *jacy*, o *boii-re* feito de conchas. brincos <sup>2</sup>, e collares aos quaes davão o nome generico de *ajuacora* <sup>3</sup>.

Por instrumentos tinhão o *maracá* <sup>4</sup>, o fructo da colloquintida cheio de buzios, conchas ou pedrinhas, com um haslil, ornado de plumas: tinhão flautas feitas de

<sup>1</sup> Diz Laet que o chamão *assuyave*, pag. 518.

<sup>2</sup> Hans Stadt chama *nambi beya* aos brincos que as mulheres usavão.

<sup>3</sup> Laet cit. p. 518.

<sup>4</sup> *Maracá*.

ossos de finados, a que o Padre Vasconcellos <sup>1</sup> chama *cangoera* e Morisot, o annotador de Rouloux Baro, «*Tibiæ canguaca*; outras flautas feitas de conxas *membibi* <sup>2</sup>; as maiores *membiguassú*; as de cana *membipara*; *urucá* feita de certa concha; o *muremuré* assim chamado pelo som que soltava; o *boré* feito de pão ôco; a *janubia* ou *inubia* <sup>3</sup> que era a sua trompa de guerra; os *trocanos* que são como tambores ou timbales.» Cavão interiormente um grosso tronco, tapão-lhe as extremidades, e abrindo no meio duas bocas, toção com massa conglutinada de gomme elastica <sup>4</sup>. Sendo tão forte este instrumento que se ouvia na distancia de duas ou tres leguas. usavão delle para darem aviso e rebate ás povoações distantes. Entrando em contacto com os europeos chamarão *itamembi* aos instrumentos de arame; *guararape* aos de percussão <sup>5</sup>; e *itamarracá* aos sinos, ou porque o representassem o instrumento por excellencia, ou pela ideia religiosa que, como os europêos, lhes ligassem.

Erão habeis em certos tecidos; fabricavão redes de algodão, a que, segundo uns, chamavão *ini* <sup>6</sup>, e segun-

<sup>1</sup> *Noticias curiosas e necessarias*, n. 141. (Vid Marcgraff.)

<sup>2</sup> *Membibi* (diz Sampaio) instrumento de folego forte e sonoro. § 281. Morisot escreve *numbi*.

<sup>3</sup> Formée de la cuirasse du taçon, qui prend assez facilement la forme qu'on veut lui donner. F. Denis, *Relation*, etc., p 61.

<sup>4</sup> *Diario da viagem*, etc., § 251.

<sup>5</sup> *Guararapes* (lê-se no Castrioto) na lingua do gentio, é o mesmo que estrondo ou estrepito, que causão os instrumentos de golpe, como sino, tambor, atabale e outros. L. 11 n. 6.

<sup>6</sup> Laet. 518, e outros. L. 11 n. 6.

do outros *kiçaba*<sup>1</sup>, as de *tocum* ou *maquiras*, *matirizes* ou *saccos* de diversas formas e tamanhos, em que transportavão os seus haveres; cobertas ou *tapiciranas*<sup>2</sup>, e outros tecidos de pindoba, que nos legarão, taes como as *çabas*, meias *çaba* ou esteiras, *panacús* ou paneiros e alguns mais.

Os *Tupys* como os *Guaranis*, sabião fabricar diferentes especies de vasos notaveis pelas suas dimensões e regularidade: tinhão as *igaçabas* ou urnas, em que enterravão os seus mortos, e talhas enormes em que depositavão e fermentavão o vinho<sup>3</sup> Hans Stadt falla tambem de um vaso especial em que moião as tintas com que pintavão os prisioneiros, quando ião ser sacrificados: tinhão tambem pratos, e esquadellas, em que ainda hoje são insignes os *Cariris*, com quanto preferissem como mais commodas e menos trabalhosos as cuias e cuiambucas, que entallhão delicadamente ou envernisão com cores finissimas, e desenhos agradaveis, posto que grosseiros. «Depois de passados tantos annos, escreve um viajante moderno<sup>4</sup> em alguns lugares, onde aliás se não encontra o minimo vestigio de qualquer monumento no meio das mais densas flores-

<sup>1</sup> Ferd. Denis. *Relation d'une fête: ini* ou *kiçaba*, pag. 64.

<sup>2</sup> Dez. Samp. ob. cit. p. 200 e 228.

<sup>3</sup> «As velhas são as que os fazem (potes), alguns tamanhos que levão tanto como uma pipa: fazem tambem panellas, pucaros e alguidares.»

*Not para a Hist. e Geogr., etc., T. 3º Memorias para a Hist. da Cap. do Maranhão.* c. 158.

<sup>4</sup> D'Orbigny. *L'Homme Américain.*

tas, e das mais vastas planícies, achão-se fragmentos de vasos.

Sabião fazer muitas qualidades de vinho e nisto se mostrarão tão engenhosos que alguns contão 32 especies delles; pelo que admirado de tanta variedade, parecia ao Padre Vasconcellos poder fantasiar que algum Deos Bacho, passara entre elles para neste particular lhes ter ensinado tanto. <sup>1</sup>

Tratando dos seus modos de caçar lembra o mesmo autor <sup>2</sup>, copiando Maregraff,—o *patácu*, o *mondé aratáca*, o *mondé guassu* e o *mondé guaia*: para as aves diversos instrumentos dos quaes, alem da *arapuca*, são os principaes *juçana bibiyara*, que caça pelos pés, *juçana juripiyara* pelo pescoço—e *juçana pitereba* pelo meio do corpo.

Para a pesca tinhão o *giqui*, mas para esse effeito servião-se dextramente da frecha <sup>3</sup> escreverão tambem alguns, á mão e de mergulho. «Em certas circumstancias porém, empregavão varias castas de plantas, que conhecião com a virtude de embebedar os peixes—taes erão os cipós *tingui*, *timbó*, e *teniviri*, assim como as folhas do *japicahi*, o fructo do *cururuapé*, a raiz do

<sup>1</sup> *Noticias curiosas e necessarias* n. 142. Outro autor diz: «dados a vinhos, e só n'esta parte esmerados, porque os fazião de castas innumeraveis.»

<sup>2</sup> A mesma obra, n. 117.

<sup>3</sup> *Vida do padre João de Almeida*, c. 5 n. 6: «E n'este (arco) são tão destros, que parece que obedecem as suas frechas não sómente as feras da terra, mas es peixes da agua; e com ellas cação e juntamente pescão.

mangue, a cortiça do *andá* e certa especie de covos a que chamavão—*uruguay boandipiá*.

Vê-se d'este rapido esboço que os indigenas do Brasil, quando comparados aos homens da raça branca das outras partes do mundo achavão-se em um estado muito e muito inferior quanto ao desenvolvimento das faculdades intellectuaes; mas esta inferioridade, patente e innegavel, como é, dependeo em grande parte de não terem achado junto a si nenhum daquelles animaes domesticos sobre os quaes pesão os mais duros encargos da vida do homem, ou que em todas as circumstancias lhes assegurão a subsistencia: o boi, o cavallo, o asno, o camello, o elephante não vierão compartilhar os seus trabalhos; nem mesmo o lhama, ou alpoco desceu dos Andes, trazendo comsigo a semente donde brotára a civilisação dos *Incas*. Era-lhes inutil o galinheiro, e o pombal; e nem pastoravão a ovelha, a cabra, nem o porco. O que pois poderião sujeitar ao seo dominio?—A familia numerosa dos papagaios <sup>1</sup> do que só alguma distração lhes resultava.

Aquelles portanto que taxão os indigenas americanos de ineptos e de incapazes, por não haverem domado animal algum, não considerarão que era esse um beneficio que a natureza lhes negara; esquecerão-se de

---

<sup>1</sup> Ils se plaisent à nourrir et aprivoiser grand nombre de perroquets et de petits perriques ou arats, aux quelles ils apprenent à parler. *H. N. des Antilles* p. 454. *Historiadores primitivos de las Indias*. Barcia—*Commentarios* de Cabeza de Vaca—Schmidel, *voyage*.

penetrar ao travez dos seculos, até a origem das sociedades, porque alli, ao par de uma semente nutritiva, encontrarião sempre um animal paciente e laborioso. Se o fizessem, ou se, tendo-o feito, por má fé, o não calassem, reconhecerião na adoração que os Egypcios prestavão ao boi Apis a acção de graças que aquella sociedade rendia á natureza pela sua existencia, como os Gregos divinisação o trigo e a agricultura sob os nomes de Ceres e Cybele.

Muito fizerão elles, chegando de sobresalto á vida agricola, sem terem sido pastores: estava muito em principio a sua agricultura, mas fosse qual fosse, conservou-se por muito tempo no Brasil com bem poucos ou nenhuns melhoramentos: tinhão a derruba, a queima, depois, sem outro amanho, abrião com um páo aguçado covas no chão, nas quaes depositavão o milho, a mandioca, e as differentes especies de raizes e batatas, que a natureza lhês prodigalisara. A fertilidade do terreno suppria a imperfeição do processo, porque bastavão alguns dias de trabalho para procurar a abundancia de muitas familias. Ao contrario dos *Tapuyas* que vivião quasi exclusivamente da caça e pesca, e só muito depois começarão a plantar roças de milho de algumas braças quadradas, cuja colheita devorão em um só dia,—as tribus do littoral, os *tupys*, fazião plantações taes, que onde quer que chegarão os primeiros descobridores encontrarão abundancia de alimentos. Nos commentarios de Cabeza de Vaca temos que os *Guaranis* erão lavradores, e refere, a cada

pagina da sua obra, ter encontrado provisões, onde ião chegando. Schmidel diz o mesmo dos *Cairós*; <sup>1</sup> e Jabotão escreveo acerca dos *Potiguâres*. «São grandes lavradores dos seus mantimentos, de que sempre estão mui providos»—o que coincide litteralmente com o que dizem outros dos *Tamoyos* e *Tupinikins*.

Deixei para ultimo logar as considerações que offerece o estudo da lingua geral, apesar de estar persuadido que, com preferencia a qualquer outra couza, é a linguagem de qualquer povo o que nos dá melhor o quilate da rudeza em que se acha, ou do progresso que tenha feito. «Creio, diz Humboldt <sup>2</sup> que se fossem bem estudados os idiomas dos selvagens, achar-se-hia nelles mais riqueza, e gradações mais delicadas do que se devera esperar do estado inculto dos que os fallavão.»

D'Orbigny <sup>3</sup> com oito annos de estudos e trabalhos pensava ter bem pouco a dizer acerca desta materia depois das sabias investigações do Barão Alexandre

<sup>1</sup> Edic. de Ternaux Compans, T. 5. p. 85 e. 20 Schmidel chama *Carios* aos *Carijós*. Na pronunçiação estes dois vocabulos como que se confundem; mas a sua identidade fica fóra de duvida por esta passagem de Laet: «Ha outra nação que occupa o paiz desde S. Vicente até ao Rio da Prata, margem e interior, quasi em numero infinito.» Vasconcellos escreveu acerca dos homens que habitavão n'estes limites: «Plantão mandioca como os *Tamoyos* e *Tupinikins*.»

Jabotão: Preambulo 7.º Na *Noticia do Brasil*, lêm-se as mesmas palavras.

<sup>2</sup> *Voy. aux Régions Equinoxiales du nouveau Continent*. T. 3. p. 302.

<sup>3</sup> *L'Homme Américain*. T. 1. p. 145.

Humboldt sobre as linguas americanas,—e principalmente depois das pesquisas mais geraes do Water<sup>1</sup> e G. Humboldt sobre a monographia das linguas americanas; eu portanto, se me não houvesse de aproveitar desses mesmos trabalhos, teria de reduzir-me ao silencio, tratando de uma lingua pouco e mal conhecida, e da qual bem poucos escriptos nos restão.

«Tem-se<sup>2</sup> supposto que quasi todas as linguas americanas erão pouco extensas, grosseiras, e que carecião absolutamente de termos para exprimir um pensamento, uma ideia delicada, ou mesmo a paixão.— Mesmo entre povos—isolados—no meio de florestas bravias, ou lançados no meio de planuras sem limites, não acreditemos que os agricultores, caçadores ou guerreiros estivessem privados de formas elegantes de linguagem—de figuras ricas e variadas. De que se havirão de compor entre os Guarayos esses hymnos religiosos e allegoricos tão ricos de figuras? Quanto mais penetramos no genio das linguas, escreveo o mesmo auctor, tanto mais nos convecemos e reconhecemos que ellas são em geral extremamente ricas e abundantes. Se se podesse, concluia elle, estudar á fundo o *Guarani*, o *Guichua*, o *Chiquito*, como estudamos o grego e o latim, nos poderiamos convencer deste facto. Julgamos muitas vezes de uma nação por alguns individuos que della fazem parte, reduzidos, submettidos,

---

<sup>1</sup> Mithridates e *Bevölkerung von America*.

<sup>2</sup> Orb. *L'Homme Américain*.

quasi escravos, nas missões, individuos nos quaes o espirito nacional cede á influencia da servilidade.»

Não podemos conhecer cabalmente a lingua geral pela que hoje se falla, por estar em grande parte viciada, nem pelos dictionarios dos padres Anchieta e Figueira por serem extremamente resumidos. Della só podemos fazer uma ideia aproximada pelo dizer d'aquelles que a estudarão entre os homens que as fallavam, quando o captiveiro e o temor não erão obstaculo da livre manifestação do pensamento. <sup>1</sup> «Lingua suave, sim, e elegante, (escrevia o padre Figueira <sup>2</sup> na dedicatoria da sua arte da lingua geral) mas estranha e copiosa.» É facil, copiosa e não sem suavidade escrevia Laet. <sup>3</sup> O padre Vasconcellos <sup>4</sup> admira-se da perfeição da sua grammatica, em que não davão vantagem aos Gregos e Latinos; e o Historiador das Antilhas tratando da lingua dos *Caraibas*, que é a mesma dos *Tupys* e *Guaranis* encarece a doçura da sua pronunçiação, e a graça que davão as suas palavras, de modo que os seus discursos erão agradabilissimos de ouvir-se. <sup>5</sup>

<sup>1</sup> Il règne dans celles même des peuples les plus grossiers un ordre et une économie qu'ils n'ont jamais été en état d'introduire d'eux même par art et par principes et qu'ils ont encore aujourd'hui sans être en état de les bien comprendre. Lafitau. *Mœurs des sauvages*. T. 2. p. 458.

<sup>2</sup> Tenho a 4.<sup>a</sup> ed. d'esta arte, mas falta-lhe a dedicatoria a que se refere o autor anonymo do *Diccionario Brasiliano*.

<sup>3</sup> *N. orb. c.* 3 p. 645

<sup>4</sup> *Not. cur. e neces.* p. 69 col. 2.<sup>a</sup>

<sup>5</sup> C. 10. *Hist. N. et M. des Antilles*: «Leur langage est extrêmement doux et se prononce presque tout des levres, quelque peu des dents, et presque point du gosier. Car bien que les mots... semblent rudes sur le papier, néanmoins lors qu'ils

Du Montel o confirma, nos dizendo o prazer que tinha de os escutar, quando estava entre elles,—não se cansando de repetir qual a graça, a fluidez e a doçura das suas expressões, sempre acompanhadas de um sorriso benevolo e sympathico. Esse riso e essa graça no fallar tive eu occasião de observar em tribus mais barbaras do que as *tupys*. Em taes casos elles procurão agradar os ouvintes, amigos ou alliados não só com palavras lisonjeiras, mas tambem com a amenidade da voz e da phisionomia. Parece que este predicado era levado ao mais alto grão pelos *Tupys*, e principalmente pelas mulheres, porque não é raro elogiarem os antigos viajantes a conversação das mulheres, e como ellas fallavão com a voz cheia de lisonjas e caricias. <sup>1</sup>

Aos *Tupys* podemos com todo o fundamento applicar o que dos homens primitivos diz Viery. <sup>2</sup> «A primeira linguagem do homem antes foi cantos do que discursos: os selvagens cantão, isto é, modulão fallando a sua linguagem com uma multidão de accentos inarticulados: mas exprimem sentimentos do que ideias e dirigem-se mais ao coração do que ao espirito;

---

les prononcent ils y font des élisions de certaines lettres et y donnent un certain air qui rend leur discours fort agréable.

<sup>1</sup> Tiendront plusieurs gros propos d'applaudissemens et de caresses. Lery. 263—e das mulheres diz elle «avec leur façon de parler pleine de flatterie, dont elles usent ordinairement: p. 110. — «Têm muita graça quando fallão, maiormente as mulheres, que são mui compendiosas na fórma da linguagem, e muito copiosas no seu orar.» *Noticia do Brasil*, c. 150.

<sup>2</sup> *Hist. natural du G. H. T.* 3, p. 91.

como tem mais sensação do que noções são obrigados a servirem-se de objectos physicos para exprimirem quasi todas as abstracções do espirito;—eis o motivo porque fazem tão grande uso das methaforas, dos emblemas, das alegorias; eis o motivo porque elles personificação os objectos inanimados, e empregão os tropos mais energicos para se fazerem comprehender, o que dá aos seus discursos um character muito poetico.» E logo após accrescenta: «é entre os selvagens que havemos de buscar a verdadeira eloquencia e a alta poesia.»<sup>1</sup>

E de facto entre os *Tupys* era tudo musica e poesia o nascimento e a morte—a guerra e as festas—o amor e a religião—a linguagem e a vida—tudo era poesia. Erão presados por bons cantores, as mulheres mesmo sabião improvisar, e as aguas da Carioca passavão por ter o condão de dar maviosidade ao canto dos *Tamoyos*. Enquanto os *Tapuyas* arrancavão sons duros da garganta, semelhantes ao regougar das Guaribas, asperos como o roçar dos leques pelos troncos escabrosos da palmeira,—os *Tupys* bebião na solidão do mar, e á entrada das florestas os sons mais doces da natureza. Na sua linguagem harmoniosa e quasi toda labial, travada e intercalada de vogaes—imitavão o ciciar da brisa a correr sobre as ondas espelhadas do oceano, a agitar levemente a igara derivando á tona d'agua, e a enredar-se pelas folhas dos bosques que aromatisão o littoral.

---

<sup>1</sup> Ob. c. p. 94.

Valião se de comparações para exprimir o pensamento, e dos gêstos para os rematar. Fallavão cantando porque a poesia e a musica andavão intimamente ligados na sua linguagem onomatopica, o cahir da fructa, o estalar dos ramos, o correr das fontes, o pe-neirar da chuva erão sons imitados da natureza; e elevando-se á regiões mais altas—no trovão; no raio; no relampago ouvião a voz, vião o olhar, sentião os effeitos da ira de *Tupan*; expressões felizes que admiramos, imitadas do hebraico em um poeta allemão cantando a grandeza de Deos. <sup>1</sup>

Para os homens escolhião nomes que exprimissem a força, a robutez e a coragem: era a anta, o tigre, o ipé, a palmeira, a frecha e o arco;—para as mulheres os dos objectos mais brandos, mais doces, mais delicados—das aves, dos fructos e das flôres: era o romper d'alva, o cipó flexivel, a junça do Brejo: e com o sentimento do bello que não era muito de esperar nelles tomando o nome da flôr do manacá, designavão com elle a moça mais bella de uma tribu.

Contavão os annos pela florificação do cajú, as suas quadras pelos fructos então amadurecidos, pelo cahir das folhas, pelo desovar das tartarugas, dos peixes ou das aves.

Calculavão o espaço pelo alcance dos tiros da frecha, pelos sóes da jornada: contavão até 5,—e da ali passavão a 10 e a 20, bem que Paw e Robertson lhes

<sup>1</sup> Kleist.

negue o computo alem de 3.—De 20 em diante serão-se de comparações,—tantos—como taes aves em taes margens, como certos animaes em certos logares como os troncos nas florestas, como os cabellos da cabeça, como as folhas das arvores, como as estrellas do ceo, como as areias do mar.

E havemos de crer que taes homens, atilados em seos negocios bem conversados e amigos de saber <sup>1</sup>, prendados com o dom da eloquencia e da poesia<sup>2</sup>, que fallavão seis horas e mais <sup>3</sup> sem nenhuma interrupção, captivando por tão longo espaço o seo auditorio, sabendo suscitar todas as paixões e persuadir-lhes todas as vontades, fossem privados de altas faculdades intellectuaes? Havemos duvidar do que affirmão os escriptores que de perto os observarão e estudarão, que erão facilimos de admittirem a civilisação, e aptos para todas as industrias? Não.—Concordamos com o padre Vasconcellos—erão homens que só com a musica e o canto podião ser chamados á vida civilisada, homens que, segundo a noticia do Brasil <sup>4</sup> «erão engenhosós para tomarem quanto lhes ensinavão os brancos, e que para carpinteiros de machado, serralheiros, olei-

---

<sup>1</sup> Ils sont grands discoureurs et poursuivent un propos jusqu'au bout Lery.

<sup>2</sup> Cardim diz «ter ouvido improvisações apaixonadas, e de tal fórma acentuadas, que nellas se reconhecia um rithmo real.

<sup>3</sup> Arengas dos velhos, que durão mais de 6 horas. Lery, 195, em outra parte disséra: «sem se interromperem de uma palavra.»

<sup>4</sup> *Noticias para a Historia e Geographia, etc. T. 3.*

ros, carreiros, e para todos os officios de engenho tinham grande destino;» homens que, segundo o ouvidor Sampaio <sup>1</sup> não só no canto, mas em qualquer outra arte, recebem com muita facilidade as instrucções que se lhes dão.

E para não sermos injustos com alguns, concluiremos em geral com D'Orbigny:

«Tivemos occasião de julgar (diz este autor) <sup>2</sup> da extrema aptidão que os americanos mesmo aquelles de espirito mais inculto mostram para aprender tudo o que lhes ensinão. A sua percepção é muito prompta e não raro encontrão-se entre elles individuos fallando tres e quatro linguas, tão distinctas entre si como o francez e o allemão.

Em resumo (conclue elle) sem querer comparar o desenvolvimento das faculdades intellectuaes dos americanos ao dos habitantes da Europa nós os julgamos dos mais aptos para formarem um povo esclarecido, e nenhuma duvida temos que cedo ou tarde a marcha da civilisação demonstre o que avançamos em consequencia dos factos estabelecidos e das nossas proprias observações.»

---

<sup>1</sup> *Roteiro.*

<sup>2</sup> *L'Homme Américain.*

## CAPITULO XII.

Se os americanos caminhamão para o progresso ou para a decadencia.—O que pensamos dos Tupys.

Temos concluido com a 1.<sup>a</sup> parte do nosso programma, pois que já tratamos dos caracteres phisicos, moraes, e intellectuaes dos indigenas do Brazil, e pelo que levamos dito facil será de concluir-se se elles erão ou não capazes da vida civilisada. A civilisação porem não é uma e identica; varia segundo os logares, segundo os tempos, segundo os povos, e depende principalmente da religião. Genericamente chamamos civilisado o povo, que com habitos sociaes tem religião, governo e industria; em particular, porém, e para o assumpto de que nos occupamos, pergunta-se se no estado em que forão encontrados podião receber a fé do Evangelho. Defere a resposta segundo considerarmos a civilisação de um ou de outro modo; porque,

se a consideramos genericamente, o povo que já tem feito algum caminho, está por isso mesmo habilitado para ella, quaesquer que sejam as circumstancias posteriores que entorpeção o seu completo desenvolvimento; porem se a consideramos em particular, se tratamos da civilisação desenvolvida pelo christianismo, poderá mais facilmente admittir-a um povo que esteja n'um estado de rudeza primitiva do que aquelle que tiver uma religião differente e talvez anthipatica. Neste sentido, os Americanos, dotados de capacidade intellectual apenas inferior á da raça branca, sem privilegio de castas, sem religião, cuja destruição compromettesse interesses humanos sem aristocracia nem theocracia, mais facilmente se poderão ter convertido a fé do que os Chins e os Turcos, povos que todavia consideramos como civilisados.

Nós porem comparamos povos selvagens influidos pelo christianismo, os do Brasil e da Oceania: tratamos por tanto da civilisação no sentido restricto; procuramos saber qual dos dois estava mais apto para receber-a; e posto que tenhamos de reservar para ao depois a solução deste problema, convem todavia estabelecer e determinar desde já os dados que nos haverão de servir na comparação, que delles somos obrigados a fazer.

Assim e pois que por emquanto tratamos dos indigenas do Brasil, convem que saibamos se elles caminharão para o progresso ou para a decadencia; porque um ou outro destes estados serviria de auxilio ou

tropeço á cathechese. É facil de comprehender, que, tratando-se de modificar ou substituir ideias, será isso mais difficil se ellas já tiverem alcançado certo gráo de desenvolvimento, do que se se acharem em certo ponto de decadencia. No primeiro caso, é necessario oppor-se a uma força existente, uma outra que lhe seja opposta: d'ahi o choque e muitas vezes a aniquilação de uma ou de ambas as forças. No segundo basta favorecer o movimento da decadencia, tornal-o talvez mais rapido e dar-lhe uma nova direcção.

Esta questão não foi tratada a seo tempo, quando foi o descobrimento do Brazil e não sei mesmo se era possivel que o fosse, quando se recusava aos indios instituições civis e sociaes, e se duvidava da sua natureza, e se lhes negava o direito á propriedade, á liberdade e á vida. Então seria comparativamente facil elucidar-se este ponto: hoje apesar de quantos d'elle tem tratado, bem longe está de ter sido resolvido. Oppostas conjecturas tem sido feitas á este respeito; e eu exporei algumas dellas; porque independente do interesse que resulta dos assumptos que dizem respeito á historia dos homens, accrescerá no presente caso a surpresa de vermos homens de intelligencia e illustração julgarem tão diversamente os mesmos factos, e como chegão a resultados tão oppostos.

Considerando as nações da America do Sul debaixo do ponto de vista psychologico, Martins diz:<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Prichard. T. 2.<sup>o</sup> p. 269.

«A raça indigena do novo mundo distingue-se de todas as outras raças humanas, não somente por todos os caracteres exteriores—isto é—por certas particularidades da sua organização physica, como tambem e de uma maneira mais pronunciada talvez por caracteres interiores, tirados da consideração da sua condição intellectual.

«Em verdade, o Americano nos apresenta a este respeito caracteres que lhe são inteiramente proprios, ajuntando á ignorancia e inconstancia do menino á incapacidade de aprender e a obstinação do velho.—Esta singular e inexplicavel reunião dos defeitos peculiares ás duas epochas extremas da vida,—é que tem feito mallograr todos os esforços até hoje tentados para o reconciliar com o presente estado das couzas. Já não tenta lutar contra o ascendente europeu.—mas recusa associar-se ao seu movimento, de fazer o que poderia tornal-o um membro feliz e satisfeito da mesma comunidade. É ainda esta duplicada natureza, que nelle acabamos de assignalar, a que oppõe quasi invenciveis obstaculos á sciencia, quando esta se esforça por escrutar a sua origem, e de segui-la ao travez da longa successão dos seculos percorridos por elle, e durante os quaes nada parece ter adquerido.

Quando dizemos que elle nada tem adquerido, está longe de nós querer com isto dar a entender que a sua condição presente se pareça em alguma couza com a que deveria ser a condição primitiva do homem. Pelo contrario está lão longe quanto é possivel da ausencia

do temor, da confiança ingenua, que, se damos credito a uma voz interna de accôrdo nisto com os mais antigos documentos escriptos, foi o apanagio da infancia das nações, como o é da infancia dos individuos.—Devemos convir nos sentimentos do indigena da América, quasi nada mais resta do typo que o homem sem duvida recebeo ao sahir das mãos do Creador; e ha ja tempo, segundo parece, o só e puro instincto animal, é o que tem guiado de um passado obscuro a um presente não menos sombrio.

Já não está no primeiro periodo do desenvolvimento normal da especie; já não é o homem primitivo, mas o homem degenerado o que nelle vemos. É isto ao menos que parece resultar de um sem numero de indicações diversas.

«Sem fallar aqui dos traços numerosos de uma civilisação anterior aos tempos historicos, que nos apresenta a raça americana, sem fallar da antiguidade de suas conquistas sobre o mundo organizado, conquistas cuja origem se perde na noite do passado, achamos para apoiar a opinião que acabamos de emittir provas ainda mais convincentes, na observação das relações que tem entre si os povos do novo mundo, no que entre elles constitue a base do direito natural, do das gentes, se é licito empregar a palavra—direito—para designar uma ordem de cousas, em que reina constantemente a violencia. Quero fallar desse grande facto que já precedentemente tive occasião de assignalar da estranha divisão da população americana em uma

infinidade de grupos, grandes e pequenos, grupos isolados e sem nexos, que mutuamente se repellem, e nos apparecem como fragmentos de uma vasta ruina.

«A historia das outras nações do globo nada nos offerece que tenha a minima analogia com semelhante estado.

«Não se pode duvidar que, desde os mais remotos tempos a America não tenha sido quasi sem interrupção o theatro de emigrações, que tem agitado os differentes pontos de sua superficie; e tudo nos faz ver nestas deslocações violentas uma das causas principaes do desmoronamento das antigas sociedades, da corrupção das linguas, da degradação dos costumes, consequencia quasi inevitavel da miseria produzida por qualquer grande catastrophe. É permittido crer que, no principio, não houve senão um pequeno numero de nações principaes, que experimentassem colisões desta natureza, mas devemos suppôr que tiverão o mesmo resultado que tem tido quasi em nossos dias a nação dos *Tupys*, isto é, os restos provenientes das massas que se abalroarão, terão sido dispersos em todas as direções, misturados, grupados e amalgamados de todas as maneiras. Por pouco que admittamos que as emigrações tenham continuado com intervallos assás aproximados, durante uma longa successão de seculos, trazendo sempre consigo os mesmos fraccionamentos, as mesmas dispersões, seguidas de uma especie de fusão de alguma das partes desgregadas, ter-se-ha uma explicação do estado actual da America.

Notemos por outro lado que, relativamente ao grande phenomeno que consideramos, a admissão desta hypothese não nos conduz senão ao conhecimento das causas proximas, e que as primarias ficarão sempre desconhecidas e enigmaticas.

«Devemos crer que alguma grande commoção da natureza, algum temeroso tremor de terra, tal como aquelle a que outr'ora se attribuia a submersão da formosa Atlantide, tinha envolvido em seo circulo destruidor os habitantes do novo continente? Foi o terror profundo experimentado pelos desgraçados escapos desta terrivel calamidade que, transmittindo-se sem diminuir de intensidade, ás gerações seguintes, perturbou a sua razão, obscureceo a sua intelligencia e endureceo o seo coração? Foi esse terror sempre presente que os dispersou; e fechando-lhes os olhos aos beneficios da vida social, os obrigou a fugirem-se uns aos outros, sem saberem onde os levarião seos passos? Supporemos nós que calamidades de outro genero, loûgas e desoladoras seccas, terriveis innundações, trazendo após si a fome, forçarão os homens de raça vermelha a devorarem-se uns aos outros, e que a repetição destes actos de canibalismo, roubando-lhes em pouco tempo tudo o que em sua natureza poderia haver de nobre e humano, os fez cabir no estado de degradação e embrutecimento, em que os achamos hoje? Ou então esta degradação é a consequencia, não das circumstancias exteriores, mas dos vicios do proprio homem, a consequencia das desordens terriveis

em que cahirão abandonando-se ás inclinações que a mácula original deixou em seo coração? E em uma palavra devemos ver um exemplo do castigo que o creador infligio aos filhos pela falta dos paes com uma severidade, que seriamos temerarios taxando-a de injusta? <sup>1</sup>»

Á opinião do sabio allemão contrapomos agora a de um poeta viajante <sup>2</sup>.

«O que sobre tudo distingue os arabes dos povos do novo mundo (diz Chateaubriand) é que ao travez da rudeza dos primeiros, sente-se comtudo alguma cousa de delicado em seos costumes; sente-se, que elles são filhos desse oriente, donde sahirão todas as artes, todas as sciencias, todas as religiões. Escondidos nas extremidades do Occidente, em um recanto afastado do Uui-verso, o Canadiense habita valles sombreados por florestas eternas, e regadas por immensos rios. O arabe, por assim dizer, lançado sobre a grande estrada do mundo entre Asia e Africa, erra nas brilliantes regiões da aurora, sobre um solo sem arvores e sém agua. As tribus dos descendentes de Ismael carecem de senhores, de servos, de animaes domesticos, e da liberdade que se sujeita ás leis. Entre as hordas americanas, o homem acha-se ainda só com a sua altiva e cruel independencia; em logar da cobertura de lã, tem a pelle

---

<sup>1</sup> *Über die Vergessenheit und die Zukunft der Americanis hen Menschheit.*

<sup>2</sup> *Itinéraire de Paris à Jerusalem.*

do urso, em lugar da lança a frecha, em lugar de punhal a maça; não conhece, e se conhece, desdenharia a tamara, a melancia, o leite de camella: quer nos seos festins carne e sangue. Não teceu os pellos da cabra para se abrigar debaixo de tendas: o olmo cahido de velhice fornece cortiça para a sua cabana. Não domou o cavallo para perseguir a gazella,—mais apanha o alce na carreira. Sua origem não se prende á das grandes nações civilisadas,—nem o nome dos seos antepassados se lê nos fastos dos imperios: os contemporaneos de seos avós são os velhos carvalhos, que ainda se conservão em pé. Monumentos da natureza e não da historia, os tumulos de seos pais se elevão desconhecidos no meio das florestas ignoradas. Em uma palavra,—tudo entre os americanos indica o selvagem que ainda não chegou ao estado de civilisação,—tudo entre os arabes indica o homem civilisado recahido no estado selvatico.»

Prichard <sup>1</sup> referindo-se ao trecho do primeiro autor que deixamos citado, não quer, como suppõe Martins, que haja tão grande differença entre os americanos e muitas das nações do antigo continente. «Se Martins (escreve Prichard) tivesse igualmente estudado os habitantes das outras partes do mundo, suas vistas se tirião ampliado, e como é provavel, ter-se-hião modificado as suas opiniões.» Poderia tambem o autor inglez combater a opinião do Chateaubriand, citando outra

---

<sup>1</sup> T. 2.º p. 269.

passagem deste autor, de alguma forma contraditoria com esta, em que se dá como cauza de não haverem os europeos inoculado a sua civilisação nos americanos, o haver sido preciso destruir a que elles cá tinham.

Com a venia devida a tão altos engenhos, nem me parece que os americanos estivessem ainda por tentar os primeiros passos no caminho da civilisação, nem por outro lado os reputo decabidos de um alto gráo de cultura intellectual. Tinhaõ tal qual civilisação, essa mesma já fôra maior do que era, mas caminhavão precipites para a sua completa decadencia.

Bastarão algumas considerações para demonstrar que tal factõ se dava entre os *Tupys*.

A lingua *Tupy*, chamada vulgarmente lingua geral, tinha uma grammatica que pelo bem ordenado de cada uma de suas partes mereceo de ser comparada á grega e á latina: demonstra mais habito de reflexão do que o que encontramos no povo que a fallava; abunda como bem nota Martins em expressões que indicão certa familiaridade com as considerações methaphisicas concepções abstractas, a ponto de bastar para exprimir e explicar as verdades e os mysterios da mais espiritual de todas as religiões, do christianismo; e reina em toda ella tal ordem, tal methodo que alguem disse já que os *Tupys* não estavam em estado de a ter formado. Se não o estavam, e já o tinham feito, a consequencia é que depois disso havião decahido.

Mas não é somente a lingua que nos servirá para demonstrar a effectividade da sua decadencia. A sua

religião se ia, ou se havia já transformado em superstição, assim como o seu governo em anarchia: isto é o que em certo modo desculpa aquelles que nelles não reconhecerão nem uma nem outra couza.

Quanto á primeira, elles se havião esquecido em todo ou em parte das graciosas ficções da sua mythologia: os autores mencionão apenas uma ou outra, ou poucas que lembravão ás tribus de quem bebião taes noticias: já não reverenciavão a Tupan, não lhe cantavão aquelles hymnos de que os *Guarayos*, descendentes dos *Guaranis*, chegados em ultimo lugar ainda se lembravão. Das duas classes de sacerdotes que tinhão, a dos *Caraibas*, movidos pelo interesse e desejosos de maior ganancia, erão prodigos de promessas, e com a perspectiva do triumpho agourado, fazião-nos recordar quasi esquecidas injurias; a dos Pagés vivia das superstições, que alimentava e corroborava naquelles animos tímidos e credulos, por forma que as suas crenças se havião convertido em habito, e habito tão material, que não sabião dar nexos algum ás suas ideias religiosas.

Assim tambem o governo. O ponto mais alto a que nesta materia havião chegado, era o reconhecimento do principio de hereditariedade. «Morrendo um principal (diz Magalhães Gandavo <sup>1</sup>) fica seu filho no mesmo logar.» O principio porem já não era observado. «Custumão os *Tupinambás* (diz outro autor) quando

<sup>1</sup> Gandavo. *Tratado da terra do Brazil*, c. 7.

morre o principal da aldeia <sup>1</sup> *elegerem* o filho para succeder; se o não tem, ou este não serve, acceitão um irmão, e não tendo parentes elegem algum outro.»

A *eleição* mesmo já não era conhecida na maior parte das tribus. Algumas tinham as tres cathogorias de autoridades que procurei definir em um dos ultimos capitulos, outros se contentavão com o maioral das cabanas <sup>2</sup> outros emfim com o chefe militar e somente para a guerra. Haverá maior prová de que elles realmente decabião de um estado de perfeição relativa. Havião reconhecido a necessidade social de sujeição de todos a um só,—parecerão temer os effeitos de uma morte subita, das maquinações contra a vida do chefe, das disputas e discordias intestinas por causa da substituição do governo, o que tudo parece indicar a admissão successiva dos principios hereditario e electivo, e logo percorrem todos os estados intermedios até a carencia de chefes em todos os tempos, excepto durante a guerra.

Continuemos.

Quando a religião se convertia em ritos e praticas cada vez mais barbaras, e os governos em desuniões e desordens cada vez mais funestas, não era de admirar que fossem ao mesmo passo perdendo os seus

---

<sup>1</sup> Moke. Il semble que d'abord ces chefs de bourgade avaient existé partout; mais le principe anarchique que prevalut de plus en plus les fit disparaitre: pag. 94.

<sup>2</sup> Não tem propriamente governo; mas cada cabana obedece a um chefe. Hans Stadt, c. 42.

costumes—ainda mesmo aquelles que valião como leis sociaes e politicas. Nas rixas que se originavão entre os homens da mesma tribu (era isso raro, mas uma ou outra vez teria de acontecer) mandava o costume que o offensor se dêsse, ou seos parentes o entregassem á pessoa do offendido. «A sua lei, diz a *N. do B.* é que o matador seja entregue aos parentes do morto; se foge, entregão um filho, ou filha, um parente, que não é morto, mas fica escravo.» Este costume era ainda observado entre os *Hurons* e *Iroquezes* e em algumas das tribus do Brasil; mas entre outras, em que estão relaxados taes costumes, muitas vezes o offensor se recusava a pena de talião, e seos parentes não tinham firmeza bastante para sacrificarem-se ou sacrificar algum dentre os seos por amor da ordem. Por isto dizem uns autores «o morto o offensor ficão todos em paz como d'antes»—e outro <sup>1</sup>. «Os parentes do offensor se reúnem contra o assassino e os seos, e os perseguem com odio mortal: é o que acabou pelos dividir, e tornal-os inimigos uns dos outros, como os vemos.» É que entre elles as leis já não erão freio bastante aos desvarios da turbulencia; as injurias não erão punidas, e as vinganças dos particulares convertião em guerras intestinas, que, ainda depois da scição da tribu se perpétuavão em odios reciprocos.

Os habitos guerreiros ião degenerando tambem. Entre elles algumas tabas erão melhor fortificadas, as dos

---

<sup>1</sup> Gandavo, c. 10 e 11, e tambem Moke, p. 94.

*Tamoyos*, por exemplo, mais que as dos *Tupinambás*<sup>1</sup> outras tinham duas palissadas, outras só uma, outras emfim nada. As mesmas provanças dos guerreiros já não eram tão fortes, e tremendas, como as tinham os *Caraibas*; e entre alguns, para a admissão do moço á classe dos guerreiros, bastava uma prova de força e de ligeireza em vez de coragem e impassibilidade. D'aqui proveio que enquanto os *Tupys*, que primeiro se achavam em contacto com os europeos eram taxados de crueis e indomaveis e pouco differentes dos tigres e bestas feras no meio das quaes vivião<sup>2</sup> os *Guaranis* alguns annos depois parecerão de genio dócil, pouco atrevido, e como constituido para viver em perpetua tutella e dependencia. Os *Cheriguanos* chegarão a penetrar até os Andes, ali espantarão e aterrarão os *Peruanos* com o excesso da sua barbaridade e selvaticueza: modernamente porem um viajante que os frequentou<sup>3</sup> os retrata como homens sisudos,—mais doces do que máos, bons paes, bons esposos, e de costumes inteiramente patriarchaes.

A decadencia do espirito militar, que compromettia a existencia da sua sociedade, pode ainda ser demonstrada, e talvez mais palpavelmente por outras considerações. Concertarão se os *Tupys* em massas poderosas, e avassalarão o littoral do Brasil, em tão pouco

---

<sup>1</sup> *Noticia do Brazil—Tamoyos.* «São as suas casas mais fortes que as dos *Tupinambás.*»

<sup>2</sup> *Lettres Edifiantes.* T. 9, p. 6.

<sup>3</sup> D'Orbigny.

tempo que o espaço conquistado servirá de comprovar senão a violencia do ataque, ao menos a facilidade da conquista: derramarão-se como uma extensa linha de fortificações humanas, como que prevendo o futuro procurassem offerecer em todos os pontos uma barreira á proxima invasão dos europeos. Mas em breve apparecerão as desuniões e desavenças entre as tribus irmãs e colligadas; muitas das da beira-mar, a dos *Tupinãs*, dos *Maracás*, dos *Amoygypiras*, dos *Caetés*, foram expulsas para o interior. Por outro lado o descanço e o ocio os havião amolecido: fortes uns contra os outros, já erão poucos e fracos no combate contra os *Tapuyas*. Os *Goianazes* e *Goiatakases* se approximavão do littoral, os *Markaias* ou *Maracajás* <sup>1</sup> causavão terror aos proprios *Tupinambás* e *Tamoyos*: os *Amoyrés* se preparavão para descer as montanhas que lhes tinhão servido de refugio, e a leval-os de rojo deante de si. Os elementos grosseiros que os retinhão em sociedade pouco e pouco se desfazião: principiavão a fraccionar-se, e as tribus a transformar-se em familias inimigas umas das outras. É nesse mesmo tempo a tradição que Lery <sup>2</sup> nos conservou, prova que elles já estavam fatigados de tantas guerras sem descanço. «Veio (dizia um velho ao protestante, que lhe pregara algumas verdades do Christianismo) veio, ha já tantas luas que lhes perdemos a conta, um *mais*, um

---

<sup>1</sup> Stadt, c. 4.

<sup>2</sup> Lery, p. 195.

estrangeiro, vestido como vós, e usando barba também, o qual nos disse cousas semilhantes a essas: não o acreditamos. Veio depois outro que, em signal de maldição, nos deo a espada, com que depois nos temos uns aos outros offendido: assim que, tendo entrado tanto em tua posse, se, presentemente deixando o nosso costume, desistissimos disso, todas as nações se rirão de nós.

Concluiremos, pois, que os *Tupys*, pela invasão e pelo estado decadente em que forão achados, se prestão maravilhosamente a qualquer plano de catechese ou de colonisação. Occupavão o litoral e as margens dos grandes rios, tendo todos os mesmos costumes e uma linguagem cominun; de modo que, estudada uma tribu, facil era pregar o evangelho a todas as outras, e firmar com todas accórdos de paz e de alliança. Erão hospitaleiros e bons alliados, como o provarão aos francezes e hollandezes, que não os captivavão nunca: e isso erão garantias para o bom exito dos primeiros estabelecimentos. O seo fraccionamento, se não os impedia de se colligarem contra os colonos em numero que podesse causar susto, não repugnava também a união de todos debaixo dos principios de qualquer nova forma de associação.

### CAPITULO XIII.

Descobrimto do Brazil. Commercio com os francezes. Primeiros povoadores portuguezes. Consequencia do proceder tido para com os indigenas. Fim das capitãias e dos primeiros donatarios.

Approximava-se o tempo, em que o novo mundo por tantos seculos ignorado, ia como surgir do meio das ondas, e apparecer rico de toda a juventude da natureza em suas louçanias aos olhos dos mortaes assombrados. Colombo accrescentaria um mundo novo ao mundo antigo, e Pedro Alvares, affastado da sua derrota, e impellido pelas grandes correntes do oceano, vinha aportar ás terras de Santa Cruz, e com a sua descoberta provar á humanidade vaidosa de suas anteriores conquistas, com esta que não é de todas a somenos, que o acaso; o destino, a fatalidade, valem mais muitas vezes do que as forças todas da intelli-

gencia combinada com os esforços da coragem, da perseverança e da magnanimidade.

No entanto a linha marítima formada pelos invasores *tupis*, estendia-se por todo o litoral: a invasão tinha chegado ao seu termo, e todavia o movimento communicado a essas massas de tribus divididas, continuava na mesma direcção, como para provar de que ponto haviam partido. Pará, Maranhão, Ceará só mais tarde foram visitados dos Europeos: Do Rio Grandé dos *Tapuyas* para o sul, ficavam os *Potiguares*, demorando os limites das suas terras entre este Rio e a Bahia da traição na Parahyba, por elles chamada—*Acajutibiró*; <sup>1</sup> mas suas correrias passavam Itamaracá e chegavam até Pernambuco. «Povoado este rio <sup>2</sup> (da Parahyba) escreveu o autor da *Noticia do Brazil* ficão seguros os engenhos da capitania de Itamaracá, e alguns da de Pernambuco, que não lavrão com temor dos *Pitaguares*.» «Fazião guerra, não só aos *Tobajaras*, accrescenta Jaboatam, mas também aos *Caetés* que tiverão de ceder-lhe o campo na Parahyba», até que foram ambos lançados de Goyanna e Itamaracá, e depois também de Olinda e Pernambuco, e «nisto (diz o autor) mostrava ser guerreiro, atrevido e ambicioso.»

Os *Caetés*, porem, batidos pelos *Potiguares* na Parahyba, continhão os *Tobajaras* em Pernambuco, chegavam até o rio de S. Francisco, cuja margem esquer-

<sup>1</sup> *Acajú*, fructo, tibia abundancia e r'y-rio.

<sup>2</sup> A *Noticia do Brazil* chama a este rio «de S. Domingos.»

lhes pertencia: obedecendo ao mesmo impulso, fazião guerra aos *Tupinambás* que ficavão da outra banda do rio. Em canôas de periperi, atadas com timbó, que não têm capacidade para conter mais de 10 ou 12 pessoas, atravessavão o rio, e vinhão ao longo da costa assaltar os *Tupinambás*. D'estes diz Jaboatam<sup>1</sup> que trazião guerra com os *Caetés*, mas só quando procurados por elles. E supposto se jactassem de serem os primeiros povoadores da costa, o mesmo autor oppõe-lhes igual pretensão da parte dos *Tobajaras*, pretensão que reputa mais bem fundada.

Os *Tupin-ikins* demoravão alem dos *Tupinambás* para o sul, começando o seo-territorio em Cananea e acabando em Porto Seguro. Se os não vemos apertados pelos *Tupinambás*, é porque já os *Aymorés* havião descido de suas serras, e os tinham em continuo alarma: no entanto para próva de que também elles caminhavão na direcção norte-sul, Laet nos refere que os *Tupin-ikins* estabelecidos ali havia muitos annos, tinham sido expulsos de Pernambuco.

Entre os *Tupin-ikins* e *Tamoyos*, e entre estes últimos ós *Carijós* ha como uma solução de continuidade: as tribus que mais os hostilisavão, vinhão do interior, e tomavão por tanto direcção differente: caminhavão do ocaso para o Oriente, e chegando ao litoral tomavão indifferentemente um ou outro rumo para o

---

<sup>1</sup> Jaboatam; Proamb. 7.º

norte ou para o sul. Os *Tupin-ikins* ligarão-se com os portuguezes cõtra os *Tamoyos* do Rio e Cabo-Frio.<sup>1</sup> Os *Papanazes* que ficavão entre Porto-Seguro e Espirito-Santo, retirarão-se diante delles até confinarem com os *Goiatakazes*, que se estendião desde Rerygiga (15 leguas ao sul do Espirito-Santo) até a Parahyba do Sul. Da Parahyba até Angra estavão os *Tamoyos*, e depois delles vinhão os *Goianazes*, que confinavão por um lado com os *Carijós*, e por outro tinhão guerra com os *Tamoyos*, mas só quando provocados.

Os *Carijós* no entanto, continuando na sua emigração, fazião pelo lado do Prata uma corrente contraria, á que pouco tempo depois se observou no Amazonas. Emquanto os *Tupinambaranas* descião este rio, e se estabelecião no Madeira, fugindo, segundo se escreveu<sup>2</sup> á recordação do insulto que um dos seus tinha recebido dos hespanhoes, sendo açoitado pelo furto de uma vaca,—os *Guaranis*, sob a denominação de *Chiriguanos*, chegavão até aos Andes, cuja desmarcada altura, não era obstaculo seguro ás suas correrias e depredações.

Se a pressão dos indigenas do norte para o sul—pressão que ainda podemos observar, bem que a sociedade *Tupy* já tivesse tido um começo de desmoroamento, se isto, digo, não é por si só prova bastante da direcção que em sua marcha deverão ter levado os

<sup>1</sup> Jaboatam . . .

<sup>2</sup> Gomberville «*Relation de la rivière des Amasones*: c. 63.»

conquistadores *tupys*, serve ao menos de auxiliar, e, porque assim o digamos, de completar as outras provas que em outros logares apresentamos.

Tal era approximadamente a distribuição dos grupos indigenas do Brazil, quando o acaso dilatou de um modo tão inexperado os dominios já tão extensos do felicissimo rei de Portugal.

O primeiro cuidado dos navegantes portuguezes que acompanhavão a Pedro Alvares, segundo lemos na carta de Vás de Caminha, foi saber se existiriam no paiz minas de ouro, ou de prata; e tanto os illudia o desejo que no gesto incomprehensivel, ou pelo menos inexplicado de um selvagem, vendo uns castiças de prata e um colar de ouro, procurarão descobrir a confissão de que havia na terra d'aquelles metaes, como se os indigenas podessem advinhar o apreço que de taes materias fazião os recém-chegados.

A primeira impressão causada pelos europeos sobre os indigenas do Brazil não foi como em outras partes a quasi adoração dos novos hospedes: tendo contemplado o que de novo se lhes offerecia aos olhos, e na maior seguridade, se entregarão ao somno na presença d'aquelles mesmos, que antes admiravão do que erão admirados, e aos quaes parecerão n'aquelle tempo, homens doces, singelos e facilimos de admittirem a religião christã. Indicio do que no futuro tinha de succeder em tão larga escala, os primeiros colonos do Brazil forão dois condemnados á morte: associarão-se-lhes, ao que se suppõe, dois grumetes fugidos á disciplina

de bórdo; e enquanto partia a frota, estes homens reputados insensíveis e ferozes alem da ultima expressão <sup>1</sup>, os rodeavão e cõsolavão, compadecidos de sua sorte <sup>2</sup>.

O primeiro destacado da conserva para levar à Portugal a noticia do descobrimento do Brazil, e com instancia ao rei de Portugal para que por amor da religião se apoderasse desta descoberta, commettera a violencia de arrancar de suas terras, e sem que a sua vontade fosse consultada, a dois indios, acto contra o qual se tinham pronunciado os capitães da frota de Pedro Alvares. Fizera-se o indice primeiro do que a historia da colonia: era a cubiça disfarçada com pretextos da religião, era o ataque aos senhores da terra, á liberdade dos indios, erão colonos degradados, condemnados á morte, ou espiritos baixos e viciados que procuravão as florestas para darem largas ás depravações do instincto bruto.

Armarão-se algumas expedições ao principio; mas não se descobrindo as tão desejadas minas de ouro e prata, a flor da mocidade e a melhor parte da nobreza de Portugal, continuou a procurar Africa e India, onde seos avós tinham adquerido tanta gloria, e o Brazil ficou entregue ao esquecimento e abandono. Os Francezes porem que não tinham colonias, e principalmente os Normandos—marujos commerciantes, fre-

---

<sup>1</sup> Magalhães Gandavo.

<sup>2</sup> V. Ayres Casal, Americo Vespuccio, etc.

quentavão estas paragens, travando estreitas relações com os indigenas, no meio dos quaes os portuguezes os vierão encontrar:—Albuquerque em Maranhão, Pedro de Goes em Itamaracá, Duarte Coelho em Pernambuco, Christovão Jaques na Bahia, Mem e Estacio de Sá no Rio de Janeiro. Amigos e alliados bemqueridos dos indigenas, por mar e por terra os encontramos, e a Relação de Hans Stadt, nem só diz que existião Normandos entre os *Tupinambás*, como nos faz ver quanto era estimada a sua alliança.

Talvez que o trato commercial dos Normandos com os indigenas fosse para um paiz cioso de suas conquistas e descobrimentos, como foi sempre Portugal, a causa mais ponderosa, pela qual se resolveo o successor do rei D. Manoel a lançar os olhos sobre o Brazil; ao menos aos impetos do orgulho nacional offendido, devemos os estabelecimentos mandados a Itamaracá, Rio e Maranhão.

Para a America portugueza ou Nova Lusitania, pois de ambos os modos era então chamado o Brazil, adoptou-se o mesmo systema já ensaiado nas ilhas da Madeira e Açores, bem que não fossem identicas as circumstancias destes paizes. A communicacão de Portugal com ilhas proximas era facil para uma nação maritima; nas ilhas não encontrarão os portuguezes a opposição que era muito de temer no Brazil, senhoreado por uma raça aguerrida, numerosa e mais que tudo independente; o espaço das illas era muito limitado; o do Brazil immenso: applicando-se-lhe pois o mesmo sys-

tema com a monstruosa divisão territorial de 50 leguas de costa, e de um sem numero dellas pelo certão a dentro, ficavão as capitánias isoladas, sem servirem de mutuo auxilio umas ás outras contra os inimigos de dentro ou de fóra, sem que Portugal as podesse soccorrer efficaç e promptamente, sem que o nucleo da colonia podesse assegurar a defensão e subsistência da propria capitania, sem que enfim um systema de civilisação applicado aos indigenas, ou aos costumes da maior parte dos povoadores fosse garantia de paz duradoura.

O certo é que com summa facilidade poderão os donatarios estabelecer-se em suas capitánias, fazer casas fortes, e chamar os indigenas á sua alliança. Comtudo um principio de dissolução havia nesses estabelecimentos, e erão os degradados. Portugal os remetia anteriormente para India e Africa; mas não podendo acudir aos vastos planos de conquistas que projectava com a escassez da sua população, teve de estender ao Brazil o mesmo systema, bem que os donatarios reconhecessem o mal e pedissem remedio contra elle. <sup>1</sup> Duarte Coelho escrevia ao Rei de Portugal em carta datada de Olinda de 20 de dezembro de 1546. <sup>2</sup>

«Outro si, Senhor, já por tres vezes tenho escripto e disso dado conta a V. Alteza ácrea dos degradados,

---

<sup>1</sup> Balthazar Telles. *Chronica da Companhia em Portugal*: 3. 9. § 2.

«Sempre esta praga perseguio o Brasil e as outras conquistas d'este reino.»

<sup>2</sup> Torre do Tombo de Lisbop.

e isto, Senhor, digno por mim e por minhas terras, e por quão pouco serviço de Deos e de V. Alteza, é, e bem o augmento desta nova Luítania mandar que taes degradados, como de tres annos para quá me mandão, porque certifico a V. Alteza, e lhe juro polla hora da morte, que nenhum fruto nem bem fazem na terra, mas muito mal e danno, e por sua causa se fazem cada dia malles, e termos perdido o credito que até aqui tinhamos com os indios, porque o que Deos nem a natureza não remediou, como eu o posso remediar, Senhor, senão, com cada dia os mandar enforçar, o qual é grande discredito e menoscabo com os indios?... e outro si, não são para nenhum trabalho, vem proves e nús, e não podem deixar de usar de suas manhas, e nisto cuidão, resuão sempre em fugir, e em se irem, creia V. Alteza que são piores qua nia terra que peste, pollo quall peço a V. Alteza que pollo amor de Deos tal peçonha me quá não mande; porque tem mais de destruir o serviço de Deos, e seo, e o bem meu, de quantos estão comigo, que não huzar de misericordia com tal gente; porque até nos navios em que vem, fazem mill malles; e como vem mais dos degradados que da gente que marêa os navios, levantão-se e fogem, e fazem mill malles, achamos que menos dous navios, que por trazerem muitos degradados são desaparecidos: torno a pedir a V. Alteza que tall gente mequá não mande, e que me façamercê de mandar ás suas justiças que os não remettão nos navios que para

minhas terras vierem, porque é, Senhor, deitarem-me a perder.»

Observa Southey <sup>1</sup> que sendo o numero destes homens desproporcionado ao dos melhores povoadores achar-se-hião por tal motivo mais acorçoados pelo exemplo na iniquidade do que melhorado pelos bons exemplos, mais servirião para communicar o mal, do que para aprender o bem. Só males resultava da sua communicação com os selvagens, porque cada qual delles tomava do outro o peor: os barbaros adquirião novos meios de destruição e os europêos novos modos de barbaridade. Estes cada vez mais se affastavão d'aquelle humano horror ás festas sanguinolentas dos selvagens, que, malvados como erão, havião ao principio experimentado; e os indigenas perderão aquelle respeito e veneração para com uma raça superior, o que mesmo para elles tão util lhes tinha sido.

Como erão poucos e se temião dos indigenas, pareceo aos colonos que para viverem seguros carecião de que os seus alliados vivessem em continuas guerras; incitavão os odios, envenenavão as inimidades, aconselhavão e assistião aos seus triumphos sanguinolentos. A lavoura, de que dependia a sua subsistencia era exercida pelos alliados, e não lhes bastando o serviço destes, posto que prestados quasi sem retribuição alguma de tão mesquinha que era, converterão a estes, e tomarão outros por escravos.

---

<sup>1</sup> *History of Brazil* T. 1, c. 1, p. 29.

«Os moradores desta terra (diz um escriptor)<sup>1</sup>, todos tem terras de sesmaria dadas e repartidas pelos capitães da terra; e a primeira cousa que pretendem alcançar são escravos pera lho fazerem e grangearem suas roças e fazenda, porque sem elles não se podem sustentar na terra.» E mais abaixo<sup>2</sup> «As pessoas que no Brazil querem viver, tanto que se fazem moradores da terra, por pobres que sejam, se cada um alcança dois pares ou meia duzia de escravos, que pôde um por outro custar pouco mais ou menos até dez cruzados, logo têm remedio para a sua sustentação.»

Não sendo possivel que comprehendessem ou podessem explicar o procedimento dos portuguezes, procedimento que estavam longe de merecer, poderão os *Tupys* repetir o que a outros europêos disserão os *Caraibas*: «Ou é bem ruim a tua terra para que assim nos venhas tomar a nossa, ou bem máo és tu para que assim nos persigas só por amor de nos fazer mal.»

Homens que nenhum vicio odiavão tanto como a avareza, que nenhuma qualidade estimavão mais que a liberdade, em nenhum apreço podião ter aquelles para quem o interesse era tudo, e dos quaes dizião mostrando um pedaço d'oiro: «Eis o Deos dos christãos! Por amor disto perseguem-nos, maltratão-nos, escravisão-nos, e contra nós commetterão couzas horriveis.<sup>3</sup>»

<sup>1</sup> *Tratado da terra do Brazil*, 2.º, c. 1.

<sup>2</sup> *Tratado do Brazil*, 2.º c. 2.

<sup>3</sup> Benzoni. *Histoire du Nueveau Monde*. Refere-se aos hespanhóes; mas não podião com igual razão dizer o mesmo dos portuguezes?

Homens de quem se podia conseguir tudo por bons modos<sup>1</sup>, mas amicissimos de sua liberdade e independencia, podião ser á força escravizados; mas em breve, passado o primeiro momento de pasmo, ou se levantavão ou fugião: presos, encorrentados, maltratados e obrigados á um trabalho incessante e violento. esses dos quaes nas colonias francezas se reconheceo, que, para se deixar morrer, bastavão ser olhados de través, definhavão e morrião quando não quebravão as suas cadeias indo divulgar por todo o certão os horrores dos colonos, e levantando barreiras eternas entre homens que tão pouca fé sabião guardar-lhes, e um povo de natureza desconfiado. Homens emfim que reputavão a maxima das vilezas e infamias o fogir dos laços da prisão de guerra, ou em derramar lagrimas na presença da morte, devião considerar como bem indignos aquelles que se gloriavão de romper esses laços, nem se pejavão das lagrimas na presença dos contrarios. Quereis ouvir? Quando Hans Stadt cahio prisioneiro dos *Tupinambás*, teimava que não era portuguez, mas alliado seo, como francez, que dizia ser, os indios não lhe davão inteiro credito, bem que a eôr dos olhos e dos cabellos os fizesse suspeitar de que poderia o prisioneiro fallar verdade. Ameaçado a todas as horas, Hans Stadt já via de perto a morte, e a julgava inevitavel. Um dia puchado á terreiro, vendo mais feros os animos, mais crua as ameaças, persuadio-se que ia morrer; acodio-

---

<sup>1</sup> *Histoire des Antilles*: p. 401.

lhe a lembrança da patria, e sem que as pudesse conter de medo ou de saudade, as lagrimas lhe começarão a correr. Á tal vista os *Tupinambás* batem palmas, soltão gritos, e á uma voz exclamarão: «é portuguez! é portuguez!» Epigramma ferino, que devendo referir-se somente ás fezes d'aquella bellicosa nação, no doava indistinctamente nomes illustres e provados em todas as partes do mundo. Por isso os odiavão, e o que será mais dura verdade ouvir-se, mas conclusão legitima do que acabamos de narrar, os desprezarão tambem.

Vem á pello o estudo de dois vocabulos da lingua geral: já dissemos quaes seião. Em quanto os *tupys*, não tiverão a temer senão de suas desavenças intestinas, empregavão uma só palavra para significar os seus contrarios na guerra—*tapuya*: depois as tribus do interior ganhando forças sahirão impetuosas das florestas para perturbar os invasores que se efeminavão na posse não disputada da conquista, ou se enfraquecião com lutas interminaveis, então formarão nova palavra para designar esta nova classe de inimigos—*tapuya-caapóra*, inimigos do matto, inimigos ferozes. Vierão por fim os portuguezes—chamarão-n'os «*çobayana*» palavra inoffensiva e de sentido obvio, á qual nos primeiros tempos, não podia andar ligada outra ideia, senão a de serem homens—*da outra banda--d'alem mar*.

O ardor porem dos portuguezes de conquistar todas estas terras, de captivar todos os selvagens, se revelou

sem reboço no facto de chamarem *tapuyas* a todos os indios, fossem ou não seos amigos; facto imprudentemente significativo; porque era a expressão franca da verdade; imprudentemente dissemos, porque como se haverião os indios de persuadir que erão seos verdadeiros alliados e amigos aquelles que os chamavão contrarios—*Tapuyas*? Era tão grosseiro o artificio que não pôde ter cabimento nem mesmo na intelligencia rude dos selvagens. Retribuirão-lhes estes, modificando o sentido da palavra *çobayana*, que já não quer indicar simplesmente—o estrangeiro; mas propriamente—o contrario, o inimigo—como se o simples facto de serem portuguezes esses homens, bastasse para os caracterisar de uma vez para sempre e irrevogavelmente, como seos inimigos natos. Nestas duas palavras, pois, está toda uma chronica: melhor, se encerra toda a historia da relação entre os portuguezes e os indios.

E ainda mais: á vista destes novos inimigos, a palavra antiga, *tapuya caapora* cahio em desuso, como se a outra *çobayana* fosse a exacta equivalente para exprimir a ideia de ferocidade que ligavão á primeira: aquella ficou sendo somente empregada pelos portuguezes para designar aquelles que não tinhão recebido as algemas do captivo com os preceitos do christianismo. Para elles, como tambem para os missionarios, *tapuyas caapora* significa o gentio, o idolatra.

Os alliados para aquisição dos objectos que o seo commercio com os europeos lhes tornára necessario,

não tinham aprendido mais artes que a de reduzirem os seus inimigos á escravidão, e como escravos são vendidos por menos do que na europa se vendia um boi ou um cavallo. Fundarão-se curraes para guardar os captivos, como terião os *Tupinambás* para os *Caetés*, ácerca dos quaes lemos no *Tratado da terra do Brazil*<sup>4</sup>: «Os que não poderão fugir para a serra do Aquebibão, não poderão escapar de mortos, feridos ou captivos: destes captivos ião comendo os vencedores, quando querião fazer as suas festas, e venderão delles aos moradores da Bahia e Pernambuco, infinidade de escravos ao troco de qualquer cousa, ao que ião ordinariamente os caravelões ao resgate, e todos vinhão carregados desta gente, á qual Duarte Coelho de Albuquerque por sua parte acabou de desbaratar. E desta maneira se consumio este gentio.» Para terem tantos escravos seguros, e sempre a mão de serem vendidos, foi necessario engenhar cercados onde os tivessem e guardassem. Isto se deprehende da asserção do autor que citamos, e muitos annos depois acharão-se vestigios disso pelo interior do Pará. «Á margem do pequeno rio Uruá (escreveo o ouvidor Sampaio) está o logar de Alvares antigamente *cayçara*, que quer dizer «curral,» onde tinham os indios escravos.»

Com o fito de os destruir e escravisar os hespanhoes tinham fechado os olhos a horrores contra o christianismo, chegando até a autorisal-os; pois que o cap.

---

<sup>4</sup> Capitulo 16.

82 dos commentarios de Cabeza de Vaca, inscreve-se: «Os alcaides concedem aos indios permissão de comere[m] carne humana.» Neste capitulo diz o autor que tal permissão fôra dada por quererem os officiaes de Domingos Iral, carear por este meio a vontade dos naturaes, sendo constante que grande numero dos que receberão semelhante authorisação, erã[o] christãos novamente convertidos. «No Brazil, diz Southey <sup>1</sup> todas as artes que podião inflamar a animosidade de umas bordas contra outras, erã[o] postas em pratica, por aquelles desgraçados para que os naturaes no descanço da paz se não podessem fortalecer e combinar contra o inimigo commum: daqui lhes vinha outro proveito, e era, que emquanto elles estivessem em guerra, não faltariã[o] escravos no mercado. No desenvolvimento deste plano aconsellarã[o] os selvagens do reconcavo e Itaparica, continuassem a sacrificar os seus inimigos nas suas costumadas festas.» Por estes e outros actos semelhantes dizia Las Casas <sup>2</sup> que a maior parte dos hespanhoes abandonando-se a toda casta de vicios, erã[o] immodestos, voluptuosos, lubricos; de modo que comparados com os indios, nestes se acharia mais virtudes e equidade. Isto era para o geral delles: dos governadores e mais autoridades accrescentava, que um hespanhol com mando em qualquer aldeia ou cidade, produzia maior somma de males pelos máos exemplos

<sup>1</sup> *Histoiry of Brazil*. T. 1.º. p. 389.

<sup>2</sup> *La Decouvere des Indes*. Paris, 1697; pag. 182.

que dava, e escandalo de que era causador, do que de bens podião produzir para a propagação da religião christã com religiosos com a piedade e santidade de uma vida exemplar. Annos, mais de um seculo depois, repetia o Padre António Vieira <sup>1</sup> as mesmas queixas á proposito dos colonos e governadores do Estado do Maranhão, escrevendo ao rei de Portugal que para governadores mandasse ao Brazil pessoas de consciencia, e quanto aos colonos que com elles se não tinha menos que fazer do que com os selvagens.

Continuaremos ainda com a noticia da destruição dos indios, pois de ordinario nos satisfazemos de saber que os horrores não forão aqui tantos, nem tão monstruosos como na America Hespanhola. Saibamos um pouco do que entre nós se passou.

Não se contentando com os indios que lhes erão precisos para as suas necessidades, os colonos os captivavão e exportavão para fóra do Brazil. Deste facto, que está pouco vulgarizado, são para nós documento irrefragavel as leis hespanholas de 1550 a 1570, citadas por Solazano, nas quaes se prohibia a posse de indios importados do Brazil pelos portuguezes, e vendidos nas Indias de Castella como escravos <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Carta de 20 de Abril de 1657.

<sup>2</sup> Apoiamos-nos na autoridade do historiador das Antilhas para prova dos males produzidos sobre os selvagens pela comunicação e trato com os europeos. «Verdade é que elles têm degenerado de muitas das virtudes dos seus antepassados; mas é certo tambem que os europeos com perniciosos exemplos, com os máos tratamentos de que usavão para com elles, enga-

Não lhes bastando escravisar os paes, escravisavão tambem os filhos, dividião as familias, como tinhão dividido as tribus, quebravão os laços do amor paterno, unico ponto de apoio seguro para a sua colonisação e catechese, e do qual se servirão os Jesuitas com tanta astucia, e com tão pouco proveito.

Succedendo-se á peste da seára a da bexiga, que em 1563 levou mais de trinta mil cathecumenos <sup>1</sup>, aproveitarão-se os colonos destas calamidades como das guerras que adrede suscitavão. A mesa da consciencia resolveo (por esta vez somente citaremos Constancio <sup>2</sup>) com a mais impudente iniquidade, que em caso de extrema penuria um homem podia vender-se a si e a seos filhos. O bispo e ouvidor do Estado publicarão esta decisão *para tranquilisar a consciencia dos colonos*.

O máo tratamento de que tanto tempo havia erão victimas, inflammou por fim os animos dos indios, e uma como sublevação geral se manifestou por todo o litoral onde tinhão chegado os europeos <sup>3</sup>: causarão

---

nando-os cobardemente, faltando-lhes em todo o tempo e cobardemente a fé promettida, tomando e queimando impiedosamente suas casas e aldeas, violentando indignamente suas mulheres e filhas, lhes têm ensinado, com perpetua infamia do nome christão, a dissimulação, a mentira, a traição, a luxuria e muitos outros vicios quasi desconhecidos d'elles antes de commerciarem connosco. *Histoire naturel et moral des illes Antilles*. P. 2.<sup>a</sup> c. 7.

<sup>1</sup> *Lettres Edifiantes*. T. 9, p. 397. *Chronica da Companhia* l. 3 § 41, 42.

<sup>2</sup> *Historia do Brazil*.

<sup>3</sup> «Forão notando os naturaes da terra em nossos portugue-

grandes males, até a total destruição de muitas capitãias e ruina de seus donatarios; mas em definitiva o resultado da guerra lhes foi em todas as partes desfavoravel. Emigrarão os do Sul mais para o sul <sup>5</sup>, e os do norte, a contar-se do Rio de Janeiro, mais para o Norte, e vierão entrincheirar-se desde as serras do Ceará até aos grandes confluentes do Amazonas e alem delles. Deverião ser numerosissimos os *Tupys*, ainda quando dermos muito desconto aos viajantes que tratão, bem que accidentalmente, do numero e população de suas aldeias; e todavia rapida foi a sua destruição, tão rapida como nas outras partes da America, como foi, por exemplo, a dos *Aturés*, de cujo idioma ficou um papagaio por unico depositario <sup>6</sup>.

Algumas palavras ácerca das principaes tribus.

Os *Tamoyos* <sup>7</sup>, antigos alliados dos francezes, confe-

---

zes outra intenção mui differente da com que apontarão a ella em Porto-Seguro: então tratavão com elles como hospedes, mostravão alegrar-se com sua presença e enchião-n'os de favores e mimos; porém agora havião-se como com inimigos, pretendião desterrar-os de suas patrias, fazer-se senhores d'ellas, e ainda de suas liberdades. Para remedio d'estes males e defensão sua natural, passarão palavra por toda a costa do Brazil, e confederarão-se as nações, suspendendo os arcos, que manevão entre si, passando a força d'elles contra os portuguezes, inimigo commum.» Vasconcellos. *Chronica da Companhia*. L. 1, n. 44.

<sup>5</sup> Obra citada n. 64. «Povoada (S. Vicente) de multidão de gentio, que as armas portuguezas afugentarão para o lado do Rio da Prata.»

<sup>6</sup> «Entre os *Maypuras* (é este um facto singular) vive ainda um velho papagaio, o qual dizem seus habitantes não o comprehenderem, porque falla a lingua dos *Aturés*.» *Tableaux de la Nature*. T. 2 p. 230 (1.<sup>a</sup> edição.)

<sup>7</sup> The *Tamoyos* would have been faithful friends, could they have been safe from the slavery hunters; made enemies by injustice, they were the most terrible of enemies. Southey.

derarão-se com os *Tapuyas* do interior, também maltratados pelos portuguezes, e apresentarão em campo uma força que seria a destruição da colonia, se Nobrega e Anchieta, mettendo-se de permeio, não firmassem novas pazes com risco da propria vida. Sacrificio e abnegação tanto mais dignos de louvor, quanto pouco antes disso Nobrega prégava do pulpito e nas praças <sup>1</sup>, que os seus inimigos seriam victoriosos por estar Deos com a sua justiça, tendo os portuguezes vexado e escravizado a uns em menospreso do tratado, e soffrido que outros devorassem os seus prisioneiros. O resultado foi como sempre, e como em todas as partes, desfavoravel aos indigenas.

No governo de Antonio de Salema commerciavão os francezes com os *Tamoyos* de Cabo-frio. Christovão de Barros com 400 soldados e 700 indios alliados vai atacar as suas aldeias, e soffre tal resistencia, que desesperando de os poder vencer enquanto unidos, pactua com os francezes. Trabidos e abandonados por estes, 10 ou 12 mil *Tamoyos* <sup>2</sup> forão captivos ou mortos, e o restante delles embrenhou-se pelas florestas, ficando entre Ceará e Maranhão, dos quaes diz Laet <sup>3</sup>: «Os selvagens, que presentemente habitão es-

<sup>1</sup> Vasconcellos. *Chronica da Companhia*. L. 2, § 132, 139.

<sup>2</sup> Vasconcellos diz: de oito a dez mil. Porém fallando d'este encontro, escreveu o autor da *Noticia do Brazil*, «Ferão mortos infinitos e captivos dez a doze mil, e com esta victoria se atemorisarão tanto, que despejarão a ribeira e se forão para o certão.»

<sup>3</sup> Laet: p. 536.

tas paragens (Juruquaquara) dizem que ha quasi sob o tropico de Capricornio uma muito bella provincia, chamada *Caeté*, como quem dissesse grande floresta, coberta por todos os lados de bosques expessos, e de arvores muito altas, e nellas nações que se chamão *Tupinambás*, por sua valentia em que excedião os seus visinhos. Dizem que não podendo resistir aos portuguezes, retirarão-se ás florestas, atravessarão grande espaço de terras, e aqui chegarão, dividindo-se em muitas parentelas, e tomando os nomes dos logares em que habitão. *Paraná-enguares*, os habitantes das praias; *Ibuypab-enguares*, os das montanhas.»

Os *Tupiminós*, depois de convertidos e aldeiados, levantarão-se contra os portuguezes que os captivarão, e depois de muitas derrotas e carnificinas, resolverão-se a ir de novo habitar as brenhas, donde forão tirados em parte <sup>1</sup>.

Os *Tupinambás*, enfraquecidos, e derrotados, emigrarão debaixo do mando do Japy-assú: uns ficarão nas montanhas do Ibiapaba, outros passarão a Maranhão, Alcantara e Cumá, outros emfim chegarão até ao Amazonas estabelecendo-se desde a sua foz até a confluencia deste rio com o Madeira <sup>2</sup>.

Os *Caetés* forão escravizados e completamente destruidos, os *Tobajares* ficarão nó Ceará, e os *Potiyuares* um por um acabarão ao serviço dos Portuguezes.

<sup>1</sup> Vasconcellos. *Chronica* II. n. 104 e 146.

<sup>2</sup> Beauchamp. *Histoire du Brésil*. T. 1 p. 332.

Foi uma das suas ultimas expedições á Bahia, assolada pelos *Amoyrés*, contra os quaes houve necessidade de serem empregados. O Jesuita Diogo Nunes consegue arrebanhar 800 homens escolhidos, com a condição, que, apenas acabada a guerra, serão restituídos ao seio de suas familias. Chegão á Bahia, mas depois de conseguido o que delles se esperava, Botelho, que os commandava, os emprega em trabalhos forçados, mandando outros á defesa dos ilheos. Os *Potiguares* soffrerão com paciencia por algum tempo; mas como vissem que nada se determinava quanto á sua partida, resolverão-se a fazel-a sem ordem. O Governador da Bahía põe a tropa em armas para o impedir, e como fosse grande o perigo, porque os indios por sua parte parecião dispostos a acceitar o combate, outro Jesuita os persuade a ficar, e ainda foi preciso empregar Jesuitas para os separar de seus chefes, afim de serem mais facilmente escravizados. Em todas estas negociações (diz Southey) mais é para admirar o poder que os missionarios tinhão sabido grangear sobre os indios, do que o uso que desse poder fazião.

Quando os Portuguezes começarão a estender-se para o norte, onde se achavão reunidos os restos das tribus dispersas, a assolação e barbaridade chegou ao mais lastimoso extremo. Pedro Botelho se assignala entre todos pelas artes com que escravisa os seus allia-dos, e pelas tyrannias com que se torna odioso e intoleravel. As suas desgraças, sendo obrigado a fugir com a sua familia por meio dos certões, e nesta fuga

erdendo dois filhos, não forão talvez castigo bastante s suas iniquidades <sup>1</sup>. Em Maranhão o indio Amaro, ue se quer oppor a violencia dos Portuguezes, colliando os seos irmãos em defesa propria, expira á boca e uma peça. Bento Manoel persegue e acoça os *Tupinambás* desde o Maranhão até o Pará; captiva e mata quantos apprehende, e se entende, diz Gaspar staço, que passarião de 500 mil almas. Em 1618 Pedro Teixeira no Pará continuou a derrotal-os, de modo ue os restos diminutos desta tribu tiverão de retirar-se para Tocantins e Iguapé. «O periodo porem ultimo a destruição dos *Tupinambás* (escreve o Ouvidor Sam-aio) <sup>2</sup> foi no anno de 1619, em que, unidas-as forças e Pernambuco, Maranhão e Pará, derrotarão de todos aldeias de Guanapú, Carapi, e o ultimo resto de guape. Em 1661 ainda tínhamos bastante numero em ovações proprias, e nos serviamos nas guerras contra as mais nações de indios, que sempre respeitarão nome de *Tupinambás*. Hoje (em 1774) existem alguns, mas quasi sem nome e glória.»

As violencias commettidas contra os indios, por tal orma os exacerbarão, que em todas as partes elles se pposerão rancorosamente aos colonos, e de tal modo ue entre elles não pôde mais haver conciliação.

Martim Affonso de Souza facilmente os sujeitou <sup>3</sup> e

<sup>1</sup> *Vida do Padre Vieira*. T. 2, 240.

<sup>2</sup> *Roteiro* citado § 22 e 23

<sup>3</sup> Com este indio (*Goianaz*) teve Martim Affonso pouco trabalho, por ser pouco bellicoso e facil de contentar. (*Noticia do Brazil*.)

viveo em paz com elles. Não bastou este motivo para que fossem menos maltratados os indios de S. Vicente: pelo contrario, quando, extinctos os do litoral, forão procurados os do interior, quando os europeos se fatigarão, os seus descendentes americanos continuarão a caçal-os com tanto aferro, que então e muitos annos depois, por todo o Brazil se encontravão paulistas, que não tinham nem querião ter outro modo de vida.

Menos feliz do que seu irmão, Pero Lopes de Souza, teve alguns apertados conflictos com os *Pitigoares*, que o assediarão dentro da sua propria cidade, e dos quaes foi muitas vezes offendido<sup>1</sup>, até que depois de longas viagens e innumeros trabalhos pereceo em um naufragio.

Pedro de Goes lutou cinco ou seis annos com os *Goiatakases*<sup>2</sup>, mas por fim teve de largar a praça pedindo navios do Espirito-Santo que o transportassem dali, onde deixava sepultada a sua fortuna e parte da de Martin Ferreira, que nesta empresa o favorecera.

Vasco Fernandes Coutinho, que na India se tinha enriquecido, consumio a sua fortuna com a capitania do Espirito-Santo. Tinha este povoador comsigo, dois nobres portuguezes, mas degradados, aos quaes deixou entregue a capitania quando se retirou para Portugal,

<sup>1</sup>—Rocha Pitta, 2 § 106. Balthazar Telles *Chronica da Companhia*: 3, 1, 5. *Noticia do Brazil*.

<sup>2</sup> *Noticia do Brazil*. «Pozerão-lhe cerco, padece fomes e vê-se forçado a despovoar.»

afim de pedir soccorro. Faltos de prudencia e de virtude, estes dois homens acabarão de perder a sua capitania. Os *Tupin-ikins* de um lado, e os *Goiatakases* do outro apertarão por tal forma os cerco em que o havião posto, que depois de queimarem alguns engenhos e fazenda, matarão á frechadas a D. Jorge de Menezes, o que tambem fizeram depois a D. Simão de Castello Branco, a ponto que os restantes abandonarão a povoação e capitania. Vasco Fernandes, voltando, continuou a viver nos mesmos embaraços e sobresaltos, por causa dos *Aymorés*, que não deixavão fazer plantações: os engenhos não tinham safra, e ninguem podia ir ao campo. Collocados em tal estreitesa, os colonos emigravão continuamente, tornando mais lastimavel a sorte dos que ficavão. <sup>1</sup> Fernão de Sá, filho de Mem de Sá, indo a soccorre-lo, morre em combate. Mem de Sá com esta noticia partio para vingar a morte do filho,—começou uma guerra de surpresa e barbara, vingando-se á semilhança dos selvagens, cujos costumes se reprehendião: atacava-os de noite ás subitas, por emboscadas, e matou homens, mulheres e crianças, sem poupar a pessoa viva, destruindo segundo os historiadores 300 aldeias <sup>2</sup>, e pondo fogo ás matas para lles tirar todo o refugio. Não obstante isso, pouco tempo depois dessa expedição, a capitania dos Ilheos

---

<sup>1</sup> *Chronica da Companhia*; 2, 106. Southey narra o facto, observando que os *Aymorés* não tinham aldeas.

<sup>2</sup> Vasconcellos. *Chronica da Companhia*, 3, 53, 54.

estava quasi completamente despovoada e desoccupada. «Na povoação desta capitania (diz a *Noticia* <sup>1</sup>) gastou Vasco Fernandes o que adquirio na India e todo o patrimonio que tinha em Portugal, que todo para isso vendeo, o qual acabou nella tão pobrementemente que chegarão a dar-lhe de comer pelo amor de Deos, e não sei se teve um lençol em que o amortalhassem. E seo filho, do mesmo nome, vive hoje na mesma capitania tão necessitado, que não tem mais de seo que o titulo de capitão e governador d'ella.»

Pedro de Campos Tourinho seguindo, ao que se diz, o mesmo rumo de Cabral, desembarcou em Porto Seguro <sup>2</sup>. Soffreo tambem grandes trabalhos e vexames para a conquista da terra <sup>3</sup>, e como tivesse vendido quanto tinha para os aprestos da expedição, sua familia, por sua morte, a vendeo a juro de 100\$, de modo que não se aproveitarão os seus descendentes do fructo dos suores de seo pae. Os duques de Aveiro tambem se não poderão applaudir da compra que havião feito, porque, descendo os *Aymorés*, assolarão até o ultimo engenho, destruirão de todo as villas de S. Amaro e Santa Cruz e deixarão a de Porto Seguro arruinada e falta de moradores.

Francisco Pereira Coutinho, bem recebido pelos

<sup>1</sup> Cap. 42.

<sup>2</sup> Vasconcellos. *Chronica da Companhia*. L. 1, 142.

<sup>3</sup> *Noticia do Brazil*, 36. «Com a guerra que lhe fez o gentio *Tupin-ikins* que vivia n'aquella terra, e que lh'a fez tão cruel que o teve cercado por muitas vezes, e posto em grande aperto, com o que lhe matarão muita gente.»

*Tupinambás*, mas cioso da autoridade moral que Diogo Alvares exercia sobre elles, maltratou ou consentio que fossem maltratados os indios. Levantou-se por este motivo uma guerra cruel e encarniçada, que durou mais de oito annos: os indios queimarão-lhe os engenhos, poserão-n'ò em cerco e fizeram-n'ò soffrer as mais duras privações. Com a morte de um filho, de outros parentes e companheiros seus Coutinho abandonou a sua capitania e recolheu-se á dos Ilhéos. Feitas as pazes algum tempo depois, quando elle voltava, naufragou em Itaparica e foi morto pelos indios, escapando bem poucos dos que o acompanhavão. «Destta maneira (diz a *Notícia*) acabou ás mãos dos *Tupinambás*, o esforçado cavalleiro Francisco Pereira Coutinho, cujo esforço não poderão render os *Runes* e *Malabares* da India: gastou a vida, o que em muitos annos tinha ganho na India, e o que tinha em Portugal, com o que deixou sua mulher e filhos postos no hospital.»

Duarte Coelho em Pernambuco, segundo a expressão de Rocha Pitta, teve de conquistar palmo á palmo o que lhe fôra concedido ás leguas: e se resistio ao impeto dos selvagens, foi com o auxilio dos chefes dos *Tobajáras*, seus alliados, que exterminarão ou fizeram os *Caetés* despejar a capitania.

Em Maranhão continuados infortunios pareçião dever inspirar aos primeiros povoadores com a lembrança das proprias desgraças, a commiseração para com as tribus indigenas.

Assim em todas as partes foi preciso exterminar os indios, ou retirarem-se os colonos; nem permittio Deos que tantas injustiças aproveitassem nem mesmo aos descendentes d'aquelles, que as commetterão ou consentirão que em seo nome as commettessem outros.

**SEGUNDA PARTE.**



## INTRODUÇÃO.

---

### CAPITULO I.

Desenvolvida como melhor podemos a primeira parte do programma, de que nos coube tratar, que se nos parece menos interessante, é com certesa mais espinhosa para o escriptor.

Tratamos nesta segunda parte de descrever o estado physico, moral e intellectual dos povos da Oceania; de comparal-os com os tres semelhantes estados dos que; adoptando nós a antiga denominação, chamaremos Brazis, e de deduzir desta comparação qual delles estava mais apto para receber a civilisação.

Seja-nos permittido uma observação, talvez melhor um reparo, antes que entremos em materia. Se nesta

segunda parte se refere o nosso programma a toda a Oceania, parece que a primeira deveria abranger toda a America; e se pelo contrario de todas as partes da America convinha que tão somente nos occupassemos com o Brazil, o que este Instituto tem principalmente em vista, seria isso motivo bastante para que na Oceania procurassemos circumscrever um espaço, onde a semilhança ou dessimilhança de raça comparada com a indigena do Brazil—do clima—do solo—das produções naturaes—do resultado de tentativas de civilização, ou de qualquer outra circumstancia de maior momento, offercesse pontos de contacto ou de partida, de modo que se houvesse de oppor uma raça á outra, um clima a outro clima, de modo que pelos meios empregados se pudesse apreciar os resultados dos diferentes methodos de colonisação, catechese e civilisação. Emfim quer me parecer, alem de mais simples, mais congruente, oppor-se o mundo novo ao mundo novissimo, ou pelo contrario, alguma das raças indigenas da America á alguma das raças indigenas da Oceania.

Adstricto porém ao desenvolvimento do programma tal qual foi distribuido, occupar-me-hei de toda a Oceania, que tanto pelas circumstancias geographicas como pela novidade e diversidade das raças que encerra, merece ser chamado mais propriamente que a America—mundo novo.

*A Oceania na epoca do seu descobrimento.* Pode bem ser materia de controversia saber-se de que des-

cobrimto aqui se trata; se outros povos antes dos Europeos não tinhão já visitado a Oceania; e se, mesmo a respeito destes ultimos, devemos considerar como descoberta qualquer das suas ilhas só no tempo em que os viajantes sobre ellas escreverão relações mais noticiosas e menos imperfeitas; porque não raras vezes acontece que a relação escripta é, de um seculo e mais, posterior ao descobrimento. Assim é que tendo o hespanhol—Quiros—aportado em 1606 nas ilhas que elle chamou Australia del Espiritu Santo, denominadas em 1768 as Novas Cycladas por Bongainville, e as Novas Hebrides em 1773 por Cook; e não obstante ter o hespanhol escripto a relação de sua viagem, é só desde os dois ultimos viajantes, isto é, mais de seculo e meio depois, que datão as noções mais exactas destas ilhas, tanto a respeito dos seus habitantes, como das suas producções. Não queremos multiplicar exemplos; mas é bem raro que a historia do descobrimento de qualquer dessas ilhas, de qualquer desses rochedos perdidos no meio do mar, não careça para completar-se dos escriptos dos viajantes que se forão succedendo um após outros por espaço de bem longos annos.

Admittamos que se trata do descobrimento pelos europeos; porque não é possível seguirmos os arabes no seu commercio com esta parte do mundo, ainda que modernamente se tenha posto fóra de duvida e disso nos dê testemunho o *Cosmos indicopheustes* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Apud Montfaucon, p. 336.

que os arabes dados ao commercio e á marinha frequentarão Ceylão desde tempos mui remotos, e que a elles deveo esta illha a sua importancia commercial durante a idade media até as descobertas dos portuguezes na India.

Deixaremos tambem de parte as viagens do Veneziano Marco Polo, bem que pelo seculo 13 já tivesse este aventureiro intrepido percorrido uma parte das ilhas da Malasia, conhecida tambem com a denominação de Oceania Occidental.

Ainda assim seria por demais extenso o espaço, vasto por demais o periodo que nos restaria a percorrer desde Magalhães e Fernão Mendes Pinto até as viagens de Cook e Bongainville, ou mais propriamente até as ultimas descobertas do infatigavel Rienzi. O espaço seria de metade do mundo conhecido <sup>1</sup> o periodo de mais de tres seculos, durante os quaes forão tantos os viajantes e tão successivas as descobertas que occupar-nos detalhadamente de cada uma dellas, seria materia de volumes que não com muita facilidade se poderia reduzir aos limites de uma comparação.

Abundão as difficuldades nesta parte do nosso trabalho. Assim por exemplo o que ha mais facil do que as divisões geraes que faz a geographia de qualquer

---

<sup>1</sup> De mais de metade, diz Rienzi, porque segundo elle os limites da Oceania de léste a oeste vem a ser da ilha de Sala á de Kerguelen e dos 40 grãos de latitude septentrional, as ilhas do Bispo, que demorão aos 50 grãos de latitude meridional; vindo a comprehender sómente em terras um espaço que calcula em mais de 500,000 leguas quadradas.

das grandes partes do mundo? O que mais simples que as denominações a ellas impostas pelos viajantes ou admittidas pelo geographo? Pela posição, pelas dimensões, pela forma é bem conhecido o velho e o novo mundo. Dão-se na Oceania as mesmas circumstancias e todavia as suas divisões naturaes, assim como os seus limites parecendo assumpto de não admittir controversia, tem dado logar a opiniões bem differentes. Nem as mesmas denominações são por todos geralmente admittidas, nem as mesmas divisões geralmente seguidas. Hesita-se ainda hoje se devem ou podem ser acceptos os nomes de Malasia, Micrõesia e Polynesia, ou se, em relação ás raças se deverá esta grande porção do mundo subdividir nas cinco partes de Rienzi no seu importante trabalho sobre a Oceania, ou nas quatro de Eichthal na sua «*Historia e origem dos Foullahs*» (memoria apresentada á sociedade ethnographica de Paris) ou nas tres com que alguns geographos abrangem toda a Oceania debaixo das denominações de Notasia, Australia e Polynesia.

Comtudo adoptaremos a divisão do Eichthal por ser a mais simples, e nos parecer que é a que melhor se adapta a ethnographia.

Assim pois temos.

A Polynesia, cujos principaes pontos são a Nova Zelandia, e os archipelagos de Sandwich, de Taiti e de Tonga. Quiserão dar-lhe o nome de Pletonesia do tabu, que é a interdicção religiosa a que estão sujeitas estas ilhas, como diremos em seu logar.

A Melanesia, nome imposto por Urville <sup>1</sup> antigamente chamada Ilhas dos Négros, por causa da população que as habita. Comprehende o continente da Australia, bem como as numerosas ilhas que se estendem ao norte e nordeste deste continente, entré elle e o archipelago chamado — Ilhas Mariannas.

A Micronesia, sendo os seus pontos mais importantes as ilhas Carolinas e Mariannas; mas não se deve confundir esta parte com aquella a que Rienzi dá o mesmo nome; porque o Micronesia ou Oceania se ptentrional de Rienzi começa quasi com o tropico de Cancer, mas não comprehende senão pequenas ilhas e rochedos desertos estendendo-se de leste a oeste da ilha de Necker as de Borodino.

A quarta parte emfim, será o archipelago indiatico, como a chamão os escriptores inglezes — a Malasia, ou como quer Rienzi a Malaynesia, segundo a pronunciação *malayú*.

Esta divisão porem não nos servirá senão para determinar qual a variedade, especie ou raça humana que comprehendemos debaixo das denominações de *Malaios*, *Melanesios* e *Polynesios*.

Dos *Micronesios* não trata, tanto porque, segundo uns autores, consta a Micronesia de rochedos este-reis, e por consequencia sem população, como porque, segundo outros, são os seus pontos principaes as ilhas Mariannas e Carolinas, e devem os seus habitantes ser

---

<sup>1</sup> *Voyage de l'Astrolabe.*

classificados em algum dos grupos ou raças mencionadas.

Se omittirmos a divisão do mundo Oceanico para evitarmos esta primeira e comparativamente pequena questão de geographia, restar-nos-ha ainda a outra mais importante das raças. Descrevel-as no tempo dos descobrimentos europeos seria trabalho por demais difficil, e que, alem de difficil não nos parece de muita utilidade para a questão que nos occupa.

A escassez que temos de livros relativos aos primeiros tempos do Brasil nos fará bem comprehender o que acontecerá com os que dizem respeito a Oceania. Não são em grande numero estes livros, que nem facilmente se encontrão, nem facilmente se combinão.

Por outro lado a antropologia e ethnographia são sciencias de data muito moderna que ainda não ha muito, era ao que parece bem pouco reconhecida a sua importancia. O que naquelles tempos os viajantes e navegantes nos poderião transmittir de mais exacto seria um ou outro caracter physico que os comprehendesse, um ou outro costume em desharmonia com os da Europa,—alguma noção acanhada de suas ideias religiosas; mas tudo isso, confesso, sem nexo, e sem ordem.

Se disto vos quereis convencer, procurarei dar uma prova bazeando-a na autoridade de um nome não menor que o de Cuvier.

Admiraya-se o grande naturalista de que fossem tão pouco conhecidos os caracteres physicos das raças hu-

manas, e não acabava de comprehender a indifferença dos viajantes á semelhante respeito. Toma nota de não ter havido nenhum ramo da historia natural,—na Geologia, Mineralogia, Botanica, Zoologia, em cujo progresso se não tivessem interessado, nenhum recanto da terra que não houvessem visitado para fazerem conhecidas as suas riquezas. Admira-se de que não somente houvessem descripto com precisão, mas até desenhado todos os seres da natureza desde os mycroskopicos até os que são da mais gigantesca estatura,—e que ao mesmo tempo se esquecessem do homem como que fosse objecto de pouca monta, e indigno de lhes occupar a attenção.

Os que na sciencias succederão a Cuvier, que não são muitos, abalroarão-se com iguaes difficuldades. Virey, Borey de Saint Vicent, Dumolin e o ultimo de todos elles, Prichard, são testemunhos irrecusaveis das asserções d'aquelle altissimo engenho. Os viajantes que estes autores poderão consultar, são quasi os mesmos que Cuvier já tivera á sua disposição; as relações dos modernos igualmente imperfeitas, e a força intellectual da analyse e dedução não era em qualquer delles, e difficilmente poderia ser maior do que em Cuvier. O que ajuntarão de seu ao que já existia como conquistas da sciencia, forão algumas figuras mais perfectas, algumas discripções em partes mais exactas dos homens da Australia e da Polynsia.

Aproveito-me agradecido dos trabalhos dos homens profissionaes. Querendo apenas cumprir um dever para

o que me não sobraõ forças; para louvôr me parece bastante o acêrto na escolha dos autores, em cuja opinião tenho de basear esta resumida parte do meo trabalho.

«A Ocenaria (escreve Rienzi no começo de sua obra) mais extensa por si só do que todo o resto do nosso globo, é comtudo a sua porção menos conhecida, posto que a mais variada. Terra de prodigios que contêm as raças humanas as mais oppostas, as mais estupendas maravilhas da natureza, e os mais admiraveis monumentos da arte. Ali se vê o pigmêo ao lado do gigante, o branco ao lado do preto, junto a uma tribu de costumes patriarchaes uma aldeia de anthropophagos; e não muito distante das mais embrutecidas hordas de selvagens, nações que antes dos Europêos já erãõ civilizadas.»

Os terremotos e acrolithos transtornão os campos, e os vulcões fulminão aldeias inteiras. No seo continente austral os animaes, os mais estravagantes, e na ilha que é a maior tanto no seo archipelago como no globo, o orang-outango, bimano antropomorfo, offercem aos philosophos assumptos, dignos de profunda meditação. Uma de suas ilhas se ensoberbece com a magestade de seos templos e de seos antigos palacios, superiores aos monumentos do Mexico, e comparaveis ás obras primas da Persia e do Egypto. Outras ostentão pagodes, mesquitas e tumulos modernos, que rivalisãõ em graça e elegancia com o que a China nos offerece de mais acabado neste genero.

«Parti de Lima... Continuæ a vossa navegação ao

travez do immenso labyrintho das ilhas da Polynesia, deparareis no meio da vossa derrota com um quinto continente quasi tamanho como a Europa, e que vos apresenta a imagem de um mundo transtornado. Alli achareis outros astros, outros sêres, outro clima. Alli saúda-se o sol no horisonte, em quanto aqui nos cobre a noite com suas t'revas; gosa-se alli do estio, em quanto aqui nos contrista o inverno; é outono, quando temos a primavera, desce o barometro quando melhora o tempo, e sobe para annunciar a tempestade: algumas vezes em Dezembro incendeião-se as florestas, e outras, o vento nordeste, semilhante ao kausin do Egypto, queima a terra, e reduzindo a pó alarga o ambito das vastas solidões da Australia. Admira-se um vulcão sem cratera e sem lávas que lança chammas de continuo, vegetaes gitantescos, alguns dos quaes crescem no oceano, e outros na areia pura, serejas que crescem com a amendoa por fora, pêras tendo o talo da parte mais larga do fructo, aves singulares taes como a aguia e o papo vermelho, (rouge-gorge) brancos, o cysne e o papagaio preto, a êma que caminha e não pode voar, caranguêjos azues, cães que não ladrão; kangurú composto extraordinario do gato, do rato, do macaco, do *opossum*, e do harda; o echidné espinhoso, mamifero sem peitos que parece ser ovipero; o ornithorinco que se prende aos phocas e aos quadrupedes, a ave, e ao reptil, creatura phantastica lançada por Deos no mundo para com a sua presença destruir todos os systemas dos naturalistas e confundir o orgulho dos sabios.

«Supponde agora reunidos os homens que habitão estas partes longinquas, o *Malaio* com as suas especiarias: a camphora, o benjuim, o ambar, e o sagú; o *Melanesio* com as suas preciosas madeiras, o páo ferro, e o ebano, o *Polynesio* que Deos abençoou com os fructos da arvore do pão, e o *Buguis*, filho mais velho da sua civilisação, ao mesmo tempo marujo, e negociante. O *Australio* (conclue o mesmo autor) o *Australio* estúpido e nú, não tomará parte neste grande concurso, e o Europêo que já reina sobre grande parte desses povos, alli se verá no meio delles onde veio para os instruir e governar, para os julgar e combater, para meditar ou enriquecer-se.»

Á vós porém não vos importão os prodigios e as maravilhas da terra oceanica. Diante desses phenomenos que por todos os modos excitão a curiosidade, e deixão a imaginação como que estupefacta e assomburada, passaes como o navegante hespanhol que pela primeira vez attentou na estatua gigantesca da mulher de Lot, de continuo battida pelas vagas.

Passaes de longe; mas o desejo que vos levou a devassar os segredos dessas terras afastadas, talvez vos fez enxergar na molle estupenda de granito, o metal que se ria em vossos sonhos, e cujo nome por ventura lhe imporeis como esse navegante. Menosprezaes os monumentos d'architectura indostanica, que sabeis em Java, Sumatra, Bali e Tenian,—a caverna de *Kea-uai* de formação vulcanica, com estalactites de formas as mais variadas e caprichosa, onde se

observão os mais admiraveis effeitos da refracção da luz. O vulcão da Australia sem cratera nem lávas, mas que lança chamas de continuo,—o de *Alvay* nas Filippinas, que podê pela constancia da sua ignição servir de farol aos navegantes, nem vos interessa aquelle de *Honai*, chamado *Kero-ea*, cuja cratera (segundo a tradição dos indigenas) Pelê e os deoses, que presidem aos vulcões, escolherão para palacio, onde nadão em um mar de lavas; e danção no turbilhão das chamas enfumaçadas.

Nada disto basta para vos prender a attenção: o albatroz (*diomeda exulans*) que, com azas de oito a dez pés de extensão, voando projecta sobre o mar a sombra do seu vulto branco; a aguia de cabeça pardà, a tartaruga verde, o macaco de Bomés verde tambem, se que dizem assemilhar-se mais ao homem do que ao Orang-Outang; o cysne preto, o phalangen semelhante à nossa preguiça, imagem do Australio estúpido e inerte, nem as aves do paraizo martyres do luxo, que não passão vivas os limites da Australia, nem o echudué, nem o ornithorines, nem o passaro sino (oiseau cloche), cujo canto, como o vôo do kattá africano, indica a proximidade de alguma fonte; nem a rafflesia a flor gigante sem haste nem folhas com oito pés de circumferencia, nem o *upas* malefico, <sup>1</sup> e semelhante a

---

<sup>1</sup> Hamilton nega a existencia do *upas*, *ipas* ou *antchar*, que de todos estes modos se escreve. Darwin e Foersh referem estas maravilhas quasi como deixamos escripto; accrescentando que a esta arvore era costume prender-se o criminoso. Parece

mancenilha da America, cuja folhagem nenhum passaro embellesa, cujo abrigo nenhum animal procura, e de cujas folhas longas, que se meneião no ar, espalhando um veneno subtil, foge a serpente espavorida.

Não vos importa o *korbi-kalao* de craneo duro como a pedra, nem as arvores incombustiveis da nova Galles, nem que o mar produza aquelle *fucus*, que serve de assucar aos chinezes, nem que o trabalho incessante do coral, auxiliado pelos vulcões prepare ao mundo nova parte habitavel.

Nada d'isto: quereis factos, datas, nomes; e com isto a descripção de raças, de seus costumes, com consideração sobre a sua sociabilidade ou perfectibilidade. Ha porém mais de cem pessoas cujos nomes vos podera citar, a não ser por demais fástidioso, a quem o amor da sciencia, a catechese, ou a curiosidade levarão á Oceania; mais de quinhentos, mais talvez de mil volumes se tem escripto sobre ella. E apesar d'isso, ou mesmo por isso, a historia de qualquer das suas partes, somente quanto á descoberta, é bem mais complicada que a do Brasil. Não hesitamos em asseverar que o mais importante das suas raças, a mais extensa das suas illhas—a grande Polynesia do Crawfund e a Australia, podem ser e já tem sido objecto de questões

---

que o seu succo cabindo sobre alguma ferida, é veneno mortal. Faria e Souza parece querer referir-se ao *upas*, quando falla de uma arvore, cuja sombra da parte do poente é mortal, se senão passa para a do nascente, que é o antidoto d'aquella.—Faria e Souza, edicção de 1703, tomo 1.º pag. 379.

mais intrincadas que os *tapuyas* menos conhecidos, que os certões menos explorados de Goyaz e Matto-Grosso.

Devendo porém desempenhar de qualquer forma a tarefa que me foi dada, a propria obrigação em que estou constituido, se por um lado me absolve da imputação de audacia que sem isso me condemnaria, por outro lado me desculpará de que o trabalho não corresponda a elevação e importancia do assumpto.

## CAPITULO II.

### Malaios.

Principiando a occupar-nos das raças desta parte do mundo, damos preferencia aos *Malaios* por serem os mais numerosos. Esta raça, cujo berço é por Marsden collocado no antigo imperio de Menangharbon, é segundo Rienzi, originaria da parte occidental de Bórneo; pois, como pretende este autor, Bórneo é a grande *officina gentium* da Oceania.

Algumas palavras dizemos de passagem sobre esta ilha. Bornés foi visitada em 1521 pelos companheiros de Magalhães. Alguns annos depois (em 1526) alli chegarão os portuguezes com intento de fundar um estabelecimento, para o que, vista a sua fraqueza, procurarão conseguir careando a boa vontade do principe por meio de um presente que lhe offerecerão. Infelizmente consistia o presente em panos de tapeçaria, e o principe

de ignorante e supersticioso, não o quiz acceitar, julgando que as figuras que via desenhadas no tapete erão de homens encantados, que de noite voltarião ao seu proprio ser para o estrangular d'urante o somno. Os que mais tarde forão recebidos, não escaparão de morte violenta que lhes derão: os hollandeses e inglezes que alli chegarão com o mesmo intento não escaparão de igual sorte, até que por fim os hollandezes apresentarão naquelles mares uma poderosa armada, e extorquirão por meio da força e do terror o monopolio do commercio da pimenta.

Voltando porem ao nossó assumpto:

A raça *malaia* tendo em tempos remotos colonisado as costas orientaes de Madagascar e Ferosa, occupa hoje a maior parte dos estados maritimos de Sumadra (conhecida dos Arabes com o nome de *Saborna*) uma parte das Molucas, Java, Nicobar, Pimang, Nias, Singhapura, Lioging e Buitang. Eichtal na sua *Historia e origem dos Fulahs*, diz que á esta raça, que elle designa com o epitheto de amoreno da (*brundtre*) pertencem as populações de Sumadra, os *Malaios*, *Lampungs*, *Reyangs*, os *Batas*, *Jáos*, *Buguis*, os de *Makasar*, e as colonias *malaias*, espalhadas por diversos. Não se pode duvidar que estes homens fossem dados á navegação; pois que fundarão colonias, mas o que ainda mais confirma é a diversidade de embarcações que fabricavão. Nas *Perigrinações* de Fernão Mendes Pinto encontramos a cada passo as designações de lorchas, lancharas, juncos, champanas, parãos, lanteas.

fustas, vancões, almadias, balões, jumpangos e chimfangas, embarcações que percorrião aquelles mares. E quando alguma e todas ellas fossem tão imperfeitas como quererá parecer pela falsa idéa que ainda se tem d'aquelles povos, havia allí cousas que facilitavão e desenvolvião o amor que tinhão a navegação; causas que fortificavão a opinião dos que pretendem que longe de descenderem do imperio de Menanharbu, como quer Marsden forão elles os que civilisarão aquelle paiz, estabelecendo-se entre os rios de Palembang e Siah, porque de facto estendião muito longe as suas excursões, antes que os portuguezes tivessem visitado as Indias Orientaes.

As causas a que alludimos em relação a esta prosperidade naval são a segurança da navegação em um mar juncado de ilhas, offerecendo a terrã sempre em proximidade, a commodidade de portos em que pequenas embarcações facilmente encontrão abrigo, correntes sabidas, monções para a ida e volta em quadras differentes do anno, motivos pelos quaes nos seus parãos emprehenderão e lévarão ao cabo viagens, que em outras circumstancias seria impossivel se realisassem.

Passando a caracterisal-os, convem que notemos a difficuldade de comprehender debaixo da mesma descripção, não tão somente os homens que povoão a mesma parte do mundo oceanico, como ainda os que habitão a mesma ilha, o que com muitas acontece, e especialmente com Java e Sumadra. Nesta ultima por

exemplo estão tão entrelaçadas as raças e diversidades da especie, que uma só e simples classificação que os abranja a todos é quasi impossivel. No entanto são geralmente considerados *Malaios* os de Menang-karbu, os de Achen, os *Batas*, os *Reyangs* e os *Lampung*s.

A simples noticia que já demos de Menang-karbu, accrescentaremos, somente para dar uma ideia da sua antiguidade, que este imperio se constituiu sob a influencia asiatica; porque diz-se que em 1160 um chefe arabe de nome Seri Turi Bouvana, que se dava por descendente de Carlos Magno viera estabelecer-se na península de Malakka, e que data d'elle a fundação do Imperio.

O reino de Achen em Sumadra representou um papel importante na historia da conquista dos portuguezes nas partes do oriente. Em 1511 Affonso de Albuquerque aportou a Sumadra, onde foi seguido por Pires de Andrade e Diogo Pacheco, morrendo o ultimo nas suas tentativas do descobrimento das imaginaveis ilhas do ouro, em que segundo Fernão Mendes muito se empenhava um dos reis de Portugal <sup>1</sup>. Quasi desde o apparecimento dos portuguezes n'aquellas partes, mas principalmente desde que se estabelecerão em Malakka a sua metropole, começou a luta com os indigenas, e tão accerrima que se prolongou até 1582.

---

<sup>1</sup> Fernão Mendes. *Perigrações*, c. 3.º pag. 14: «El-rei dos *Batas*, que habita a ilha de Sumatra, da parte do oceano, onde se presume que jaz a ilha do Ouro, que El-rei D. João III algumas vezes tentou mandar descobrir.»

Faria, Mendes Pinto, Castanheda, Couto e Barros tração desses combates que não tiveram a conquista em resultado, bem que custassem aos portuguezes avultado numero de homens e prejuisos de enormes cabe-daes.

Os *Batas*; na parte septentrional de Sumadra occupam o grande espaço comprehendido entre Achem, Menang-Karbu e o mar, nem todos são certanejos, ainda que como preferem o interior apparecem raros á-beira mar. Não obstante Faria e Souza que em poucas palavras nos dá delles uma ideia tristissima, dizendo que «los que llaman *Batas*, habitan el interior, y son bestialissimos comedores de carne humana <sup>1</sup>» estes homens, a acreditar-mos o que delles se conta, tem governo regular, assembléas deliberantes e habéis oradores. Refere-se tambem que sabem de ordinario ler e escrever, que são bons agricultores, accrescentando-se para prova da sua bôa indole que são raros os crimes entre elles. Passão por bellicosos, probos, de boa fé e prudentes; mas apesar destas boas qualidades, e do grão de civilisação a que havião attingido, Raffles, neste ponto de accôrdo com Faria e Souza, os reputa anthropophagos. Querem comtudo os seus panegeristas explicar o facto pela veneração que dizem ter ao seu codigo, o qual condemna a serem devorados vivos os adulteros, os ladrões nocturnos, os prisioneiros de guerra importantes, e duas outras especies de crimi-

---

<sup>1</sup> Pag. 200, edição de 1703.

nosos. Conta-se que antigamente se alimentavão tambem dos parentes, quando chegados a uma idade em que por si não podião grangear o sustento. N'estes casos suspendião-se estes velhos ao ramo transversal de alguma arvore, em quanto os mais lhe cantavão ao redor cantigas de sentido metaphorico, nas quaes dizião que era da natureza cabir o fructo depois de maduro. Quando ás victimas faltavão as forças e as mãos com que se seguravão, cabião e erão logo assassinados, tirando cada parente a porção que lhe vinha a caber.

Os *Reyangs* que se suppõe vindos do rio do mesmo nome, que corre na parte occidental de Bornéo, não fallão propriamente a lingua *malaia*, bem que pertencão á mesma raça. As mães como as de algumas outras ilhas da Oceania, apertão a cabeça aos filhos quando nascem, como era costume tambem entre os *Omaguás* e *Combebas*. Comprimm-lhes o craneo, achatão-lhes o nariz, e alongão-lhes as orelhas de modo que tomem quanto é possivel uma posição vertical sobre a cabeça. Têm os olhos vivos e negros, algumas vezes obliquos como os chinezes, o que parece provir de uma mistura das duas raças, sendo hoje difficil apreciar-se em que proporções se achão confundidas. Vivendo de vegetaes, são de indole pacifica, indolentes, e até servis de humildes que são, de menos má fé e crueldade que os *malaios*, pouco odientos, mas implacaveis na vingança, e propensos á desconfianças.

Pelas suas leis o furto rime-se com o dobro do valor furtado, e o homicidio com a satisfação de uma

multa; têm por prisão uma gaiola de bambú, o que parece confirmar o que nos refere a historia acerca de Timur e Bayazid. Para prova do crime ou isenção da culpa usão do juramento judiciario, e dos principaes meios para tal fim empregados na Europa, durante a idade media.

\* Quanto á religião são os *Reyangs* musulmanos ou idolatras, reconhecem a Allah e crem no poder dos bons e máos espiritos, consagrão muito respeito ao tumulo de seus antepassados, por cujos manes jurão; acreditando tambem que depois da morte a alma passa a animar os tigres e crocodilos, por cujo motivo são estes animaes entre elles muito respeitados.

Os *Lampung*s com os mesmos caracteres que os *Reyangs* têm os mesmos costumes, ainda que mais corrompidos: differença-se porem quanto ao physico em terem os olhos mais geralmente obliquos, e quanto ao moral em adorarem o mar. Esta adoração, que é geral, não obstante que sejam muitos d'elles musulmanos, porque entre os povos da Oceania parece que as crenças acamadas e sobrepostas umas ás outras subsistem conjunctamente na melhor harmonia, como no Capitolio os deoses de natureza e religiões differentes. Assim é que os *malaios* de Palembang bem que sectarios do Mahomedismo, têm nas suas crenças muitos vestigios do paganismo. Creem por exemplo que a terra que, segando elles, se conserva immovel, é sustentada por um boi, o boi por uma pedra, a pedra por um peixe, o peixe pela agua, a agua pelo ar, o ar

pelãs trevas e as trevas pela luz. Crença que se assemelha a uma alegoria, cujo sentido se perdeu.

Entre os *Lampung*s como entre os *Rejang*s, e os demais povos de Sumadra, é geral o respeito e adoração que tem aos tigres, cujos assaltos soffrem com a maior pusilanimidade, não os atacando nunca senão para tomarem vingança de algum proximo parente. Amão o opio tão apaixonadamente como os Chins, senão mais que estes, e jogadores acerrimos deleitão-se em ver brigas de gallos, tomando tal interêsse nestes espectaculos que chegão a apostar as mulheres, mães e filhos.

Eis como Rienzi nos descreve os homens de Palembang e os do Sudoeste de Sumadra. «São de alta estatura (diz elle, t. 1º, 433 b.) e assemillão-se aos Kayans de Bornéo. São valentes, altivos, temperantes e justos, mas apaixonados e violentos. Fortemente agarrados aos seus antigos costumes, qualquer innovação lhes desagrada. De character naturalmente independente, mostrão-se mui ciosos de suas antigas franquezas. Longe de guardarem fé nos seus contractos, não tem nenhum escrupulo em illudir o estrangeiro. «São destros no manejo de suas armas, e quando entrão em combate collocão na primeira linha as mulheres e os filhos. Assim foi que na ultima guerra com os hollandeses, morrerão 120 mulheres firmes nos seus postos e com os filhos nos braços.» Até aqui Rienzi.

Homens que entrando em batalha começavão por experimentar taes golpes, sentir-se-hião por tal forma

possuidos do desejo de vingança, que nem durante a acção lhe occorreria o pensamento da fuga, nem depois da victoria se inclinariam á piedade.

Não omittiremos um costume que pinta ao vivo a côr da civilisação dos *Sumadrenses*. É o desafio ao canto com letra e musica improvisadas, o que nas reuniões publicas era um espectáculo e um entretenimento nas conversações familiares: Chama-se este divertimento em Sumadra, como em Bornéo, onde era igualmente usado, *pantum*. Tinha logar o desafio entre homem e mulher, e rematava por via de regra com uma troca de flores, symbolos da linguagem mistica, tão usada no oriente, ainda que só intelligivel para os iniciados neste modo de communicação. Pretende o autor, que ha pouco citamos, que nestes divertimentos as figuras e allusões fazem-se notar muitas vezes pela delicadeza, e que em algumas é para admirar a força da imaginação e vivacidade do sentimento poetico.

Estes homens tendo já chegado a tal gráo de cultura intellectual que podesse ser vulgar entre os homens, e ainda mesmo entre as mulheres o talento do improvisado, tinham dado tambem á sua linguagem aquella forma regular e constante que só com a escriptura se consegue. De facto os *malaio*s de Sumadra tiveram um modo de escriptura original antes da adopção dos caracteres arabes que os Europeos lá achiarão. O malaio como o arabe se escreve da direita para a esquerda, enquanto os *Batas Reyangs* e *Lampung*s escrevem da esquerda para a direita como o sanscripto e as linguas vivas da Europa.

Se a ilha de Sumadra pela diversidade das raças que encerra, torna difficil o trabalho da sua classificação, Java tão assombrosa pelos phenomenos da natureza que alli quasi diariamente se repetem de um modo ao mesmo tempo espantoso e sublime; tão assombrosa, dizemos, como notavel pelas obras da arte, é um testemunho importante de quão pouco proveitosa e instructiva será a comparação entre uma raça que tinha realisado tantas maravilhas architectonicas, e aquella cuja historia somente pela tradição se transmittia, cujas construcções erão tugurios mal formados que não estendião a sua duração alem de alguns poucos invernos.

Os *Jáos* são de pequena estatura e de côr amarellada, são hospitaleiros, respeitão os laços de familia, e não sem fortes motivos, abandonão o lugar onde os seus maiores descançam. Em vez do *pantum*, o entretenimento honesto dos *sumadrenses*, os *Jáos* (diz Raffles) aprecião o *tandack*, dansas de loureiras ou bailadeiras (boyadires). Estas dansas tem logar todas as noites em praça publica á luz de tochas e lanternas. Inferiores porem ás bailadeiras propriamente ditas, estas com maneiras lascivas, incitão e provocão os espectadores a tomarem parte no divertimento comprando a entrada, que é o lucro que disso tirão.

Se por um lado se dão com extremo ao vicio do opio, a idéa que fazem da perfeição physica na mulher estimando tanto as que são magras, como os chins ás gordas, fez com que estas uzem de um alimento tanto, ou ainda mais nocivo.

Leschenault de la Tour escreveu a Humboldt que nos seus mercados nacionaes se vende uma argilla ferruginosa torrada e dobrada em forma de canella que as mulheres comem porque as faz emmagrecer. Este vicio fortificado pelo habito torna-se infelizmente uma necessidade, e ellas vão perdendo o appetite, até que intisicão; porque, segundo a mesma autoridade, o *ampó*, que assim chamão a tal argilla, parece ter a propriedade de absorver o succo gastrico, de modo que, sem as satisfazer, dissímula as necessidades do estomago.

É antiquissima a civilisação de Java, e os seus annos remontão á mais alta antiguidade. Não obstante, Raffles considera que, o que nelles ha de mais certo, data do anno 76 da nossa era, que corresponde ao 4º da era Javaneza.

A sua religião foi o brahmismo em quanto floresceo o imperio de Madjapahit; mas no anno 1400 da era javaneza, depois de uma grande batalha que se prolongou duvidosa por espaço de 7 dias, Madjapahit foi tomada e destruida, e sobre as ruinas ainda fumegantes do imperio brahminico se elevou o mahomedismo, ha pouco mais de tres seculos e meio.

A sua religião era pois o mahomedismo, mas com vestigios do culto de brahma entremeado de outras crenças e superstições. Apesar de musulmanos e credulos, erão de facil tolerancia; mas tão eivados de prejuizos que em quanto os *Jãos* instruidos pretendem ser descendentes de Wichnou, os grosseiros habitantes

das montanhas se julgão nascidos do *Wouwou* que é uma especie de macaco.

Entre os muitos genios secundarios que reverencião tornão-se notaveis o *kabo-kamali* (o seu Mercurio) protector dos ladrões e feiticeiros, o *dademgaw* dos caçadores e animaes ferozes; e os *prayangans* que habitão as arvores e as margens dos rios: estes podem a seu bel-prazer tomar as formas de mulheres divinamente bellas que enfeitição os homens e os fazem enlouquecer.

Se a sua religião não é puramente a do arabe, ao menos o alcorão é restrictamente observado como lei escripta; mas alem dos preceitos do alcorão, tem outras leis admittidas pelo costume. Em consequencia destas duas fontes de legislação, tem duas especies de tribunaes—o *panghulu* que decide pelo alcorão dos crimes e causas mais graves, e o *djaksa* para os delictos policiaes ou correccionaes, regulando-se pelos usos e costumes.

O que porem torna Java sobre modo digna de attenção e estudo é a architectura e a esculptura, pois apresenta segundo os testemunhos de Rienzi e Raffles tão numerosos e admiraveis monumentos que estas duas artes, florescendo alli mais do que na Persia e no Mexico, chegarão a rivalisar com as do Egypto e Indostão.

Dizem os arabes dos monumentos que elles são as pedras escriptas querendo, e assim é sem duvida, que elles relatem aos seculos presentes a historia, o genio,

e a indole dos povos que deixarão de existir. Em Java tambem o estudioso Raffles não obstante suppor que os seus maiores monumentos são de uma epocha entre o nosso 6º e 9º seculo, quer que alguns sejam de construcção anterior á vinda de Christo, pondo-os assim de accordo com os annaes por elle descobertos e decifrados; e cujas paginas quando apresentam o cunho da verosimilhança datão do anno 76 da era vulgar.

Eis um brevissimo summario destes prodigios; prodigios os chamamos com alguma propriedade, considerando o tempo, o lugar e os homens que os realisarão.

Ha o grande templo de *Brambanan*, que tem uma piramide por tecto, e á entrada duas estatuas colossaes de guardas do templo—ou rechás—que os que a virão reputão da mais perfeita belleza, e semelhantes ás do templo de Benaréz, a patria das artes na India.

Ao norte de Brambanan vê-se o templo de *Loro-Djorang*, que consta de vinte edificios pequenos, sendo doze delles templos, em um dos quaes se nota uma bella estatua de *Ganeza*. Toda esta maquina, dizem, está rodeada de immensas construcções.

Os mil templos (*Tchandi Siwou*) com as estatuas dos rechás de 9 pés d'alto, posto que de joelhos. Deste escreve Rienzi que «nunca se contemplou maior numero de columnas, de estatuas, de baixos relevos, amontoados no mesmo lugar, tudo acabado e polido com o gosto mais fino e exercido.»

Apesar da perfeição do *Tchandi-Servou* assevera-se

que o templo de *Kalibening*, que se assemilha ao ultimo, revela comtudo mais arte e pericia de execução.

O de *Boro-bodo* que, segundo Raffles, data do 6º, ou quando muito do 8º seculo da era Javaneza, é construido em uma colina. Conta sete ordens de muralhas que decrescem no pendor do monte, sendo o cimo da colina e ao mesmo tempo do edificio coroado de um zimbório ou cupula magnifica. A muralha exterior é acompanhada de uma linha triplice de 72 torres, e nas muralhas e torres vê-se de espaço a espaço nichos abertos, que resguardão figuras de tamanho maior que o ordinario e em numero de mais de 400!

O que assombra porém é que no monte dos deuses *Gounong Dieng* tambem chamado *Gounong prahó* por affectar a forma de um prahó ou canôa, encontrão-se os restos de 400 templos, dispostos de um modo admiravel, e formando grandes ruas regulares.

Alem destes ha o magnifico mausoleo mussulmano de *Trangulan*; o pequeno edificio de *Sentul* de rara elegancia; o de *Gidah*, cujos ornatos e escultura revelão admiravel habelidade; as ruinas de *Madjapahit*, que cobrem o espaço de muitas milhas, e as antiguidades de *Penataram* reputadas as mais curiosas e consideraveis de Java.

Este povo tão dado ás artes já antes das suas relações com os Europeos estava dividido e em guerras que datavão de muitos seculos. O espirito guerreiro, succedendo-se ao genio das artes, influira para

que toda a população masculina fosse sujeita ao serviço militar, de modo que a Providencia, que deo um ferrão ás abelhas para defenderem as suas muralhas de cera, parecia ter chamado toda esta população as armas, aguerrindo-a durante muitos seculos para que defendessem da occupação estrangeira as obras dos seos antepassados.

Não seria, pois, sem grande difficuldade que ali se estabeleceriaõ os Europeos. Quasi esgotados os recursos de Portugal, e quando n'aquelles mares declinava o seo poder, apparecerão em 1596 os Hollandezes sob o commando de Hontman. Ali formarão um estabelecimento em 1600; mas foi somente fomentando as desavenças entre os soberanos e os vassallos, favorecendo ora a uns, ora a outros que ensancharão as suas possessões e cimentarão o seo poder com o sangue de infinitas victimas.

«Estes negociantes conquistadores, escreve o autor que já por vezes citamos <sup>1</sup>, souberão fundar-se e consolidar o seo dominio, aproveitando-se habilmente das desordens originadas das leis fendaes em vigor, e aniquillar o poder dos reis e dos grandes vassallos, já auxiliando a estes contra os soberanos, já auxiliando os soberanos contra os vassallos, quando já estavam por estes meio convencidos.»

Se quereis fazer uma ideia do que forão os Hollandezes em Java, e de como o amor do lucro tão po-

---

<sup>1</sup> Rienzi T. 1 pag. 97.

deroso e fatal como a ambição barateia o sangue humano para conseguir os seus fins, basta que saibamos que rebelarão-se, não em um século barbaro, mas em 1737, não selvagens nem anthropophagos que se tornara uma desculpa sedição para a crueldade, mas os Chins de Batavia. Batidos os revoltosos fora da cidade, os de dentro que não tinham tomado parte activa na revolta, foram obrigados a recolher-se ás suas casas enquanto a população christã se deu ordem de os matar e roubar sem mercê nem piedade; e assim se executou por tal forma que de nove mil que erão escaparão só 150!

Semilhantes aos Jáos são os habitantes das ilhas de Maduré, Lombok, e Bali. Sómente os de Bali (chamada tambem a pequena Java), em numero de um milhão de habitantes, posto que empreguem as designações de *allah* e *tuan*<sup>1</sup> seguem o culto de Chiva, depois que abandonárão o de Buhda. São de côr mais clara, mais fortes, mais bem feitos, mais intelligentes que os Jáos; porem ao mesmo tempo mais ativos, e insociaveis. Não contão somente as quatro classes dos sectarios de Chiva; mas uma 5.<sup>a</sup> a dos seus *poleaes* aqui chamados chandallas, classe impura que por isso habita fora das povoações.

O mais notavel dos seus costumes é levarem ao extremo da barbaridade, o sacrificio das viúvas, no tu-

---

<sup>1</sup> Palavra que na lingua *malaia* serve para exprimir a noção da divindade.

mulo dos maridos, e o das escravas por morte das senhoras.

Escrevem e tem livros, mas de folhas de palmeiras que offerecem pouca duração, e alem de ser trabalhoso o processo da escriptura, poucos se dão ao mister de amanuenses, porque temem offender escrupulos e prejuizos com a forma que casualmente dessem á lettra.

Como a descripção de cada uma dessas grandes familias que os ethnographos grupão debaixo da denominação commum de *Malaios*, trazia alguma confusão, consultarei alguns autores (cabendo o primeiro logar a Rienzi) para dar uma noticia dos seus caracteres physicos em geral.

São os *malaios* de estatura media, mas fornidos e bem proporcionados, de modo que apresentam os caracteristicos da força: posto que andem descalços, tem os pés pequenos, alimentão-se como os habitantes de climas quentes, de substancias ligeiras, tomadas em pequenas quantidades, o seu alimento é o arroz, o sagú, peixe, fructas, e especiarias. Homens e mulheres fazem frequente uzo de perfumes, queimando nos seus aposentos benjoim e gommias odoriferas.

Uzão os *Malaios* de uma comida que lhes ennegrece os dentes, o que reputão signal de belleza. É esta comida o *betel* que mascão misturando com cal viva, noz do *areck* e fumo: a esta mistura chamão os Jaos *Seri*, e se crê que seja estomacal, porque a isso se quer attribuir terem geralmente os que della fazem uzo habitual o halito perfumado. Outros, em vez do

*betel* tomão o *gambir*, também julgado estomacal, extrahido da substancia adstringente de nma planta sarmentosa, que também ennegrece os dentes, ceo da bocca e lingua, mas sem alterar as gengivas. Em algumas das ilhas da Malasia limão os dentes, em outras cobrem-nos de ouro, geralmente porem os ennegrecem, temendo apparecer com elles brancos a que chamão dentadura de cão.

Parecem participar dos hindous e dos chins; porém a cor da pelle aproxima se ao vermelho escuro do tijolo que distingue os *Illinezes* e *Caraibas*. Aproxima-se também em alguns ao branco e ao preto, o que se deve a mistura de raças. O tamanho da cabeça é menor que o setimo da altura; o angulo facial, segundo a medida de Rienzi formado de 2 linhas, que partem dos dentes incisivos superiores, acabando uma a nascença do nariz outra no orificio auricular, é de 80 a 85 grãos, raras vezes de 85 a 90; o nariz é curto, grosso, e algumas vezes achatado, a bocca grande, mesmo entre as mulheres, os olhos muitas vezes obliquos mais ou menos conforme a repetição de cruzamento com os *Chins*.

Este facto que por tal forma generalisamos, carece de explicação. Sabe-se que os *Chins* desde tempos mui remotos emigrão para as ilhas da Oceania atraídos pelos lucros que lhe deixa o commercio e interesse da lavoura e pescaria: alli se estabelecerão em grande numero, e como as leis da China obstem sob a comminação das penas mais severas a emigração do

outro sexo, casão-se com as mulheres indigenas, e d'ahi vem a obliquidade dos olhos que não é caracter proprio da primeira raça *malaia*.

As mulheres são bonitas, asseiadadas, esbeltas, flexiveis de talhe, e pouco pudicas; entre estas a côr é de ordinario mais clara, sendo quasi brancas as de Mani-  
ha e Formosa.

Francisco Leguat <sup>1</sup> dizendo que as mulheres de Java que não se expõe como os homens aos grandes ardores do sol, são menos trigueiras que elles, accrescenta que tem o rosto bello, o seio alto e bem feito, a tez boa e fina, e os olhos vivos, o riso agradável, e que algumas ha que dançam com graça.

Concluimos a descripção dos caracteres physicos desta raça com dizer que está sujeita a febres, syphiles, elephantases, e á lepra; querendo alguns que elles fossem os primeiros a conhecer o terrivel cholera, que os *Jaos* chamão *Mordechi*.

Vejamos agora se podemos acabar e explicar o retrato do homem com o desenho de suas habitações.

As habitações ruraes<sup>2</sup> nas principaes ilhas da Malasia, não são nunca isoladas, mas grupadas e agglomeradas como pequenas aldeias; e tanto as ruraes como as urbanas são cercadas de jardins. Em Java e Sumatra, nas Felippinas e Celebs aquellas são construidas

<sup>1</sup> Francisco Leguat (*Voyages de*). Amsterdam, T. 2º pag. 130.

<sup>2</sup> A descripção que damos das habitações e vestidos dos *Malaios* é tirada de Raffles e Crawford.

em um plano pouco elevado do solo, sem nenhuma outra abertura mais do que a porta. As paredes e divisões são de bambu entretelado; o tecto das folhas lanceoladas do *nipa*, ou de outra especie de bambú a que chamão *sirap*. De um lado mora o pae de familia do outro os filhos, corre uma varanda pela frente, que vai de uma a outra extremidade da casa, onde os homens tomão fresco, e as mulheres se entregão as suas occupações domesticas. As casas dos chefes tem 5 ou 6 quartos, e importarião em 20 quando as ordinarias custassem um.

Não tem somente casas vulgares, e moradas dos chefes, mas tambem palacios, e como alem dos palacios muito acima delles em sumptuosidade e arte os templos, de que já nos occupamos.

O palacio (*kratan*) offerece a perspectiva de um vasto quadrado de altas muralhas, circumvaladas por um fôss. O *kratan* de Djokarta tem uma legoa de circuito, e delle se diz que no cerco que soffreo em 1812 não conteve menos de quinze mil homens. Estes palacios tem na frente uma praça, o *alun-alun*, ao lado da praça a principal escadaria, no fim della, já no cimo do edificio, uma plataforma ou terraço, donde o soberano se mostra ao povo, emquanto os *pangerans*, que são os principes e os nobres, occupão os degrãos, segundo as suas dignidades formando um espectaculo vistoso.

Do outro lado do *alun-alun* fica a mesquita, e no centro da praça uma vasta galeria aberta por todos os

lados, e sustentada por dois renques de columnas. A esta galeria, que pintão e dourão ricamente, dão o nome de *mindopo* ou *bangral*, ainda que tambem se chame com os mesmos nomes uma construcção a um lado da praça, onde se reünem os *pangerans* antes da audiência do sultão.

• As casas tem poucos moveis, pois não uzão mesas nem cadeiras. Os *Jãos* comem em esteiras, de pernas cruzadas, sem facas nem garfos, e servindo-se da colher somente para tomar os liquidos. Segundo o uso mussulmano, não levão ao prato senão a mão direita, e tomão o comer com o pollegar e outro dedo.

O vestuario é-lhes necessario por causa da temperatura da athmosphera qual é em Java, Sumadra, Borneo, &. Nestas ilhas vestem-se bem, e presão o alinho.

Tiverão antigamente leis sumptuarias, e antes que cahissem em desuso; cada classe tinha um vestuario privativo que não podião modificar, sendo certos estofos reservados aos principes da familia real. Hoje a mais importante distincção que neste particular extrema as classes está na maneira de trazer o *kris*.

Os sacerdotes tem um vestido branco e um turbante semelhante ao dos arabes. Os *Malaios* em geral, como os *Jãos* de classe inferior, usão do *sarong*, especie de sacco sem fundo que usão como os escossezes do *plaid* e um bonet ou lenço na cabeça, quasi a modo de turbante. Alem do *sarong*, mesmo o *Jáo* de classe inferior usa do *kolambi*, que é um vestido de mangas curtas, o *kris* como arma defensiva, e na cabeça um lenço

em vez de turbante. Os homens costumão a voltar o cabello para o alto da cabeça e o segurão com um pente.

Os nobres tem dois vestuarios o de guerra e o de côrte: o primeiro quasi nada mais é do que umas pantalonas e tres *krises* do lado direito, e nas costas e do lado esquerdo a espada e boldrié. Trazem tambem sandalia e pantufos, e usão os cabellos compridos, que os homens da alta classe julgão de boa feição trazer, fluctuantes. Os *malaios* porem que não são *Jáos* assim como os *Buguis* os trazem curtos qualquer que seja a classe a que pertença.

Dos tres *krises* com que os *Jáos* se apresentam, o primeiro é adquirido, o segundo é herdado e o terceiro dadiva sponsalicia do sogro. Assim apresenta-se o nobre, revelando ter ao mesmo tempo, descendentes, posses e mulher.

Se vão á côrte, os nobres levão os braços e as espaduas nuas, assim como o tronco do corpo até á cintura; esfregão-se com uns pós de côr branca ou de amarello brilhante, côr extrahida talvez do açafrão.

As damas differem no trajar do commum das mulheres pelo luxo e riqueza do estofa que vestem, e pelo uso de pedras preciosas. Assim como os homens trazem sandalias, e se vão á côrte, é da etiqueta que levem diamantes, flores na cabeça, e uma cinta de seda amarella com franjas vermelhas nas pontas. Esta distincção de trajes entre as mulheres das diversas classes não importa, como se poderia suppor, uma differença

radical nas condições. Todas ellas activas e industriosas se encarregão de tecer os vestidos dos maridos; porque estes se enorgulhecem e vanglorião de que ellas se mostrem peritas, e neste ponto se achão por tal forma niveladas, que a esposa do rei sugeita-se a este costume como a mulher do mais pobre.

\* São dados á navegação como erão os *malaios*, podião transformar-se e de facto se transformavão em piratas, ainda que algumas vezes tambem a sua actividade se empregaria em tractos mais honestos. Davão-se pois ao commercio, e a China de ha muitos seculos mercado das suas producções, dava-lhes tambem commerciantes.

Após o commercio vinha a colonisação, a colonisação lenta e insensivel que se origina das relações do commercio, do cruzamento das raças, da troca dos costumes, da linguagem e da religião. E tantos erão e tantos são ainda os chins nestas partes que arrostão a autoridade dos principes indigenas, ao passo que zombavão dos hollandezes. Diz Crawford que os djonks, ou juncos, navios de 100 a 150 tonelladas transportão annualmente de 400 a 500 chins para Java, alem dos que demandão as Philippinas, Hollo, Buitang, Banka e outras ilhas.

A agricultura abandonada pelos *Malaios*, que a estimão em pouco, está nas mãos dos *Chins*, povo laborioso e activo que só tem dois feriados, o primeiro e ultimo de cada anno. O primeiro que é destinado a visitas entre si, depois da commemoração dos finados

com que rematão o anno. Dos generos da sua cultura, que são ao mesmo tempo os de producção brasileira, a Oceania Hollandeza dá annualmente 6:000 toneladas de café alem de 150:000 quintaes que Java produz, e 12 a 15 milhões de lb. de assucar, (cerca de 300:000 arrobas) que lá se vende por um sexto do preço dos assucars do Brasil. Estes resultados são devidos em grande parte a industria hollandeza; mas fôra injusto negar-se que os *Chins* cooperão poderosamente para elles; porque os *Chins* inimigos do ocio parecem ter profundamente gravado no espirito a maxima de um dos Imperadores do celeste imperio, que lhes dizia exhortandô-os ao trabalho. «Se em algum recanto do celeste imperio existir um homem que nada faça, deve de haver outro que por essa mesma razão soffra e careça do necessario.»

Na Malasia é toleravel a sorte das mulheres, excepto entre os *Batas* e alguns outros, que as reputão ou pelo menos as tratão como bestas de carga. A anthropophagia, que mais ou menos existe em toda a Oneania domina aqui principalmente, assim como a escravatura, que é alimentada, por uma especie de trafico activado pela pirataria. Os *Achenenses*, os *Buguis* e os *Malaios* são os principaes traficantes, e os theatros de suas mais frequentes expedições as ilhas Celebes, Philippinas, Pulo-Nias, Bornéo, Timor e a Papuazia.

São todos muito dados á bebida, que conhecem com o nome de *kavva*, cujo nome parece recordar o cauim dos nossos indios. Em vez de pinturas, trazem dese-

nhos gravados na pelle de modo indelevel, como diz entre outros, Faria e Souza. «En la piel de todo el cuerpo usan muchas labores.»

Quanto á linguagem não tendo podido consultar se não alguns vocabularios imperfeitos e resumidos, refiro-me a opinião de Rienzi, que diz ser o malaio a mais extensa das linguas da oceania, a qual com mais pureza é fallada em Sumatra, d'onde é originaria. É usada (escreve o mesmo autor) nas costas das ilhas que fazem parte da Malasia, em parte da península da Malakka, e o que é mais extraordinario em Madagascar, junto ás costas d'Africa e na ilha Formosa situada perto da China e do Japão. Esta lingua, accrescenta elle, tão harmoniosa como a italiana e o portuguez está consagrada aos negocios e ao commercio: e bem que tenha admittido muitos vocabulos sanscritos, talingas e arabes, é como o Hindostão na India, como a lingua franca em Argel e no Levante, e como o Francez na Europa.

Com o uso de uma lingua perfeita, harmoniosa e rica, não chegarão comtudo os *Malaioes* a compor tratado nenhum scientifico ou especulativo: delles se diz que crão mais versados em astronómia do que em nenhuma outra sciencia; pois que nas suas navegações se guiavão pelos astros, e conhecião o curso dos planetas, as pleiades, o syrio, orion, &c. Tinhão porem litteratura se lhes faltava a sciencia. Sabe-se de muitos romauces dos *Jaos*, entre outros o do malaventurado Pandji, príncipe de fabulosa memoria, de apologos sanscritos,

de poesias antigas e paraphrases dos dois grandes poemas epicos da India, o *Mahabharata* de Viara e o *Ramayana* de Valmiki; e entre as grandes obras da sua litteratura conta-se o *Brata-yondha* poema epico da guerra sagrada, e o *Maneu-maya* obra mythologica.

Tratando da litteratura não nos devemos esquecer do theatro. Têm elles duas especies de composições dramaticas: o *topeng*, cujos personagens são mascarados, e o *waiang*, theatro de sombrinhas e bonecos. O assumpto do *topeng* é tirado da historia de Pandgi, o heroe predilecto da historia de Java. Quando, porém, o principe assiste ao espectáculo os actores deixão a mascara, e cada um recita a sua parte; nas outras occasiões, o que é mais frequente, o *dalang*, que corresponde ao nosso director, contra-regra, e ao mesmo tempo ao nosso ponto de theatro, vae recitando o dialogo, emquanto os actores em numero de seis gesticulão; e a musica composta de quatro instrumentos, os acompanha, exprimindo os diversos affectos que se querem transmitir aos espectadores.

O que faz entre elles as vezes de comedia é uma acção mal concertada entre um macaco, um cão e um idiota; e outras vezes uma especie de pantomima, em que os personagens se combatem, vestidos com pelles de animaes ferozes.

O assumpto do *wayang* é tirado dos primeiros tempos da historia de Java, antes da destruição do imperio de Madjapabit. Ha tres especies de *wayangs*.

O *wayang-purva*, que trata dos deoses, semideoses

e heroes de Java, e da India, segundo os poemas de Rama e Mitanraga.

O *wayang-gedok*, começa d'onde acaba aquelle, desde o tempo de *Parikisit*, e do seo successor *Lalean* até o seo restabelecimento. O drama do primeiro genero é recitado na lingua erudita, escripta ou religiosa de Java, o *kawi*; e o segundo em *jáo* vulgar.

O *wayang-klitik* é uma representação de bonecos, e o assumpto tirado das chronicas *Javanezas*, desde o imperio de Majajaran, até o fim do de Madjapahit.

O *dalang*, personagem de que já fallamos é muito respeitado, e a sua profissão debaixo de muitos pontos, comparavel á dos antigos bardos. E é tanto mais considerado o seo emprego, que ao *dalang* incumbe abençoar o primogenito de cada familia, repetindo com solemnidade diversas passagens das antigas lendas.

Generalizando os factos temos que a religião mais seguida, é o mahometismo, posto que o culto de Budha tenha sectarios no interior de Java, e o de Chiva em alguns outros pontos.

Temos para os caracteres, segundo a maior parte dos viajantes hollandezes <sup>1</sup> que os naturaes destas ilhas são robustos, bem feitos, nervosos e bem musculados, o rosto chato, faces largas, palpebras grandes, olhos pequenos, maxillas grandes, cabellos corridos, tez morena, pouca barba, ao que se deve acrescentar que deixão crescer as unhas, e limão os dentes.

<sup>1</sup> *Recueil des Voyages de la compagnie d'Hollonde*. Amsterdam. 1702, t. 1.º pag. 392.

Quanto á condicção dos *malaios*, diremos, generalizando tambem os factos que elles vivião no estado feudal. Uma pequena parte da nação se compunha dos nobres, os *orang-kaias*, que vivião na maior independencia, e exercião um despotismo tanto mais violento, que davão por fundamento a sua proeminencia o terem uma origem divina: a maioria era serva ou escrava; porém erão os nobres os que apesar do seo numero limitado avultavão pela influencia moral. Estes aproveitavão-se do seo poderio para se rebellarem contra o sultão, e autoridades superiores, emquanto por outro lado pesavão despoticamente sobre a população, de cujos suores vivião e se opulentavão.

«Curvados (escreve Rienzi <sup>2</sup>) curvados sob o imperio da organização feudal, os *malaios* são inquietos, turbulentos. . . amão com paixão as navegações longinhas, as emigrações, as guerras, as empresas arriscadas, as aventuras perigosas, as festas, a pilhagem, os combates, os jogos, a vingança e a galantaria. Posto que fallem a lingua mais doce e mais harmoniosa do oriente, são perfidos, feroses, e implacaveis em suas inimidades. Pouco religiosos, não obedecendo a alguma outra lei senão aos prejuizos insensatos de uma pretendida honra, raras vezes de accôrdo com as leis da justiça e da humanidade, estão sempre em armas, e sempre em guerras ou entre si, ou com os seus visinhos.»

É tempo já de nos occuparmos com os *Polynesios*.

---

<sup>2</sup> Rienzi, observações citadas: t. 1.º, pag. 87.

### CAPITULO III.

#### Polynesios.

Demos como principaes pontos da Polynesia, segundo a divisão de Eichtal <sup>1</sup> a Nova Zeelandia, os archipelagos de Sandwich, Taiti e Tonga; porque, como quer este autor em todos estes pontos, ainda que tão afastados, é a raça a mesma e a linguagem identica.

Para dar uma ideia ainda que fraca da importancia do povo de que nos vamos occupar, citaremos um trecho de Eichtal na obra citada, o qual depois de varias considerações em que procura provar a conformidade das raças na Oceania, nota por fim a semilhança da sua organização social e do seu systema religioso, systema que segundo nos tem revelado Morenhout <sup>2</sup> é muito superior a ideia que delle se tinha formado ao princi-

---

<sup>1</sup> *Histoire et origine des Foullahs.*

<sup>2</sup> *Voyage aux Iles du Grand Ocean.*

pio, e que apresenta concordancias tão extraordinarias com os systemas religiosos da Asia e do Egypto, que hoje de necessidade devemos ali reconhecer um fôco de iniciação que tinlia sido por muito tempo ignorado.

«Este desenvolvimento pareceo tão extraordinario a alguns escriptores, á frente dos quaes deveremos collocar Urville e Morenhout, que elles acreditavão que tal desenvolvimento não podia ter tido começo em uma sociedade puramente insular. Por outro lado, apoiando-se em algumas tradições locaes, collocarão a séde deste desenvolvimento em um continente que outr'ora teria existido á leste da Oceania, e que depois terá desaparecido por um cataclysmo terrestre. Esta hypothese que tambem estes autores não apresentarão senão sob a fôrma dubitativa, está com effeito longe de poder ser demonstrada, e nem por ventura se faz precisa para a explicação dos factos a que deve a sua invenção, mas ao menos demonstra qual é o gráo de impressão produzida pelo expectaculo da civilização polynesia sobre aquelles que a estudarão.»

Qualquer porem que tenha sido a origem dos polynesios, passaremos de leve sobre o assumpto, como um d'aquelles pontos duvidosos, para cuja solução nem a historia, nem os monumentos, nem as relações dos viajantes nos prestão sufficiente luz.

A affinidade dos dialectos polynesios ha muito entrevista, mas completamente demonstrada pela primeira vez pelo illustre Marsden,<sup>1</sup> lèvou Crawford a pre-

---

<sup>1</sup> *Misc. Works.*

suppor a existencia de um povo que elle chamou «The great polynesian people», que os francezes traduzirão, o grande *Polynésio* (le grande polynésien) expressão que foi como consagrada por Balbi no seu Atlas Ethnographico.

Pensando que a civilisação polynésia deveria ter tido um foco, quer Crawford enxergal-o em Java: acha que as palavras mais usuaes em outros dialectos tem no *jáo* uma fôrma mais pura e logica. Assim é que comparando o *jáo* com o *malaio*, vê que muitos termos, tendo na primeira lingua um sentido proprio, são empregados na segunda em sentido figurado; e que outros termos *malaio*s, são apparentemente simples; porem na realidade compostos de particulas elementares cujas radicaes são *javanezas*. Conclue pois que a lingua *Java*, em relação as outras do archipelago, tem a phisionomia de uma lingua mãe.

Tudo ista que se allega, prova quanto a nós a influencia exercida por Java sobre as ilhas proximas; mas não demonstra que seja o paiz primitivo dos *Polynésios*, nem que os seus habitantes fossem aquelles de que descenderão as outras raças da Oceania.

Esta nação, como diz Crawford do seo grande povo *polynésio*, tinha chegado segundo todas as probabilidades a um estado superior aos dos *Mexicanos* porque não somente tinham o uso do ferro, e dos grandes animaes desconhecidos aos *Mexicanos*; como a difusão da sua lingua por tão largo espaço, prova ter aquella nação feito consideraveis progressos na navegação.

Parece mesmo que terá possuído um alphabeto e um calendario nacional, o que, se assim fosse, tornaria incontestavel a sua superioridade.

Marsden <sup>1</sup> indicando a necessidade de uma lingua mãe, não se inclina muito a procural-a em Java: não sabe em que direcção se terá propagado esta lingua ao travez do archipelago, com quanto lhe pareça verosimil que a sua direcção tenha sido de leste a oeste. No mais, bem que por virtude de circumstancias, tenha sido o *malaio* melhor cultivado que os outros dialectos <sup>2</sup> julga que longe de ser lingua mãe não é senão um dialecto como os outros.

Segundo Crawford, pois, este povo communicou ao menos em parte a sua lingua, artes e costumes, a todos os povos do archipelago. Marsden <sup>3</sup> porem se oppoz a esta opinião pensando que os elementos semilhanes das differentes linguas da Polynesia, não são senão os proprios restos da lingua primitiva commum a toda a raça amorenada (*brunâtre*), e que os elementos dissemilhanes provinhão simplesmente das alterações successivas que o tempo e as circumstancias não deixão de introduzir nas linguas, sobre tudo nas que são escriptas.

Quanto aos aborigenes da Polynesia (Guygues <sup>4</sup>) pare-

<sup>1</sup> *Misc. Works*, pag. 5.

<sup>2</sup> Obra citada, pag. 79.

<sup>3</sup> Obra citada, pag. 15.

<sup>4</sup> Vide. t. 2.º das *Memorias da Academia das Inscriptões*. «Recherches sur les navigations des Chinois du coté de l'Amérique, et de quelques peuples situés à l'extrémité orientale d'Asie.»

ce querer descobri-los nos *chins*; que segundo elle desde o 4º seculo da era christan, viajavão nos mares da America, chegando ao Perú e percorrendo muitas ilhas da Malasia e até algumas das Polynesia.

Court de Gebelin, o autor do *Mundo Primitivo*, vai muito alem das navegações dos *chinezes*, pretendendo achar entre os *Fenicios* os primeiros povoadores da Polynesia. Funda-se para esta opinião, em que estas ilhas devem ser os restos de um antigo continente revolucionado pelas aguas e vulcões, que ali ainda hoje occasionão terriveis desastres; e para explicar a falta absoluta de tradições locais, pretende que fosse o cataclysmo posterior a estas viagens, que datarião de cerca de tres mil annos.

Ellis <sup>1</sup> suppõe que os *Polynesios* são originarios da America Meridional, bem que nem um, nem outro dos autores citados descobrissem fundamento algum nem mesmo para uma hypothese neste sentido; em quanto outros negão que haja semelhança alguma entre os *Polynesios* e *Americanos*, nem de leis, nem de costumes, nem de constituição physica. Este autor porem escrevendo sob a influencia de opiniões inteiramente differentes das que Urville e Morenhout adoptarão, concorda, ainda assim com elles quanto a direcção que tiverão os *Polynesios* em suas emigrações.

«Os monumentos que se encontram (escreve elle <sup>2</sup>), nas ilhas da Polynesia oriental são todos por extremo

<sup>1</sup> *Polynesia researches*.

<sup>2</sup> T. 2.º, pag. 50.

grosseiros, e por consequencia fazem crer que o povo a que pertencião devia descender de uma nação, cujo estado fosse proximo ao da barbaria, e assim, incapaz de construir as embarcações por cujo meio deveria elle ter percorrido nos mares do sul de seis a oito mil milhas, contra os ventos geraes (*alisados*) que soprão regularmente de leste, o que de necessidade se deverá suppor se quizermos que os *polynesios* descendão dos *malaio*s.

«Por outro lado facil é de conceber como os *malaio*s terião podido vir do levante: os ventos terião facilitado a sua passagem; e de mais o estado elementar da sua civilisação quando forão descobertos, antes faria lembrar a condição dos aborigenes da America do que a dos Asiaticos.»

Apoia-se tambem este autor no exemplo frequente de viagens em frageis canoas, seguindo a mesma direcção, e nas tradições da ilha de Raiatea, e de uma das de Harvey, concluindo que as populações das ilhas do mar do sul vierão de leste. O que parece comprovar a opinião deste autor é que as derrotas maritimas lembradas pelos viajantes ou conservadas nas tradições dos naturaes, effectuarão-se invariavelmente de leste a oeste, isto é, em sentido directamente contrario ao que deveria ter acontecido no caso de que a população destas ilhas tivesse vindo do archipelago indiatico. Isto comtudo não tem sido rasão bastante para que os autores uniformisassem as suas opiniões ou conjecturas. Lesson os faz descendentes dos *Caroli-*

nos, *Mongoes* e *Japões*. Marsden os reputa originarios de Sumadra, Maltebrun de Java (nem somente os *Polynesios* como os *Malaios*); Forster (pae)<sup>1</sup> de um antigo continente que se suppõe submergido e reduzido a ilhas: é esta igualmente a opinião de Dumond d'Urville<sup>2</sup>; sendo que quanto a direcção destas emigrações são concordes. Ellis, Morenhout, Urville e Mac Colloc<sup>3</sup>.

Rienzi considerando-os como tribus dispersas da mesma nação, porem ainda semelhantes em linguagem, instituições cerimonias e no tapu, algumas vezes com as mesmas leis e o mesmo culto, quer que a sua patria commum, a officina gentium, seja Bornéo, e o tronco dos *Polynesios*, os *Dayas Buguis*.

Alguns d'entre estes homens, (escreve elle<sup>4</sup>) terão abandonado a sua antiga patria e transportado o sobresalente da sua população, seguindo o mar entre Kalemantan e Mindanáo; e por este meio terão penetrado no grande archipelago das Carolinas, donde se forão successivamente estabelecendo em outras ilhas, á mediãa que os polypos e vulcões, terião collocado novas terras no Oceano.

Eichtal, que já algumas vezes citamos, expondo as opiniões de Marsden e de Crawford, acha-as desculpaveis, porque não poderão ter estes dous autores muitas noções dos *Polynesios*; pois o que no seo tempo

<sup>1</sup> 2.<sup>a</sup> Viagem de Cook.

<sup>2</sup> Voyage de l'Astrolabe.

<sup>3</sup> Researches philosophical and antiquarian.

<sup>4</sup> T. 1.<sup>o</sup>, pag. 356.

havia a tal respeito de mais importante erão os dados fornecidos por Cook, e Bonganiville, não tendo ainda apparecido os trabalhos dos Missionarios Inglezes, os de Freycinet, Urville, Chamisso, Luthe, Rotzbue, Dillon e Morenhout e de outros sobre as populações, linguas e instituições dos *Polynesios*. Na opinião de Eichthal a origem da civilisação do grande *Polynesio* do archipelago se acha na *Polynesia* propriamente dita; pois este autor pretende que tenha havido importação dos elementos *Polynesios* para a região occidental da Oceania, e que o inverso não seja igualmente verdadeiro. Esta falta de reciprocidade explica elle por considerações meteorologicas, que é certo, outros antes delle já tinham feito; mas que elle collige e reproduz porque fazem ao seo caso. Os fundamentos da sua opinião podem resumir-se em poucas palavras. Em toda a extenção do mar do sul, entre os tropicos, o curso dos ventos alisados é de leste a oeste; as correntes geraes seguem a mesma direcção, por cujo motivo as fracas embarcações dos *Polynesios* poderião ir facilmente de ilha em ilha, da Polynesia ao archipelago, d'oude uma vez chegadas, se verião impossibilitadas de voltar.

Morenhout resume as suas opiniões sobre a origem e emigração deste povo <sup>1</sup>.

«Se é verdade que os focos das populações se pos-  
são reconhecer pela belleza e perfeição corporea de

<sup>1</sup> *Voyage aux Iles du Grand Ocean*: t. 2 c., pag. 250.

cada uma das famílias que as constituem; e se cada um destes focos é o centro de uma lingua mãe da qual provierão differentes idiomas ou dialectos, é certo que as ilhas Polynesias são o foco da grande família malaia; porque só nas ilhas Polynesias esta raça junta a uma estatura elevada e á bellas proporções uma regularidade e bellesa corporea que se não acha em nenhuma das partes das ilhas malaias, nas quaes, assim como differem a linguagem, os habitos e os costumes, differem os traços, e por toda a parte parecem corrompidos pela mistura de especies menos bellas, e de idiomas menos perfectos.

La Perouse, compartilhando as opiniões do seo tempo, quanto á origem malaia dos *Polynesios*, procura prevenir e responder a objecção que se poderia formular de terem os *Polynesios* estatura, força e proporções superiores aos malaios. Suppõe que elles deverião estas qualidades a abundancia de alimentos, a doçura do clima, e a influencia de differentes causas phisicas que tivessem constantemente obrado sobre elles durante muitas gerações successivas. Não obstante, Morenhout conclue que o foco dessa bella raça teria sido um continente situado a leste do mar pacifico.

Como semelhante hypothese foi mais amplamente desenvolvida por d'Urville, aproveitar-nos-hemos da exposição deste viajante.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *Voyage de l'Astrolabe*. Philologie: pag. 303. Morenhout: t. 1, pag. 371. Ellis: t. 1, pag. 386.

«Quando se reflecte attentamente nesta admiravel semilhança de caracteres physicos, de costumes, de ideias religiosas e de linguagem entre os grupos da Polynesia; semilhança tal que estes homens parecerião antes pertencer á províncias da mesma nação do que a archipelagos distinctos e separados por immensos intervallos de mar; quando ao mesmo tempo se considera a singular diversidade que reina entre as tribus das ilhas occidentaes; emfim quando se pensa que em nenhuma parte, nem ao oriente nem ao occidente da Polynesia se achão regiões que possamos reputar com algum fundamento, nem mesmo apparencia d'elle, berço dos povos *Polynesios*: não seria mais simples supôr que um continente ou grande ilha como a Australia deveo de occupar outr'ora uma porção da Oceania, habitada por um povo, do qual não são as tribus *polynesiãs* senão fragmentos sobrexistentes de alguma grande convulsão do globo? Em qualquer parte da Oceania (acrescenta o mesmo autor) em que ha ilhas altas, estas apresentam vestigios mais ou menos recentes de vulcões, e outras ainda contem erateras em plena actividade.»

Temos largamente exposto a opinião destes autores por me parecer que do que se tem ultimamente escripto sobre a origem e emigração dos *Polynesios*, nasceo a ideia de os comparar com os *Americanos*. É que se pretende achar identidade de origem entre os *Americanos* e *Polynesios*, principalmente entre estes e os *Americanos* do sul, e entre os ultimos mais particu-

larmente ainda com os *Caraibas*; e os *Caraibas* como quer D'Orbigny pertencem á raça *Guarani-brasiliense*. Ora considerados os povos da Oceania como *Polynesios*; negros, e os descendentes desta mistura, teriamos de nos occupar de tres e não de quatro especies; e a comparação seria tanto mais facil que por um lado haveria identidade de origem entre os *Tupys* e *Polynesios*; por outro são os *malaios* inferiores áquelles, e os pretos ficarião quasi fora de comparação, por lhe serem inferiores; sendo que os de muitas partes, como os *Australios* estão no ultimo grão da escala da humanidade.

Infelizmente a opinião dos que procurão descobrir identidade de raça entre estes povos carece de fundamento <sup>1</sup>.

O autor hespanhol Martiny de Zuniga <sup>2</sup> considerando a constancia dos ventos, das monções e das marés nas ilhas Felippinas, a impossibilidade de ter vindo a emigração do oeste, combate a supposição da origem asiatica dos *Polynesios*, assentando que esses insulares provinhão antes da America, que do continente, passarão ás ilhas mais proximas, e se espalharão de ilha em ilha, chegando até Madagascar. Procurou, e julgou achar nos *Chilenos* o seo termo de comparação para o que, segundo a opinião dos entendidos, lhe foi preciso alterar o tagale.

<sup>1</sup> V. *Exp. de La Perouse*.

<sup>2</sup> *Istoria de las Islas Felipinas*. Manila, 1803: citado por Dummore Langue: pag. 83.

Dummore Lang <sup>1</sup> porem, escrevendo sobre a origem e emigração dos *Polynesios*, estabelece uma opinião inteiramente contraria a do autor hespanhol, querendo dar-lhes uma origem asiatica.

Ellis <sup>2</sup> tambem dá aos *Americanos* e *Polynesios* uma origem asiatica mas entrevê semelhanças entre os ultimos e os *Mexicanos*, e alguns habitantes da America do Sul.

Eichtal estabelece a existencia desde tempos immoriaes de uma civilisação polynesia elemental, porem muito regular e completa; e, suppondo que o seo desenvolvimento teve por theatro um dos dois continentes, Asia ou America decide-se pelo ultimo. Como não podemos entrar em discussão com Eichtal e ao mesmo tempo não tenha ainda a sciencia admittido as suas conclusões, contentar-me-hei de oppôr a sua, outras autoridades respeitaveis.

Combatendo a hypothese da origem americana dos *Polynesios* diz Marsden <sup>3</sup> que as linguas do Sudoeste da America não offerecem affinidade alguma com o *Polynésio*. D'Urville vae mais longe, dizendo que não a achou entre o *Polynésio*, e nenhuma das do continente visinho. «Nenhuma das linguas da America (diz elle) offerece o menor ponto de contacto com o *Polynésio*.» Guilberme Humboldt diz que poderia haver alguma

---

<sup>1</sup> Eichtal. *Mem.* T. 2.º p. 233, 1.ª parte.

<sup>2</sup> T. 1 p. 119: cit.

<sup>3</sup> Pag. 5.

connexidade entre as linguas da America e da Polynesia; mas acrescenta que o estudo das linguas americanas não permite marchar senão com muita reserva sob a fé de taes indicações.

Morenhout por fim admite que a identidade de origem dos *Americanos* e *Oceanicos* se conclue da constancia dos ventos reinantes, que se opporão á emigração asiatica; mas acha que semelhante hypothese não tem por apoio senão costumes mais ou menos analogos, do que pouco se pode concluir, por serem communs ás nações na sua infancia; que de resto não tem a menor affinidade de caracteres nem de linguagem.

«Emfim (diz elle) parece inteiramente impossivel que embarcações semelhantes ás que forão achadas entre os habitantes do novo-mundo tivessem podido vencer a prodigiosa distancia que os separa da ilha de Pascoa, a mais oriental das ilhas oceanicas até hoje conhecidas. Pois de qualquer ponto que partissem deverião atravessar de 1200 a 1500 milhas, para tocar nesta ilha, que é como um ponto imperceptivel nesta immensidade; e terião perecido á fome e a sêde antes de ali chegarem. Quanto áquelles autores que com um rasgo de penna os fazem vir do Mexico, da California, do estreito de Behring mesmo ás ilhas de Sandwich, e d'ali percorrerem as quatro partidas do Oceano Pacifico, é força que responda um sorriso á simples exposição de tal systema; porque basta lançar os olhos sobre os meios de navegação dos Indios *americanos* para nos convenceremos de que taes navegadores não terião po-

dido andar tantas milhas quantos grãos se pretende que elles tinbão percorrido.»

Rienzi os considera como descendentes dos *Dayas* puros de Bornéo, cujos caracteres apresentam, accrescendo que entre ambos se reputa sagrada a propriedade dos grandes e dos sacerdotes, e é a linguagem destes como o termo medio, como uma transição entre o *malaio* e o *Polynésio*. Dos *Dayas*, que o mesmo autor acha extremamente semelhante ao do Taiti, e Nova Zeelandia e Baltas, quer elle tambem que provenhão os *Touradjas* e *Buguis* de Celebs, os *Balinenses*, os das ilhas de Nias, Nasau ou Poggi, Ternate e Gilollo, os de uma parte das *Molucas*, e do archipelago das Philippinas e das ilhas Paláos.

Passando a caracterisal-os, Cook e Bouganville, que principiarão a observar com mais escrupulo a Oceania, retratão os *Polynésios* de um modo por demais lisongeiro, apresentando-nos os homens como outros tantos Hercules, e as mulheres como se fossem outras tantas Venus.

Como estes exagerarão o physico, exaltarão outros a condição e o moral, encarecendo a felicidade extrema e a innocencia edenica que fruião os *Polynésios*. Segundo estes seria a Polynesia a patria privilegiada do homem: ali a natureza mais do que em qualquer outra parte generosa teria prodigalisado aos felises habitantes desta porção do globo, saúde, alegria e abundancia, harmonisando-se em venturoso consorcio, o céo, o solo, as producções e os homens.

Descendo porem das regiões da fantasia, Morenhout (Tom. 2º, pag. 248) os descreve quanto ao physico: «A cor azeitonada (*olivâtre*) tirante a moreno, mas não de cobre, e variando pouco nas differentes ilhas: estatura elevada, muito acima do talhe medio, membros nervosos e perfeitamente desenhados, fronte alta physionomia aberta, olhos negros, grandes, vivos e cheios de expressão nariz quasi nada achatado, boca bem feita, posto que os labios sejam geralmente mais grossos que os da raça branca, dentadura soberba, face oval, angulo facial aproximando-se ao da raça branca, e muitas vezes igual, cabellos negros e frisando em largos anneis.»

Crawfurd dá delles uma descripção bem differente, notando principalmente que a estatura media seja de 4 polegadas inferior á dos europeus.

Ellis mais minucioso e mais confuso tambem do que Morenhout diz que a cor é de um moreno azeitonado, bronzeada ou avermelhada, tão distante do negro e do ebano dos africanos, como do amarello dos *malaios* e da chamada cor de cobre dos *Americanos*. No mais neste particular nota a diversidade que se encontra nos homens de differentes ilhas e ainda nos da mesma ilha. Estatura acima da media, menos fortemente musculados que os de Sandwich, mais robustos que os *Marquesanos*, e todavia no talhe e forças inferiores aos da Nova Zeelandia. Accrescenta que tem os membros bem conformados, movimentos promptos, maneiras nobres, graciosas e faceis.

O que delles mais geralmente se escreve é que tem physionomia franca e sympathica, fronte baixa, mas tambem alta e bem feita, sobrecilios negros, bem desenhados, algumas vezes curvos, mas geralmente rectos: olhos raras vezes grandes, mas plenos, brilhantes e negros de jaspe; nariz recto ou aquilino, raramente chato, ventas cheias, dentes brancos, posto que alguma cousa compridos de mais, dentadura completa, excepto em extrema velhice, orelhas grandes, queixo inferior saliente, face oval ou redonda, feições raramente angulosas e de perfil semelhante aos europeus, cabello negro, brilhante, ou castanho escuro, corridios, mas não seccos nem asperos como o dos *Americanos*.

Rienzi reconhecendo com La Perouse e muitos outros a superioridade das formas corporeas dos *Polynesios*, comparadas com as dos *Malaios*, os descreve aproximando-os aos *Dayas*, isto é, a côr amarellada mas ou menos carregada, fronte mais elevada que a dos *malaios* e a physionomia mais delicada, altos, robustos e mais bem feitos do que aquelles, os cabellos negros, abundantes e asperos; a cabeça sem os caracteres da belleza, nem os da grandesa, o nariz curto, indicio de pouca energia e constancia, a boca grande indicando appetites grosseiros, olhos espantados (*hagards*) a vista obliqua, indicio de timidez, temor ou tristeza, de exterior agradavel com o angulo facial um pouco menos aberto que o da raça caucasia.

Não se contentando, como os *Guaranis*, de pintarem o corpo de diversas côres e desenhos, erão

versados na arte de gravar signaes na pelle de modo indelevel (*tatuage.*)

É este um costume que se acha geralmente admittido na Polynesia, ainda que tenha, segundo as tribus, defferentes significações.

Nas Carolinas não procedem a esta operação senão sob a influencia de ideias e com praticas religiosas. O chefe que é o operador invoca o favor da devindade sobre a pessoa que vai assinalar; e como o agouro favoravel póde não manifestar-se logo, retarda-se muitas vezes a operação por longo tempo, e até por toda a vida do individuo; pois creem ou fazem crer que, se o fizessem sem aquella intercessão, o mar, a só cousa que elles respeitão, submergeria as suas ilhas. Luke diz que os habitantes de Otidia recusavão repetidas vezes abrir taes marcas aos officiaes russos que lh'o pedião, de cujo facto Rienzi conclue que talvez uma especie de distincção nacional inhibisse os *Polynesios* de os conferir a extranhos.

Se não é caracterisco nacional é ao menos distincção de classe, que de quanto mais signaes se cobre tanto mais elevada é. Lesson diz que elles vestem e quasi cobrem por esta forma a nudez. Os chefes de Nuka-Hiva como que trazem um colete natural, os da classe inferior tem menos desenhos e de menos arte, muitos dos escravos carecem absolutamente delles. Mas o que indica que este desenho não é simples fantasia ou caprixo do operador é a fidelidade com que elles procurão reproduzir os traços que copião de uns para ou-

tros. Lêmos nos romances de Cooper que por signaes desta arte gravados se reconhecia a turba ou familia a que pertencia o operado.

Aqui acontece o mesmo; mas aos signaes da infancia usão accrescentar outros, quando adultos, para memoria de seus feitos, ou memoria de algum acontecimento. E nem só por esse motivo, sendo que tivessem em vista o mesmo que os *Guaranis* com as suas pinturas. Lesson é desta opinião quando pretende que visto como o sêo aspecto adquire assim uma apparencia notavel de ferocidade, esse uso proveria do desejo de inspirarem grande temor aos inimigos, como tambem para conservação dos documentos da sua gloria; pois é um testemunho da paciencia do guerreiro: soffre a dôr que sempre acompanha uma operação que fere os órgãos mais sensiveis da periferia do corpo.

Quanto ás mulheres, posto que geralmente menores que os homens, são proporcionalmente mais fortes e maiores que as mulheres inglezas (o que já não é pouco) formas plenas, mas sem corpulencia, sendo algumas notavelmente altas e robustas. Parece porem que se distinguem entre todas as mulheres da Oceania, porque as suas bailadeiras são estimadas pela belleza e elegancia, maneiras faceis e graciosas, que neste ramo lhes tem dado a primazia.

É notavel esta divergencia entre tantos autores, muitos dos quaes fallão por observação propria, divergencia que seria inexplicavel se se não attendesse aos effeitos do cruzamento das raças e as distancias em que se achão collocados os differentes grupos destes povos.

Eichtal suppõe que estes autores illudidos pelas informações do vulgo terão dado os mesmos nomes á raças differentes nos caracteres physicos; mas não tão differentes que a semilhança ou identidade de linguagem não baste para os fazer classificar na mesma raça.

Se quanto aos caracteres physicos estes homens mal correspondem ás descripções entusiastas de Cook e Boogainville, o moral tambem resente-se do bem e do mal que nelles por assim dizer se contrabalançavão; tornando-se muito lastimavel que os seus costumes e a sua organização social tornem anthipalicos como avançaõ os mais reflectidos a qualquer civilisação já formada.

Como os *Americanos*, tem os sentidos mais extensos e mais finos, porque os exercem mais; são mais ageis e fortes por causa dos exercicios gymnasticos a que constantemente e desde a mais verdé infancia se applicão. Seja ou não verdadeiro o principio de Adelon de que o moral se desenvolve á custa do physico, é certo que elles rimem caro as vantagens physicas que possão ter sobre os europeos, possuindo muito mais limitadas do que estes as faculdades intellectuaes: nem podem blasonar de perseverantes sendo que é esta virtude a que mais concorre para desenvolver a intelligencia e levar a effeito as grandes obras que planeja.

Francos no seu procedimento, resolutos nas empresas que não demandão actos successivos e multiplices;

pacientes, sobrios, doces, hospitaleiros, dotados de bastante intellectualidade e de talento raro para as artes mechanicas, são frouxos, dados a preguiça e a ociosidade.

Pacificos, simpliccs, constantes nas suas amizades, extremos pelas mães, cheios de deferencia para com os velhos, são por outro lado extremosamente vingativos como todos os povos na infancia, e como são aquelles para os quaes o perdão das offensas não se tem convertido em preceito.

Menos emprehendedores do que os seus antepassados, são alem disso ignorantes, desdenham a arte de ler e escrever e tem crueldade fria calculada e a peor de todas, pois, originada da superstição, se lhes figura como acto de meritoria fortaleza.

Se entre os *Guaranis* o valor guerreiro maculava-se com a anthropophagia depois da victoria, entre estes, a propria paz se macula de sangue, porque quando duas tribus inimigas depunham entre si as armas, cada uma dellas offerencia a outra um escravo para ser sacrificado como sello da alliança.

D'entre as suas qualidades, boas ou más, as que mais avultão são o amor a ociosidade e independencia. A ociosidade com tudo, nos povos, collocados em estado quasi primitivo, não póde ter os mesmos perniciosos effeitos como em uma sociedade constituida, e acaso já corrupta. Nesta se pode dizer com o proverbio, que ella é a mãe de todos os vicios; porque ou se dá em pessoas que deverião viver do seu trabalho, e que na

ausencia d'elle vegetão como parasytas, ou nos que vivem de capitaes accumulados; e uns e outros para emprego da actividade inherente ao pensamento, applicão-se a cousas nocivas a elles proprios senão prejudiciaes á sociedade cuja ordem perturbão.

Entre os *americanos* e *polynesios* a ociosidade, em relação ao estado social, não teria outro effeito senão dar-lhes tal reluctancia e negação para o trabalho que muitas vezes contrariaria, como de facto, os projectos mais bem combinados de reformas no sentido da civilisação europea. Comtudo, os europeos que tanto se indignão com esta predisposição moral, se se achassem em circumstancias identicas, acaso continuarião a reputar o trabalho como a primeira das virtudes? Tirem-se-lhes as necessidades facticias, colloquem-n'os em um clima aprasivel e benigno, onde todos, sem muito custo possão achar nutrição, abrigo e vestidos, e tenho que não clamarião tanto contra uma disposição que mais que de qualquer outra causa se origina da benignidade do paiz habitado.

Conservão um tal qual resquicio de civilisação, mas ao contrario dos *Malaios*, os *Polynesios* fogem das praias e procurão o certão: ali a sua indole guerreira os retem no habito de lutas sanguinolentas. Vivendo de ataques, de surpresa, de emboscadas nas florestas de accomettimentos repentinos, o temor de represalias grupou-lhes as habitações, construidas sobre estacadadas e defendidas por palissadas.

Mas cousa admiravel! todos elles ignorão o uso do

arco e frechas, como instrumentos de guerra; ainda mesmo os de Otaiti, Hauay e Tonga que são os menos rudes.

Todavia não é por semelhante facto que devemos aquilatar o estado de civilisação a que já havião chegado. Rienzi, depois de tratar dos progressos da sua industria na fabricação dos tecidos e estofos, accressenta que as esculturas dos Novos Zeelandeses, dos Taitienses, dos de Peliú e de outras ilhas das Carolinas, são obras primas de elegancia.

Na nautica tambem tinhão feito rapidos progressos, o que por ventura se deverá attribuir á sua posição insular. Erão habeis marujos, e excellentes constructores. Tinhão algumas de suas embarcações a denominação de «volantes» pela rapidez da marcha, e os navegantes europêos admiravão o acabado de taes construeções. Maltebrum acha que elles devidião a rosa dos ventos precisamente, como, segundo Themostenes, o fazião os *Gregos* e os *Romanos* desde Alexandre até Claudio.

Passando a occupar-nos da sua religião, não nos podemos furtar ao desejo de fazer um extracto de Ellis <sup>1</sup> sobre o genesis destes povos: é um hymno, um *magnificat* ao Deos Supremo dos *Polynesios*.

«Elle existia! Taaroa era o seo nome, a sua residencia o vacuo! Nem terra, nem céos, nem homens, nada havia ainda. Chama, e cousa alguma lhe responde; existia unico, e por isso se transformou no univer-

<sup>1</sup> T. 1, pag. 449.

so. Os eixos (polos) são Taaroa, os rochedos Taaroa, as areias Taaroa! Este foi o nome porque elle a si proprio se fez conhecido.

«Taaroa é a claridade, o germen, a base; é o incorruptivel, o forte, o Creador do universo! O universo grande e sagrado, que é como o involucro de Taaroa: elle é quem o move e o harmonisa.

Deos se dirigio aos elementos e lhes disse:—Vós eixos, vós rochedos, vós areias, nós todos que existimos, vinde a formar a terra. Elle as toma, amalgama, amassa e comprime, e mais, e ainda mais; porém estas materias não se adunão. Logo com a mão direita arroja os sete céos para formar a base primeira. Criou-se a luz, as trevas já não existem. Tudo se move, o interior do universo brilha, e Deos fica em extasis perante a immensidade! Cessou a quietação, reina o movimento, os céos girão e se arqueião, o mar occupa a sua profundesa, o universo jaz criado.»

Sem duvida, está bem longe este hymno da sublimidade concisa do *fiat lux* que o pagão Longino apreciava; bem longe da exposição singela do Genesis, e ao mesmo tempo tão profunda, que todo o esforço da geologia como que não tem servido senão de comprovar a divindade da inspiração de Moysés; mas ainda que muito inferior em merecimento litterario, é uma parafrase da criação que não era muito de esperar ser achada aonde estava.

Bem que no trecho citado existia alguma cousa de material, e mesmo de muito material, como seja a coe-

sistencia das arêas e rochedos com o espirito creador; desse mesmo estado, tinham decalido muito os *Polyne-sios*, quando primeiramente forão vesitados pelos europêos. Então forão encontrados com superstições grosseiras, convertidas em artigos de fé. Nessa epoca é certo que adoravão alguns o fabricante, o artifice do universo, a que davão o nome de *Dinatá* a mesma entidade que o Taaroa de Ellis: outros seguião o Islamismo. Aquelles primeiros, porém, veneravão os manes dos seos antepassados, que por esta forma divinisação, ao passo que pretendião descender dos *Antilopes*, e tambem adoravão, e tinham grande veneração á certos passaros, cujo canto reputavão fatidico.

Segundo Lesson, todos os *Polynesios* reconhecem uma trindade e adorão além disso as almas dos bons, acreditando que as dos máos, ainda depois de separadas dos corpos, continuão a fazer mal e a influencia-rem-n'os. Esta opinião é contrariada pelo padre Le Gobien na sua *Historia das Filippinas*, ao menos pelo que respeita aos habitantes das Mariannas; ainda que em verdade estes em rigor poderião ser considerados como excepção da raça a que pertencião. Isolados e segregados dos mais homens por mares de immensa extensão, acreditavão-se os unicos habitantes do universo <sup>1</sup> ou antes tinham para si que o universo era aquillo que vião dentro dos estreitos limites de suas ilhas.

---

<sup>1</sup> Rienzi, T. 1, pag. 389.

O que porem era e ainda é em grande parte cancellas oppostas a civilisação europea, ou christã, era o poder e influencia do seo sacerdocio. «O sacerdocio diz Balbi, antes da introdução do Christianismo nos archipelagos de Sandwich e Taiti, e ainda hoje no da Polynesia, é exercido por homens influentes cujas funcções misteriosas tem extraordinario poder sobre os espiritos dos insulares. O rei ou o supremo chefe entre estes povos, é, em cada estado, considerado como o primeiro pontifice, e depois d'elle, as dignidades mais elevadas, os cargos mais eminentes são distribuidos pelas differentes classes da sociedade conforme a importancia dos logares. Os sacerdotes na opinião destes insulares, gosão de sciencia sobrenatural: ler no futuro, annunciar as vontades dos deuses, interpretar os sonhos, curar as molestias mais inveteradas, pedir offerendas, são as mais communs de suas occupações jornaleiras. Honrados e respeitados, a sua pessoa é geralmente respeitada nos combates, porque estes novos Calchas, a exemplo dos antigos sacerdotes de Marte unem o turibulo a espada; e depois de se terem batido dirigem aos deuses os votos da tribu victoriosa.»

Até aqui Balbi.

Ligados intimamente os interesses do céu com os da terra na pessoa do chefe Supremo, gemia o povo debaixo de uma superstição cruel e do mais intoleravel despotismo. Erão principes e ao mesmo tempo sacerdotes, ou tinhão os principaes cargos do sacerdocio

em homens de confiança, e de ordinario nos membros da familia real, que têm o maior interesse em sustentar a sua autoridade e prestigio. Assim que sendo já extraordinario o respeito que dos nobres exigião, quasi não restava formula nem demonstração para que qualquer do povo se podesse aproximar do rei.

Tratando dos nobres, diz o padre Cantova, missionario hespanhol, chega-se aos *Tamóles* (que são os nobres ou olygarchas das Carolinas) com extrema veneração.

Quando algum delles dá audiencia apparece sobre uma mesa elevada, e os povos se inclinão perante elle até ao chão; desde que o avistão caminão curvos e com a cabeça quasi entre os joelhos até chegarem-se a elle. Suas palavras são reverenciadas como oráculos, as suas ordens executadas com cega obediencia.

Cook diz na sua terceira viagem que nem os mesmos nobres se acercão ao rei de Tonga senão com as demonstrações do mais profundo respeito, tocando-lhe os pés com as mãos e cabeça.

Resta-nos tratar de dois assumptos intimamente ligados com a sua religião, a immortalidade da alma e uma superstição de taes effeitos que não é possível omittil-a neste trabalho.

Nem todos os *polynesios* têm a mesma opinião quanto á vida futura. Os da Nova Zeelandia acreditavão que os prisioneiros devorados ião para o inferno, os das Mariannas pensavão o mesmo dos que morrião de morte violenta; mas em geral, se exceptuarmos os Ca-

rolinos, não ligavão as ideias de céu e de inferno, em cuja existencia acreditavão, nenhuma noção de premio nem de castigo. Repugnava-lhes, o que é natural, a destruição absoluta do *eu* e o consideravão sobreexistente á materia; mas conservando a indole de que fosse anteriormente dotado; o bom continuava a fazer bem e o máo a produzir o mal.

Outro particular que elles infelizmente attribuião á religião, erão os sacrificios dos prisioneiros ou a anthropophagia. Este uso barbaro e cruento, em nenhuma outra parte é tão vulgar como na Oceania. Não erão barbaros por amor da vingança, porque, segundo Lesson, se persuadião que por tal forma vinhão a adquirir á força e coragem d'aquelles que devoravão. Entre os *Jaos* não havia guerreiro afamado que tivesse tomado parte nestes horriveis festins; mas, como era o uso de algumas tribus celebres, não comião de ordinario senão o coração dos prisioneiros. Os *Polynesios*, neste ponto mais barbaros que os *Americanos*, não se contentavão com o sangue dos que aprisionavão na guerra, sacrificavão os seos proprios. Tiravão as victimas da classe do povo, e Lesson accrescenta que preferião aquelles que não tinham parentes nem amigos, e cuja morte não podesse perturbar a ordem. Com este sacrificio do qual nem mesmo as mulheres se reputavão seguras, ainda quando gravidas, erão castigados os criminosos e turbulentos, aos quaes as vezes davão a morte de um só golpe, e outras lentamente no meio de horriveis e requintadas torturas.

Não era pois de admirar que este costume, admittido por lei e como sancionado e santificado pela religião, fosse ali mais commum do que em parte alguma. Alguns *Malaios* são anthropophagos; e são-no muitos *Polynesios*, são-no ainda mais os *Australios*; e desta barbaia havião tambem resquicios entre os *Batas* de Sumadra, os *Dayas* de Kalemantan e os *Aifurás* de Mindanás.

D'Urville accrescenta que os da Nova Zeelandia assavão os chefes inimigos que morrião na batalha; e que não contentes com isto reclamavão da tribu vencida as mulheres destes chefes para lhes darem a mesma sorte. Aos *Arikis* seos summos sacerdotes incumbia a tarefa de assarem os homens prisioneiros, e às suas mulheres fazerem-no às dos prisioneiros.

Uma outra pratica existia ali, um costume, uma cousa, intimamente travada com a religião e com a politica, sem ser nenhuma dellas ou antes, participando igualmente de ambas, influindo ao mesmo tempo sobre a sociedade, sobre o individuo, sobre todos os actos da vontade ainda os mais innocentes a todo o momento, presente em todos os logares como o olho de uma divindade ciosa do seo poder. Caber-lhe-hia o nome de interdicção religiosa, mas tinha tão variadas accepções e della dimanavão taes e tantos effeitos que não deparando em nossa lingua com algum vocabulo que a defina, adoptaremos a designação polynesia de *Tabú* ou *Tapú*, que de ambos os modos a escrevem os autores.

Mais do que a religião, ou lei fundamental politica, o *Tapú* applicando-se ás cousas e pessôas, aos actos e circumstancias delles, envolvem ao mesmo tempo a ideia de interdicção religiosa, de excomunhão, de suspensão dos direitos e liberdades, e de propriedade e até de vontade, no sentido mais restricto da palavra.

• Meio de governo e de dominio mais efficaz do que nenhum outro conhecido; se era uma arma poderosa para conter e reprimir uma sociedade tão má, e tão imperfeitamente constituida, era tambem um instrumento de despotismo, a que não havia resistir.

Nicholas, o primeiro viajante que estudando os *Novos Hollandezes* comprehendeo toda a importância do *tabú* e suas consequencias, elogia os beneficos effeitos desta instituição, como se poderia elogiar a união da fogueira com a forca; observa este autor que o *tabú* regula não só todas as suas instituições, mas até os seus trabalhos diarios, de forma que não ha um só acto da vida em que não intervenha esse magico dissilabo.

Esta superstição dominava em toda a Polynesia com infinidade de mortes de innocentes, e tendo os vivos, submettidos a uma constante espada de Damocles, e sujeitos a tantas privações que nem mesmo rezenhal-as é facil.

«Esta lei barbara, escreve Lesson <sup>1</sup> prohibia ás mulheres, sob pena de morte inexoravel; comer porco,

---

<sup>1</sup> *Researches*. T. 1. p. 52. b.

bãnanas, côco, fazer uso do fogo, que homens accendessem, e de entrar nos logares em què elles comem. O predecessor do famoso *Tamehá-mehá* era tão grandemente *tabú* que não era licito vel-o durante o dia, sendo portanto condemnado á morte quem quer que o visse ainda que só por um instante, ainda que por acaso.»

Para dar uma ideia menos incompleta do *tabú*, citaremos a autoridade e até por vezes as proprias palavras de d'Urville.

Ainda que os *Zeelandezes* sejam os que com mais cegueira de superstição seguem o *tabú*, todos os *Polynesios* observão religiosamente, se o não empregão com a mesma latitude. Acreditão que esta superstição é agradável ao *Atuá*, que é o nome porque conhecem a Deos, e tanto basta para que tomem como a norma unica das suas acções, convencidos inteiramente que qualquer objecto, animado ou inanimado, consagrado pelo *tabú*, se acha por esse facto debaixo da protecção da divindade que o não deixaria de destruir, quando violado, assim como aos sacrilegos que o ousassem profanar. Mas por grande que seja a sua confiança no poder divino, tratão de anticipar a sua cholera, temendo a parte que sobre elles possa recahir, e punem severamente o culpado, qualquer que seja a sua gerarchia. O nobre despojado dos seus bens e graduação passa a pertencer a classe infima. Se o culpado é um destes, em alguns casos, e quasi sempre se é escravo, só a morte é castigo bastante para a enormidade do delicto.

O *tabú* ou é absoluto e comprehende a todos e então ninguém se pode aproximar do objecto consagrado, com receio de temerosos castigos, ou é relativo e não affecta senão a uma ou a muitas determinadas pessoas. Neste caso, o individuo que está sob a influencia da tal excommunhão, fica fora da sociedade, e como que da vida humana, pois nem se quer pode usar das mãos para tomar os seus alimentos. Se é nobre pôde ter consigo escravos que o sirvão mas sujeitos a mesma condição do senhor; e se é homem do povo, vê-se reduzido a tal estado de miseria que della não podem dar ideia o que sabemos das outr'ora fulminadas pelo Vaticano. Baste dizer-se que têm necessidade de tomar os alimentos com a boca durante o periodo da expiação.

Certos objectos, certos corpos, e desses corpos certas partes, certos estados da vida são essencialmente sujeitos áquella interdicção. No homem a cabeça por ser o ponto culminante, e os cabellos ainda mais do que a cabeça. Por isso não querem alimentos pendurados em suas cabanas, pois poderião casualmente tocá-los com a cabeça e d'ahi resultarião grandes males. Por isso receião entrar na camara dos navios, porque poderia no entanto estar alguem passeando ou passar sobre a coberta. Por isso enfim quando cortão os cabellos, tem todo o cuidado em que não possa andar ninguém sobre o logar em que elles se depositão, e depois de tosqueados, ficão por alguns dias interdictos; ao menos não podem comer com as mãos.

Os doentes em perigo de vida, as mulheres grávidas são também interditas; ficam então expostas ao tempo, em uma espécie de barraca afastados de todo o commercio humano, dos amigos e parentes, excepto dos escravos, quando é pessoa que os tenha. Recusão-lhes certos alimentos, e muitas vezes os conservão longos dias em dieta absoluta. Se morrem todos os seus utensis ficam fora de uso, e as pessoas que nesse estado os servirão não podem voltar á vida ordinaria sem ser por meio de preparações e purificações, ainda hoje mal conhecidas dos Europeos.

O homem que constroe uma canôa, que edifica uma casa, fica igualmente interdito; mas neste caso a interdicção tomando-lhe o uso das mãos para comer, não as algema para o trabalho, nem lhes corta o contacto com os outros homens.

Como o *tabù* pode ser imposto por pessoas de classes differentes, é claro que será tanto mais grave e respeitado, quanto mais grada fôr a pessoa de que dimanar. A tribu respeita cegamente o *tabù* imposto pelo chefe: o governo local ou o *Rangatirá* impõe-no aos que dependem da sua autoridade: o homem do povo emfim, sujeito a todas as interdicções dos chefes e superiores póde submeter-se ao *tabù*, como entre nós ao cumprimento de um voto. O costume o tem admittido em certas circumstancias, como na despedida de pessoas que se estimem, na persuasão de que lhe aproveitará o sacrificio que se faz.

O chefe porem que já gosa de certa inviolabilidade,

sob a garantia do céo, pois que se reputão *tabús*, usa ou pôde usar da faculdade de o impor como meio preventivo ou politico. Teme por exemplo, que pelo consumo se extinga o peixe, o marisco, a caça; consagra-os pelo trabalho até que se tenham multiplicado; quer arredar de sua casa ou lavoura visinhos importunos; quer o monopolio do commercio de um navio que alli chega, o *tabu* lhe satisfaz os desejos e assegura o resultado. Como despotismo é terrivel. Quer o chefe punir a algum dos seus vassallos, lança o *tabu* na sua casa, no seu campo, nos objectos do seu uso, e o dono vê-se na mais estreita miseria, porque se o viola fica indigitado como victima agradavel ao *Atuá*.

Com isto resistem á influencia dos estrangeiros, porque para o pôr fora de combate basta pronunciarem aquella palavra magica. Querem punir o commandante de um navio, privam-o de refrescos, lá tem o *tabu*. Podem estes commandantes empregar a força; mas a força tanto é um meio pessimo de civilisação, quanto é insufficiente o raciocinio para desfazer prejuizos que só o tempo vae gastando. Quando algum missionario para desraizar essa busão, se offerecia a arrostar a colera de *Atuá*, respondião-lhe os indigenas que, sendo elles igualmente *tabus*, pois que erão sacerdotes, não lhes faria mal o que fizessem; mas a elles sim, que de certo não ficarião impunes.

Por esta forma assegura o chefe, em quanto vivo, o seu dominio; mas como com a sua morte ficão os seus parentes e amigos sob a influencia do *tabu*, as

tribus visinhas, aproveitando-se do ensejo, cahem sobre a sua tribu, que, se não é muito numerosa e aguerrida, de necessidade succumbe na luta.

Se pois semelhante instituição é um elemento de ordem temporaria, não o é de conservação, e por consequencia nem tambem de progresso. Serve como sustentaculo de pequenos governos, senão theocraticos, ao menos despoticos em summo gráo, como dizem era a formula governativa de Badak, Honay e Taiti. É oligarchico em outras partes como nas Carolinas, onde se compunha o governo de muitas familias nobres, chamadas *tamóles*, das quaes já fallamos.

Generalisemos.

Consideramos os *Malaios* e *Polynesios* como duas raças não obstante algumas autoridades em contrario. Assim é que a descripção que faz Crawford dos *Malaios* é igualmente applicavel aos *Polynesios*. Bory tambem designa o geral dos habitantes do archipelago como *Malaios*.

Se as observações de todos os viajantes nos confirmão na opinião de que quanto mais proximos estão os povos do estado selvagem, tanto mais se multiplicão as semilhanças; não é de admirar que as tribus insulares menos civilizadas apresentem caracteres physicos tão aproximados que Crawford e Bory julguem poder comprehendel-os na mesma descripção.

O primeiro (Crawford) diz que estes homens são baixos, grossos, robustos, com os braços mais carnudos do que musculosos, com os membros inferiores bem

conformados, ainda que um pouco grossos e pesados, rosto redondo, bocca grande, dentes bellos, quando os não tingem, ossos das faces salientes, e por isso as faces fundas, nariz curto e pequeno, olhos pequenos e negros, a côr morena mas variando tanto de intensidade, que as diferenças do clima não bastão para explical-o. Os mais claros, segundo Crawford, são os de Oeste, os *Batas* de Sumadra que ficão debaixo do equador. Marsden porem diz que os de Sumadra têm a côr amarelada aproximando-se ao vermelho, propriamente côr de cobre. Segundo aquelle primeiro autor os mais claros, depois dos de Sumadra, são os cannibaes de Bornéo e os *Dayas*. Os *Jáos*, gozando de mais commodidades de vida, tem comtudo a côr mais carregada. Os cabellos são raros pelo corpo, menos raros na barba, mas duros, corridos, compridos, e sempre pretos. A estatura media para os homens é de 4 pés e 10 polegadas (francesas) e para as mulheres 4 e 7 polegadas.

Bory diverge em muitos pontos. Segundo este a estatura é elevada de 5 pés e 3 e 4 polegadas, sendo ainda mais altos os das Mariannas, bem feitos, musculosos, nunca gordos em excesso, membros proporcionados, pés pequenos, posto que não usem calçados; côr de ruibarbo tirante a vermelho de tijollo, amarelada, morena, do cobre de Roselle, aproximando-se ao branco, da côr de cinza e do preto, segundo a mistura do sangue e visinhança do equador: a bocca media, os dentes verticaes, os labios como os dos europeos, só que as vezes são mais expessos, e vivamente coloridos;

o nariz tambem semelhante ao dos europeos, deprimido ao chegar datesta, mas de ordinario bem feito, barba regular; porem os orientaes parecem não tel-a; e as mulheres podem passar por bellas entre os povos do litoral.

Compunha-se a sociedade Polynesia de 3 castas, além dos escravos, e essas forão observadas por Forster (pae) no Taiti, — por Le Goben nas Mariannas e pelo capitão Lutke nas Carolinas: a classe dos chefes, a dos proprietarios livres, e a dos servos.

A primeira enfiada de si, dos seus privilegios, é intoleravel; a ultima jazendo em abatimento miseravel e profundo, que o despotismo dos chefes, os sacrificios dos prisioneiros, o *tabú* e mil outras superstições, não tornavão mais toleravel. Por miseravel porem que fosse a sua condição não ganharão com a ida dos europeos.

«Os primeiros navegantes (escreve Rienzi) forão tratados por elles como deoses, ou monarchas; mas em troco das suas dadas e dons, introduzirão-lhe os vicios e raramente os beneficios da civilização: hoje mal dizem elles aquella illimitada hospitalidade que nos concederão seus paes, nisso menos prudentes que os *Chins*. Erão outr'ora muito numerosos, mas forão decimadas pelas nossas armas de fogo, pelas necessidades ficticias, males reaes, e molestias vergonhosas e muitas causas de discordias que semeamos entre estes homens simplicis. Assim imaginão, ao ver chegar um navio, que todos os flagellos vão romper do seu bojo para amargurar-lhes a existencia.

Deixemos para outro logar os corolarios, e occupemo-nos dos *Malaios*.

## CAPITULO IV.

### Melanesios.

A Melanesia, tambem conhecida com a denominação de ilhas dos Negros, por causa da côr dos seus naturaes, comprehende o continente da Australia, e as ilhas que se estendem ao norte e nordeste-deste continente entre a Polynesia e o archipelago. Todas estas terras são povoadas de raças negras, que ainda não forão bem estudadas. Nós, porem, debaixo da denominação de Melanesios, comprehenderemos os *Papuás*, os *Alfurás* (*Alfurüs* ou *Harafurs*) os *Endamenes* e *Australios*. Talvez mesmo que todos se podessem comprehender na mesma descripção e sob a designação commum de pretos oceanicos; porque não obstante dizer o padre Bernardo de Lafuente, referindo-se aos habitantes de Luçon, que estes se dividem em duas raças, uma das quaes é mais preta que a outra, poderíamos,

fundados em que as gradações da mesma côr é um caracter pouco seguro para a classificação das raças, grupal-os, como Eichtal em uma só.

No entanto, como esses homens estavam diversamente preparados ou dispostos para a civilização, importa ao nosso proposito que os descrevamos separadamente; enquanto que tambem por outro lado, tendo regeitado a confusão dos *Malaios* e *Polynesios*, deveriamos, para sermos consequentes, regeitar a dos *Papuás* e *Australios*. Parece-nos, é certo, haver mais dessimilhança entre aquelles do que entre estes, e, ainda quando assim seja, corre-nos essa obrigação para que da comparação possamos concluir a identidade de origem, ou a igualdade de circumstancias, em relação ao assumpto que nos occupa.

Eichtal pretende que a sua raça preta oceanica seja a indigena; porque a encontra sempre no interior das terras, para onde pensa que terião sido impellidas por inimigos mais poderosos: é isto o que se observou nas Molucas, Celebs, Bornéo e Philippinas. A duvida que faz não a encontramos em Java e Sumadra, assim como nas ilhas circumvisinhas, observa o mesmo autor, para a resolver, que ella se encontra ao noroeste da cadeia que formão aquellas duas grandes ilhas, na península de Malaca, e nas ilhas de Andamen. Instando mais na sua opinião, dá por incontestavel que a India meridional fosse outr'ora occupada por esta raça, de cujos restos, depois de subjugada, quer elle que se hajão composto as classes inferiores.

Nesta hypothese, que ao menos tem o merito da simplicidade, haveria na oceania uma só raça da qual, entrelaçada e cruzada, reciproca e successivamente com os *Arabes* e *Chins*, provierão os mestiços, hoje constituídos nos diferentes grupos *Malaios* e *Polynesios*.

Maltebrun inclina-se tambem em favor da unidade da raça preta na Oceania, com o fundamento de que a côr de todos elles tem uma breve mistura de amarello. É exacta a observação, mas se este facto isolado bastasse para os confundir, seria quanto á côr sómente. Um celebre naturalista (Buffon) notá que os habitantes da Nova Guiné são verdadeiros negros, e semillhantes aos da côsta d'África, e que pelo contrario os da nova Bretanha são homens de pouca barba, de cabellos pretos e compridos, de côr mais vermelha que preta, e com mais industria que a que tinhão os habitantes das ilhas descobertas por Tasman: observa, como o padre Le Gobien, menos intensidade na côr de uns que na de outros; accrescenta para melhor caracterisal-os que uns tem carapinha, e outros cabellos corridos. Apoia-se de mais na autoridade de Cateret, segundo o qual os *Tasmanios* são como os pretos da côsta d'África, ao passo que os da Nova Bretanha, não teem o cabello, que chama *lanóso*, nem o nariz chato, nem os labios grossos, e não obstante tudo isto confunde os *Papuás* com os pretos da Nova Guiné. Confunde-os, e para salvar-se de cahir em contradição, applica preventivamente o facto á sua theoria, de que o calor influe na coloração da pelle, dizendo que, posto os habitan-

tes da Nova Bretanha habitem mais perto do equador, não deverá ali ser o calor tão forte como nas terras em que os homens andão nus, e têm o cabello *lanoso*. Convém notar-se que pouco antes dissera o mesmo autor que os *Papuás* se vestem ou cobrem com esteiras, parecendo ao mesmo tempo indicar que os da Nova Guiné andão despidos.

Nisto se pode observar quanto a sua theoria o preoccupava. No facto de andarem os *Papuás* com certa especie de vestidos, enxerga a prova de ser mais frio o clima que elles habitavão, não obstante ser mais equatorial, sem se lembrar que trazer uma esteira, como estes, em vez de cascas de arvores, e molhos de folhas, como os *Tasmanios*, se alguma couza prova é somente mais industria. E sendo que devia provar, em favor de sua theoria mais intensidade de calor nas ilhas de Tasman, cujos habitantes têm carapinha, do que na Nova Bretanha, e nas terras habitadas dos *Papuás* de cabellos corredios, argumenta da consequencia que quer tirar para o principio que estabelece e conclue que por isso mesmo que os habitantes da Nova Bretanha não teem carapinha como os pretos da Costa d'Africa, deve alli ser mais temperado o clima.

Não é possível, apesar de tão respeitavel autoridade, confundir estas duas especies, tão distinctas no moral como no phyzico. Os *Papuás*, segundo o dizer de todos os modernos autores, são relativamente mais bellos e muito mais intelligentes do que os *Endamios* e *Australios*, e todas as variedades dessas creatu-

ras miserandas, que Deos em um instante de cholera lançou ao mundo como uma transição pouco sensível entre o ultimo dos Hottentotes, e o primeiro dos *ourang-outangs*.

Os *Papuás*, segundo a ideia predominante em Rizenzi, quanto ao berço destes povos, são também originarios de Bornéo, que, caminhando para o norte, se deverão estabelecer nas ilhas Philippinas, e para o noroeste na península de Malakka, onde são conhecidos com a denominação de *Senang*. Depois, quando se estendessem para leste deverão ter encontrado os negros *Endamenes* da nova Guiné aos quaes vencerão e derrotarão e d'alli passarão as ilhas da Luizida, Nova Bretanha, Nova Irlanda, ao archipelago de Salomão, ao de Santa Cruz ou de Quiros, ás ilhas de Loyalty, a Nova Caledoniã, ao archipelago de Vits até a ilha de Van Diemen. Existem em grande numero na Nova Zeelandia; segundo Còok ha tradição de sua existencia no Taiti, e hoje habitão principalmente a nova Guiné. A todos estes lugares chegarão os *Papuás* (*Papus* escreve erradamente Buffon e outros depois d'elle.) Aquella palavra é corrupção do malaio *puá*, moreno ou preto, que dobrão como usão os meninos e os povos na sua infancia para darem mais força a expressão. A designação de *Endamenios*, que elles proprios derão a outra raça, recorda os pretos hediondos da ilha do Andamen com os quaes apresentam estes a mais triste

semilhança. Os *Endamenes* <sup>1</sup> mais fracos e menos intelligentes que os seus contrarios desertarão da Papuasia ou Nova Guiné, e passando o estreito de Torres, se estabelecerão no vasto continente da Australia, onde parece que haverão de extinguir-se.

A historia desta parte da Oceania (Papuasia) em poucas palavras se resume. Foi descoberta em 1511 pelos portuguezes Francisco de Abreu e Antonio Serrano, estes porem não estabelecerão alli feitoria alguma como nem tambem D. José de Menezes, que se acredita tel-a visitado em 1526. Dois annos depois, em 1528 o general hespanhol Alvaro Saavedra deo-lhe o nome de ilhas do *Ouro*. A este seguiu-se Grijalva em 1537. Com tudo as mais exactas noções da terra e dos seus habitantes são devidas a Schontem, a Roggwen e Abel Tasmam e mais que a estes a Cook e Bougainville.

Depois deste brevissimo bosquejo, passemos a descrever os seus naturaes, começando pela descripção de Lomaire <sup>2</sup> que Buffon resume nestes termos. «São muito negros, selvagens e brutaes; trazem aneis nas orelhas, nas azas e cartilagem media do nariz. São fortes, bem proporcionados, agéis na carreira, dentes negros, bastante barba, cabellos pretos, curtos e riçados, que com tudo não são tão embaraçados como os dos negros. Tem maças, lanças, espadas e outras armas de páo, pois não conhecem o ferro, e mordendo como os cães, até os dentes lhes servem de arma offensiva.

<sup>1</sup> Rienzi.

<sup>2</sup> *Navigations: Australe.*

As mulheres são medonhas, tem mamas longas e pendentes, ventre excessivamente grande, pernas e braços finissimos, feições horrendas physionomia de macacos.»

Esta descripção em que parece ter-se amalgamado os caracteres das duas raças pretas oceanicas differe em muitos pontos das de Gomelli Carreri <sup>1</sup> «são homens, diz este autor, corpulentos, de talhe gigantesco, cabellos riçados e dotados de muita força.»

No que vai inteiramente de accordo com o padre Le Gobien, quando diz dos habitantes das Mariannas: <sup>2</sup> «São mais claros que os *Philippinos* e mais robustos que os Europeus; são de estatura alta e de corpo bem proporcionado; nutrem-se de fructas, raizes, e peixes, e apesar disso são alguns tão gordos que parecem inchados, o que os não impede de serem ageis, e longevos de cem a mais annos, sem enfermidade alguma.

Modernamente tem sido descriptos os *Papuás*, como homens de estatura alta, de pelle negra e lusidia, com  $\frac{1}{8}$  de amarello, tendo o angulo facial de 69 grãos no maximo, e 63 a 64 no minimo; dão-lhes cabellos negros, nem lisos nem encarapinhados, mas bastante finos e frisando muito e naturalmente, o que lhes dá um enorme volume apparente á cabeça.

Os seus instrumentos de guerra são arcos, escudos, fundas, e para estas trazem pedras bem arredondadas

<sup>1</sup> *Voyages* T. 5, p. 298.

<sup>2</sup> *Historia de las Islas Mariannas*, de 1700.

em malhas de canhamo. Andão nús, ainda que alguns mahometanos tragão lenços na cabeça; os chefes porém usão de umas como tangas de esteira com franjas de folhas de bananeiras, e tingem-nas de cores muito vivas.

Os que Luçon vio na ilha de Banka andavão igualmente nús com armas bem trabalhadas, que erão arcos e cacetes: quanto ao physico dá-lhes este autor para a estatura media, 5 pés e 3 ou 4 pollegadas, representando-os como dotados de membros delgados, e sendo pouco musculosos.

Os seus alimentos são simples, batatas, inhames, peixes, tartarugas e mariscos, sendo a base o sagú de que fazem provisão. Não usão forno como os *Polynesios*, mas grelhas de bambú, especie de nosso muquém, arrançados em pleno ar.

A polygamia é geral, a religião entre alguns é o mahomedismo e outros tem apenas idolos de madeira rematados por craneos humanos.

«Os naturaes, lê-se na relação da *Viagem de Grijalva*, são homens de cabellos frisados e comem carne humana; e dão-se a taes artes e malvadezas que só o diabo pode correr parellhas com elles.»

#### ALFURÁS.

Os *Alfurás* ou *Harafurs* (que Forster escreve *Haraforás*) tem sido, ainda que erradamente considerados como raça distincta.

Essa palavra na lingua dos indigenas de Bornéo, «*expressando a mesma que «homem selvagem» é indistinctamente applicada ás tribus que vivem naquelle estado qualquer que seja a sua côr. Assim os *Alfurás* de Burú são côr de cobre, os *Battas*, que são os *Alfurás* de Sumadra são de côr de amarella escura; os *Purodjás* (*Alfurás* de Celebs) são semelhantes aos *Battas* e de côr mais clara que a dos *Malaios*; os de Mindanáo, Mindora, &, são de um negro carregado. Nas Philippinas havia tambem *Alfurás*.*

Quanto a estas ultimas ilhas, diremos algumas palavras, relativas ao fim do celebre Magalhães, tão intrepido quanto infeliz navegante. Alguns autores e notadamente Faria e Souza descrepão, neste ponto; no entanto parece averiguado que chegando este navegante em 1521 a ilha Zebu, quiz começar por converter os seus habitantes ao christianismo; e levado de um zelo imprudente e pouco esclarecido como si julgasse que as formulas influem radicalmente sobre a essencia das cousas, ou que as exterioridades da religião equivalem ás crenças, lançou a agua do baptismo sobre o rei Zebu e a familia real. Os naturaes tomarão por offensivo aquelle acto; e o rei de Maclan possuido de indignação e cholera offerece combate aos hespanhoes, no qual acabou Magalhães com seis dos seus companheiros.

Os principaes habitantes das Philippinas são os *Aetas* ou *Alpurás* de côr negra, e nas formas semelhantes aos *Papuás*.

Andão nós, tendo por unicas armas o arco e a fre-

cha, sem industria nem lavoura alguma; pois alem da caça e pesca, não se alimentão senão de fructos silvestres.

Escravos de todas as superstições, e acreditando principalmente nos máus genios, a sua religião, se tal nome lhe cabe, é antes o requinte de temor pusilanime do que verdadeiro culto. Ignorão as consolações das supplicas e não admittem nem a recompensa futura das boas obras, nem o castigo das más, ou antes, não parece que suspeitem a immortalidade da alma.

De vontade inerte, de curta intelligencia, obedecem aos missionarios; mas não se cõmpenetrão dos preceitos que lhes escutão; ouvem-nos, mas não os entendem; seguem-nos, mas logo que se lhes proporciona alguma occasião, fogem de novo para as montanhas; e são estes que assim fogem, os que com mais difficuldade voltarão para escutar as licções de seus padres.

#### ENDAMENIOS.

Os *Endamenes* ou *Endamenios* são de cõr negra fuliginosa, de estatura baixa, de aspecto selvagem e feroz. Delles diz Rienzi <sup>1</sup> que dois viajantes arabes que no seculo 9.º da nossa éra os visitarão, depois de haverem percorrido a India e a China, os pintarão taes quaes os virão os inglezes, quando allí se quizerão es-

---

<sup>1</sup> T. 1.º, pag. 115.

tabelecer e dessimilhantes da pintura que delles faz Hamilton, segundo o qual é um povo de boa indole, vivendo de arroz e apenas de outros vegetaes.

Eis o que escreverão aquelles dois viajantes: «Alem da ilha de Nejabalos (Rienzi suppõe que se trata de Nickobar) se estende o mar de Andamen; os povos que a habitão comém a carne crua; a côr é negra, o cabello frisado, o aspecto medonho, com pés de quasi um covado de tamanho, e andão absolutamente nús. Não tem barcos, e se os tivessem devorarião todos os navegantes que passassem por aquelles lugares.» Rienzi accrescenta: «labios grossos, nariz achatado, ventre proeminente, membros descarnados e mal formados. Os homens são destros e amigos de sua independencia: mas ao mesmo tempo são cavilosos, vingativos e sordidos, que todas as manhãs se chafurdão no lodo para se presevarem dos insectos.»

As cabanas são formadas de 3 a 4 esteios, atados no alto, sobre os quaes engeñão um tecto de ramos e folhas de arvores. Não usão sal na comida. Não ensaiarão ainda a cultura das terras; as mulheres sobre que pesão todos os encargos da vida domestica, se occupão de apanhar mariscos para sustento de seos barbaros senhores.

Gostão em extremo de cantigas e danças mas bem longe de serem de genio sociavel os inglezes que em 1791 ali fundarão uma colonia, com o nome de Chatham para os deportados de Bengala, dois annos depois a abandonarão pela intractabilidade de seos naturaes.

## AUSTRALIOS.

O vasto paiz dos *Australios* foi descoberto em 1606 por Luiz Vaz de Torres, segundo commandante da expedição confiada a Fernando Vaz de Quiros.

A estes seguirão-se outros até os annos de 1688 a 1699, em que mais escriptulosamente do que então se havia feito, Dampier observou os selvagens e o paiz que Cook foi o primeiro a descrever com alguma exactão.

Os *Australios* e *Endamenios* tem a mesma origem, os mesmos costumes, os mesmos caracteres physicos, o mesmo gráo de intelligencia. Talvez podessemos acrescentar que os *Tasmanios* pertencem ao mesmo grupo.

A *Tasmania* diremos de passagem foi descoberta em 1642 pelo hollandez Tasman, que deo á terra o nome de Van-Diemen em honra do governador geral de Batavia. Por isso Balbi a chama Diemenia, bem que o nome do descobridor fosse posteriormente e com razão preferido.

Os habitantes da *Tasmania* são mais negros do que *Australios*; porem tambem menos feios e mais intelligentes. Andão nus, excepto no inverno em que se vestem de pelles de Kangurús. Vivem de caça, pesca de mariscos e peixinhos; tem pernas, braços e peitos muito pellosos, mas de pello algodoado e felpudo, tem por armas lanças de páo aguçado e achas de pedras. Por estas dissemilhanças alguns autores considerão os

*Tasmanios* não como *Australios*, mas como uma das ultimas variedades dos *Papuàs*, quaes são os de Mallicolo e Nova Caledonia, ou então como uma mistura de *Papuas* e *Australios*.

Os pobres *Australios* tão mal, favorecidos no physico pela natureza, que na sua ultima variedade são chamados pelos naturaes de Andragiri-Gugons e aos quaes propoz Rienzi que se lhes desse o nome de Pithecomorphos, quasi macacos, são effectivamente muito semelhantes a estes animaes tanto no exterior como na quasi nulla concepção. Não obstante, sendo verdadeiro o axioma de Pascal de que o homem não é nem anjo, nem bruto, não devemos dar muito credito aos colonos inglezes, quando pretendem que elles carecem inteiramente de intelligencia, com quanto diga Rienzi, <sup>1</sup> que elles vivem em tal estado de degradação que muito nos deve humilhar e affligir.

O *australio*, o mais desgraçado de todos os entes, não gosa plenamente senão dos sentidos do ouvido e da vista como todos os povos selvaticos. Immundos, occupando o ultimo lugar na escala social da civilização, parecem o élo intermedio entre o homem e orang-outang, cuja mobilidade imitão em certos movimentos promptos, bruscos e como que irreflectidos. «Um singular movimento de contorsão subita que elles dão a cabeça, e a maneira burlesca com que levantão as mãos olhando para o sol ou para qualquer outro objecto dis-

---

<sup>1</sup> T. 3.<sup>o</sup>, p. 435.

tante, mais os aproximão aos movimentos d'aquelles animaes que aos dos bipedes civilisados.»

No physico distinguem-se facilmente por terem os braços muito compridos, as pernas finas e ainda mais compridas do que os braços, a bôcca grande, o nariz largo e chato. Os da terra do rei George são de estatura mediã, membros delgados, abdomen protuberante: vestem-se durante o inverno com pelles de kangurús, e fazem tugurios a que dão a forma de um forno, cobrindo-os com cortiça das arvores durante as chuvas, e sobrepondo-lhes pedras para as segurar.

No moral e intellectual não poderão ainda ser bem estudados, porque uma como nuvem lhes empana qualquer d'aquelles estados da alma, cuja existencia não podendo facilmente ser deduzida dos seus actos, quasi é preciso advinhal-a.

Tem certo sentimento de superstição, porque não se pode chamar religião o que nem os induz ao bem, nem os reprime do mal; mas esta especie de quasi religião, não chega entre elles a mais do que a crença nos sonhos, encantos e sortilegios, e ao medo e temor dos feiticeiros.

Conhecem os genios do bem e do mal, aquelle representado em *Coyan*, este em *Potoyan*, que a noite divagão e se temem da luz, motivo porque a accendem. Venerão os tumulos, e ainda que por este facto pareção denotar algum conhecimento da vida futura, será bem difficil definir-se no que julgão que ella consiste.

Sem consciencia do bem nem do mal, sem piedade

alguma prostituem as mulheres por uma fatia de pão <sup>1</sup> e sacrificão sem remorsos os filhos, o que de ordinario acontece quando nascem gemeos; porque o pae, movido de não sei que snperstição, mata um, e a mãe, por necessidade, vê-se muitas vezes constrangida a abandonar o outro. Alem disto usão os *australios* tirar um dente dianteiro ao filho, cortar uma falange do dedo á filha e matar a criança, se acontece morrer a mãe, antes de desmamada a criança.

Qualquer que fosse o principio de que se originou a anthropophagia, quer provenha do sentimento de odio, e vingança entre povos barbaros, quer do instincto da conservação nos tempos de fome; é certo que no *Taiti* de um *anno de fome*, o que equivale as nossas seccas, se diz que é—estação de comer gente—Diz Rienzi, com tudo, como já o havia dito Southey <sup>2</sup> dos degradados portuguezes, que não é raro adoptarem os deportados, tão barbaro costume, que a tanto chega a depravação da natureza humana.

Estes homens mudando de vivenda com a escacez dos objectos, de que se alimentão, são essencialmente nomados, e nisto nos confirma Cuningham, quando nos diz que os que tem grutas são os que habitão perto da costa, onde as ostras e peixes lhes assegurão sufficiente nutricao.

No mais não são muito difficeis na escolha de ali-

---

<sup>1</sup> Rienzi: T. 3. p. 58.

<sup>2</sup> *History of Brazil.*

mentos: vermes, cobras, reptis, baleias, ainda podres, tudo lhes serve.

Vingativos e desconfiados como todos os barbaros, nem perdão a injuria que se lhes faça, nem creem na sinceridade do perdão que se lhes conceda, quando são os aggressores. Isto dizemos, apesar do seu acalorado panygerista Dawson, que os pinta como homens sensiveis a qualquer bom tratamento, susceptiveis de reconhecimento, e chega até a pretender, com ingenua credulidade, que desconhecem o sentimento de vingança, e estão sempre dispostos a perdoar as injurias que recebem.

O certo é que os inglezes, que passam por melhores colonisadores, nada d'elles tem podido conseguir porque não tendo estes indigenas feito em parte alguma grandes progressos, é precisamente nas proximidades de Sidney, onde se encontram os menos aproveitados.

Sé nos objectão que estes homens não forão ali em missão especial de catechese, poderíamos retorquir que não são menos barbaros os indigenas d'aquellas partes, frequentadas por missionarios inglezes no espaço de cerca de 20 annos.

Um dos governadores de Cumberland, procurando meios de os fixar em determinado logar, mandou-lhes construir cabanas e depois de promptas perguntou ao chefe a quem as mostrava: Que taes? Bem boas, respondeo-lhe o selvagem— optimas, para quando chover.

Convem no entanto observar que nem sempre estas pobres creaturas são objectos de tal solitudine. Daw-

son, que já citamos, diz que os deportados, em distancia da colonia atirão-lhe como as fêras. A *Gazeta de Sidney*, ainda não ha muito tempo, fallava de envenenar os selvagens das margens do lago Hunter, como meio mais proprio e espedito de se livrarem delles. Um advogado daquella colonia, Wardel, defendendo em juizo a um criminoso de homicidio na pessoa de um selvagem, sustentou n'aquelle logar, no jury, que matar um anthropophago, qual suppunha ser o morto, visto ser indigena, não era crime, como bem o sustentavão e demonstravão os muitos eruditos, sabios e circunspectos Barbeyrac, Puffendorffo, Bacon, e outros de igual farinha e polpa.

Ainda mais, Prichard <sup>1</sup>, discorre largamente sobre «la conduite de certains blancs de notre colone de la Nouvelle Hollande qu'ont dit avoir tiré parfois sur des pauvres sauvages, pour les donner en pature a leurs chiens» proceder igual aos Hespanhóes no Novo Mundo, segundo refere o Abbade Gregoire <sup>2</sup> citado pelo mesmo Prichard de que na chegada dos cães de fila, mandados buscar de Cuba para S. Domingos, se lhes deo em pitança o primeiro negro, que casualmente passava. «E a promptidão com que elles devoravão a sua presa, accrescenta o mesmo autor, encheo de jubilo os tigres brancos de rosto humano.»

As mulheres mais infortunadas entre os *Australios* do que entre os *Tupys*, são como bestas de carga su-

<sup>1</sup> *Hist. N. de l'Homme*. T. 4, p. 9. —

<sup>2</sup> *De la Littérature des négres*. Paris 1808, in-8.

jeitas a todas as privações e trabalhos, e soffrem os máos tratos dos seus brutos possuidores, a que aliás ellas alimentão, e que por astucia, violencia e traição usão arrancar das tribus inimigas.

«Então, escreve Laplace <sup>1</sup> começa para estas desgraçadas a longa serie de miserias e tormentos, que só acabão com a vida. A quasi nenhuma belleza de que as dotára a natureza madrasta, decae promptamente com os mais peniveis trabalhos, e os mais duros tractos, sem lhe assegurar a affeição do tyranno que muitas vezes a abandona quando a saciedade lhe embotou os desejos, ou quando uma nova captura lhe augmenta o numero das victimas da sua brutalidade. Verdade é que essas pobres creaturas não são alguma cousa supportaveis senão na flor da juventude. Nesta idade, ao travez das crostas de sordidez e gordura, unico véo que resguarda os seus encantos, descobre-se-lhes um talhe esbelto, e seios graciosamente contornados. Sob os cabellos em desalinho apparece uma fronte com o cunho da belleza, e olhos que se volvem com meiguice; a mesma bocca adornada de dentes alvos e bem dispostos não é sem atractivos; porem com alguns mezes de escravidão, apagam-se esses traços, o olhar como que se embrutece, e ellas poderião ser escolhidas como typo da mais repulsiva fealdade. E como não seria assim? Como é que os dotes phisicos e as qualidades do coração poderião resistir a pancada e humilhações

---

<sup>1</sup> *Voyage de la Favorite.*

de todo o genero, e a fadigas do que nos povos menos civilizados da Europa, nas ultimas classes sociaes, não tem a mulher que receiar a milésima parte ?

«Vêde a companheira do *Australio* carregando as costas o filho pequeno e o sacco do farnel, com os instrumentos da pesca, atravessando matas e brejos, e obrigadas a vingar combros de areia, seguindo os passos do senhor, que desempedido, sem carga e inaccessivel á piedade apressa a jornada da familia prolongando-a do romper do dia até ao pôr do sol! No momento em que faz alto a tribu, ou mude de residencia ou prosiga em alguma expedição guerreira, os homens entregão-se ao descanso; as mulheres pelo contrario, cortão lenha para fazer e alimentar o fogo, durante a noite, e pelas margens dos rios e dos lagos, vão procurando mariscos que assão sobre carvões para alimento dos seus maridos. Se lhes falta este recurso, dão caça aos lagartos e opossuns, que perseguem até a copa das arvores mais altas, occultos nas concavidades em que estes inoffensivos animaes se julgarão em segurança.»

Alem do character insociavel dos *Australios*, da sua intelligencia muito pouco desenvolvida, encontrão os colonisadores grande obstaculo na diversidade e dessemilhança dos dialectos. «Apesar da unidade incontestavel de origem, da semilhança dos caracteres e costumes das differentes tribus da *Australia*, conta esta grande porção da terra tantos idiomas, quantas são as suas povoações; posto que se não possa explicar esta estraor-

dinaria diversidade, e o que ainda mais é, não offerece nenhum destes idiomas a menor semilhança com os que se fallão nas ilhas da Polynesia que são as mais proximas da Australia.»

A descripção que faz Buffon dos *Australios*, e que preferimos por não ser das mais exaggeradas, será uma prova mais—de que em qualquer dos Estados—physico, moral e intellectual, são estes os ultimos dos seres racionaes.

«Os da Nova Hollanda (escreve este autor) são de todos os homens os mais miseraveis; e os que mais se assemilham aos brutos: são altos, direitos, delgados, os membros compridos e franzinos, a cabeça grande, a fronte redonda, as sombrancelhas espessas.

Tem sempre as palpebras meio cahidas, habito que contrahem desde a infancia para resguardarem os olhos dos mosquitos que os incommodão e perseguem. E como nunca abrem perfeitamente os olhos não podem ver ao longe, excepto se levantão a cabeça como se quizessem ver alguma couza acima delles.

«Tem o nariz grosso, os labios tambem grossos, a bocca grande; ao que se suppõe, arrancão os dois dentes da frente da maxilla superior, porque é falta que em todos se nota sem distincção de sexo nem de idade. Sem barba, rostó comprido, aspecto desagradavel, sem uma só feição menos horrída. Tem os cabellos curtos, pretos e de carapinha, a côr negra como os de Guiné; não trazem vestidos, mas sómente cascas de arvores presas no meio do corpo em fórmula de cinto, com um

punhado de hervas compridas no meio. Não têm casas, dormem ao relento, sem cobertor e sem outro leito mais do que a terra. Vivem em malocas de 20 e 30 homens, mulheres e crianças, todos de mistura. Sem pão, nem grão, nem legumes, têm por alimento ordinario um pequeno peixe que apanham, cortando os pequenos braços de mar com pedras que amontoam.»

Concluamos agora.

#### CONCLUSÃO.

Chegado quasi ao fim do nosso trabalho, convem lançarmos os olhos sobre os principaes pontos que temos de tomar para termo de comparação, escolhendo d'entre elles os que nos parecerem mais importantes para a resolução que nos parece dever ter o nosso programma.

Qual dos povos da Oceania ou do Brasil estavam mais aptos para receberem a civilisação?

De dois modos se pode entender esta palavra: ha a civilisação filha do Christianismo que tem por base a fé na religião de Christo; e a outra civilisação que nasce de certos habitos de vida policiada, com leis, industria, artes, sciencias e religião propria. Considerada do primeiro modo, devemos crer que são todos os homens aptos para a receberem, porque Christo mandou a seos apóstolos que a pregassem a todas as gentes.

Devendo nós concluir theologicamente que a nossa religião deverá triumphar de todos os erros, a com-

paração vem a estabelecer-se, não sobre o grão da intelligencia de tal ou tal povo para a comprehender, nem sobre a cultura anteriormente e por outros meios adquerida; mas sobre a predisposição que tivessem para abraçal-a e circumstancias em que estivessem, de qualquer natureza que fossem, que a facilitassem ou retardassem. Tomada neste sentido, já o dissemos, mais facilmente poderá ser recebida por um povo selvagem; mas de boa indole, do que por aquelles que professarem uma religião differente e antipathica, ainda que o seo desenvolvimento politico a deva fazer considerar como um povo civilizado, absolutamente fallando. Tanto é isto assim, que o divorcio entre o Judaismo e o Christianismo, e as seitas que do seo deste ultimo se tem levantado, e que ameação perpetuar-se ao travez dos seculos, são a prova de que elle encontra mais obstaculos, onde achá menos desimilhanças, como entre irmãos desavindos são mais profundas as antipathias.

Muito nos enganamos se a simples contraposição dos caracteres, e o resumo do estado dos povos da Oceania e Brasil não bastão para que possa qualquer resolver por si o problema em favor dos ultimos.

Comparemos.

Temos no Brasil duas raças—*Tupys* e *Tapuyas*—a primeira habitando o littoral e as margens dos grandes rios, a segunda o interior das terras.

Uns tendo uma só lingua, que era a geral—lingua rica e variada, na qual se lhes podia pregar todos os

mysterios da religião christã, outros com differentes dialectos, ou mais propriamente, segundo o dizer dos missionarios, com linguas diversissimas entre si.

Uns sem casas, sem artes, sem industria, sem lavoura, sem habitos de vida menos inculta, em quanto os outros tinham casas, aldeias fortificadas, generos que cultivavão, uma theogonia complicada, e costumes que erão leis.

Mas para os primeiros povoadores o principal era a occupação e posse do littoral, que demonstrasse a prioridade de suas conquistas. No littoral acharão os colonos uma só raça, com a mesma linguagem e costumes, facil, hospitaleira, constante em suas amizades; mas fraccionada por discordias intestinas. Tudo isto podia e devia ser aproveitado para a catechese. As suas discordias por um lado embaraçavão a confederação em numero que podesse pôr em perigo os estabelecimentos portuguezes; por outro não repugnavão a união de todos sob novos principios, prestando-se pelo contrario a qualquer plano de catechese. A sua hospitalidade abria as portas aos missionarios, em quanto a unidade de lingua e uniformidade de costumes facilitavão-lhes a pregação do evangelho poupando-lhes maiores trabalhos.

Não tinham cartas privilegiadas, nem desigualdade radical de condições, nem se perpetuava o sacerdocio em determinadas classes ou familias; mas longe d'isso caminhando rapidamente para a sua decadencia, a religião se tinha convertido em formulas superciosas, e os vinculos sociaes se relaxavão.

Erão não só faceis, mas segundo o confessavão os proprios missionarios, facilimos de admittirem a religião christã. Se porem nada conseguirão, nem os colonos, nem os missionarios, foi por tão palpaveis razões que nos contentaremos de as expender em poucas palavras.

No principio nos mandavão os portuguezes os seus degradados: erão aquelles sobre os quaes as penas não produzião effeito, os criminosos reincidentes, e os condemnados pelos crimes mais graves.

Estes homens, sentinas dos vicios das grandes cidades, regeitados por uma sociedade, que com quanto começasse a envelhecer, os não podia tolerar, e achando-se em contacto com povos selvagens, adoptarão os costumes dos barbaros com os quaes vivião, impunhão a sua vontade aos colonos puros, aos quaes sobrepujavão de muito em numero, attrahião os barbaros, cuja sociedade tambem procuravão, e pervertidos por milhares de vicios que os povos não conhecem na sua infancia, barbarisavão-se e barbarisavão-nos ainda mais do que erão. A bebedeira habitual, o furto, o adultério, a bexiga, a syphilis, crimes, vicios e molestias por elles desconhecidas, começarão a grassar e a propagar-se embotando-lhes a intelligencia, enfraquecendo-lhes o corpo, e dando-lhes em vez das luzes e necessidades creadoras da civilisação, os desregramentos e vicios das sociedades velhas e corrompidas.

Os colonos puros erão, dissemos, em numero muitissimo inferior; portanto perdião-se as suas boas obras

e vião contrariadas as suas boas intenções e os seus melhores planos. Nem sobre elles era sem influencia o máo exemplo dos outros. Vivendo em um seculo no qual se negava intelligencia, racionalidade, natureza humana aos selvagens, testemunhas da impunidade dos delictos commettidos pelos outros contra os indigenas, na impotencia em que estava a autoridade de os castigar ou prevenir; tendo ainda jovens, abandonado a sua patria, em uma quadra, em que ainda se não affronta impunemente o espectáculo dos vicios, porque a moral não alargou raizes pela intelligencia e coração, tornavão-se dentro em pouco tão bons como os outros. Perigava a conquista portugueza e no solo ainda virgem do Brasil plantarão-se as sementes más que não poderemos extirpar tão cedo.

Unidos pelos mesmos costumes erão pouco comparados á multidão dos indigenas. Erão alliados; mas o senso intimo lhes dizia que a alliança cimentada pelo vicio, não póde ser duradoura. Não querião arar a terra e precisavam de trabalhadores; não tinham o recurso da Costa d'Africa, e precisavão de escravos: dos indios uns erão hostis e lhes fazião todo o damno imaginavel, outros amigos, mas por demais poderosos para serem queridos sem receio, por demais ciosos da sua independencia e liberdade para serem subjugados sem difficuldade, por demais vingativos para se esquecerem de injurias immerecidas.

Neste extremo o genio do mal suscitou-lhes dous meios—a discordia das tribus e a escravidão dos indigenas.

Então conseguindo de Portugal a publicação de leis, de que os indigenas não tinham nem podião ter conhecimento, castigando a todos indistinctamente pelo crime de alguns, se é que represalias sejam crimes, indisporão contra si os seus proprios alliados, e tornarão-se mais intoleraveis para os que vivendo nas selvas, desconfiavão do bom semblante, das boas promessas de tão falsos amigos.

Então igualmente para conjurar a tempestade imminente que a sua imprudencia havia suscitado, os miseraveis deportados que já tinham feito cahir a seus compatriotas no desprezo dos barbaros, atizarão os odios e as discordias entre as tribus, e como o sacrificio dos prisioneiros servião efficazmente para perpetuar estas inimidades, os indignos do nome Christão animavão e acoçoavão com a sua presença estas festas sangui-nolentas dando-lhes escravos para que os sacrificassem ou inimigos que matavão para que nelles se cevassem. Deste modo descansavão algum tempo, emquanto com a hypocrisia cynica do interesse indignamente acobertado com o pretexto da religião que deverão professar, resgatavão para o baptismo os escravos das guerras, que elles mesmos haviam suscitado de modo que as aguas da redempção fossem como o stygma do captivo.

Por esses tempos os Jesuitas, estabelecendo-se no paiz, começarão a sua tarefa. Era pessimo o estado moral e religioso dos colonos, o clero secular dava o exemplo de vicios e escandalos que era do seu dever

reprimir, e a autoridade mal se fazia respeitar. Então apparecerão os religiosos de Jesus como defensores dos opprimidos; a sua illustração, o seo desinteresse individual, a pertinacia com que persistião em seos planos, o affan com que se davão ao engrandecimento da sua ordem, o amor que mostravão aos indigenas, os bons officios que em todas as occasiões lhes prestavão, attrahião um sem numero delles, que vinhão beber as suas doutrinas, e á sombra das missões abrigar uma existencia disputada pelo rancor dos *tapuyas* e pela cobiça dos colonos. Dir-se-hia que Deos se amer-ciara emfim dos pobres selvagens, suscitando-lhes aquelles protectores para o bem temporal e salvação futura. Os effeitos comtudo não corresponderão ás esperanças. Não bons colonisadores, porem missionarios zelosos segregarão completamente os indigenas da convivencia dos portuguezes para que, como se dizia, o exemplo dos máos costumes não tivessem sobre elles perniciosa influencia. Seja-nos tambem permittido crer que, para que fosse mais efficaz o sequestro que delles fazião, não deixarão de lhes inspirar maior gráo de temor para com os portuguezes, afim de que os evitassem e fugissem.

Deste apartamento não era de nenhum modo possivel que pudesse resultar a fuzão dos dois povos, cousa a que se devia attender, nem o accordo de ideias, nem a uniformidade de sentimentos, nem a creação de reciprocas necessidades, que tornando-os dependentes uns dos outros fosse a garantia de uma paz dura-

doura. Este grave erro tinha por certo impressionado o abbade Raynal quando referindo-se á America portugueza, resume o seo plano de colonisação no entrelaçamento das duas raças, julgando que se deveria ter mandado rapazes e raparigas que se alternassem com os naturaes da terra. Muitos annos depois se lembrou o governo portuguez de favorecer esta medida, mandando que aos portuguezes que se casassem com as indias do Pará, sendo soldados, se dêsse baixa, e sendo paisanos se fizessem mercês.

Os colonos, já irritados com a escassez de escravos para as suas lavouras começarão a soffrer necessidades urgentes, quando os indios domesticos se occupam com o serviço das missões, do que vinha ao publico pouco proveito immediato. D'aqui nasceo o odio ao systema, depois aos Jesuitas; d'aqui a necessidade em que estes se vião de sacrificarem os seus protegidos para momentanea satisfação do clamor publico.

Se o sangue de tantos milhares de victimas não fosse objecto de bem tristes meditações, rir-nos-hiamos hoje, de ver como com um rasgo de penna julgava Portugal que podia mudar a indole de um povo, e fazer respeitada pelos indigenas a autoridade, que elles nem de nome conhecião: rir-nos-hiamos de ver como serão executadas essas leis, que se dizião feitas a bem da liberdade, e que não serão senão occasião de novos vexames e de maior numero de captiveiros. Se um fazendeiro maltratava o indio, se o prendia e espancava, se o feria ou matava, recorra o indio ou seus parentes

a autoridade, a autoridade que elle não conhecia e que o não reconhecêia a elle como membro da Republica, a autoridade connivente nesses crimes, ou sem força para os reprimir. Se depois a vingança o levava a algum acto de desespero:—Prendei-o, insulta os vassallos de El-rei—devasta as suas propriedades—é escravo legítimo.

Se um portuguez passava, um daquelles de quem tantas offensas recebiam; se um missionario os acompanhava; se porque sem distincção erão todos maltratados, se vingavam indistinctamente sobre todos, se de qualquer modo obstavam á pregação do Evangelho:—Prendei-o para que saiba o que é o evangelho! E prendião de facto não só os culpados, mas a quantos topavam, amigos ou inimigos, trazendo-os carregados de ferros, para o seio de uma sociedade que se fazia odiada: alli á força de açoites, de máos tratos, poucas vezes de caricias, abusando da sua credulidade, arrastavam-n'os perante o tribunal. Lêde os differentes livros de missões que ainda se encontram nos nossos archivos municipaes; a formula é simples e tão geralmente seguida que por maior commodidade poderião ser stereotypados os termos da matricula: declarou ter sido preso em guerra justa! e poderião accrescentar que erão nos sertões comprados por um fio de contas ou de missangas, por um lenço ou prego, e revendidos por um cruzado nas povoações.

Neste cahos de interesses encontrados desconhecerao os jesuitas a obra santa para a qual a Providencia os chamara, entre os selvagens: embrenharão-se nas

missões, obrarão prodígios de constancia; mas como já tinham dado de mão á colonisação para só pensar na catechese, deslembrarão-se tambem da religião e do principio vivicante que ella encerra, do seo espirito para só cuidarem e imporem com o maior rigor formulas e praticas que os selvagens como automatos repetião.

Pensando em Deos, e no paraiso esquecerão-se da terra e da sociedade; não era um povo a quem educavão, erão noviços que instruião; não erão homens que educavão para a sociedade, erão barbaros aos quaes se applicava o processo de Loyola para quebrar e subjugar a vontade, reduzindo-os a uma obediencia cega, a uma passibilidade morta, inerte e improductiva.

Relaxavão os laços de familia tornando os filhos e mulheres denunciantes dos paes e maridos, tiravão-lhes a vontade e o amor á independencia; e á força de humilhações, de disciplinas, de castigos infamantes impostos em praça publica, impostos até aos seus maiores, e por estes recebidos como actos meritorios, apagarão e consumirão um tal qual sentimento de dignidade propria sem a qual nenhum esforço louvavel se pode conseguir da nossa especie.

Chegaram a dominar absolutamente os espiritos dos neophitos, e quer uzassem, quer abuzassem do poder que tinham adquirido, é certo que sem a sua intervenção e assentimento nada se podia conseguir com elles. Eis o que em fins do seculo passado, eserevia Domin-

gos Alves Branco Moniz Barreto <sup>1</sup> e que damos como um exemplo entre mil:

«O governo e jurisdicção que tem estes padres temporalmente nos indios é tão despótico que elles arbitraría e absolutamente os condemnão a horrorosos castigos, depõem capitães-mores e outros officiaes, nomeião sem autoridade outros em seo logar, punindo-os com prisões, golilhas e ferros; e finalmente resistem a todas e quaesquer ordens do governador e da justiça, que os mesmos indios não ousão cumprir, sem que lhes seja ordenado pelos seos padres assistentes, e estes sem que tambem lhes seja ordenado pelos preladados de suas respectivas religiões.

«Não ha muito tempo que sendo nomeado pelo Exm. Marquez de Valença, governador que foi da capitania da Bahia, um capitão-mór dos indios d'aldeia de S. Felix do Rio-real, o missionario que se achava nella não quiz cumprir a patente d'aquelle indio, nem dar-lhe posse do seo emprego por motivos particulares; e ainda em cima trazendo de olho ao mesmo indio por ter sido promovido sem o seo consentimento e approvação, deixou passar tempo e suscitou a mesma questão governando áquella capitania D. Rodrigo José de Menezes; depoz segunda vez o mesmo indio, e do mesmo modo nomeou outro em seo logar. Chegando o clamor a presença deste governador, e ordenando de

---

<sup>1</sup> *Plano sobre a civilização dos indios do Brasil*, por D. A. B. M. B.—MS. do Instituto Historico Brasileiro.

novo por uma portaria sua ao regente missionario, restituisse a jurisdicção ao mesmo indio, ainda assim não obedeceo, causando até uma perturbação entre os outros indios, por lhes fazer crer que o governador mandava fosse lhe restituída a jurisdicção. Estava de má fé, dizia o missionario, e era de esperar que os tratasse mal, sendo que bastou isso para que os mesmos o não quizessem conhecer por seu capitão-mór, nem obedecer-lhe de modo algum.»

Quando se extinguirão os missionarios estes homens enfraquecidos por uma luta de seculos, educados n'uma tutela constante, envilecidos pela escravidão, sem vontade, sem animo, sem que soubessem governar ou tomar uma resolução, consumidos e destruidos pelas guerras, pestes, fomes, resgates, e captiveiro, offercerão-se como facil presa á avidez dos colonos que os acharão reunidos, e indefensos. Não forão pois estes padres os mestres, os instructores, dos neophytos que deverão ter guiado pelos caminhos da civilisação: dir-se-hia antes que forão os sacerdotes que a Providencia chamou para junto do leito de um povo moribundo para ali durante mais de dois seculos assistirem ás suas conversões, ministrarem-lhes os sacramentos e abrirem-lhes as portas do céu.

Se se devesse ajuisar dos missionarios do Brasil pela regra do Divino Mestre. *Ex fructibus eorum* &—concluir-se-hia, ou que foi por elles mal interpretada a palavra do christianismo, que devendo ser vida produzio a morte, ou que a Providencia os escolheu para

instrumentos de suas vistas imperscrutaveis no exterminio dos indigenas, e no fundamento da dominação portugueza: sem a sua intervenção não resistirão os portuguezes á furia dos selvagens, nem os selvagens sem os seus conselhos se deixarão tantas vezes persuadir a descerem das florestas, e a quebrarem as suas armas em signal de alliança para que as tentativas contra a sua liberdade os achessem desprevenidos e indefesos.

Dissemos a opinião entre nós consagrada de que elles forão os unicos e verdadeiros amigos dos indigenas: queremos crer, e crêmos que de boa fé patrocinarão a sua causa: todavia se os avaliamos pelas suas obras, vêmos que elles prestarão grandes e importantes serviços, mas aos portuguezes; intimidarão os estranhos, fortalecerão os estabelecimentos criados, fundarão novas povoações com a tranquillidade que lhes asseguravão, contendo os barbaros, repellindo os piratas e cahirão enfim quando já se achava consolidado o dominio portuguez, por uma posse diuturna, e não disputada. Que forão pois? Os protectores dos indigenas que se extinguirão, ou a salva-guarda dos portuguezes que prosperarão?

Quaesquer porem que fossem os erros provenientes do modo porque se effectuou a colonisação portugueza; qualquer que fosse a influencia exercida no contacto com os indigenas, nada disso altera as condições de sociabilidade e civilisação em que se achavão os indigenas, nem desmente a asserção dos primeiros navegantes e missionarios de que erão facilimos de admitirem á religião christã.

Passemos á Oceania.

Tres são as raças com que aqui deparamos *Malayos*, *Australios* e *Polynesios*. Procedamos por ordem, segundo a importancia numerica de cada uma destas raças e vejamos se uma simples recapitulação, do que sobre cada uma dellas deixamos escripto, basta, como nos parece, para que possa qualquer resolver o nosso programma em sentido favoravel aos indigenas do Brasil.

Os *Malaios* constituem a raça mais numerosa da Oceania. Estes porem longe de serem barbaros erão dados á navegação desde tempos mui remotos. Favorecidos pelas circumstancias de habitarem as ilhas numerosas e proximas dos ventos constantes, das correntes conhecidas, derão expansão ao seo genio essencialmente aventureiro, ao amor que tinhão as expedições longiquas, estabelecendo uma infinidade de colonias, e por esta forma propagando e vulgarisando a sua lingua por todas as terras da Oceania.

Emquanto os *Brasis* sacrificavão e devoravão os seus prisioneiros de guerra, destes uns erão anthropophagos por preceito religioso, outros sacrificavão as viúvas, nas exequias dos maridos, e as escravas nas das senhoras, alem de que igualmente devoravão os prisioneiros.

Os nossos davão-se com paixão as bebidas espirituosas, os da Oceania davão-se com igual excesso ás mesmas bebidas e alem disso ao opio, enquanto as mulheres de algumas partes tomavão o *ampó* para

emagrecerem, viciando por esta forma o germen das gerações futuras.

Tinhão, cousa de que os nossos carecião, classes privilegiadas e até com mais distincções do que na India e na China.

Assim os habitantes de Bali, a pequena Java, sectarios de *Chiva* não tem somente as quatro classes que se contão na India entre os povos da mesma crença; mas uma quinta mais que não entra em conta por ser reputada impura, e como tal habita fóra das povoações, longe do contacto de todas as outras. Erão estes os *Sudrás* ou *Poleás* destas ilhas, os *Chândalas* chamados.

Em Java, uns como os nobres pretendião ser descendentes de *Wichnou* enquanto os montanhesees compartilhando taes prejuizos, fazem provir os seus antecedentes da especie de macacos que conhecem com o nome de *Wouwons*. Aquelles tinhão vestuarios proprios, que em todas as occasiões os differençaes dos outros aos quaes a macula inexpiavel de origem tirava todo o meio de purificação ou reabilitação.

Todos tinhão governos estabelecidos e dispoticos, como é de necessidade que sejão, onde se achão classes bem discriminadas, e constituídas desde tempos immemoriaes. O estado era feudal; os nobres exercião o mais intoleravel despotismo, e vivião na maior independencia, fundando as suas prerogativas na santidade de sua origem, enquanto os servos, e os escravos, gemião sob as oppressões e extorsões de todas

as classes superiores. As discordias que entre elles apparecião não provinhão nunca de movimento popular, erão alevantes ou rebeldias dos nobres contra o rei, ou manifestações dos reis contra os nobres, esforçando-se cada um por dilatar e estender o circulo de suas prerogativas e direitos.

Em muitas partes como em Java tinhão palacios, cõrte, etiqueta e civilisação, não lhes faltando nem esgravatura, nem o trafico que exercião por meio da pirataria.

O que completa o quadro do seo desenvolvimento intellectual era terem uma litteratura rica e variada, romances, poemas, theatro historico e mimico, templos, tumulos e monumentos, construcções antigas e de tal belleza artistica que são reputadas superiores as da Persia, e comparadas as mais bellas do Indostão; por fim archivos de uma remotissima antiguidade, e que começão a fazer fé dos *76 annos* da nossa era, que é o primeiro da *javaneza*.

Esta raça como mais particularmente se observou nos homens de Palembang, repugnavaõ a qualquer innovação, a qualquer mudança nos seus costumes, a que são extremamente afferrados, e no seo caracter bellicososo achava incentivo e recursos para a luta com os Europeos. Foi por estas causas que o reino de Achen lutou por quasi um seculo com os portuguezes, então no auge da sua prosperidade, obrigando-os por fim a recuarem, depois de cansados, e desacoroçados, e consumidos inumeros thesouros.

Os hollandezes se estabelecerão em Java, e em outros pontos da Oceania; mas dando de mão á pregação do Evangelho, suscitavão e fumentavão discordias entre os reis e os nobres, que mutuamente se enfraqueção e destruião, emquanto elles com o sangue de milhares de victimas ião consolidando o seo poder. Destruir porém não é civilisar.

A pregação do Evangelho, ou antes a civilisação que tem por base o christianismo encontrou um sem numero de obstaculos nas religiões que os *malaios* professavão: desta causa primaria deverá ter nascido a opinião aliás verdadeira, de que erão em extremo afferrados a seos costumes.

Seguião elles o culto de *Chiva* ou o de *Brahma*, e o de *Mahomet*. Peço desculpa de ter de entrar em algumas considerações metaphysicas: serei breve, e procurarei ser claro.

Não sendo os dogmas fructo da politica; mas pelo contrario, sendo as sociedades productos das religiões, seria preciso substituir uma religião por outra, para mudar-se a forma social. Estas mudanças que em todos os casos não se operão seño por meio do tempo, e de violencias, são de extrema difficuldade quando está no seo auge a religião que se pretende extirpar, e impossiveis quando tem criado raizes no seio de uma sociedade que a par dellá se foi desenvolvendo e fortalecendo, comprehendendo ambas na occasião do ataque, que uma sem a outra não poderia subsistir.

Vejamos quaes são os dogmas da religião de *Brahma*, e quaes os seus effectos na ordem politica.

*Brahma* e *Chiva* são os dous deozes da trindade admittida pelos livros sagrados da India: na sua essência a religião é uma.

*Brahma* é o principio unico, o autor de todas as cousas, a alma universal, é uma unidade infinita que se manifesta nos espiritos, nos seres e nos objectos da natureza, uma substancia que se acha presente em qualquer acção, vida ou intelligencia. É tudo, pois comprehende tudo. Os individuos são sombras que passam; só existe *Brahma*, que é o fim supremo da criação, que d'elle nasce, nelle subsiste, e a elle tem de voltar. Todos os espiritos se haverão de confundir na unidade da substancia eterna, depois de um numero maior ou menor de transformações em castigo de faltas commettidas.

Se Deos é tudo, e os individuos outras tantas illuções não pode existir a individualidade. Os individuos são sombras, que *Brahma* cria por emanações da sua propria substancia, procedendo na sua marcha do mais ao menos perfeito. A individualidade pois, dependente da unidade absoluta, não existe para si, mas para o ser de que emana; não existe esse principio nem mesmo da eternidade, não obstante reconhecerem os premios e castigos futuros, porque estes dois extremos oppostos combinão-se para aniquilal-o. O castigo supõe a emenda, a reabilitação para a recompensa, e a recompensa vem a ser o fim do individuo, por que é a

absorção da alma humana na alma universal. *Brahma* pois é o principio e o fim de tudo.

Negando a religião personalidade ao homem, o governo não podia admittir a liberdade social, e portanto constituia-se despotico.

Além disso *Brahma* cria por emanações successivas, procedendo do mais ao menos perfeito; haverá pois tantas desigualdades nos seres quantos forem os actos de emanações. O homem quatro vezes creado, formará quatro classes, ou quatro especies de creaturas diferentes. Se pois a natureza humana é multiplice, e se compõe como a dos animaes de muitas classes que se não podem confundir, e antes devem perpetuar-se de geração em geração, o governo accomodando-se a este novo principio transformava-se logicamente em um despotismo hierarchico de castas.

Se porém a soberania pertencer de direito á classe mais nobre, a classe divina, *Brahma* é de direito senhor da criação, tudo lhe pertence; e se os outros homens alguma couza desfructão do que ha no mundo é isso devido a puro effeito de sua generosidade.

Se os que governão são os mais proximos de Deos, são elles os que só podem interpretar a sua vontade, e devem assim accumular o poder temporal e o espirital. O estado é por tanto theocratico, e todas as esphas sociaes se regem e ordenão dogmaticamente por leis que são ao mesmo tempo politicas, civeis, moraes, e religiosas.

Ainda mais; se Deos é tudo, a sciencia unica é a sci-

encia de Deos: della depende a arte, a industria, a agricultura, o commercio: a religião em summa é o centro e o fim de toda a actividade.

Concluimos.

A religião de Christo pregando a confraternidade e o amor do proximo, repugna a ideia da multiplicidade da natureza humana, e por consequencia o regimen de castas: a historia mostra que elle se compadece com todas as fórmãs de governo, mas a razão faz ver que não pode sem renegar de sua verdade sublime, caminhar com theocracias de credos differentes. Por outro lado como a religião de *Brahma* é a sciencia e o principio da actividade dos que a professão, os homens d'esta communhão não poderião aceitar a bandeira d'uma civilisação baseada em outros principios por causa do antagonismo fatal; e dir-se-hia mesmo impossivel, que deveria apparecer entre as faculdades moraes e intellectuaes. Seria preciso extirpal-a, offendendo o poder dos governantes, ferindo o interesse de castas poderosas, arrepellando os prejuizos do vulgo, que, ainda quando victimas de seus erros, não são os que em favor d'elles pugnam com menos aferro.

Menos teremos que espendere acerca do Mahomeditismo, o qual, posto que não sufficientemente, tem sido com tudo melhor apreciado.

A fatalidade que é a base da fé mahométana, faria á primeira vista suppor que os crentes, como elles se chamão, assistirião de braços cruzados a invasão e predominio de uma crença differente; se não tivessem uma

fê tão viva e tenaz, se a gloria do seo pàraiso não reservasse um lugar distincto aos que morressem por amor do propheta, e se emfim a súa religião não admittisse como o christianismo o principio do proselytismo.

Hoje que a Turquia é considerada como um elemento necessario ao equilibrio europeu, depois que a sublime porta deixou de infundir receios pela tranquillidade da Europa, as opiniões sobre o Islamismo modificarão-se singularmente por effeitos da politica, chegando a pretênder certos autores, sem duvida pouco orthodoxos que ella é a mais aprôpriada ao character de certos povos; como seião os africanos.

Não é essa a nossa questão.

«Até aqui (escreve Eichtal <sup>1</sup>) tem sido os musulmanos inconvertiveis pelos christãos, e esta resistencia se explica pela propria naturêza do seo dogma, simplicissimo em si, e que por outro lado achando-se em harmonia com o christianismo em um grande numero de pontos, é um protesto expresso contra os outros em que della se separa.»

Em outra parte diz o mesmo autor com referencia a Africa. «Nenhuma duvida temos a este respeito. Toda a tentativa de proselytismo entre as populações musulmãnas as sublevaria de um jacto tornando-as desconfiadas e hostis para com os europêos, e no caso de ter algum successo, não deixaria de produzir uma

---

<sup>1</sup> *Mem. cit.* (S. Eth.) T. 1, p. 2 pag. 164.

luta religiosa com os effeitos desastrosos, que sempre acompanhão semelhantes lutas.»

Um outro autor (Buxton <sup>1</sup>) diz: São por tal forma enraizados os seus prejuizos, que alguns missionarios não hesitão em declarar que elles preferirião empregar os seus esforços com pagões do que com musulmanos.» O que combina com a asserção de Molliano «de que os missionarios farião inquestionavelmente conversões entre os idolatras, mas que experimentarião invencivel resistencia da parte dos musulmanos.»

Resulta do que levamos dito que se os musulmanos não são inteiramente refractarios a acção do christianismo ao menos não o chegarião a adoptar sem grandissimas difficuldades. Se o raciocinio o demonstra os factos o tem confirmado. Faria e Souza <sup>2</sup> diz em uma parte da sua obra referindo-se aos mouros «con estos es toda la porfia portuguesa.»

#### POLYNESIOS.

Quando mesmo a ideia de comparar os indigenas do Brasil com os da Oceania tinha nascido da supposiçãõ de que descendem estes dos *Americanos*, regeitando nós tal opiniãõ, fundados nas autoridades de Marsden, Morhenhout, Urville e Humboldt; temos regeitado implicitamente a paridade que de tal facto se poderia

<sup>1</sup> Thomas Fowel Buxton, trad. de Pacaud. «*De la traite des esclaves en Afrique et des moyens d'y remédier*, p. 335.

<sup>2</sup> T. 1, p. 83, ob. cit.

achar no estado de ambos para os effeitos da civilisação.

Os *Polynesios* são no physico superiores aos *Malaios* com a côr mais carregada que a d'estes, e ao mesmo tempo mais altos, mais robustos, mais bem feitos. Os *Tupys* pertencem a um typo differente, mas apresentam todos os caracteres da força. Comtudo para os effeitos da civilisação as dessemilhanças physicas entre uns e outros não são de grande importancia.

No moral, feita a excepção de que os *Malaios* são mais e muito mais sanguinarios, abundão as semilhanças. São ambos preguiçosos, vingativos e resolutos para os actos que demandão, não perseverança de que são pouco capazes, mas energia subitã. Uns e outros sobrios, hospitaleiros, amigos da sua independencia, uns e outros, amigos de lutas e combates; mas o *Tupy* procurava o inimigo ás claras, enquanto os *Polynesios*, desconhecendo o arco e frechas, amavão as traições e as emboscadas.

No intellectual é admittido que desde tempos immoriaes tinhão os *Polynesios* uma civilisação, que embora fosse elemental, era comtudo regular e completa.

Mas se tinhão essa tal qual civilisação, não podemos suppôr que o novo programma se refira senão a introdução do christianismo entre elles.

Nisto porem já differem.

Os *Polynesios* bem que dotados de talento e com rara intelligencia paraas artes mechanicas, como tambem tinhão os nossos indigenas, erão tão aferrados

aos seus costumes que se tornavam antipáticos a qualquer civilização já formada.

Além desta disposição pouco favorável, contava a sua sociedade tres castas a primeira das quaes era intolerável pelo despotismo que exercia, em quanto a ultima jazia submergida no ultimo gráo de servilismo e miseria. Todos na actualidade, como que para isso se tinham dado as mãos, fogem dos europeos, e maldizem a cega confiança e imprudente hospitalidade de seus pais.

Em religião são mahometanos; porém muitos não tem senão superstição grosseira, ideias confusas, de uma outra vida e a credulidade nos feitiços e mandingas.

Entre todos, o sacerdocio, em cujo apice está o rei, é muito influente e respeitado, de modo que como se achem confundidos em uma só pessoa, ou pelo menos em uma só casta, os interesses do céu e os da terra, gemia a maior parte debaixo do peso de uma theocracia cruel e supersticiosa.

Mas o maximo dos obstaculos era o *tabú*, em mãos de homens que por certo se não quererão servir delles em damno proprio.

O *tabu* regulando todos os actos, todos os momentos da vida, e sendo exercido por todos os chefes e autoridades, era uma palavra fatal, com a qual podia o chefe afastar os estrangeiros do seu povo, regeitar as suas relações quando dellas se temessem e embarçar todos os esforços que se tentassem para os civilisar.

## MELANESIOS.

Temos por fim os *Melanesios*, que são os *Papuás* de pelle negra e lusidia, de estatura media, sadios, de cabellos riçados, mais intelligentes do que os *Australios*, e em religião idolatras e musulmanos.

Os *Alfurás*, escravos de todas as superstições, em intelligencia inferiores aos *Papuás*, e superiores aos *Australios*, deixão-se guiar pelos missionarios, mas sem amor á vida das missões, e aproveitando-se de qualquer aberta para voltarem ás suas montanhas, e retomarem o seo estado anterior.

Por fim os *Australios*, entes desgraçadissimos no moral como no physico, avessos a todo o ensino, fallando innumeras linguas, e collocados (diz Rienzi) no ultimo gráo de embrutecimento da especie humana.

Comtudo as differenças entre estas variedades não são tão characteristics que os autores os não deem a conhecer com a designação generica de pretos da Oceania.

Os inglezes, o que sem duvida será devido ao caracter dos indigenas, teem alli commettido crimes iguaes áquelles porque são accusados os hespanhoes da america. Se é certo o que nos conta o abbade Gregorio<sup>1</sup> de que á chegada de uns cães de fila mandados de Cuba para S. Domingos, deo-se-lhes em pitança e como para

---

<sup>1</sup> *De la Littérature des Nègres. Paris, 1818.*

experimental-os o primeiro negro que casualmente passava: Prichard <sup>1</sup> lembra tambem o proceder de certos brancos da colonia ingleza da Nova Hollanda, dos quaes contão seos compatriotas terem por vezes atirado nos selvagens, para os dar em carniça aos cães.

Um membro dos commons no primeiro quartel deste seculo chamava a attenção dos seos compatriotas para os vexames praticados pelos colonos inglezes contra os indigenas das terras em que se estabelecão; e tirando as consequencias dos factos conhecidos, mostrava que a população da Australia e Polynesia, montando a mais de dois milhões, tinha rapidamente decrescido; e que tomando a Inglaterra posse da ilha de Vau Diemen, em pouco mais de vinte annos se achavão destruidos os indigenas. Concluiremos melhor o que são estes homens pelo arrasado de seos deffensores.

«É para nós fóra de duvida (escreve Rienzi) que os *Australios* são susceptiveis de civilisação; julgamos comtudo que nesta obra se terá de arrostar com os maiores obstaculos, e indicando em resumo quaes se-jão as difficuldades que antolha, taes como fazer-lhe perder o amor á vida errante; arredal-os do contacto dos deportados, ganhar-lhes a confiança. Conclue o mesmo autor que mais de uma geração terá de desaparecer antes que elles se habituem aos costumes das nações civilisadas deixando os habitos da vida selvagem pelos das nações civilisadas.

---

<sup>1</sup> T. 1º, p. 9: da trad. franceza.

No entanto para provar que os philantropicos inglezes estão bem longe de procurar semelhantes resultados, copiarei de Rienzi <sup>1</sup> a opinião de um colono de Hobart Town, que a 23 de março de 1835 escrevia:

«Quanto á população negra, é pouco numerosa, e desconhece completamente os beneficios da civilização. São tão estupidos estes homens, que em um paiz, onde a benignidade do clima dispensa vestidos, não se resolvem a constranger os membros dentro dos tecidos de lã, que se lhes offerecem em troca da liberdade, preferindo um viver commodo e independente á servidão e ao trabalho.

«Os brancos justamente indignados de tão brutal loucura, exprimem a sua divergencia de opinião apontando-lhes aos peitos os canos das espingardas, ao que elles retrucão com hotes de lança, quando se lhe offerece occasião. Sem duvida que não terminará esta controversia senão quando uma das cores houver exterminado a outra.»

Temos informações mais recentes que não desmentem ás anteriores. O *Boletim da Sociedade Geographica* noticia a publicação ultimamente feita em Londres da viagem de Owen Stanley pelo naturalista da expedição John Macgellivray, obra elogiada pela curiosidade das noticias sobre os costumes e character dos *Australios*: «Os missionarios inglezes (diz o resumo que

---

<sup>1</sup> T. 3º, pag. 558 (b).

consultamos) não só tem conseguido muito poucos resultados dos seus trabalhos com os naturaes, mas se veem muitas vezes expostos a ser atacados por estes, em consequencia das suggestões dos deportados, a que aquelles de melhor grato se prestão. Estes indigenas, em geral quasi embrutecidos tem pessima opinião dos brancos, que elles considerão como inimigos, dos quaes se devem acautelar. Ha excepções, mas parece que são raras.»

Estas opiniões sérvirão para demonstrar a extrema difficuldade que haveria na empresa da civilisação dos *Australios*, e esta consequencia ainda mais se confirma com um facto por tal forma generico, que o podemos considerar como regra geral.

A experiencia mostra que a raça preta em contacto com outra qualquer se deixa sempre subjugar, o que é prova de incontestavel inferioridade, e de facto os *Australios* são muito inferiores aos *Guaranis*, tanto no physico como nas faculdades moraes e intellectuaes.

#### RESUMO E CONCLUSÃO.

Os *Malaios* tinhão a religião de *Brahma* e a de *Mahomet*, uma civilisação antiga, o governo feudal; o regimen de castas.

Os *Pólynios* tinhão uma civilisação rudimentaria, mas completa; igualmente o regimen de castas; um sacerdocio influente e a superstição do *tabú*.

Os negros, emfim, dos quaes os *Papuás*, os mais

intelligentes, erão inferiores aos *Americanos*, sendo os máis, como os *Australios*, estúpidos e quasi embrutecidos, sem religião, sem costumes, com fórmãs comparadas as dos macacos, aos quaes se não avantajão muito em belleza ou penetração, e fallando diversissimos dialectos.

Dos tres—os primeiros erão já civilisados, e só com muita difficuldade admittirão o christianismo, os ultimos com uma intelligencia quasi nulla, e pór tanto quasi incapazes de o comprehenderem. Estas raças emfim estavam disseminadas por uma extensão immensa, que se calcula abranger a metade do mundo conhecido, e fallavão muitas e diversissimas linguas com uma infinidade de dialectos.

Contrapomos a estes os *Tupys*—uma só lingua, uma só raça, com os mesmos costumes, com a mesma religião, com a mesma indole, dominando o littoral, fraccionados em pequenas tribus, com um governo sem força, com um sacerdocio sem influencia.

Quer os portuguezes no Brasil, quer os hollandezes e inglezes na Oceania em contacto aquelles com os *Tupys* ou *Tapuyas*, estes com a raça preta ou amarella da Oceania, não conseguirão mais do que tornar odiado o nome europeu pelos indigenas destas differentes partes. Não tiramos a consequencia (aliás plausivel) de que todos commetterão grandes erros; mas considerando quantas boas intenções, esforço, thesouro, vida, se sacrificarão e perderão; quanta dedicação, virtude e sciencia se consumio sem resultado, quanto tempo

gasto, quanta perseverança sem fructo, quanta experiencia perdida, lamentariamos a impotencia do homem para fazer o bem extreme do mal; e reconhecendo o eterno principio de que só Deos crea sem destruir, desistiriamos de toda a tentativa; se Deos não nos tivesse dado a intenção e boa vontade para desculpa do erro, e a esperança para estímulo de novos esforços.

Aquí finda o meo trabalho, apresentando porem resolvido este programma como entendi, e como pude, cabe-me agradecer, como de boa mente o faço a Sua Magestade O Imperador, haver-me dado occasião de coordenar os estudos sobre os nossos indigenas, que já de algum tempo antes me occupavão, e de ter feito nascer a opportunidade de os apresentar a esta associação tão altamente protegida. Se, alem do prazer de ter concluido uma tarefa que talvez erradamente reputo difficil, me fosse dado enunciar um desejo, quiseria não que fosse isto considerado como o panegyrico de uma raça, que mais merece commiseração do que louvor; mas como um brado, embora fraco, em favor da catechese dos indigenas. Em uma epoca em que tanto se trata da colonisação estrangeira, cujas utilidades e vantagens estou bem longe de contestar, seria bem que um pouco nos voltassemos para as nossas florestas, e considerassemos se alguma antipathia ha entre a philantropia e o amor da prosperidade nacional, ou se se dá alguma repugnancia para que sob o mesmo impulso progridão a catechese e a colonisação.

# INDICE

DO

## VOLUME SEXTO.

### PRIMEIRA PARTE.

	PAG.
Cap. 1. <sup>o</sup> —Emigrações dos indigenas do Brazil. . . . .	9
Cap. 2. <sup>o</sup> —Tribus que habitavão o littoral do Brazil . . . . .	33
Cap. 3. <sup>o</sup> —Tribus que habitavão o sertão . . . . .	55
Cap. 4. <sup>o</sup> —Costumes e artes dos <i>Tapuyas</i> . . . . .	79
Cap. 5. <sup>o</sup> — <i>Tupys</i> . Caracteres physicos . . . . .	105
Cap. 6. <sup>o</sup> — <i>Tupys</i> . Caracteres moraes: religião e culto. . . . .	121
Cap. 7. <sup>o</sup> — <i>Tupys</i> . Crenças. (Teogonia de Thevet.) . . . . .	143
Cap. 8. <sup>o</sup> — <i>Caracteres moraes</i> : festas e danças . . . . .	153
Cap. 9. <sup>o</sup> —Governo, indole e paixões. . . . .	171
Cap. 10.—Nascimento, casamento, morte; condição das mulheres. . . . .	191
Cap. 11.—Caracteres intellectuaes . . . . .	211
Cap. 12.—Se os Americanos caminhavão para o progresso ou para a decadencia. O que pensamos dos <i>Tupys</i> . . . . .	241
Cap. 13.—Descobrimto do Brazil, commercio com os francezes. Primeiros povoadores portuguezes: consequencia do proceder que se teve com os Índios. Fim das capitánias e dos primeiros donatarios. . . . .	257

### SEGUNDA PARTE.

Cap. 1. <sup>o</sup> —Introducção . . . . .	287
Cap. 2. <sup>o</sup> — <i>Malaios</i> . . . . .	301
Cap. 3. <sup>o</sup> — <i>Polynesios</i> . . . . .	329
Cap. 4. <sup>o</sup> — <i>Melanesios</i> . . . . .	365

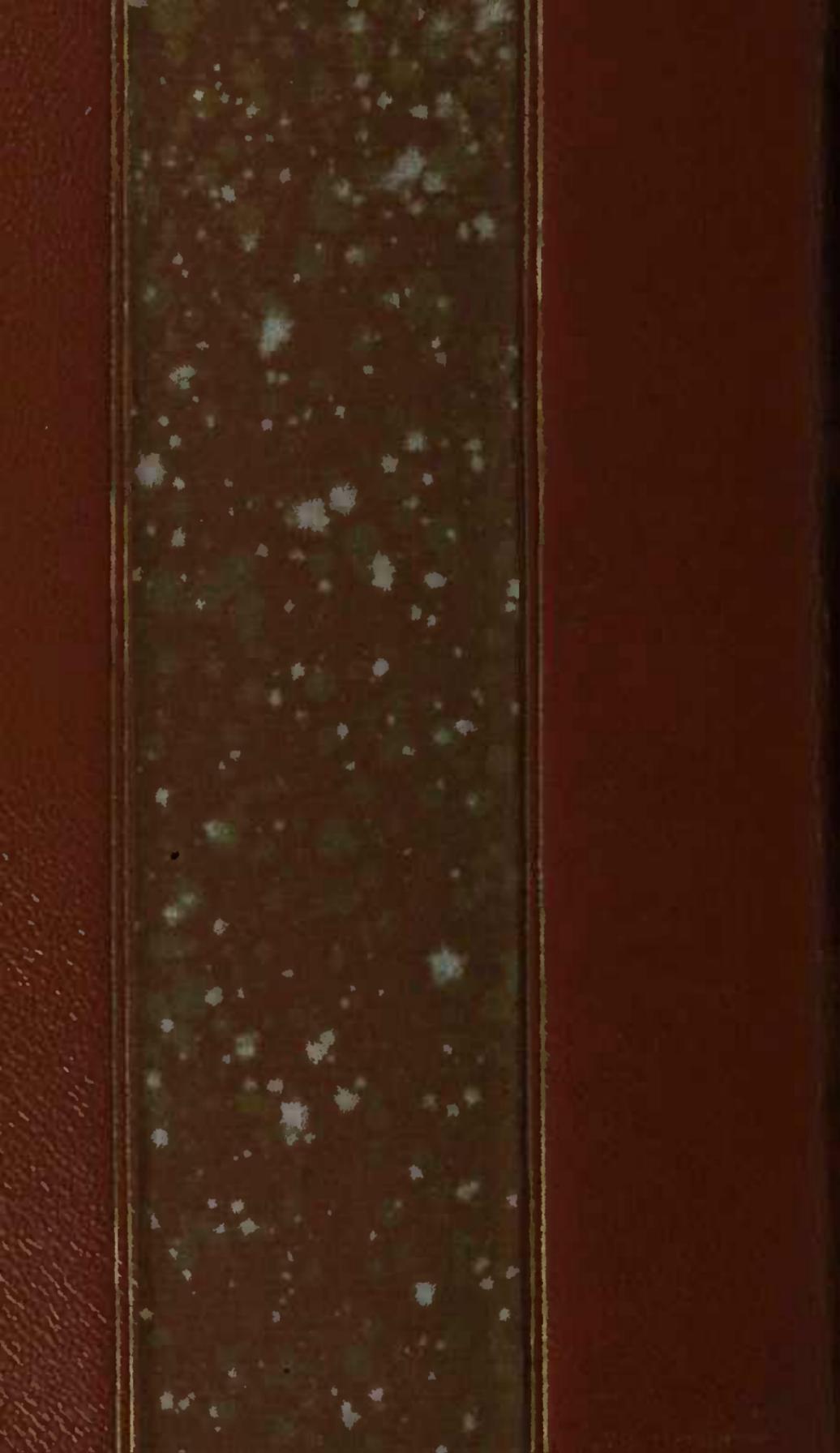
FIM DO INDICE.











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).